



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA
FILOSOFIA E SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO (FILOS)

GISELE SOARES GALLICCHIO

ELIMINAÇÃO: UMA DESTERRITORIALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA
(LINHAS TRANSVERSAIS AOS TERRITÓRIOS ESCOLARES)

FORTALEZA
2012

GISELE SOARES GALLICCHIO

**ELIMINAÇÃO: UMA DESTERRITORIALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA
(LINHAS TRANSVERSAIS AOS TERRITÓRIOS ESCOLARES)**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira, Eixo Temático: Filosofias da Diferença, Antropologia e Educação

Orientador: Prof. Dr. Sylvio Gadelha.
Coorientador: Prof. Dr. Luiz Benedicto Lacerda Orlandi

FORTALEZA

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

G16e

Gallicchio, Gisele Soares.

Eliminação : uma desterritorialização da violência (linhas transversais aos territórios escolares) / Gisele Soares Gallicchio. – 2012.

185 f. : il., enc. ; 30 cm.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2012.

Área de Concentração: Filosofia e sociologia da educação.

Orientação: Prof. Dr. Sylvio Gadelha Sousa.

Coorientação: Prof. Dr. Luiz Benedicto Lacerda Orlandi.

1.Consumo(Economia). 2.Subjetividade. 3.Desempenho. 4.Mudança(Filosofia).

CDD 370.1

GISELE SOARES GALLICCHIO

**ELIMINAÇÃO: UMA DESTERRITORIALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA
(LINHAS TRANSVERSAIS AOS TERRITÓRIOS ESCOLARES)**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Aprovada em: 10/08/2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sylvio Gadelha Sousa (Orientador)
Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Luiz Benedicto Lacerda Orlandi (Coorientador)
Universidade Estadual de Campinas
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Profa. Dra. Rosa Maria Dias
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Rui de Carvalho
Universidade Estadual do Ceará

Profa. Dra. Luciana Lobo Miranda
Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Hildemar Rech
Universidade Federal do Ceará

*Aos amigos,
João Francisco Arnizaut Machado de Vargas,
Jorge Luiz Occhipinti e
Francisco José Rabelo,
partidas bruscas e brutais.*

AGRADECIMENTOS

Este é o momento de parada, de demora, de retomada daquelas pessoas que dão cor à vida e cruzam este trabalho: amigos, professores, colegas, parentes e todos aqueles que, a seu modo, potencializaram esta escrita, fazendo-se presentes nela. Agradeço à Ada Kroef pelo apoio cotidiano, intelectual, logístico e afetivo. Ao meu orientador, Prof. Sylvio Gadelha, que me acolheu neste programa e embalou a tese com *50 anos de Pop Rock*. Ao meu co-orientador, Prof. Luiz Benedicto Lacerda Orlandi, pela sua alegria e consistência, pelo seu brilho e humor, transformados em entusiasmo e densidade conceitual nesta experimentação. Aos professores da banca examinadora, que aceitaram participar deste momento conclusivo. À CAPES e ao Programa de Pós-Graduação em Educação, por viabilizarem, acadêmica e financeiramente, esta pesquisa. Aos amigos queridos que apostaram nas minhas loucuras: Elenice Corrêa, sempre presente, trazendo a *estética do silício* para animar nossas conversações; Nilza Silva, pela atenção, prudência e rigor conceitual; Fernando Araújo, um grande interlocutor, com dicas de vídeos, filmes, *links* de jogos, impressões e *escutas* internacionais; Gilson Guimarães Rosa e Susana Silveira, com suas observações apuradas e notícias pouco divulgadas; Prof^a Rosa Dias, pelo afeto, carinho e força ativa para transpor os momentos de desmotivação; Prof. Peter Pál Pelbart, por me encorajar a combater a biopolítica; Maria Inês G. Miranda, que me aproximou da nanotecnologia; Eudes Baima, colega querido que trouxe o olhar de biólogo; Adriana Kroef Taroucco, pelas conversas e orientações acerca da epigenética; Alexander de Freitas com sua leitura quimicamente apurada; Denise Marcolin com suas perspicazes narrativas acerca dos corredores escolares; Diana Domingues, por trazer, entre pratos deliciosos, as inovações tecnológicas tramadas à arte. Aos jogadores, André Henrique Hercos, sempre disposto a relatar suas sensações e experiências ligadas ao mundo digital, e Bruno Marcolin que, com paciência, apresentou os jogos em ato, possibilitando uma experimentação e uma leitura qualificada das informações; Dione Detanico, pela sua doçura e revisão cuidadosa do texto; amigos do Apoena, Gustavo Costa, Rui de Carvalho, Marília Bezerra, William, Átila, que fazem do grupo de estudos um encontro intenso. Léa, Alê, Zé, Mariângela, Marina, Eugênia, Sandra, Rosane, Iran, Renato, Sueli, Mazé, Susi, tão importantes nesta e em outras trajetórias.

RESUMO

Esta tese procura diferenciar violência de eliminação fazendo uso do pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Inúmeros eventos vêm assinalando uma percepção diferente da vida e de seus componentes de valoração. A pesquisa busca contribuir com elementos “exteriores” àquilo que a escola, tradicionalmente, compreende em seu perímetro de práticas (e seu referencial teórico-conceitual). Um cruzamento de linhas faz romper as segmentaridades da esfera educacional. A segmentarização dispõe a escola, por escalonamento e por contigüidade, em uma sequência de etapas destinadas ao mercado. A eliminação vem indicar um investimento no processo de subjetivação, que implica a atualização do capital, caracterizando mudanças de um modo de vida. Novas escalas, provocadas pelo devir silício, geram afetos e afecções, colocando em jogo forças demarcadas em acontecimentos, que podem ser expressos pelos verbos *eliminar*, *deletar*, *exterminar* e *selecionar*. A tese procura seguir o percurso da eliminação num processo de desterritorialização da violência, quando incitada pelas práticas de consumo, reterritorializada nas estratégias de controle e absorvida pela subjetividade capitalística. A relação entre eliminar e consumir anuncia não apenas a excitação ao poder de compra e de aquisição de produtos-mercadorias, mas posturas subjetivantes geradas com a equivalência do *eliminar* aos atos de gastar, destruir, liquidar. A eliminação passa a engendrar as sociedades de controle que, através das máquinas comunicacionais e informacionais, investem no *deletar*. Ações e as condutas, sobrecodificadas em cotações e índices, reproduzem os mecanismos do capital financeiro numa espécie de pedagogia exercida nas redes sociais e nos jogos digitais. As estratégias intensificam-se, modulando os *eliminar* e o *deletar* em *exterminar*. Elas permeiam diferentes territórios existenciais: do funcionamento das empresas às chacinhas escolares. Os vetores de desterritorialização apontam a potência de criação da eliminação através do *selecionar*. Esse sentido é detectado no filme *Ben X*, baseado na vida de um adolescente autista que sofre *bullying*, ao trazer uma dimensão ética e estética, demarcando as linhas de fuga capazes de afirmar a diferença e de produzir de um novo modo de vida.

Palavras-chave: Consumo. Modos de subjetivação. Sociedades de Controle.

RÉSUMÉ

L'idée de cette thèse est celle de délimiter la différence entre la violence et l'élimination, à partir de la pensée proposée par Gilles Deleuze et Félix Guattari. L'occurrence de plusieurs changements dans l'état des choses signalent une perception différente de la vie et, par conséquent, dans leurs composantes de valorisation. Cette étude cherche à apporter une contribution à partir de l'analyse d'éléments « extérieurs » à ce que l'école, de façon traditionnelle, inclut dans son périmètre de pratiques (et dans son cadre théorique). Située dans les contours de la sphère éducative, c'est dans le carrefour des lignes qu'il y a la rupture des segmentarités. Sa segmentation configure l'école par le fractionnement et par la contiguïté autour d'une séquence destinée au marché de travail. L'action d'élimination se centre sur soi-même en produisant un investissement dans le processus de subjectivité/subjectivation, lequel met à jour du capital, en apportant des changements dans le mode de vie. De nouvelles escales, provoquées par le « devenir silice », produisent des affects et des affections, et mettent en jeu des forces marquées par des événements ; lesquels peuvent, à leur tour, se manifester par les verbes *éliminer*, *supprimer*, *exterminer* et *sélectionner*. Ceci étant établi, la présente thèse cherche à suivre le parcours de l'élimination dans une procédure de « déterritorialisation » de la violence, lors de son développement par les pratiques de consommation ; Cela conduit à sa reterritorialisation à travers les stratégies de contrôle et l'amène à être par la subjectivité du capital. De plus, le rapport entre l'action d'éliminer et de consommer n'annonce pas simplement l'abandon au pouvoir d'achat et d'acquisition de produits-marchandises, mais plutôt un comportement dont la caractéristique est la subjectivité comme engendrée par l'équivalence de l'action *éliminatoire* à travers des actes comme gaspiller, détruire, liquider. L'élimination devient partie composante de la société de contrôle, laquelle, à travers les machines communicationnelles et informationnelles se trouve être la principale responsable de l'investissement de l'action *de supprimer*. Les actions et les comportements, sur-codifiées en cotations et indices, reproduisent la mécanique du capital financier dans une sorte de pédagogie matérialisée dans les réseaux sociaux et dans les jeux numériques. Ainsi, les stratégies renforcées produisent une espèce de variation sur les actes *d'éliminer et de supprimer, lesquelles se convertissent en action d'exterminer*. Elles traversent divers territoires de l'existence : du fonctionnement des entreprises jusqu'aux tueries scolaires. Les vecteurs de déterritorialisation jouent un rôle non négligeable, voire déterminant, en direction du potentiel de l'élimination à travers l'acte de *sélectionner*. Cette appréhension est perceptible dans le film *Ben X*, relatant la vie d'un adolescent autiste qui souffre « du harcèlement scolaire » et portant une dimension éthique et esthétique. Ce genre d'événement produit des lignes de fuite, lesquelles rendent possible l'affirmation (ou l'émergence) de la différence et de produire, par là, une nouvelle façon de vivre.

Mots-clé: Consommation. Modes de subjectivation. Sociétés de Contrôle.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- 50 Cent - Propaganda de roupas de G-Unit	66
Figura 2 - 50 Cent - Imagem para papel de parede para CP	66
Figura 3 - Suzane Richtofen - Enterro dos pais	66
Figura 4 - Suzane Richtofen - Entrevista ao Fantástico	66
Figura 5 - Jogos digitais (fechados) – Capa do <i>Bully</i>	118
Figura 6 - Jogos digitais (fechados) – Imagem extraída do <i>GTA</i>	118
Figura 7 - Imagem extraída do comercial do jogo digital <i>Call of Duty</i>	118
Figura 8 - Imagem parcial da tipologia e classificação das armas a serem compradas pelos jogadores de <i>Call of Duty</i>	118
Figura 9 - Alunos de Columbine - Eric Harris Dylan Klebold em imagem referente ao vídeo de divulgação da preparação para episódio de 20 de abril de 1999.	119
Figura 10 - Eric Harris (E) e Dylan Klebold (D) – alunos de Columbine	119
Figura 11 - Wellington Menezes de Oliveira (ex-aluno da escola do Realengo)	119
Figura 12 - Fotografia de Wellington divulgada pela Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro.....	119
Figura 13 - Imagem extraída do filme <i>Ben X</i> - O jogo	165
Figura 14 - Imagem extraída do filme <i>Ben X</i> - Descentramento	165
Figura 15 - Imagem extraída do filme <i>Ben X</i> - Acessórios	165
Figura 16 - Imagem extraída do filme <i>Ben X</i> - Plano de visão (rosto-paisagem)	165
Figura 17 - Imagem extraída do filme <i>Ben X</i> - Devir-Scarlite	165
Figura 18 - Imagem extraída do filme <i>Ben X</i> - O salto	165
Figura 19 - Imagem extraída do filme <i>Ben X</i> - Diferença de apreensão das velocidades de um movimento	165
Figura 20 - Imagem extraída do filme <i>Ben X</i> - Devir-animal de Ben	165
Figura 21 - Manifestação de integrantes do coletivo <i>Anonymus</i>	184
Figura 22 - Bandeira do movimento <i>Anonymus</i>	184
Figura 23 - Julian Assange, fundador da Wikileaks	184
Figura 24 - Estereótipo do Nerd	184

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CORTE I	
Eliminação e consumo	24
Nas pontas de desterritorialização	26
Do consumo à destruição: o prazer e o prestígio	35
Extermínio: uma modulação da eliminação	55
CORTE II	
Eliminação e controle: sinais de emergência do desempenho	67
Novas estratificações do corpo	73
Traços do desempenho nas estratégias de subjetivação	83
A informação no jogo da eliminação e do capital financeiro	91
Os jogos de eliminação e passagem para linhas de destruição	98
Jogos e chacinas: comando, execução e linha de morte	109
CORTE III	
Seleção e composição: potência das linhas de fuga	120
No jogo de Ben	124
<i>Eu não sou nada</i>	138
No salto, a vida	154
CONSIDERAÇÕES FINAIS	
Eliminação e simpatia, uma dimensão política?	166
REFERÊNCIAS	185

INTRODUÇÃO

Um estranhamento, presente num diálogo ocorrido em sala de aula entre um adolescente e sua professora, insinua a eliminação como algo digno de nota. Tal diálogo lança alguns traços que passam a compor o problema apresentado neste trabalho:

Ao folhear um material paradidático que versava sobre drogas, J. perguntou estupefato:
 – Professora, é verdade o que diz aqui neste livro?
 A professora, interessada naquela manifestação, pediu que ele contasse o que havia lido. J. prosseguiu:
 – É verdade que o governo (referindo-se aos EUA) dava drogas para os soldados no Vietnã?
 Diante da confirmação, o aluno atônito voltou sua atenção para o livro. Transcorridos alguns segundos, ele dirigiu um olhar entorpecido para o nada, tentando entender o motivo de tal medida. Para o garoto, tratava-se de algo espantoso, já que, ao invés de reprimir, o governo incentivava o uso de drogas. A professora procurou esclarecer os motivos que levaram o governo norte-americano a enviar drogas para seus soldados. Ela os resumiu como uma maneira de estimular a permanência dos soldados naquela guerra e, ao mesmo tempo, de atenuar seus conflitos pessoais por matarem civis, camponeses, mulheres, crianças e velhos. A resposta pareceu insuficiente, pois o adolescente exclamou:
 – O quê?! Eles tinham que usar drogas para matar alguém?!
 Duplo estranhamento. Ele, perplexo, diante de um absurdo: para que usar este recurso em algo tão corriqueiro? Ela, perturbada, diante de uma questão contemporânea: qual o atual valor da vida?¹

A observação mais frequente para a conduta relatada aponta a banalização da vida ou banalização da violência como explicação aceitável. Uma explicação que soa insuficiente, ao pensar que o evento anuncia uma percepção diferente da vida e de seus componentes de valoração. O pensamento de Deleuze e Guattari fornece ferramentas para apreender as transformações provocadas pelas sociedades de controle em manifestações cotidianas que transbordam os parâmetros disciplinares. Elas indicam relações que, além de atravessar a máquina-escola, vêm se tornando incompatíveis com os critérios e as concepções explicativas baseadas na violência.

A violência atrelada aos valores da moral moderna transforma-se em um discurso predominante na constituição de enunciados que explicam e classificam as condutas, determinando o condenável, corrigindo o inaceitável e/ou justificando os desvios. Ela aparece como um problema amplamente abordado em diferentes áreas de conhecimento através de proposições e ações dirigidas à sua minimização e/ou erradicação. Eventos, projetos, organizações governamentais e não-governamentais assinalam investimentos que reconhecem na violência reações decorrentes da

¹ Relato de episódio ocorrido numa turma de 5ª série do Ensino Fundamental, na E.M.E.F. São Pedro do município de Porto Alegre, no ano de 1999.

pauperização, das péssimas condições de vida, da falta de oportunidades para uma população carente, de uma prática social excludente. Ações educativas tornam-se foco de interesse ao serem consideradas como a grande alternativa de conscientização e de qualificação dessa camada social, considerada vítima e principal agente de atos violentos.

Uma tendência moralizante pode ser percebida nos enunciados delineadores da violência. Ela é balizada por critérios e valores que enfatizam a condição humana, considerando que o sujeito, a representação e o sentido histórico são elementos explicativos recorrentes capazes de justificar a superação das dificuldades e dos conflitos, de assegurar o progresso social como uma finalidade a ser atingida.

A violência aparece adjetivada de acordo com os recortes das pesquisas numa variedade de abordagens que a distribuiu em “violência urbana”, “violência juvenil”, “violência física”, “violência simbólica”, “violência cultural”, “violência racial”, “violência sexual”, “violência doméstica”, “violência objetiva”, “violência subjetiva”, etc. Sua definição é, ao mesmo tempo, fragmentada segundo uma extensa tipologização e acumulativa pela ambição de propor um conceito universalizante capaz de abranger tais especificidades. Keil (2005, p. 28, grifos meus) avalia a definição de Yves Michaud como a conceituação mais apropriada em decorrência de sua extensão:

Há violência quando, em uma situação de interação, um ou vários atores agem **de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa**, causando **danos** a uma ou mais pessoas **em graus variáveis**, seja em sua integridade **física**, seja em sua integridade **moral**, em suas **posses**, ou em **suas participações simbólicas e culturais**².

As definições tornam-se tão genéricas que qualquer ato pode ser enquadrado como violento. Considerando os grifos e colocando tal definição em prática, podemos classificar que alguém, quando quebra um copo, está agindo de forma violenta, pois de maneira indireta, num grau variável, danifica a posse de outra pessoa. Ao valer para qualquer circunstância, a tentativa de abstração e generalização perde força conceitual. No texto de apresentação sobre violência urbana produzido pelo Instituto de Estudos Sócio-Ambientais e pelo Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia, detecta-se o risco de tal extensão: “A violência é um fenômeno que afeta diariamente milhões de pessoas pelo mundo, muitas das quais nem sempre percebem o quanto e como estão sendo violentadas”³. Em diversas áreas das ciências humanas e sociais (geografia,

² Este mesmo conceito é utilizado por Wieviorka como referência para sua discussão em *La violence*.

³ Conferir artigo de CHAVEIRO, Eguimar F. : RIBEIRO, John Carlos A. **Violência urbana, espaço**

sociologia, história, antropologia, assistência social, psicologia, pedagogia, etc.) predomina um discurso com fundamentação crítica que reconhece a violência como produto da desigualdade social e de suas derivações (opressão, dominação, subjugação, repressão, discriminação, exclusão, ausência, falta, frustração) decorrentes de um processo histórico a ser reparado pelas noções de justiça e igualdade⁴.

Em uma perspectiva sócio-antropológica, Keil (p.28) associa violência à desigualdade e à ausência de representação política como exercício da cidadania: “esboço a ideia de que a desigualdade social, sua expressão jurídica, a desigualdade de direitos e o afastamento dos jovens da política, espaço por excelência de socialização positiva e de reivindicações coletivas, vinculam-se diretamente ao aumento da violência urbana”. Sousa e Goldmeier (2008, p. 995-1001) procuram vincular a um recorte psicológico as condições sociais desencadeadoras da violência. Numa concepção inspirada no geógrafo Milton Santos, a violência deve ser enfocada a partir da discussão da segurança pública, tratada como um fenômeno social e historicamente produzido em contraposição a um recorte individual, o qual tende a classificá-la como distúrbio de personalidade. Eles a reconhecem como um delito, uma infração que deve despertar possibilidades de intervenção social a partir de uma implicação política de poderes públicos somada a saberes técnicos e ações da sociedade. Os autores prescrevem que o “problema da criminalidade requer ações potentes que possam ter uma rede de irradiações na qual se alimentem pelos encontros e esperanças coletivas”. Com isso, visam comprometer a sociedade, provocando uma reação pela culpabilização, quando enfatizam que a “violência precisa ser tratada, não como questão individual, mas inserida numa trama social (e isso implica cada um de nós) em que se produziram os condicionais para o surgimento do delito e do sujeito infrator”. A violência responde ao desamparo causado por uma “sociedade excludente, que não se compromete com todos [e que] pressupõe a existência da delinqüência; já que ‘delinquo’ quer dizer faltar com seus deveres”. A intenção desse comprometimento supõe o combate dirigido à erradicação da violência através da produção de utopias, da execução de projetos com caráter civilizatório e normativo, conforme valores e modelos humanitários.

urbano e subjetividade: uma leitura geográfica da violência urbana cotidiana, divulgado em www.revistamirante.net/3ed/2911200718.pdf. Acesso em 25 nov.2009.

⁴ Outro modo de julgar a violência remete à concepção psicanalítica. Tanto pelo aspecto jurídico, quanto pelo aspecto psicológico, as ações são compreendidas como violentas porque escapam das normas, seja pela marginalização social, seja pela incapacidade racional. Geralmente, as práticas entendidas como violentas são classificadas e distribuídas em uma ou em outra esfera, conforme a condição de classe daquele que a cometeu.

O Serviço Social encontra-se alinhado ao ideal iluminista, atuando como uma espécie de ponte entre Estado e sociedade, segundo os critérios modernos de disciplinarização, participação social e política. Donzelot (1986) marca a passagem da filantropia para assistência social com o surgimento do “social” como um “setor particular”. Nele, ocorre a formação de um corpo de técnicos que atua na vigilância, moralização e normalização do cotidiano, especialmente na esfera privada, através da intervenção nas famílias, garantindo a efetivação de um modo de vida disciplinar. As ações produzidas nesse campo de conhecimento tendem a promover a liberdade e a igualdade, corrigindo as distorções ocorridas frente a um modelo humanitário de sociedade⁵.

Os trabalhos produzidos em educação circunscrevem e recortam a violência como um tema centrado no espaço e na ação escolar. Isso implica a responsabilização das escolas como principal instrumento de irradiação de soluções para os problemas sociais contemporâneos, levando à compreensão da violência causa ou como fim. Os discursos mais frequentes destacam o desemprego, a pobreza, a fome, as condições socioeconômicas, políticas e culturais como fatores que reforçam a marginalização dos indivíduos. Conforme a “Federação de Educação Nacional”, entidade francesa: “não cuidaremos da violência na escola sem curar a sociedade de seus males”, sendo que “o mal fundamental é o desemprego” (SANTOS, 1999, p. 24). Esta marginalização é entendida tanto como ato de violência, quanto como origem da violência. Nos dois casos, ela passa a descrever um universo ligado à delinquência, ao tráfico de drogas, à formação de gangues, a torturas, a estupro, a sequestros, a mortes, a chantagens e aos atos de extermínio como práticas resultantes da exclusão social. Defrance (1992, p. 45) assinala:

⁵ O texto de apresentação da “I Semana de Ética e Serviço Social”, realizada em Fortaleza, em 2009, manifesta a tônica da concepção das ações produzidas nesta área de conhecimento: “Nessa reflexão, os indivíduos sociais são sujeitos éticos, autores de suas próprias vidas e da vida em comunidade. Assumindo essa perspectiva, o Serviço Social define como uma de suas bandeiras de luta, como um de seus princípios éticos, a defesa intransigente da democracia, entendida como instrumento e meio de efetivação da liberdade e da igualdade humanas. A profissão inclui na sua agenda a questão dos direitos [...]. Observam-se na vida social fatos e situações que negam o princípio democrático e se caracterizam como ataque aos direitos humanos; manifestações de preconceito, intolerância, autoritarismo, fascismo, violência etc., que se colocam como obstáculos da realização e do desenvolvimento pleno da humanidade. Enquanto ações de indivíduos ou grupos de indivíduos ou enquanto ação de Estados e de povos, essas manifestações são expressão de uma sociabilidade que nutre o esvaziamento e a banalização da vida humana e uma experiência de individualismo e barbárie na qual o humano se esvai de sentido”. Cf. material de divulgação da **I Semana de Ética e Serviço Social**, promovida pelo curso de Serviço Social da Universidade Estadual do Ceará/ UECE através das disciplinas de Ética Profissional e Ética e Direitos Humanos V. O evento foi realizado entre 31 de março a 3 de abril de 2009, na cidade de Fortaleza, Ceará.

parece claro que a violência ‘visível’ da delinquência constitui uma resposta à violência ‘invisível’ de condições de vida frequentemente inaceitáveis: os fatores de exclusão se acumulam, dificuldades familiares, desemprego, assistência generalizada, quadro de vida degradado, para pesar mais fortemente sobre as crianças e jovens.

A violência passa a ser recortada e atribuída a uma camada da população (classes populares) que não compartilha dos códigos políticos (direitos e deveres) porque é excluída do conhecimento e, conseqüentemente, do trabalho formal. Esse argumento pressupõe um ideal iluminista de sociedade e de indivíduo, cujo sujeito político, gerado pela Filosofia das Luzes, torna-se cidadão quando inserido na vida social e política através da representação. Para tanto, é necessário que ele seja constituído e educado como indivíduo livre e igual (em direitos e deveres), garantindo sua participação pelo cumprimento do Contrato Social e pelo respeito às leis (à liberdade, à individualidade, à propriedade e aos valores universais da verdade, do bem e do belo). Touraine (1994, p.20) destaca a importância da razão e do conhecimento para organização da sociedade projetada pelo Iluminismo:

[...] a sociedade deveria ser tão transparente quanto o pensamento científico. Neste sentido, ela deve ser, antes de mais nada, portadora de ideais universalistas: a liberdade, a igualdade e a fraternidade. O que abre portas tanto para o liberalismo quanto a um poder que poderia ser absoluto, porque seria racional e comunitário, poder já anunciado pelo Contrato Social [...] poder absoluto porque científico e destinado a proteger a transparência da sociedade contra o arbítrio, a dependência e o espírito reacionário. O que vale para a sociedade, vale para o indivíduo. Sua educação deve ser uma disciplina que o liberte da visão estreita, irracional, que lhe impõem sua família e suas próprias paixões, e o abra ao conhecimento racional e à participação em uma sociedade em que a ação da razão organiza.

A impossibilidade de inclusão social e política configura a violência em obstáculo e em negação do progresso social. Sua erradicação significa a afirmação da condição humana e do Bem como valor transcendental. A violência, definida em relação a um juízo moral, carrega uma dimensão jurídica e política. Ela significa um constrangimento físico ou moral, quando condicionada aos modelos sociais que remetem a esferas jurídicas, correspondendo a atos contrários ao Direito e à Justiça. A violência contrapõe-se aos valores normativos que estipulam critérios para a conduta humana. Essa conduta deve estender-se a todos indistintamente. Santos (1999, p. 172) afirma que

[...] a violência seria uma relação social, caracterizada pelo uso real ou virtual da coerção, que impede o reconhecimento do outro – pessoa, classe, gênero ou raça – mediante o uso da força ou da coerção, provocando algum tipo de dano, enquanto um ato de excesso presente nas relações de poder, vindo a configurar o oposto das possibilidades da sociedade democrática contemporânea.

Para o autor, violência e exclusão resultam de uma determinação social. Nessa perspectiva, ele anuncia a necessidade de adequação à moral social e política baseada nos valores modernos que também impõem deveres e regras coercitivas (mesmo que democráticas). Cabe observar que a submissão a um modelo democrático comporta uma isenção de juízos e, com isso, impossibilita sua qualificação como violento.

Os projetos na área da educação, ao tratarem da inclusão social como solução para a violência, acarretam o reconhecimento e o respeito às diferenças como garantia de acesso ao conhecimento, ao mercado de trabalho, à participação sociopolítica. Não há separação entre os termos cidadania e trabalho, já que um torna-se condição do outro, constituindo uma tautologia (sou cidadão porque me tornei trabalhador, sou trabalhador porque me tornei cidadão). Herbert (1991, p.37-38), quando aponta os fatores explicativos para as manifestações de violência no meio escolar, menciona que estes se encontram associados às condições de vida: “Vários grupos, vivendo sob o nível de pobreza, arriscam acumular vários *stress* ligados às más condições de habitação, de trabalho de saúde, de lazer e de baixas rendas, suscitando vários problemas psicossociais”. A ênfase no recorte de classes pende para um determinismo e para a vitimização dos alunos provenientes de escolas públicas e das camadas populares como mais suscetíveis a condutas violentas porque mais expostos a uma gama de necessidades e a situações opressivas. Tais abordagens reforçam um preconceito que vincula a violência às periferias urbanas e sociais, tornando-a equivalente ao submundo e à miséria. A lógica segregativa institui territórios identitários, correspondendo a um movimento de captura, de absorção, característico do capitalismo. Guattari (1986) trata dos movimentos de produção da subjetividade capitalística, que ocorrem em escala planetária, como uma forma de sujeição que reconhece e captura as diferenças em identidades. Dessa maneira, a violência é identificada com certos territórios existenciais como algo inerente aos mesmos. Curiosamente, essa construção é apontada como discriminatória quando veiculada pela mídia ao reconhecer nas populações pobres, especialmente nos jovens, os agentes da violência na conformação da “cultura do medo”⁶. Segundo Santos (1999, p. 16), nas camadas populares, os indivíduos não

⁶ Estudos socioantropológicos assinalam a incitação do medo através de sua associação com o espaço urbano e com jovens de periferia disseminada pela mídia. A este respeito conferir ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. (2005). *O porto pouco seguro: estudo da cultura do medo em Porto Alegre*. In *Iluminuras: Banco de imagens e efeitos visuais* (v. 80, p. 1-50). Porto Alegre: PPGAS/UFRGS; OLIVEIRA, Carmem. Quem tem medo da violência juvenil. In: HARTMAN, Fernando; ROSA JR., Norton Cezar Dal Follo da (Orgs.). *Violências e contemporaneidade*. Porto Alegre, Artes e Ofícios, 2005. p.13-26. Convém observar

ocupam a categoria de sujeito, nem de cidadão, já que “cidadania é a participação no poder e pressupõe a existência de direitos e deveres.” A escola aparece como um instrumento de formação de um “sujeito ético ou moral”, o qual deve se “responsabilizar e assumir os atos praticados, bem como reconhecer os outros iguais e compreender que a liberdade de um começa quando a liberdade do outro também começa”. Esse discurso imperativo aproxima ética de moral. Ele se encontra apoiado no dever e na autonomia do sujeito, tendo por base os fundamentos iluministas (liberdade e igualdade). As ações e projetos de instituições educativas passam a propor iniciativas de conscientização e de inclusão social pautadas nessa construção moral.

Sujeito, poder-representação⁷ e futuro sustentam a ordem discursiva moralizante. Sua recorrência varia de acordo com os argumentos explicativos através da ênfase ou da justaposição a outros elementos. A violência constitui-se pela negação de um dos três termos. Ela é assinalada por um sujeito ausente, incompleto, inadequado; por um poder suprimido, opressivo, coercitivo; pela inexistência de um futuro, de um fim, de uma teleologia. Em termos de valores filosóficos, a noção de futuro atrelada ao sentido histórico e ao progresso social investe em dois componentes que se entrelaçam: a esperança e o jovem. A imagem difundida pela mídia, tão discutida pela abordagem crítica, que une jovens, especialmente pobres, à violência desdobra-se dessa concepção político-filosófica como anúncio da “quebra da promessa” de uma sociedade assegurada pelo bem-estar social. A educação e a escola passam a ser ferramentas de preparação e promoção para a efetivação de tal projeto de sociedade. A violência, com frequência, é tratada como frustração, uma resposta à inadequação ou à negação desse ideal. A crença no futuro mantém-se nas alternativas destinadas a solucionar ou a minimizar o problema: reformulação do papel das escolas, retomada das utopias e reinvestimento na esperança, buscando a adequação às novas demandas sociais e econômicas (especialmente de mercado) capaz de alocar os jovens nesse contexto. As alternativas carregam um forte teor normativo pelas prescrições e pela retomada de modelos com intenção civilizatória.

A atenção focalizada no par *violência* e *escola* é recorrente, seja por tomar a escola como palco da violência, seja por vê-la como alternativa à sua superação. Abramoway e Rua (2003, p.27), ao tratarem das *violências nas escolas*, concentram sua

que esta “cultura do medo” é fortemente combatida pelo viés crítico, valendo-se dos mesmos elementos para identificar e justificar esse contingente como vítima e não mais como infrator.

⁷ Poder-representação corresponde à noção foucaultiana de poder jurídico-político.

análise na significação e na representação desta instituição: “a escola é questionada por não preparar para o mercado de trabalho, pela perda de qualidade e centralidade como fonte de conhecimento sobre as humanidades e transmissora do acervo cultural civilizatório e por não abrir possibilidades para um futuro seguro aos jovens”. Elas categorizam e subdividem a violência a partir de três conjuntos variáveis: “institucional”, envolvendo escola e família; “social”, determinado pelo sexo, cor, emprego, origem socioespacial, religião, escolaridade dos pais, status, etc; e “comportamental”, remetendo à informação, sociabilidade, atitudes e opiniões. Numa abordagem similar, a violência, para Charlot e Emin (*apud* ABRAMOWAY; RUA, p.21), compreende a desestruturação das representações sociais fundadoras de valor. Eles a subdividem em três grupos; “violência” propriamente dita, caracterizada por golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismo; “incivilidades”, que comportam as humilhações; e “violência simbólica ou institucional”, a qual abarca a falta de sentido da escola, bem como suas imposições decorrentes da indiferença e do desrespeito à identidade dos alunos. A perda da significação da escola como lugar de integração social, garantindo o ingresso na sociedade e oportunidades de trabalho, reforça a exclusão. Nessa direção, entre as propostas e alternativas apresentadas pelas autoras, aparece a promoção de uma “cultura da paz”. As soluções apontadas reforçam a disciplina e a vigilância, a melhoria do ambiente físico da escola, a união do corpo técnico, negociações com a comunidade (em casos específicos) e a democratização do ambiente escolar, além da adesão à “cultura da paz” defendida pela UNESCO. A última comporta um conjunto de valores e de determinações. Suas prescrições elencam: a tolerância, a solidariedade e o compartilhamento; o respeito aos direitos individuais e à liberdade de opinião; o diálogo, a negociação e a mediação dos conflitos; o combate às desigualdades e às exclusões sociais; e a defesa do direito à cidadania⁸. A tendência reformadora balizada pelos referentes morais do projeto iluminista torna-se recorrente. Mesmo apresentando variações e gradações discursivas, os ajustes dirigem-se à consolidação das sociedades disciplinares.

Certos sinais de mutações são apontados por alguns autores, gerando um

⁸ Informações sobre a “Campanha Global pela Paz”, lançada em maio de 1999, em Haia, divulgam que: “Nos últimos 45 anos, importantes trabalhos têm sido feitos. [Entre eles, destacam-se:] as recomendações da UNESCO por uma educação para o entendimento internacional, para a paz, os Direitos Humanos e liberdades fundamentais de 1974; o plano de ação da UNESCO de 1994 por uma Educação pela Paz, Direitos Humanos e Democracia, proclamada por ministros de educação e assinada por mais de 144 países; e o firme crescimento nos números de cursos de Educação pela Paz oferecidos em escolas do mundo todo”. Disponível em <http://www.campanhaantiviolenca.hpgvip.com.br/educacao.htm>. Acesso em 30 out. 2009.

desconforto, um ruído, um desacordo com as regras harmoniosas do concerto moderno e disciplinar. O sociólogo Moignard⁹ acentua a falência da escola como via de concretização de um futuro para os jovens ao destacar que, mesmo atuando como um espaço de proteção externa, ela termina por reforçar a delinquência, pois “os alunos entram para o tráfico dizendo que “a escola não dá alternativa melhor”. Ele acompanhou esses alunos e pode capturar um deslocamento em seus discursos: “De qualquer forma, mesmo com boas notas na escola, não terei um bom salário no futuro nem um bom emprego. Por isso, é melhor viver pouco, mas intensamente, indo à escola porque para meus pais é importante”.

As noções de trabalho, conhecimento e cidadania descolam-se da compreensão de qualidade de vida. Novos elementos vêm surgindo na composição de um processo de subjetivação que, sob uma ótica moderna, corresponde a algum tipo de inadequação. A inadequação aparece na dissociação entre cidadania e exercício político, salientada por Padis (*apud* KEIL, p.34). O autor reconhece uma nova significação para a cidadania, que passa ser medida pelo consumo. Nessa mudança, há uma frustração diante da falta de participação provocada por um mundo hedonista disseminado pela publicidade. Na equação cidadania, consumo e frustração, desencadeia-se a violência. O argumento explicativo continua a operar pela representação e pela negação. É interessante perceber certas lacunas no modelo explicativo predominante com a entrada do consumo na reconfiguração do poder a sua articulação com a violência.

Ocorre um desacoplamento de termos nos discursos vigentes: a noção de futuro não é mais determinante para os jovens, o consumo pauta a medição da qualidade de vida, a violência ganha dimensão de um negócio lucrativo. Esses discursos são indicativos de algumas mutações que reverberam em uma ordem de condutas distintas das usuais prescrições morais, desenhando uma desvalorização da vida moderna¹⁰

Esta tese não tem finalidade avaliativa nem pretende julgar as intenções pedagógicas e educativas. Ela busca contribuir com elementos “exteriores” àquilo que a escola, tradicionalmente, compreende em seu perímetro de práticas (e seu referencial teórico-conceitual). Um cruzamento de linhas faz romper as segmentaridades determinantes de uma esfera educacional que escalona, encadeia e estipula uma

⁹Cf. entrevista do sociólogo francês Benjamin Moignard, em entrevista à Folha de São Paulo, falando sobre seu livro *L'École et la rue - fabriques de délinquance*. No Brasil, a obra intitula-se *A escola e a rua - fábricas de delinquência* publicada pela editora PUF. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0510200810.htm>. Acesso em 15 mar.2009.

¹⁰ A vida, em sua concepção moderna, como algo a ser preservado, reabilitado, incitado, investido, vem ganhando uma dimensão de obstáculo.

sequência de etapas destinadas ao mercado. Uma inquietação acerca das forças que se encontram em jogo atenta para ações ligadas à eliminação, levando a suspeitar de seu atrelamento com a atualização do capital. Essas ações possibilitam apontar uma divergência, sugerindo uma diferença de natureza entre eliminação e violência, que pode ser apreendida em novos investimentos no processo de subjetivação. O despreendimento da culpa, tão cara à definição da violência como ato delituoso arraigado à responsabilidade e à punição pelos critérios modernos de valoração, dispara aberturas, lança elementos que insinuam traços constitutivos da eliminação.

O conceito de violência, ao ser dissociado de um conjunto de condutas e de ações, acarreta transformações indicativas de um estilo de vida. Quais são esses deslocamentos? Que relações de força eles engendram? Que valores estão se estabelecendo nessas relações? Há uma desterritorialização da moral moderna? Trata-se de uma passagem para constituir uma outra moral? Existe uma ética possível nessa passagem? Como seus elementos ligam-se aos processos de produção da subjetividade? Essas indagações forçam pensar as mutações ocorridas nas sociedades contemporâneas para além das críticas e/ou propostas de erradicação da violência que se encontram amarradas aos projetos modernos de sociedade. A tese não tem a pretensão de compor e analisar uma tipologia, mas demorar-se na desterritorialização destas forças que escapam ao enquadramento da violência pela moral, perscrutando novas práticas e novas condutas alinhadas a constrangimentos e a coerções, cujos traços indicam o extermínio da vida e desembocam em percepções e potências de novos modos de existência. Nessa direção, é proposto o conceito de eliminação, buscando percorrer os acontecimentos e suas atualizações.

A eliminação, quando engendrada à produção da subjetividade, traz componentes capazes de delinear um problema ligado a um modo de vida contemporâneo. Deleuze (1999, p. 10) sublinha em Bergson a relação entre problema e vida. Nela, o problema “tem suas raízes para além da história, na própria vida e no impulso vital: é a vida que se determina essencialmente no ato de contornar obstáculos, de colocar e resolver um problema”. O problema deste trabalho parte de um descompasso entre os discursos vigentes acerca da violência e o corte que tensiona pensar a eliminação relacionada aos traços das sociedades atuais. Ele é provocado por um incômodo, um desassossego, um deslocamento (um distanciamento do que é familiar, se tomado do ponto de vista antropológico), encontrando-se inseparável do vivido. Tal estranhamento, ao se tornar Interessante, dispara um problema filosófico

para Deleuze e Guattari (1992, p. 108), pois a “filosofia não consiste em saber, e não é a verdade que [a] inspira, mas categorias como as do Interessante, do Notável ou do Importante [...]”. O Interessante carrega uma capacidade de afetar, uma atenção para os componentes, que colocados em relação e em movimento, podem lançar uma suspeita, traçar linhas, construir um problema, erigir um plano, criar um conceito. Deleuze, em *O abecedário*¹¹, destaca que não se trata de avaliar, de julgar se uma questão é interessante ou não, mas de torná-la interessante a ponto de se “falar sobre algo com entusiasmo: é isso que é ensaiar”. O Interessante, em filosofia, distingue-se das categorias do verdadeiro e do falso vinculadas à representação, pois está articulado à criação, à imanência do problema e do conceito: “é tão interessante quanto um grande romance ou uma grande pintura, mas em filosofia, existem duas coisas ao mesmo tempo: a criação de um conceito sempre ocorre como função de um problema. Se não encontramos o problema, a filosofia permanece abstrata”. Em “Diferença e Repetição”, Deleuze (2006, p. 18) relaciona sua filosofia à ficção científica e ao romance policial. A primeira surge sempre no limite entre o conhecido e o desconhecido, mergulhando em um universo, ao mesmo tempo ameaçador e fascinante, que embaralha nosso entendimento sobre o real. Nesse limite, nessa extremidade, ocorre abertura para as pontas de descodificação, para as linhas de desterritorialização: “só escrevemos na extremidade de nosso saber, nesta ponta extrema que separa nosso saber e nossa ignorância e que ‘transforma um no outro’”. A ficção científica carrega a potência de se desprender do limite estabelecido pelo referente e pelas proposições da ciência. Ela transita por onde a ciência não penetra, ocorrendo “entre a escrita e a ignorância, uma relação ainda mais ameaçadora que a relação geralmente apontada entre a escrita e a morte, entre a escrita e o silêncio.” O romance policial traça a relação entre acontecimento e conceito, assinalando a imanência da filosofia, onde a criação do conceito torna-se inseparável do vivido, intimamente articulada a ele. Por romance policial, afirma Deleuze (2006, p. 18), “queremos dizer que os conceitos devem intervir com uma zona de presença, para resolver uma situação local. Modificam-se com os problemas”. O problema pode emergir com um evento, com um lance, com uma mistura de corpos, com o rebatimento em um conceito, gerando um desvio em direção a uma compreensão não-conceitual.

¹¹ Cf. “H de História da Filosofia” (p. 19 e 16) de *O abecedário de Gilles Deleuze*. Entrevista realizada por Claire Parnet sob direção de Pierre-André Boutang. Sumário elaborado por Charles J. Stivale. Romance Languages and Literatures, Wayne State University. Traduzido, com autorização do autor, por Tomaz Tadeu da Silva, do original em inglês. Disponível em <http://www.ufrgs.br/faced/tomaz/abc.htm>. Acesso em 24 ago.2002.

Deleuze e Guattari (1992, p. 41) mencionam que, pela vizinhança, os conceitos, ou ainda, certos componentes conceituais podem “ser reativados em nossos problemas e inspirar os conceitos que é necessário criar”, levando em conta que os problemas mudam. Conceito, plano e problema encontram-se articulados, pois é na constituição do problema filosófico que se estabelece o traçado do plano, que se cria o conceito, a sua solução. Os autores de *O que a filosofia?* (p. 27-28) enfatizam que todo “conceito remete a um problema, a problemas sem os quais não teria sentido, e que só podem ser isolados ou compreendidos na medida de sua solução”.

Um problema é construído, é inventado pelo traçado de um plano a ser povoado por conceitos na produção de sentido do acontecimento. Os conceitos dizem dos acontecimentos, assim como encarnam e se efetivam nos corpos. Na trajetória do pensamento-mundo, conceito e coisa, pensamento e vida não comportam modelos, nem abstrações. A vida é intensiva, o pensamento imanente. O conceito é talhado pela coisa, convém somente a ela e não é mais amplo do que aquilo que ele deve dar conta. Não há pretensão projetiva, preditiva, nem universal. Trata-se da singularidade do acontecimento em que se atribui a cada coisa sua medida e sua intensidade. Um conceito, composto por elementos heterogêneos, se constrói e se modifica pelos movimentos e pelas linhas que se encontram no percurso desse acontecimento em devir. Os conceitos devem ter uma coerência entre si, mas tal coerência não deve vir deles. Deve receber sua coerência de outro lugar.

As forças implicadas nas mudanças de um modo de vida tensionam a pensar que a eliminação vem assinalar um novo sentido dos acontecimentos expresso pelo *eliminar, deletar, exterminar e selecionar*¹². Sentido e acontecimento, capitalismo e esquizofrenia demarcam o uso e os limites (relativo e absoluto) produtores dos deslocamentos que ampliam o capitalismo. Tais deslocamentos são apreendidos na articulação do consumo com o controle.

A tese apresenta três cortes, procurando seguir o trajeto da eliminação num processo de desterritorialização da violência, quando incitada pelas práticas de consumo e absorvida pela subjetividade capitalística. O corte I apresenta a relação entre eliminar e consumir, a qual atravessa as atitudes moleculares, não apenas pela excitação ao poder de compra e de aquisição de produtos-mercadorias, mas pelas posturas subjetivantes

¹² Em *Lógica do Sentido*, Deleuze (p. 22) considera que o sentido é o acontecimento expresso pelo verbo. O “expresso não se parece de forma nenhuma com a expressão”, sendo o sentido o “atributo da coisa” que é o verbo ou, antes, “o acontecimento expresso por este verbo”.

geradas com a equivalência do *eliminar* aos atos de gastar, destruir, liquidar. A eliminação é apontada por Lyotard na produção dos enunciados, caracterizando um princípio de dissociação da verdade, de vinculação ao desempenho e à eficácia e de supressão dos erros, dos obstáculos na obtenção dos resultados. Essa conjunção dos saberes com o mercado atravessa os diferentes territórios, fazendo-se presente nas práticas cotidianas. O consumo, para Deleuze e Guattari, encontra-se ligado a um processo de produção, o qual está assinalado por conexões de fluxos, por disjunções e por conjunções. Ele se distingue do consumo proposto por Baudrillard, que procura definir a sociedade segundo uma *lógica interna* de termos pertinentes a um processo de subjetivação. Os termos utilizados por Baudrillard coincidem com os eixos (significante, capital e ser) da subjetividade capitalística lançada por Deleuze e Guattari. Neste corte, dois eventos demarcam práticas de eliminação e de consumo em funcionamento: o *estilo* ou o modelo de sucesso do *rapper* norte-americano, 50 Cent, e o caso Richtofen.

O corte II focaliza a eliminação engendrada pelas sociedades de controle que, através das máquinas comunicacionais e informacionais, investem no *deletar*. Nessa trajetória, as ações e as condutas passam a operar por cotações e índices, reproduzindo os mecanismos do capital financeiro. As estratégias intensificam-se, modulando o *eliminar* e o *deletar* em *exterminar*. Elas permeiam diferentes territórios existenciais (do funcionamento da empresa às chacinas escolares, passando pelas redes sociais e pelos jogos digitais), esgarçando os limites do capitalismo. A definição da *alma-gás*, que engendra as sociedades de controle, indica os investimentos subjetivos atuais. As relações entre capital filiativo e capital de aliança, entre a produção capitalista e a produção não-capitalista possibilitam percorrer os movimentos de extensão do capitalismo. Nesses movimentos, situa-se a diferença entre esquizofrenia-processo e esquizofrenia-entidade em que vetores de reterritorialização desembocam nos microfascismos e nas linhas de destruição. Movimentos de reterritorialização pelo controle e seus efeitos são marcados na promoção de 50 Cent em empresário reconhecido, nos elementos arranjados em jogos que sobrecodificam posições em condutas reprodutoras de novas regras, significando a eliminação em mérito e em prestígio. As chacinas escolares (*Columbine* e *Realengo*) possuem componentes divergentes das explicações e das patologizações recorrentes nos discursos especializados, ao serem relacionadas aos intoleráveis produzidos pelas sociedades atuais e convertidos em linhas de morte.

A potência da eliminação pelo *seleccionar* é apresentada no corte III. Traços de um novo modo de vida se anunciam com a experimentação de um corpo que foge da organização disciplinar e de suas estratificações. Nessas desterritorializações, agenciamentos e alianças, mesmo efêmeros, carregam uma força ativa e criadora presente no uso minoritário das máquinas comunicacionais, informacionais, científicas, sociais, políticas... Agenciamento e ritornelo são enfatizados na demarcação de linhas de fuga. O *seleccionar* corta fluxos que constituem o agenciamento *Ben X*, filme baseado em fatos reais, cuja dimensão ética-estética vem afirmar a singularidade, desdobrando-se em um salto para a vida.

As considerações finais esboçam uma potência política da eliminação, aproximando o *seleccionar* da simpatia e percorrendo eventos recentes relacionados à utilização da *internet* nas mobilizações de grupelhos que ocupam as ruas de Madri, Londres, Egito. As novas escalas, provocadas pelo devir silício, geram afetos e afecções, suscitando uma micropolítica, cujo mapa merece maior demora.

Uma vida intensiva, um pensamento imanente. Diferentes modos a recortam. Uma forma tende a predominar. Movimentos e linhas produzem um acontecimento em devir. Esta tese é um convite para transitar em algumas linhas que podem definir um sentido à eliminação.

CORTE I

Eliminação e consumo

Pensar a eliminação exige sua inserção na relação com o capitalismo e com a esquizofrenia para apreender os movimentos de desterritorialização e de reterritorialização, os deslocamentos e os limites que se produzem na ampliação do capital. Os eventos, cada vez mais frequentes e detectáveis em linhas de destruição, produzem uma suspensão da moral moderna que ampara a noção de violência, por escaparem das significações e da subjetivação normalizante. Eles impactam, tensionando para o não-senso e forçando transitar pelo não-pensado.

A trajetória em linhas de desterritorialização da vida moderna segue um limite tênue entre as linhas de destruição que se convertem em linhas de morte, e as linhas que se reterritorializam no capital, fazendo emergir novas regras e práticas delineadoras de uma concepção de vida. Há também linhas de desterritorialização em movimentos, por vezes efêmeros, cuja potência de criação rompe com a lógica capitalística e traz uma ordenação corpo-mundo capaz de afirmar a singularidade. A eliminação força a exercitar um tipo de atenção nos acontecimentos que produzem um sentido diferente das significações e das explicações existentes.

Deleuze (1998, p.132) assinala que Nietzsche não trata o sentido como predicado ou propriedade, mas como acontecimento. Um acontecimento se efetua nos corpos, nas misturas, bem como gera uma organização e desorganização da superfície incorporal. O sentido “em uma das faces se atribui a estados da vida; em outra, caracteriza um modo de pensar, um estilo de vida”. O sentido puro do acontecimento independe de sua efetuação espaço-temporal em estado de coisas, visto que considera o acontecimento como objeto expresso ou exprimível, sempre passado e ainda por vir, que se distingue do objeto designado no presente¹³. Daí a importância do verbo como expressão do acontecimento que encarna nos corpos. Os acontecimentos são incorporais, não existindo por si mesmos. Eles resultam dos movimentos da matéria, das ações e paixões dos corpos. Os corpos envolvem tensões, qualidades físicas, relações,

¹³ Deleuze (1998, p.31) menciona que o sentido se estabelece na fronteira entre expressões e coisas. As coisas envolvem qualidades físicas, constitutivas de estados, de corpos. As expressões abarcam as designações (nomes e adjetivos), e os verbos exprimem os acontecimentos. Assim, o sentido é “a fronteira, o corte ou a articulação da diferença entre os dois [termos]”.

ações e paixões, estados de coisas “determinados pela mistura entre corpos”. Corpos são forças que estão em relação. “Não há causas e efeitos entre corpos: todos os corpos são causas” (1998, p. 5). Eles estão em movimento e em modificação, sendo gerados na assimetria das forças. A ação de um corpo em outro efetiva uma alteração nos estados de coisas, deixando uma marca, um sinal. O sinal pertence ao acontecimento, fazendo vibrar um conceito que produz o sentido, traçando uma ligadura entre coisas e expressões. O sentido “faz existir o que o exprime” e se faz “existir no que se exprime” (p.171). Ele confere existência ao acontecimento, sendo, ao mesmo tempo, o que o expressa e o que lhe dá consistência. Inseparável do acontecimento, o sentido, além de exprimir, aponta a direção e a afinidade das forças que se incorporam em coisas. O conceito procura destacar “um acontecimento das coisas e dos seres”, extraindo uma expressão, um sentido das misturas. O conceito filosófico, para Deleuze e Guattari (1992, p. 46-7), “não se refere ao vivido, por compensação, mas consiste, por sua própria criação, em erigir um acontecimento que sobrevoe todo o vivido, bem como qualquer estado de coisas”.

Deleuze (s/d, p. 8-10) sublinha em Nietzsche que o sentido é um complexo, uma constelação: “há uma pluralidade silenciosa de sentidos [em] cada acontecimento. Não existe um acontecimento, um fenômeno, uma palavra ou um pensamento cujo sentido não seja múltiplo¹⁴. Qualquer coisa é tanto isto como aquilo ou qualquer coisa de mais complicado, consoante às forças que dela se apoderam”. Os sentidos de uma coisa mudam com as forças em relação. Sentido e força tornam-se inseparáveis. Abrangem tanto o vetor de uma linha de força que adquire densidade na efetuação dos corpos, quanto a expressão da relação entre corpos-forças. O sentido está ligado à multiplicidade. Por isso, “não encontraremos nunca o sentido de qualquer coisa, se não conhecermos qual é a força que se [apodera] da coisa, que a explora, que se apropria ou nela se exprime”. Estes são os movimentos a serem marcados, percorrendo as linhas que compõem um mapa das relações de forças, um diagrama.

Pensar o acontecimento consiste em construir um problema, uma vez que “os acontecimentos concernem exclusivamente a problemas e definem suas condições”, assinaladas por pontos singulares. Conforme Deleuze (1998, p. 57), “não se pode falar dos acontecimentos senão como singularidades que se desenrolam em um campo

¹⁴ Os termos pluralidade e múltiplo devem ser considerados pela perspectiva da multiplicidade, uma vez que Nietzsche procura romper com a unidade, a transcendência, os juízos e o sujeito para afirmar o sentido e as forças.

problemático e na vizinhança das quais se organizam as soluções”. Deleuze e Guattari (2010, p. 149) destacam os problemas de uso e de funcionamento dos agenciamentos, os fluxos, as passagens, as articulações no *corpo sem órgãos* e os confrontos com os regimes molares das máquinas sociais. O sentido recusa as significações e os referentes que desembocam em modelizações e proposições explicativas. Ele devém da imanência, encarnando um modo de funcionar e dizendo das conexões, disjunções e conjunções que as máquinas engendram.

A cartografia ultrapassa os grandes conjuntos em direção aos elementos moleculares (aprendidos como peças e engrenagens dos agenciamentos nas relações com a máquina abstrata). Ela percorre os fluxos, buscando o funcionamento destas máquinas, a maneira com que elas investem e constituem máquinas sociais, atuando em larga escala ao alimentarem as máquinas molares e, ao mesmo tempo, resistindo a elas. Há condutas, nas relações atuais, que transbordam as significações estabelecidas, tensionando para um deslocamento teórico-conceitual. O conceito de eliminação inspira um rompimento com os valores presentes na ordem moral do mundo, a fim de apreender aquilo que lhe foge. Ele busca desprender as manifestações dos preconceitos através de um exercício que investe num distanciamento da noção de violência, provisoriamente suspensa, para apostar na eliminação como disparador da construção do problema. Tal construção pretende marcar as divergências atualizadas nos acontecimentos, as intensidades assinaladas pela diferença expressa nos verbos *eliminar*, *deletar*, *exterminar* e *selecionar*, que conferem sentido à eliminação, a qual vem ganhando maior proeminência nas ações constitutivas de um modo de existência contemporâneo.

Nas pontas de desterritorialização

O atrelamento da eliminação ao consumo acompanha as transformações ocorridas a partir de meados do século XX em várias esferas: geopolítica, econômica, científica, tecnológica, estética, cultural, epistemológica. Santos (1995) destaca, entre elas, a fissão nuclear, a descoberta do DNA, a confecção do *chip*, o lançamento do primeiro satélite artificial, o processo de descolonização, o relativismo cultural, a transição do domínio mundial europeu para o domínio norte-americano, além das mudanças nas artes, na comunicação e na filosofia. Essas mudanças são canalizadas para a expansão do mercado, gerando mecanismos e práticas que ultrapassam a relação

concorrencial em direção à emergência de um novo conjunto de regras e de constrangimentos.

Os deslocamentos na produção dos enunciados científicos com o atrelamento do conhecimento às exigências do mercado são assinalados por Lyotard (1988). Ele detecta a dissociação entre conhecimento e verdade na esfera dos enunciados, marcando a eliminação como um novo princípio que rege a ciência. A produção do conhecimento científico desconecta-se do critério moral de verdade e de justiça. A discussão sobre ciência, verdade e conhecimento reaparece em sua análise acerca do *princípio de deslegitimação*. Esse princípio condiciona o conhecimento ao controle de contexto, indicando a associação da produção do saber ao mercado. O autor assinala o deslocamento da legitimação filosófica da ciência e do conhecimento, baseado no princípio da metalinguagem universal, para a pluralidade de sistemas formais e axiomáticos que fazem uso das técnicas na administração das provas. Há uma mudança de princípio, em que a otimização das performances sustenta a pertinência dos enunciados segundo critérios do desempenho e da eficiência em detrimento do verdadeiro, do justo e do belo. A legitimação do conhecimento ocorre pelo controle de contexto correspondente à melhoria das performances. Os aparelhos, que otimizam as performances, exigem suplemento de despesa, resultando na equação: riqueza, eficiência e verdade. O capitalismo vem atuar na solução do problema científico de crédito à pesquisa, diretamente nas empresas e, indiretamente, com a fundação de instituições de pesquisa privadas, estatais ou mistas.

Lyotard (p. 83 e 85) afirma que o “Estado e/ou a empresa abandona o relato idealista ou humanista para justificar a nova disputa: o poder”. A relação entre ciência e técnica inverte-se, “o critério do bom desempenho é explicitamente invocado pelas administrações para justificar a recusa de apoiar este ou aquele centro de pesquisa”. Resumidamente, desaparecem os fundamentos filosóficos da Modernidade baseados na razão, na verdade e no sujeito que conferem ao conhecimento um caráter universal. A ciência não mais se legitima pelo critério da verdade, mas pelo critério do desempenho. Não interessa saber se é verdadeiro ou falso, mas eliminar o erro a fim de assegurar maior eficácia. Capital e conhecimento estão intimamente ligados e destinados às demandas de mercado com o abandono do critério de verdade para a legitimação do conhecimento e para a efetivação de um novo princípio baseado no desempenho. O autor (p. XII) acentua que “o importante agora não é afirmar a verdade, mas sim localizar o erro no sentido de aumentar a eficácia, ou melhor, a potência”. Esta ruptura,

indicada na esfera da produção de conhecimento que envolve o registro dos enunciados científicos, perpassa as relações cotidianas, sinalizando o desapego dos critérios balizadores da moral moderna e a conformação de outras formas de constrangimento, outras regras para a avaliação da produção e das condutas.

As condutas, regidas pela eficácia, ao passarem pelos territórios existenciais, instituem práticas que esboçam novos valores. Tais práticas usam da eliminação dos entraves, apostando no aumento das velocidades, intervindo no modo de vida e conferindo uma transmutação da violência. A violência separa-se da norma constituída pelo dispositivo disciplinar, diluindo-se em comportamentos dignos de reconhecimento e prestígio. Eliminar começa a se tornar palavra de ordem estabelecida com o *princípio de deslegitimação* que determina a supressão do erro para aumentar a eficácia do sistema. O erro passa a corresponder a qualquer obstrução ao aumento de velocidade e à realização do melhor desempenho, ganhando extensão nos diversos segmentos, permeando as condutas e as práticas moleculares.

Ações, que dizem respeito a esses ideais de eficácia e desempenho, em que a eliminação vem a ser a forma de garantia de melhores resultados em menores tempos, atravessam os sistemas informatizados, as atividades profissionais, as relações pessoais. Nas diferentes condutas, problemas, pessoas, coisas que constituem obstáculos e atrasam resultados são eliminados, apagados, extintos. As máquinas comunicacionais engendram esses movimentos em diversos eventos. A veiculação asséptica, com transmissão via satélite previamente anunciada dos bombardeios norte-americanos em Bagdá (quando da deflagração oficial da guerra entre EUA e Iraque), os programas interativos intitulados *Big Brother*, *No Limite*, *Casa dos Artistas*, *Pop Stars*, *O Aprendiz*, as campanhas (que divulgam as vantagens dos transgênicos e as pesquisas com células tronco) encarnam a valorização do exercício de eliminação nas existências particulares.

O consumo, para Deleuze e Guattari, diz de um modo de conjugação articulado ao uso. É impossível pensá-lo sem a relação com a produção (que supõe conexões de fluxos) e o registro (assinalado pelas disjunções). As conjunções são consideradas consumo porque envolvem o esgotamento de um fluxo, quando da passagem para o código, na medida em que ocorrem extrações, desligamentos de cadeias, uso de disjunções e conjunções de conexões. Entre o que passa, o que para e o que se desliga, realiza-se uma distribuição de ações e paixões.

Numa composição maquínica e desejante, a produção é sempre *produção de produção*, estabelecendo conexões parciais e não específicas. O agenciamento engendra

conexões produzidas por cortes e fluxos parciais. Num vetor de reterritorialização, a produção fixa o desejo numa determinação limitada pelo específico e pelo global, isolando um sujeito que é inserido em uma totalidade através de uma relação estipulada pela negação e pela falta. Nessa construção, o desejo reduz-se à falta, à ausência, à necessidade.

No registro, as disjunções transformam as conexões numa espécie de reação à produção. A afirmação da singularidade ocorre pelo seu uso imanente, quando as disjunções seguem disjuntivas, marcando distâncias positivas que não se fecham em termos. A disjunção, concebida como sobrevoo de uma distância indivisível, torna-se positiva e ilimitativa. Entretanto, a disjunção pode tornar-se transcendente, procedendo por totalizações, ao eleger um significante despótico, e determinar uma unidade através da substituição e da justaposição de termos de uma cadeia. A captura das disjunções em coordenadas explicativas, remetendo-se a transcendentais, estipula um modelo, um referente, que vem atuar como decodificador e sobredecodificador dos termos em uma linguagem, uma gramática, garantindo a extensão e a projeção do particular ao universal. O registro é o *socius*. A máquina social organiza *produção de produções*, *produção de registro* e *produção de consumo*, executando diversos cortes, extraíndo e codificando fluxos, separando cadeias e instituindo órgãos. Dessa maneira, o *socius* instaura uma superfície de registro, na qual o *corpo sem órgãos* institui-se em limite¹⁵. O consumo, ao estabelecer um regime de conjunções, substitui as conexões dos objetos parciais, cria um *corpo sem órgãos* que corta os fluxos, gera a passagem de um corpo a outro e destrói a unidade. A conjugação tanto produz um nomadismo e uma plurivocidade quanto se dirige para a segregação e bi-univocização¹⁶. Ela consiste no consumo de quantidades intensivas, numa mistura em devires, em intensidades, em que “os espaços e as formas são desfeitos em proveito de uma nova ordem” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 117). Nesta zona de passagem de intensidades, nestes campos de potência, que são o *corpo sem órgãos*, não se para de migrar, atravessando limiares. O embaralhamento carrega a potência de criação. Num vetor reterritorializante, a conjunção também totaliza, homogeneiza, fecha os termos no momento em que determina uma estrutura, uma *lógica*, uma lei para séries descontínuas e divergentes. O capitalismo caracteriza-se por um modo de conjunção, uma formação social com limite

¹⁵ O *corpo sem órgãos* é uma máquina de objetos parciais e fluxos. Ele consiste em gradientes, percorre potências e limiares, gera uma passagem de um corpo a outro, opera devires, elevações, migrações e deslocamentos.

¹⁶ A bi-univocização esmaga a plurivocidade numa relação simbólica determinada como estrutura.

relativo que compõe uma “máquina e faz correr fluxos descodificados em uma axiomática contábil e opressiva” (p. 233). A axiomática¹⁷ das quantidades abstratas desdobra-se no equivaler generalizado através de cortes, deslizamentos e rearticulações de cadeias econômicas para fluxos de produção que se apropriam das disjunções do capital. Como uma máquina social construída por fluxos descodificados, o capitalismo substitui códigos por uma “axiomática de quantidades abstratas em forma de moeda”. Ele libera os “fluxos do desejo, mas em condições sociais que definem o seu limite e a possibilidade de sua própria dissolução. [...] No limite do capitalismo, o *socius* desterritorializado dá lugar ao *corpo sem órgãos*, e os fluxos descodificados se lançam na produção desejante (p.185)”. A esquizofrenia concebida “como processo é a produção desejante, [...] o limite da produção social determinada nas condições do capitalismo” (p. 176). Nos movimentos de desterritorialização da produção desejante, o capitalismo produz mutações e expande seus limites. Essas transformações são relativas porque se reterritorializam em configurações compatíveis com o lucro.

Na máquina capitalista, a ordem produtiva do consumo percorre um vetor segregativo e bi-unívoco, em que o capital constitui o limite, e um vetor nômádo e plurívoco, erigindo um *corpo sem órgãos*, cuja mistura (através do consumo de quantidades intensivas) desfaz formas e conteúdos em uma nova ordem. Nessa ordem conjuntiva, engendra-se o devir, a passagem pelas singularidades na rede disjuntiva e pelos estados intensivos da série convergente.

A estratificação da eliminação pelas máquinas econômicas, investindo nas práticas de consumo como estratégia de reprodução da subjetividade capitalística, é disparada por volta de 1950. O consumo, ao ser recortado pelo traço segregativo e bi-unívoco, separa-se da produção, adquire significações retiradas dos estratos científicos (psicanalíticos, etnológicos e hermenêuticos), engendrando-se à máquina de sobrecodificação. A passagem da produção para o consumo, assinalada por Jean Baudrillard (1970), vem definir a *sociedade de consumo*. Nela, o autor reconhece uma

¹⁷ Conforme dicionário de filosofia, o axioma corresponde ao “princípio que se mostra evidente pelos seus próprios termos”. Axiomatizar uma teoria significa “considerar os objetos como símbolos cujas regras de uso sejam fixadas pelas relações, possível de múltiplas interpretações que chamam de modelos”. Desta maneira, a axiomatização presta-se a interpretações ou realizações distintas, das quais se extrai a “estrutura lógica comum”. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução Alfredo Bosi. Revisão da tradução e tradução de novos textos Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Deleuze (1998, p. 80) observa, na relação entre axiomática e ciência, que “a axiomática era o resgate de uma estrutura que tornava homogêneos ou homólogos os elementos variáveis aos quais ela se aplicava. Era uma operação de recodificação, reordenação[...]”. Em relação às operações do capitalismo, a axiomatização refere-se à capacidade de absorver os termos que escapam aos limites do capital através de um “equivaler generalizado”.

reorganização do funcionamento do capitalismo que determina novas regras de constrangimento e coerções distintas daquelas determinadas pela moral moderna:

o processo de racionalização das forças produtivas que ocorreu durante o século XIX, no setor de produção, alcança o termo, no século XX, no setor do consumo. [...] Quando se fala de Produção e Consumo – trata-se de um só e idêntico processo lógico de reprodução amplificada das forças produtivas e do respectivo controle (p.122 e 300).

Esse deslocamento demarca uma distinção entre a sociedade industrial e a sociedade de consumo, a qual carrega uma nova moral, que atua como meio de regulação de uma situação imposta pela abundância: “trata-se, de fato, de um novo sistema de constrangimentos morais e psicológicos, nada tendo a ver com o reino da liberdade”. Detecta-se, nesta abordagem, que os termos são rearranjados pelo processo de axiomatização da máquina capitalista, cuja sobrecodificação remete a uma função chamada pelo autor de *lógica do consumo*.

Em Baudrillard, é possível percorrer os movimentos que conjugam as linhas molares do consumo ao *eliminar*. Ele possibilita apreender a maneira com que os elementos são enunciados e arranjados em proposições que conferem valor e legitimidade aos novos constrangimentos produtores de comportamentos e posturas. Seu recorte rebate os componentes em limites *internos* determinados com a sociedade de consumo. Trata-se de um uso tornado eficiente pela captura e segmentarização dos agenciamentos maquínicos em movimentos de reterritorialização. Através de um recorte estruturalista e fazendo uso da psicanálise, Baudrillard traz aspectos importantes para traçar as mutações da sociedade contemporânea. Nelas, a subjetividade produzida mescla-se com elementos teóricos – que articulam estrutura, ego e mecanismos de identificação às regras de encodificação (emissão e recepção de mensagem) da comunicação – investindo no significante, no inconsciente e no desejo psicanalítico como coordenadas extensivas para organizar uma lógica de consumo e circunscrever uma concepção de vida.

O consumo, conforme Baudrillard, desestrutura modelos econômicos e sociais organizados pela ética protestante, bem como ressignifica a necessidade e a igualdade, caras aos preceitos iluministas (filosóficos e políticos) que organizam a sociedade moderna, impondo novas condições para reprodução do capital. Mecanismos de coação incrementam essas condições desdobradas do *princípio de igualdade* que, na sociedade de consumo, vêm sustentar um ideal de felicidade com a produção de necessidades.

Nesse deslocamento, necessidade e igualdade dirigem-se ao investimento na distinção, que aposta no produto-mercadoria como demarcador de ascensão e prestígio social. A mobilidade do objeto com sua função distintiva atua como sinalizador hierárquico, independentemente do acúmulo de riqueza que fixa a posição de classe. No consumo, a *mística da igualdade* sustenta que todos os indivíduos possuem as mesmas necessidades, investindo na sua fabricação através da substituição contínua de objetos-mercadorias com base na falta, bem como incitando o desgaste e a destruição para aquisição de um novo produto portador de um código hierarquizante ligado à personalização do objeto. A mobilidade incrementa a produção da subjetividade através da expansão e diversificação do produto-mercadoria para além da mais-valia econômica, ao engendrar uma “mais-valia de poder que realimenta a lógica capitalística” (GUATTARI, 1986). Esse processo de subjetivação recorre a operações identitárias, através do reconhecimento pela incorporação de códigos e de condutas pertinentes a grupos específicos, que reforçam segregações consideradas diversificação de mercado. A sobrecodificação em mercadoria utiliza as identidades como territórios da subjetividade capitalística. Nessa passagem para a sociedade de consumo, a identidade e o indivíduo são elementos subjetivantes que se distinguem daqueles utilizados nas sociedades de controle.

Há resíduos de códigos constitutivos de territórios existenciais que são apartados e conjugados em identidades culturais (novos territórios) para abastecer um investimento capitalista na subordinação às suas regras e funções. Esse foi o efeito e o papel da Antropologia, especialmente, no século XIX para penetrar em territórios que escapavam à organização do capital. Ao entender e sistematizar os saberes e as condutas locais, ela gera uma ponte para os universos referenciais num jogo de forças de resistência e captura. O caráter englobante e *esquizo* do capitalismo tende a desterritorializar esses saberes, a fim de conjugá-los à produção da máquina capitalista civilizada. Ocorre uma sofisticação desses mecanismos que relativizam e reconhecem territorialidades estranhas aos parâmetros civilizados, numa perspectiva estruturante. O uso intenso da linguagem, como meio de interpretação e de interlocução, transforma-se em um meio eficaz de captura das singularidades. A descodificação e a desterritorialização, a sobrecodificação e a reterritorialização asseguram novos investimentos à subjetividade capitalística que, atualmente, compõem a eliminação.

O consumo, em Deleuze e Guattari, envolve a disjunção, a conjunção de conexões, a sobrecodificação e a axiomatização. Em Baudrillard, ele estrutura uma

lógica. Nas duas abordagens, percebe-se a construção da subjetividade a partir de relações entre identidade e mercadoria, moeda e conduta, valorizando ações até então intoleráveis à moral moderna com base no prazer¹⁸ de descartar, gastar, liquidar, destruir vinculado ao produto e prolongado nas práticas. A lógica de consumo, para Baudrillard (1995, p.54), sofisticada a fabricação de necessidades sempre novas e significa a desigualdade em bens distintivos que encarnam nos *objetos-signos-valor*. O *objeto-signo* é apropriado e manipulado pelos indivíduos como signo, quer dizer, como diferença codificada a partir de regimes semióticos determinados pelos referentes da comunicação e da linguagem. A cada objeto-signo é atribuído um conjunto de códigos que determinam um tipo de comportamento. A sua aquisição, articulada a um processo de identificação e de projeção, importa na adesão a comportamentos padronizados e pré-estabelecidos. Esse procedimento, que aposta na diferença como distinção, investe na subjetividade para aumentar a velocidade de lançamento de novos produtos no mercado.

O estruturalismo faz uso dos aportes linguísticos e semióticos, quando acrescenta no significante e nas regras de interpretação, que se efetuam na sociedade de consumo, a junção mercadoria-signo-mensagem. O consumo, em Baudrillard, já consiste em uma forma determinada de corresponder mercadorias às identidades, segundo um processo que se utiliza dos referentes psicanalíticos, do desejo significado como falta, do *eu* extraído de uma totalidade, da linguagem, transformando o produto-mercadoria em um portador de mensagem decifrável. Na psicanálise, o especialista fala sobre o caso, explicando o que quem fala quer dizer. Na publicidade, o produto-mercadoria, através dos signos que carrega, é sobrecodificado, tornando-se emissão de mensagem e assegurando o reconhecimento de quem o consome. As regras de constrangimento funcionam por analogias, fazendo equivaler os requisitos de interpretação psicanalítica para os objetos-signos. A aquisição do produto é, ao mesmo tempo, portadora e identificadora, fazendo dos recursos da linguagem um meio de incorporação de um comportamento-referente na gama diversificada dos produtos. Baudrillard recorre aos traços da psicanálise e do estruturalismo para apontar deslocamentos da moral moderna e investimentos de subjetivação pelo consumo.

Deleuze e Guattari se aproximam e, em seguida, se afastam de Baudrillard,

¹⁸ Deleuze e Guattari (1996, p. 18) definem que o prazer “é a afecção de uma pessoa ou de um sujeito, é o único meio para uma pessoa *se encontrar* no processo do desejo que a transborda; [...] os prazeres são reterritorializações”.

quando analisam a sobrecodificação ligada à psicanálise que vem amparar a subjetividade dominante. Enquanto Baudrillard utiliza a psicanálise como instrumento para delinear a sociedade de consumo, Deleuze e Guattari trazem a esquizoanálise para pensar os limites do capitalismo. Por trajetórias diferentes, os autores demarcam a importância do significante na produção da subjetividade. A sobrecodificação extrai um significante maior, submetendo os signos a um modelo-referente. O significante serve de *chave* para acomodar termos, para fixar posições e enquadramentos numa linguagem de acordo com uma gramática e uma hierarquia generalizante.

Deleuze e Guattari (2010, p. 276) mencionam que o significante fornece um “estoque transcendente que distribui a falta a todos os elementos da cadeia, algo comum para uma comum ausência”. Ele tem por efeito sobrecodificar a cadeia territorial. Ocorre a descodificação e a conjunção de fluxos em um movimento englobante que mescla elementos, ressignificando-os em uma equivalência generalizada determinada pelo significante capitalístico. A desterritorialização generalizante dos fluxos pode ser entendida como um processo de conexão-disjunção-conjunção que abarca códigos e sobrecodificações, ligadas às estratificações e às territorialidades, bem como aos movimentos de desterritorialização e de reterritorialização de fluxos.

Nesse sentido, institui-se um significante despótico que confere ao capital uma unidade, erigindo uma transcendência, na medida em que se impõe como uma causa eficiente (divina) e exterior às relações. Ele atua como referente para o funcionamento da *lógica capitalística*, garante a produção de necessidades, fabrica e distribui faltas reproduzidas vertiginosamente numa espécie de insatisfação generalizada, ampliando o mercado com novos produtos-mercadorias estendidos a comportamentos correspondentes. Guattari (1992) menciona três pilares da subjetividade capitalística, que aparecem articulados na construção da lógica do consumo mencionada por Baudrillard: o Capital, o Significante e o Ser. Guattari afirma:

A escolha do Capital, do Significante e do Ser participa de uma mesma opção ético-política. Capital esmaga sob sua bota todos os outros modos de valorização. O Significante faz calar as virtualidades infinitas das línguas menores e das expressões parciais. O Ser é como um aprisionamento que nos torna cegos e insensíveis à riqueza e à multivalência dos Universos de valor que, entretanto, proliferam sob nossos olhos (p.42).

As diferenças, transformadas em bens distintivos, são capturadas por estratégias de poder e de mercado. A relação entre código, identidade e identificação alimenta a

subjetividade capitalística que, conforme Guattari (1986), garante sistemas de submissão: “uma produção de subjetividade que se pode encontrar em todos os níveis da produção e do consumo”. Ela atua como uma espécie de grande fábrica, uma grande máquina capitalística, produzindo “inclusive aquilo que acontece conosco quando sonhamos, quando devaneamos, quando fantasiemos, quando nos apaixonamos e assim por diante. Em todo caso, ela pretende garantir uma função hegemônica em todos os campos (p.16)”. Estas práticas penetram nos territórios, ganhando expressões políticas, sociais, financeiras, constituindo novas coerções e colocando em jogo novas regras.

Do consumo à destruição: o prazer e o prestígio.

A junção eliminação e consumo faz proliferar comportamentos demarcadores do índice de prestígio, da eficácia, da felicidade e do bem-estar, mensurando e sobrecodificando a vida pela aquisição de produtos-mercadoria, que sinalizam um mérito para viver, fixando a sua finalidade¹⁹. O *rapper* norte-americano, 50 Cent, encarna e garante a reprodução dessa subjetivação que desterritorializa o modo moderno de vida. Ele se destaca pelo sucesso de suas músicas, filmes, jogos, vídeos, livros e outros produtos que levam sua *marca*, indicando a repercussão da eliminação e do consumo nas relações capilares, transbordando os territórios e os guetos das periferias urbanas. Seu primeiro álbum intitulado *Get rich or die Tryin*²⁰ apresenta a conjunção do prestígio (demarcado pela riqueza como equivalente da vida reduzida aos bens de consumo) e da morte (resultante da eliminação). Os termos *riqueza-morte* substituem o antigo par opositivo *vida-morte*, abandonando a noção de vida como um Bem e um direito, preservados pelos preceitos disciplinares e morais. Os elementos que perpassam as inúmeras canções e diferentes obras daquele compositor são dinheiro, carros, armas, bens-distintivos (grifes e joias), drogas e mulheres. Eles sinalizam componentes de uma hierarquia de valores que vem se constituindo. Os impedimentos ao consumo justificam a eliminação de qualquer obstáculo, atingindo graus de extermínio. Esta redução da vida ao produto-mercadoria encontra-se na estrofe: “Se neguinho pisar no meu tênis *Nike Air*

¹⁹ Forrester (1997, p. 13-5) questiona a necessidade e a utilidade da vida e do trabalho para o capitalismo contemporâneo, já que a vida deixa de ser um direito para tornar-se, também, um mérito. A autora afirma que “para *merecer* viver, deve mostrar-se *útil* à sociedade, pelo menos àquela parte que a administra e a domina: a economia, mais do que nunca [é] confundida com o comércio, ou seja, a economia de mercado. *Útil* aqui significa quase sempre *rentável*, isto é, lucrativo ao lucro. Assim, indaga: “será útil viver quando não se é lucrativo ao lucro?”

²⁰ *Fique rico ou morra tentando* também foi título do filme atuado pelo músico com o tema recorrente em suas canções e livros.

Force One branco, eu o mato”. Conforme esses termos, eliminar e exterminar não remetem a qualquer forma de delito e violência, pois fogem dos significados antropocêntricos e dos valores que atribuem à vida contornos humanos.

As condutas qualificadas como violentas em decorrência do grau de agressividade tendem a ser enquadradas no conceito amarrado a um conjunto de referentes e valores modernos, caracterizando as sociedades disciplinares e investindo na reprodução do capital industrial. O adjetivo moderno, aqui, encontra-se atrelado à modernidade como um modo de civilização que, conforme Baudrillard (1982), impõe-se uno, homogêneo e com irradiação mundial a partir do ocidente. Esse modo de vida, fundamentado pela Filosofia das Luzes, estende-se por todos os domínios: jurídico-político, moral, técnico-científico, estético, social, econômico através da presença de um Estado Moderno, uma técnica moderna, uma arte moderna, costumes e ideias modernas, configurando uma categoria geral ou um imperativo cultural. Suas características baseiam-se na representação, sustentadas pelo sujeito e pela razão, estipulando os critérios e princípios de conhecimento e de determinação da verdade, a certeza assegurada pela ciência, a fé no progresso e no bem-estar social, a produtividade e a humanidade dirigidas à missão civilizatória.

Os valores modernos concebem a vida como um Bem, uma riqueza, uma propriedade (a que todos têm direito), uma política e uma moral. O par *vida-morte* supõe a morte como uma ausência (em termos naturais ou acidentais) ou como um ato criminoso (quando intencional) através do atrelamento a uma organização que faz uso da lei para preservar a vida e punir sua supressão. A Filosofia das Luzes organiza o modo de conhecer e determina os critérios que fixam a maneira de viver pautada por uma moral com condutas e valores adequados. Kant, através da representação, estabelece a forma pura como garantia da lei universal, cuja validade independe do conteúdo, uma vez que é anterior a ele. A lei moral determina uma relação de causalidade entre razão e liberdade, suportando o imperativo categórico²¹, o qual faz do dever um meio e um fim, estando o Bem²² e a liberdade condicionados à obediência da lei. Trata-se de uma obediência necessária diante da hierarquia sustentada pelo conhecimento, estabelecendo a justiça pela conformidade com a ideia. No pensamento

²¹ Marcondes (2007, p. 94) assinala o imperativo categórico de Kant: “age somente de acordo com a máxima pela qual possas, ao mesmo tempo, querer que ela se torne uma lei universal”. MARCONDES, Danilo. Textos Básicos de Ética – de Platão a Foucault. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

²² Deleuze (1983, p. 47) destaca a ideia de proporção entre felicidade e moralidade como Bem Soberano, que pressupõe o acordo entre natureza sensível e natureza suprassensível, conformando a totalidade do objeto da razão pura prática.

de Kant, um sujeito transcendental é, em condições determinadas, posto ao alcance do homem que se coloca, assim, elevado entre os seres da natureza em função da lei moral e de seus fins racionais. Nessa ordem, o estatuto humano tem maior valor e corresponde à própria vida, uma vida que passa a ser considerada patrimônio individual e coletivo. A condição humana rege as ações nas existências particulares. Estas se destinam à humanidade como uma totalidade, cuja realização histórica representa a razão absoluta, a qual equivale o racional ao real. Vaz (1992, p. 19) assinala que, para Hegel, a filosofia deve cumprir a “exigência da transcrição no conceito do tempo histórico daquele mundo de cultura que colocou a Razão no centro do seu universo simbólico”. Além de dar razão à existência, ela anuncia o “advento, na História do Ocidente, do indivíduo que aceita existir na forma da existência universal ou da existência regida pela Razão”.

O termo humanidade ganha um caráter universalizante, significando tanto a natureza racional do homem, presente no imperativo categórico de Kant, como também os princípios essenciais da espécie que transcendem os princípios individuais. Sua relação com a história determina o sentido de uma ordem universal seja como consciência, seja como estágio social, seja como evolução biológica. A trajetória da ordem moral de mundo sinaliza que, nas sociedades disciplinares (modernas), o humano e/ou a humanidade passam a ser finalidade e medida para todas as coisas. Deles, derivam as noções de justiça, em que as obrigações e os delitos são definidos com suas respectivas punições. A violência está inserida nesse tabuleiro moral quando passa a operar como signo²³. Ela é pautada pela representação, pelo sujeito e pela teleologia, aparecendo ora como delito, ora como conflito. Nos dois casos, está inserida no sentido histórico pela noção de obstáculo a um modo de civilização ou, ainda, pela concepção dialética de conflito estruturante e motor do progresso social.

A moral julga ações e intenções segundo valores transcendentais em que a felicidade corresponde ao Bem e à justiça. Em nome da lei, a moral dita o que se *deve*

²³ Numa breve revisão acerca da violência por um enfoque conceitual com um corte filosófico, foram escolhidos os textos de Walter Benjamin (1986), Hannah Arendt (2009), Georg Sorel (1993) e Michel Wieviorka (2005 e 2006). Resguardando as especificidades de suas problematizações, é possível detectar que, mesmo nas situações em que visam romper com os referentes moralizantes, as definições recorrem aos elementos do poder jurídico-político, à importância do sujeito e sua relação dialética, bem como ao sentido histórico em direção a uma finalidade. Arendt e Benjamin abordam a violência pela vizinhança com as noções de poder e direito. A relação que Sorel estabelece é com o conceito de revolução e de classe, ao passo que Wieviorka lhe dá sustentação, utilizando a concepção de sujeito (autônomo e de consciência). O tratamento atribuído ao conceito de violência faz ressoar os fundamentos do pensamento moderno ocidental com base na representação (respectivamente, política, social e/ou filosófica), manifestando um destino efetuado pela história. Nesta perspectiva, destacam-se a necessidade de avaliar ou de suprimir a violência. As análises ainda se encontram arraigadas a um viés moral que, ao rebater os mesmos termos, indica uma certa insuficiência em expressar os acontecimentos.

fazer e implementa os constrangimentos e as punições. Foucault, baseado em Nietzsche, diferencia ética de moral. A ética constitui modos de existência ou estilos de vida, que subvertem a moral e suas regras coercitivas enquanto dever, para afirmar as regras facultativas, convertidas naquilo que se *pode fazer*. Nessa relação de coerção e resistência, faz-se importante a distinção entre força e violência, a fim de separá-las dos critérios moralizantes e de apreender a diferença de sentido deste termo, quando utilizado por Nietzsche, Foucault e Deleuze. Eles conferem uma dimensão física à violência e à agressividade, produzidas por relações de forças assimétricas. A força engendra as causas, a violência diz dos efeitos. Aqui há uma diferença em relação à concepção de Foucault que separa força e corpo (objeto) para caracterizar a violência. Deleuze (1988, p. 78) aponta a diferença entre poder e violência para aquele autor. O primeiro aproxima-se da potência em Nietzsche. O poder “é uma relação de forças, ou melhor, toda relação de forças é uma relação de poder (...) a força não tem objeto, nem sujeito, a não ser força”. A segunda corresponde “à relação de forças com um ser ou um objeto. A violência afeta os corpos, objetos ou seres determinados, cuja forma ela destrói ou altera”²⁴. Não é a intensidade da força que qualifica sua distinção da violência, pois as forças compõem o movimento e a produção do mundo, acarretando mutações e criações. Isto leva a pensar que todo movimento é violento, inclusive o pensamento, já que ele provoca e é provocado por mudanças, podendo chegar ao esgotamento e à destruição de um corpo. A violência diz da mistura dos corpos, dos estados de coisas, podendo ser considerada um signo. Os signos têm “por referente misturas confusas de corpos e variações obscuras de potência, segundo uma ordem que é a do acaso ou do encontro entre corpos. Signos são efeitos”. (DELEUZE, 1997, p. 159). Os efeitos remetem aos efeitos, aos registros dos movimentos nas superfícies dos corpos, “sempre entre dois corpos”. Deleuze (p. 157) aponta que, em Espinosa, o signo tem vários sentidos. Os signos vetoriais são os *afectos*, variação contínua marcada pelo aumento ou diminuição da potência de agir. Já os signos escalares são as *afecções*, sensações ou percepções e pressupõem ideias que exprimem o estado de um corpo em um momento do tempo. Eles dividem-se em *signos indicativos*, que dizem mais do corpo *afectado* que do corpo *afectante*, caracterizando *índices sensíveis*; *signos abstrativos*, que isolam uma característica que *afecta*, transformando-se em *ícones lógicos*; *signos imperativos*, que tomam a ideia de efeito por causa, determinando um

²⁴ Esta distinção também é mencionada por Deleuze em *Conversações*, p.145.

fim que constitui os *símbolos morais*, e os *signos interpretativos* ou *hermenêuticos*, cujas percepções levam a seres suprassensíveis como causa última, recorrendo a transcendências e superstições, que configuram *ídolos metafísicos*. Os conceitos de violência, circunscritos pela ordem moral, transitam pelos signos escalares abstrativos, imperativos e interpretativos, isolando elementos em suas definições generalizantes, prescrevendo soluções e condutas normativas, bem como valorizando crenças em modelos representativos. Seus usos nas ciências sociais e humanas tendem a reforçar o enquadramento da violência nestes signos escalares, além de apresentarem um caráter universalizante que, através de inúmeros adjetivos, envolve uma extensa tipologização (violência física, simbólica, cultural, doméstica, sexual, infantil, etc.).

Nessa perspectiva, a violência mantém-se definida pelas ações que remetem aos efeitos de forças sobre os corpos, que avariam ou suprimem a vida, quando fogem das condutas prescritas pelas normas e pela lei. Sucintamente, ela corresponde à força absorvida como delito que fere a lei e a moral. Simultaneamente encodificada e justificada pela desigualdade social, ela sinaliza a exclusão de acordo com uma moral constitutiva do sujeito, enquanto indivíduo dotado de direitos e deveres. Nos discursos científicos e acadêmicos das mais variadas áreas de conhecimento, predominam esses elementos que se combinam em construções e argumentos ora mais, ora menos sofisticados. Neles, prepondera a tendência de reconhecimento e de distribuição das responsabilidades, buscando envolver toda a sociedade através da instituição do sujeito de consciência, a formulação de políticas públicas destinadas à camada da população mais desprovida, mais excluída, erigindo formalmente uma espécie de entidade divina compensatória das privações e dos sacrifícios, e a aposta na educação (formal e informal) como alternativa de apaziguamento dos conflitos pela promessa de futuro de uma vida melhor.

Essas iniciativas inibidoras dos conflitos e contrastes sociais aparecem na trajetória do *hip-hop* e na sua absorção pelos projetos pedagógicos e culturais. Fala-se em *cultura hip-hop* na perspectiva de demarcação de mais um território identitário que vem engordar a concepção de diversidade cultural baseada na representação, cujas manifestações e códigos locais envolvem vestimentas, adereços, gírias, circunscrição geográfico-espacial, gestos entre outros componentes de um repertório para reconhecimento e pertencimento a tal grupo identitário. O *hip-hop* provém do *rap*, podendo ser considerado uma derivação. A palavra *RAP* contrai os termos *rhythm and poetry* (ritmo e poesia), consistindo em uma manifestação musical surgida na Jamaica,

nos anos 60. Ela é levada para os EUA, no início da década de 70, pelos imigrantes jamaicanos que residem nos bairros pobres de Nova Iorque, sendo incorporada e impulsionada pelos jovens de origens negra e hispânica. Geralmente o *rap* é executado por uma dupla composta pelo DJ, o *disk-jockey* que realiza os efeitos sonoros e as mixagens, e pelo MC, o *mestre-de-cerimônia* responsável pelo canto das letras. O *hip-hop* consiste em uma variação que adiciona melodia ao *rap*²⁵. Tal gênero musical possui um ritmo rápido e acelerado, pouca melodia e letras de cunho narrativo com informação abundante acerca das dificuldades dos habitantes de bairros pobres dos grandes centros urbanos²⁶. Inicialmente, o movimento vem incitar uma disputa musical e/ou coreográfica para substituir as armas, a fim de diminuir os índices de violência e de criminalidade entre gangues. Nessa perspectiva, percebe ainda uma preocupação em preservar a vida e a integridade física dos habitantes do bairro.

Os movimentos de desterritorialização, que marcam uma resistência às segmentarizações e às segregações sociais, são apreendidos pelo *rap* como manifestação artístico-cultural de um território existencial. As codificações e circunscrições a um referente identitário apresentam uma pretensão libertadora, reflexiva e consciente de um grupo negro e pobre da periferia urbana estadunidense. Elas são incorporadas em iniciativas pedagogizantes que mesclam abordagens marxistas, baseadas na autonomia do sujeito de consciência social e histórica, com elementos teórico-conceituais do multiculturalismo que, a partir do relativismo e da diversidade cultural, propõem o reconhecimento e a valorização das manifestações de periferia como instrumento de inclusão social. No final da década de 80 e início dos anos 90, esta intenção pedagógica passa a ser tema de inúmeras histórias e relatos de professores que, ao enfrentarem as diferenças culturais, superam os preconceitos nas escolas de periferia. Essas narrativas converteram-se numa onda de filmes hollywoodianos engajados aos problemas sociais e econômicos das camadas da população. Essa tendência permanece frequente nas

²⁵ O termo *hip* aparece no vernáculo afro-americano desde 1898, designando algo atual, que está acontecendo no momento; e *hop* refere-se ao movimento de dança. A aplicação do termo *hip-hop* foi creditada a Keith "Cowboy" Wiggins e Grandmaster Flash, quando em 1978, Flash provocava um amigo, que ingressara no exército, proferindo as palavras *hip-hop*, *hip-hop* para descrever a cadência rítmica e corporal dos soldados. Cowboy veio utilizar o termo na classificação da cadência de atividades realizadas pelo MC no palco. O nome originalmente foi concebido como um sinal de desrespeito, mas logo identificou-se com esta nova forma de música e cultura. Conferir http://pt.wikipedia.org/wiki/Hip_hop, acessado em 16 maio 2011.

²⁶ Conforme informações disponibilizadas no *site* <http://www.suapesquisa.com/rap>, "as gírias das gangues destes bairros são muito comuns nas letras de música *rap*". Ao cenário, são acrescidas danças com movimentos rápidos e malabarismos corporais, destacando-se o *break*. O *rap* também possui uma expressão plástica formada "por um visual repleto de grafites nas paredes das grandes cidades".

propostas pedagógicas das escolas públicas brasileiras.

As práticas educativas formais e informais contam com o referencial crítico-reflexivo para dirigir suas ações. Elas se pretendem alternativas e resistentes porque humanizantes, fazendo frente aos efeitos da divisão de classes, denunciando e compensando as desigualdades socioeconômicas, com o objetivo de minimizar as diversas formas de violência, ao oferecer condições técnicas, morais e políticas (através da escolarização e do conhecimento) à vida significada em termos modernos²⁷. Trabalhos complementares e atividades culturais pertinentes aos calendários festivos das escolas preveem *obrigatoriamente* uma oficina e/ou uma apresentação de um grupo de *hip-hop* como uma ação educativa de conscientização e engajamento social em conformidade com as políticas inclusivas. Esses projetos vêm corroborar com os efeitos disciplinares que investem no reconhecimento e na normatização das novas identidades e culturas²⁸.

O pensamento moderno, segundo Foucault (1981, p. 326), institui o homem como sujeito e objeto do conhecimento, tornando-o referente. Na *epistémé* moderna, o homem ganha uma estatura de ser “cuja natureza (a que o determina, o detém, o atravessa desde o fundo dos tempos) consiste em conhecer a natureza e, por conseguinte, a si mesmo como ser natural. [Desta maneira,] o homem aparece com sua posição ambígua de objeto para um saber e de sujeito que conhece” (p.328). O conhecimento transforma-se, segmenta-se e especializa-se em disciplinas científicas que criam referentes, estabelecendo padrões ligados a um regime de verdade. O desdobramento dos padrões para as condutas estabelece a norma como um parâmetro de um estilo de vida correspondente à disciplina. Através da concepção e dos mecanismos disciplinares, a vida, correspondente ao antropocentrismo, destinada ao humano, deve ser prolongada, reabilitada, valorizada e preservada através da delimitação de medidas justas e da imposição de regras capazes de garantir sua administração. Daí, a importância da lei e do castigo, localizando responsabilidades e culpados por ferirem a condição humana com danos ao centro de organização da vida e do vivo. Tais

²⁷ Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) oficializam uma tendência pedagógica que se manifesta no universo escolar desde a década de 80. Eles normatizam os currículos em todas as áreas de conhecimento em âmbito nacional, investindo na reflexão, autonomia, consciência crítica, inclusão e participação social como pressupostos de uma boa formação do cidadão.

²⁸ O que importa aqui não é demonstrar nem elencar tais recomendações pedagógicas e escolares e seus enquadramentos disciplinares, mas marcar o processo de reterritorialização e sobrecodificação de uma manifestação que é incorporada nas estratégias de reprodução do mercado, as quais induzem a uma crença numa suposta resistência com a presença e manutenção de certos elementos ressignificados pela lógica capitalística.

mecanismos erigem e incitam práticas de normatização, definindo o normal como padrão para determinar a melhor adequação e a implementação de ações corretivas. A punição torna-se humanizada.

Essa concepção de vida moderna gera um mundo antropocentrado que faz uso do atributo humano para determinar seu valor, bem como para definir medidas e leis adequadas à sua reprodução, estabelecendo uma ordem moral de mundo. Conforme destaca Santiago (2009), a natureza é colocada a serviço do homem, instituindo a finalidade como traço moral. Tal ordem atribui às sociedades os fundamentos filosóficos centrados no Bem, nos fins (teleologia), no não-egoísmo (fraternidade), na livre vontade (liberdade). O homem é considerado livre porque dotado de razão, a qual confere condições necessárias para obediência da lei. O indivíduo pode ser julgado quando em desacordo com os preceitos morais que conformam o argumento jurídico para o castigo. Nietzsche aponta o entrelaçamento das ideias de culpa e sofrimento na esfera das obrigações legais. O sofrimento indica a compensação de uma dívida. Com isso, o que caracteriza o humano não é a atenuação do sofrimento, mas a noção de justiça que perpassa a vingança e o ressentimento, delimitando conceitos morais de culpa, consciência, dever e responsabilidade. Tal responsabilidade preconiza, segundo Nietzsche (2008, p. 48), a tarefa de tornar o homem até certo ponto necessário, uniforme, igual entre iguais, constante e, portanto, confiável. Dessa maneira, o homem *livre* tem, na posse da vontade, a sua medida de valor, a qual atua como parâmetro para ele honrar ou desprezar os demais. O autor (p. 50) sinaliza a articulação entre responsabilidade e consciência: “O orgulhoso conhecimento do privilégio extraordinário da *responsabilidade*, a consciência desta rara liberdade, desse poder sobre si mesmo e sobre o destino, desceu nele [no homem] até a sua mais íntima profundidade e tornou-se instinto [que] este homem soberano o chama de sua *consciência*...” A instituição da lei, como oposto do que deseja a vingança, confere uma avaliação e um caráter impessoal ao ato, discernindo o justo do injusto e atribuindo um castigo apropriado ao dano. Nietzsche frisa o quanto esta ordem, com sua dimensão moralizante operada por um antropocentrismo imposto ao mundo, consiste em uma ilusão.

Foucault (1996) considera a disciplina um dispositivo, cuja economia, arte de distribuição espaço-temporal e energética, garante a produção de indivíduos pela normatização e pela normalização das práticas orientadas para a produção fabril. A disciplina “não é mais simplesmente uma arte de repartir os corpos, de extrair e acumular o tempo deles, mas compor forças para obter um aparelho eficiente (p. 147)”.

Ela é imanente ao capitalismo e à modernidade. A moral moderna é indissociável do poder e da verdade fixados pela ciência. Traços destacados da moral moderna, a qual organiza uma dimensão orgânica, energética e antropocêntrica da vida, indicam uma ruptura com a disciplina (compreendida em um diagrama cartografado por Foucault). Nesse movimento, a disciplina desterritorializa-se em desempenho, e os referentes morais têm as funções normalizadoras com suas regras coercitivas enfraquecidas. No domínio pedagógico, esse percurso é reproduzido quando os territórios identitários, eleitos pela escola como instrumentos de conscientização e de disciplinarização, são absorvidos pelo mercado e transformados em um novo produto.

O *hip-hop* transformou-se em um modelo alternativo de ação pedagógica que se generalizou em um engajamento, em um alinhamento às macrovisões. Nas relações escolares, as oficinas e as atividades culturais padronizadas retiram a potência afirmativa por reforçarem a reprodução de mais um modelo em um repertório predefinido pelo corpo pedagógico. Entretanto, nas ocasiões festivas efetuadas nas escolas, há atividades que se desdobram em ações transformadoras, no momento em que escapam dos registros (preconceituosos) e dos padrões identificáveis, os quais reforçam ícones e manifestações de periferia considerados *autenticamente* populares, transversalizando diferentes modos de expressão.

Na década de 80, há sinais de que o *rap* começa a perder o caráter de protesto social. Além de sofrer misturas com outros estilos musicais, surge o *gangsta rap* que enfatiza a violência das ruas e dos guetos em suas letras, reforçando a importância de aquisição de determinados bens como demarcação de prestígio e de poder. 50 Cent enquadra-se nesta tendência, apresentando-se como um *gangsta* na introdução da música *Hustler's ambition* (Ambição de trapaceiro). O termo *hustler* pode ser traduzido por vigarista, trapaceiro, desonesto, aquele que se aproveita dos outros. Ao observar as imagens do videoclipe da música, pode-se perceber uma certa valorização dessa figura numa aproximação ao termo *descolado*, despachado, *esperto*, aquele que se dá bem. Ele sinaliza a inclinação que o movimento *rap* toma em direção à desterritorialização da violência em eliminação. Nessa tendência, o novo par *riqueza-morte*, cantado por 50 Cent, indica o abandono dos valores morais, dissociando a eliminação e a extinção da vida de qualquer forma de violência vinculada à culpa, à justiça, à punição. Os atos extremos atrelam-se à aquisição de bens distintivos e a uma nova escala de valores em jogo, desterritorializados e descodificados da dimensão moral e humana, em que um

tênis de grife possui valor superior e justifica a morte daquele que o suja²⁹.

A trajetória de absorção do movimento *rap* pelas estratégias de subjetivação para o mercado pode ser acompanhada pelo percurso deste *rapper*, exaltado como exemplo de superação das dificuldades, especialmente de classe e de raça, tornando-se modelo de sucesso ao sair do gueto e do tráfico³⁰. Curtis James Jackson III nasceu e cresceu no Brooklyn, bairro pobre da cidade de Nova Iorque e berço do *hip-hop*. Sua biografia inspira suas músicas, letras, vídeos, filmes, shows, livros, jogos, fazendo reverberar um estilo³¹ reconhecido e vendido como padrão de conduta. O músico possibilita detectar a atualização da subjetividade dominante, indicando valores e condutas fomentadas e destacadas como ousadas por garantirem a expansão de novas mercadorias e acompanharem a transformação do capital. Aos 12 anos, o garoto começou a traficar drogas (cocaína, heroína e *crack*). Sua prisão ocorreu aos 17 anos devido à venda de drogas e ao porte de arma. Após cumprir pena de seis meses, iniciou sua carreira como *rapper* e escolheu o nome 50 Cent em homenagem a um assaltante de seu bairro. Conforme a justificativa de sua escolha, percebe-se a inserção no tráfico como adoção de uma conduta que garante a qualquer preço a aquisição de bens distintivos: “Sou o mesmo tipo de pessoa que 50 Cent foi. Eu providencio para mim tudo o que necessito”. As necessidades aqui são da ordem do consumo, visto que em outra afirmação o *rapper* reconhece que a família dos avós “fez o que pode para me manter numa casa boa, mas mesmo assim, não parecia ser o meu lugar”. O depoimento, gravado no *making off* do filme semibiográfico, coincide com a imagem de um tênis sujo e velho. Na sequência, um menino olha a vitrine que contém, em primeiro plano, um tênis de grife. O texto que acompanha a cena contém uma explicação socialmente aceita, ligando ausência familiar à carência material: “as crianças que tinham pais em casa, tinham bem mais”. Entretanto, a explicação desencontra-se da informação acerca da qualidade da vida doméstica mencionada anteriormente. Reforçando a reprodução da *lógica do consumo*, 50 Cent completa: “fui procurar pessoas que pareciam levar numa boa”. A fala é

²⁹ Se tomada como metáfora, a ação *pisar no tênis* pode sugerir algo como *pisar na bola*, vacilar, motivando a morte de quem vacila porque não executa as ordens e recua diante da eliminação. Quando considerada literalmente, esta expressão aponta para os motivos e pretextos de brigas entre gangues rivais. Nos dois casos, a eliminação e o extermínio regem as ações.

³⁰ Este enfoque é narrado no filme intitulado *Get rich or die Tryin'* dirigido pelo cineasta irlandês Jim Sheridan.

³¹ O estilo enquadrado em um padrão de identidade utiliza critério de distinção em relação aos demais territórios identitários num vetor de diversificação do mercado. Ele opera pela semelhança, a fim de estimular a reprodução da subjetividade dominante em comportamentos e produtos serializados. O estilo concebido por Deleuze, Guattari e Foucault parte da noção de Nietzsche, dizendo de um modo de existência que afirma a singularidade e a diferença.

ilustrada por uma cena de tráfico de rua.

A necessidade gerada pelo consumo ativa o desejo psicanalítico entendido como falta. Sua satisfação nunca é suficiente, uma vez que a lógica do consumo projeta o desejo para uma nova necessidade fabricada em produtos personalizados, alimentando a expansão e a diversificação dos objetos-signos-mercadorias. Desse modo, o desejo psicanalítico fomenta a reprodução do consumo, seja pela projeção e diversificação de identidades-mercadorias, seja pela satisfação inacabada que aposta num movimento vertiginoso do ato de consumir e na expansão do capital através da contínua e desenfreada substituição de produtos e de comportamentos reproduzidos em série. A incitação ao consumo, ligada à efemeridade do produto e à projeção do desejo, tende a equivaler a substituição contínua ao prazer. Essa equivalência dilui o sentimento de culpa pelo desperdício ou qualquer postura altruísta articulada à noção de justiça e de equidade social.

Um novo comportamento é gerado através da satisfação pelo consumo dos objetos, instituindo um novo dever baseado na compra e no crédito. Há uma dissociação entre dívida e culpa lançada pela prática do homem endividado como padrão social. Essa prática investe nas ações de *saber gastar*, consistindo numa operação de expansão do lucro. O ato de consumir começa a delinear a valorização das condutas relacionadas à eliminação. Baudrillard também menciona a mudança de sentido da violência, a qual é tornada espetáculo, afirmando a obsessão pela segurança e pelo bem-estar³². A espetacularização da violência, propagada pelos meios de comunicação de massa, torna-se componente desse processo de subjetivação. A condição de espetáculo, além de conter uma contrapartida, configurada em ilusão pacificada, converte-se em violência-mercadoria, apresentando uma variada gama de produtos: da fabricação de objetos destinados à segurança (que incluem serviços de proteção e de especialistas para erradicação da violência) a conteúdos de atrativos lúdicos transformados em produtos-mercadoria (em temas de filmes, *clips*, músicas e jogos) os quais associam violência e eliminação a atividades caracterizadas pela emoção, pela aventura, pelo risco, pelo prazer e pela satisfação. Pode-se perceber, com as observações do autor, que a violência desterritorializa-se da noção moral moderna para impor-se como um negócio lucrativo e um exercício do consumo. Consumo, que fomenta a rapidez das substituições e a

³²Baudrillard (1970, p. 297) destaca a ressignificação da violência ao afirmar que “a violência espetacular e a pacificação da vida cotidiana são homogêneas entre si porque são igualmente abstratas e vivem ambas de mitos e de sinais. Poder-se-ia dizer ainda que a violência dos nossos dias é inoculada na vida cotidiana em doses homeopáticas para conjurar o espectro da fragilidade real desta vida pacificada”.

efemeridade das novidades, incita ações de gastar e destruir vinculadas a um sentimento de satisfação. Essas ações atravessam o cotidiano com práticas que objetivam um melhor desempenho, uma maior eficácia no sentido econômico proposto por Foucault³³. A liquidação da vida corresponde a uma conduta corriqueira fortalecida pelo consumo como um dos pilares de reprodução do capital.

O relato do músico para justificar o ingresso no tráfico contém uma certa insuficiência depositada nas explicações sociológicas e psicanalíticas que tendem à vitimização, conectando desigualdade social, carência de autoridade e de lei a condutas transgressoras. As experiências em escola de periferia mostram que nem sempre são os meninos mais carentes de famílias mais desprovidas aqueles cooptados pelo universo da droga. O retorno financeiro do tráfico para esses meninos não se destina a suprir as necessidades básicas de seu núcleo familiar, mas dar acesso aos bens de consumo que exigem maior poder aquisitivo, sinalizando distinção. Esse apelo é constante na ética-estética do universo da droga e do tráfico que lança a expectativa de uma carreira promissora, em que somente *os bons* atingem poder e prestígio. Um jogo de eliminação em que a maioria dos adolescentes é exterminada. A efemeridade da vida vale o risco para obtenção de bens distintivos. Garotos morrem por superfaturar com as vendas, enganar traficantes, deixar de efetuar pagamentos conforme os cálculos e prazos, manifestar traços de liderança e concorrência ou, ainda, por se tornarem onerosos ao próprio tráfico em decorrência do consumo, sendo assim descartados³⁴.

A letra da música *Hustler's ambition* apresenta alguns desses elementos de valorização da eliminação disparada pelo consumo:

Os americanos têm uma coisa com essa porra de *gangsta*, eles me amam. Botas pretas, gorros pretos e jaquetas de couro, vou rimando [...] tem fita preta na coronha do 38 [...] olhe para mim, esta é a vida que escolhi. Manos me cerca, tão frios, cara, meu coração congelou. Construí um império na moita. A polícia não sabe. Sou o cara do tempo, pego folha de coca e faço virar neve. Sento, espero virar droga. Vejo sair pela porta, grama após grama, sabe malandro, tô viajando grande. Manos no esquema, um tesão pela boa vida. Viciados só querem vício, escondo minha arma na boa para que você não veja [...] quero o melhor na minha vida. Assim, me viro. Mano, se atravessar na frente enquanto

³³ Foucault, em *Vigiar e punir*, aponta o caráter econômico da disciplina que não se restringe à esfera monetária, mas envolve toda a articulação de gestos, condutas, técnicas, medidas e poderes que docilizam os corpos e organizam a vida, extraindo dela uma maior produtividade.

³⁴ Nos bastidores de uma entrevista, um jornalista revela que a *cracklândia* em São Paulo é uma espécie de depósito de material descartado, de usuários e traficantes dependentes da droga que não são mais lucrativos ao tráfico. Eles são devolvidos à sociedade para que ela se encarregue da solução (prisão, recuperação via internação ou morte), ocupando essa zona urbana limitada, sob condição de extermínio nos casos de retorno aos pontos de origem. A *cracklândia* converte-se em uma espécie de campo de concentração com fronteiras determinadas pelos traficantes.

eu faço a minha, eu te apago. Não interessa quem é sua gangue ou de onde você vem [...] A ambição de quem se vira. Feche os olhos e veja a minha visão. Mosseberg pipocando, espingarda atirando. Nada de drama, faz parte do jogo. Me pegue no cupê, queimando o chão. Nas joalherias com correntes, evolui do 30Bs para um VS limpo. Pedras que roubei dos lucros do lugar. Tenho energia para vencer, estou cheio de adrenalina [...] As balas me derrubaram, mas estou de volta à ativa. Pó cristal no liquidificador, faço vitamina de proteína [...] Os federais me vigiam. Não podem me parar [...] Quero o melhor na minha vida. Assim, me viro. Mano, se atravessar na frente enquanto eu faço a minha, eu te apago. Não interessa quem é sua gangue ou de onde você vem.

Em outra canção intitulada *Window shopper* (Vitrine), os mesmos elementos reaparecem, reforçando a importância do bem distintivo como resultado de uma conduta a ser aderida:

É muito melhor estar por cima do que por baixo. Muito melhor. Você só olha vitrines com raiva de mim [...] você só olha a vitrine da joalheria, das coisas que não pode comprar. [...] Você só olha vitrines e fica uma fera, quando me vê passar. É verão, passeio no meu porsche Carrera branco. Estou trabalhando, faturado alto, não vacilo. [...] Eu não saio sem minha arma. Eles sabem que não tolero desaforo. Se tentarem se engraçar, eu descarrego o pente. Não tenho culpa se você é um vacilão. No jogo da vida, quem disse que você se daria bem? [...]

O primeiro disco (cd) de 50 Cent foi censurado em decorrência do seu conteúdo. Tudo indica que ele seguiu traficando. Aos 23 anos, foi baleado e se recuperou de nove tiros sem sequelas físicas. Esse evento foi transformado em produto-mercadoria, servindo de tema e de publicidade para seu álbum *Get rich ou die Tryin'*, transformando-se em filme, o qual lança 50 Cent na indústria cinematográfica, bem como sustenta o enredo do videogame *Bulletproof* (À prova de bala). 50 Cent é considerado o terceiro *rapper* mais rico do mundo e destacado como o sexto artista mais bem sucedido na primeira década do século XXI. O álbum *Get rich ou die Tryin'* estreou na primeira posição do *ranking* publicado pela revista *Billboard*, vendendo 872 mil cópias nos quatro primeiros dias. A principal e primeira canção desse álbum, intitulada *In da club* (No clube), quebrou o recorde de canção mais escutada em apenas uma semana de acordo com a referida revista. O segundo álbum, lançado em 2005 e intitulado *The Massacre* (O massacre), vendeu 1,14 milhões de cópias em quatro dias, ficando na primeira posição da *Billboard* por seis semanas. 50 Cent tornou-se o primeiro artista a ter três canções (*Candy shop*, *Disco inferno* e *How we do*) entre as cinco mais tocadas numa mesma semana³⁵. Essas informações norteiam a extensão do público atingido, reverberando o estilo de vida incorporado pelo *rapper*, bem como a

³⁵ Dados fornecidos pela Wikipédia com o título *50 Cent*.

sua conversão em cifras monetárias, reconhecendo-o, posteriormente, como um empresário de sucesso pela revista *Forbes*³⁶. De fato, trata-se da fabricação de uma conduta que satisfaz as exigências do capital num prolongamento do tráfico à empresa³⁷.

A fórmula de 50 Cent casa com a lógica do consumo. Ele não apenas se transforma em produto-mercadoria, mas em *copyright*³⁸ de diversos produtos, assinando o tênis *G-Unit Sneakers*, comercializado pela sua companhia em parceria com a *Reebok*, os videogames *50 Cent: Bulletproof* e *Blood on the sand*, fornecidos para a *Playstation*, a bebida energética *Formule 50* da empresa *Glacéau* (comprada pela Coca-cola), o perfume *Pure 50 RGX Body Spray* e preservativo *Magic Stick Condom*. Esses produtos estão intimamente ligados às ações e aos objetos destacados em suas músicas e vídeos. O tratamento visual dado ao consumo de armas, carros, joias, drogas e mulheres (os elementos exaustivos nas letras), que associa a eliminação ao extermínio, é mais sutil na produção dos videoclipes. Eles provocam fascínio entre os garotos pelo forte apelo sexual com a presença de mulheres bonitas, esculturais e seminuas, indicando a condição de *stripper* ou de prostituta. Segundo o músico, são *as vadias*. Um forte teor misógino consta em todas as suas músicas. No filme, há um diálogo que equivale a mulher à droga. Durante as instruções para refinar e avaliar se a droga é boa, o traficante afirma categoricamente: “Mulher é como droga. Se você não der uns tapas nela, ela derruba você”. As mulheres são adquiridas e consumidas como doses. Basta pagar para obter prazer. Um outro objeto atrativo para os meninos são os carros, sua potência, as marcas de luxo, os adereços personalizados. Tanto nas letras, quanto nos vídeos, carros e mulheres são enfatizados. O corpo musculoso e tatuado do *rapper* também é explorado em vídeos e em suas fotografias. Inúmeras são as tomadas de cena em que ele realiza exercícios físicos, treina boxe, levanta peso. Essas tomadas pretendem enaltecer sua superioridade, determinada pela recuperação dos nove tiros, e seu preparo resultante

³⁶ *Forbes* é uma revista de economia e finanças norte-americana, fundada em 1917 por B. C. Forbes. Seus principais concorrentes em nível nacional são as revistas *Fortune* e a *BusinessWeek*. A *Forbes* é mais conhecida por suas listas, como a lista das pessoas mais ricas do mundo.

³⁷ As linhas que percorrem estas duas empresas serão trabalhadas no corte “Eliminação e controle”.

³⁸ O *copyright* constitui em registro de direitos exclusivos para uso, reprodução e venda de determinado produto por determinada empresa detentora da *marca*. Este recurso, baseado no poder jurídico-político, conjuga empresa e Estado para assegurar a proteção e a punição dos danos causados pela diminuição dos lucros decorrentes da entrada de produtos similares com valores inferiores ao *original* no mercado. As controvérsias jurídicas acerca dos direitos autorais oscilam entre o autêntico direito de propriedade e o direito de personalidade. Geralmente, as ações conciliatórias mesclam as duas concepções. A reprodução é considerada crime, quando não há autorização total ou parcial do titular, do detentor dos direitos sobre uma obra ou produto. Este ato denomina-se juridicamente de contrafação.

da prática de atividade física exigida na prisão. No *clip* da música *In da club*, ele é comparado a um ciborgue, visto que sua força extrapola a de um homem comum.

O boxe está frequentemente vinculado à sua vida e ao universo *rap*. 50 Cent exalta-se como um lutador, pois, além de ter praticado o esporte e competido na qualidade de pugilista amador quando menino, relata: “Eu era competitivo no ringue, e o *hip-hop* também é competitivo demais. Acho que os *rappers* em si têm um pouco de boxeadores, pois todos querem sentir como é ser campeão³⁹”. No vídeo da música *How we do* (como nós fazemos), essa conjugação é feita pela sequência de imagens entre o saco de areia, usado pelo boxeador no treino, e o microfone, utilizado pelo cantor no estúdio. Em outra canção, denominada *Crack a bottle (final)*, a vinculação do boxe ao tráfico e ao crime é fixada. O título, literalmente traduzido por *quebrar a garrafa*, pode conter um outro significado: *quebrar, estalar a pedra, o cristal*, já que quando aquecida para o consumo, a pedra do *crack* faz um estalido. A letra da música reforça a sugestão do *crack* como droga do extermínio: “senhoras e senhores, o momento que todos esperavam. Deste lado, pesando 80 quilos, com a marca de 17 estupros, 400 assaltos e 4 assassinatos, sem disputas, o mais diabólico vilão no mundo”. Curiosamente, não há disputas porque não há concorrência, os oponentes já foram exterminados.

O consumo de drogas engendra movimentos de desterritorialização e de estratificação que demarcam dimensões éticas e estéticas consolidadas nas máquinas sociais. A embriaguez e o delírio, provocados pelo álcool, haxixe, maconha, ópio, predominam nos grupos que apostam nas construções utópicas presentes do romantismo (no século XVIII) até o movimento hippie (no final dos anos 70 do século XX). A aceleração do metabolismo provocada pela cocaína liga-se ao desempenho, ganhando projeção entre os *yuppies*, jovens empresários bem-sucedidos da década de 80. A cocaína tem circulação entre atores, atletas, celebridades, figurando uma certa euforia de ambientes requintados, cujos usuários possuem maior poder aquisitivo. Ela é considerada a *droga da velocidade*, da estimulação para as atividades por *deixar ligado*. Já o *crack* consiste na droga do extermínio, pois foi a única inventada pelos traficantes como uma maneira de aumentar seus lucros. Ele provém dos resíduos desprezados no refinamento da cocaína, apresentando alto índice de dependência e destruição.

As armas correspondem ao principal ícone de poder porque é instrumento para obtenção do que se quer através da eliminação modulada em extermínio. Nos vídeos, as

³⁹ Entrevista realizada na MTV, *All Eyes on 50 Cent: The Sequel* (Todos os Olhos em 50 Cent: a sequência), em 25 de fevereiro de 2005. Cf. Wikipédia, 50 Cent.

armas são sugeridas com gestos das mãos ou com objetos desfocados. Nas letras, elas aparecem constantemente, ressaltando os inúmeros modelos e o sucesso pelo seu uso, avizinhandose aos carros. Em cinco canções são mencionados o revólver 38, as espingardas, a pistola Magnum 357 e Magnum 45, a Beretta, *Mosseberg* (Mossberg Inc.) e *Hecklarkoch* (Hecklee & Koch). Entre os carros e adereços citados nessas mesmas canções, estão Mercedes Benz, Cupê, *30Bs* (empilhadeiras Ruston Bucyrus), *VS*, Porsche, Impala 64, Cadillac Escalade, Testarossa [Ferrari], Bentley, rodas Dayton e portas da Lamborghini⁴⁰.

A carreira de 50 Cent vem assinada por dois DJs reconhecidos no mundo da música, Eminem e Dr. Dre, personalidades destacadas em suas letras. O funcionamento é similar ao lançamento de qualquer produto novo no mercado, o qual é assinado por alguma celebridade ou carrega uma marca como garantia da qualidade do objeto adquirido. Esse signo de credibilidade determina o valor de troca que se sobrepõe aos atributos constitutivos da *coisa, personaliza a mercadoria*, caracterizando um novo estilo reduzido a um padrão. 50 Cent surge no universo da música avalizado e segue este movimento, tornando-se *assinatura* para outros objetos-mercadorias.

Para Deleuze e Guattari (1997, p. 123), a assinatura tem um sentido distinto da referência ao sujeito e à personalidade. Ela envolve qualidades expressivas ou matérias de expressão, desenhando um território que pertencerá ao sujeito por trazê-las consigo ou produzi-las. Essas qualidades são “assinaturas, mas a assinatura, o nome próprio, não é a marca constituída do sujeito, é a marca constituinte de um domínio, de uma morada. A assinatura não é a indicação de uma pessoa, é a formação aleatória de um domínio”. Deleuze (1998, p. 14) afirma que os nomes próprios são indicadores ou designantes de importância especial porque “são os únicos a formar singularidades propriamente materiais”. Já no *Pensamento nômade*, o autor (2006) destaca a relação do nome próprio com as intensidades e os estados vividos, afirmando que os estados vividos não podem ser traduzidos em representações, nem passam pelos códigos da lei, do contrato ou da instituição. Esse traço indica a impossibilidade de convertê-los em moeda. Os fluxos, as intensidades passam pelo estado vivido, sendo que

O estado vivido não é algo subjetivo [...] Não é algo individual. É o fluxo, e o corte do fluxo, já que cada intensidade está em relação com uma outra de tal

⁴⁰ As alterações gráficas, que constam nas letras das músicas, remetem à maneira de pronunciar as marcas dessas armas. O *30Bs*, no *clip*, coincide com um carro velho, em que os componentes da gangue empilham-se para entrar. O *Vs* refere-se a Mercedes 500s que o músico menciona no depoimento do *making-off* de seu primeiro filme.

modo que alguma coisa passe. É o que está sob os códigos, o que lhes escapa, e o que os códigos querem traduzir, converter, transformar em moeda (p. 324).

A intensidade e os nomes próprios são incompatíveis com as representações de coisas, de pessoas ou de palavras por escaparem aos significantes e aos significados. Os nomes próprios são designações de intensidade em um corpo. Deleuze prossegue:

Há uma espécie de nomadismo, de deslocamento perpétuo de intensidades designadas por nomes próprios, e que penetram umas nas outras ao mesmo tempo em que são vividas sobre um corpo pleno. A intensidade só pode ser vivida em relação com sua inscrição móvel sobre um corpo, e com a exterioridade movente de um nome próprio[...] (p.325).

A conversão do nome próprio em marca registrada assinala a captura de uma singularidade do território *rap*, absorvida em um padrão que sobrecodifica o *rapper* em produtos e em moeda. 50 Cent estende esse mecanismo empresarial, valendo-se da representação sob código da lei para vencer processos indenizatórios milionários por uso indevido de seu nome ou por alusão a ele em produtos sem sua participação nos lucros.

Essa necessidade de avalista para as práticas que envolvem o consumo reproduz o universo do crédito individual, potencializando o poder de compra. A disponibilidade dos cartões de crédito dispara tal poder. Ocorre uma desterritorialização dos fluxos do dinheiro como meios de pagamento, cuja forma monetária determina uma finitude da dívida diante de financiamentos pré-fixados. A capilarização da moeda de crédito reterritorializa-se em fluxos de compra e venda, assegurados pelos cartões que, ao mesmo tempo, conferem um caráter contínuo e ilimitado à dívida, instaurando um sobreproduto. O crédito pessoal, pulverizado em fluxos de serviços (financeiros e comerciais), também é um produto-mercadoria, visto que está condicionado à aquisição do cartão. O uso disseminado de cartões de crédito incita a dívida como uma nova conduta a ser adotada no universo do consumo⁴¹. O desejo psicanalítico, atrelado à personalização do objeto a ser consumido, projeta a necessidade em uma satisfação inacabada, alimentando um movimento vertiginoso de substituição de mercadorias e de ampliação do lucro. Baudrillard anuncia o rompimento do limite da ética protestante, com sua norma econômica baseada na contenção, quando da instauração da ordem do

⁴¹ O cartão de crédito é utilizado como meio de pagamento eletrônico que assegura a compra de um bem ou a contratação de um serviço. Ele consiste em um produto adquirido mediante pagamento de taxas, juros e anuidades que avalizam o consumidor no momento da compra, fornecendo a garantia de pagamento ao vendedor. Ambos pagam taxas por este serviço. O usuário do cartão recebe uma fatura mensal, podendo pagá-la integral ou parcialmente. O pagamento condiciona a liberação do limite do crédito disponível para o cliente.

consumo, a qual investe na dívida prorrogada em aquisições constantes com base na descartabilidade e na eliminação como um novo constrangimento moral.

A ilimitação da dívida decorre de seu parcelamento e de sua ampliação em novas compras diante da antecipação do pagamento de produtos e serviços. Os limites são negociáveis ou condicionados automaticamente à pontualidade do pagamento das faturas. A *liberação* e ampliação dos limites é um procedimento que independe da autorização do cliente, estimulando endividamento revertido em maior movimentação financeira, ampliação e diversificação de mercadorias. Outro aspecto acoplado ao uso do cartão de crédito é a *fidelização*, que transforma o volume de compras e gastos em pontos a serem utilizados na aquisição de produtos e serviços de uma rede de estabelecimentos credenciada⁴². Os beneficiários são aqueles clientes que gastam muito. Essa espécie de premiação incita o aumento do contínuo consumo e a prorrogação da dívida. O dinheiro devém em cartão de crédito, indicando a atualização do capitalismo através de fluxos monetários articulados ao capital de aliança (capital comercial e capital financeiro).

Deleuze e Guattari (2010, p. 302) destacam que a máquina capitalista emerge quando o capital de aliança devém capital filiativo, consistindo em capital industrial. Nele, o dinheiro engendra dinheiro, e o valor engendra mais-valia, determinando as condições de instauração do capitalismo como *socius*, funcionando como “uma quase-causa que se apropria de todas as forças produtivas”, ao conjugar fluxos. Os autores salientam o capital como o verdadeiro consumidor, ao dissociar o produtor do produto, tornando-se uma quase-causa da produção e das forças produtivas, que conjuga dois componentes de séries distintas: fluxo de produtores e fluxos de dinheiro.

Os meios de pagamento compreendem a gestão da moeda definida pela moeda de troca. Na relação da moeda com os bens, o poder de compra é delimitado pela sua distribuição aos trabalhadores ou aos fatores de produção, pela sua repartição em rendas e pela sua conversão em bens reais. A estrutura de financiamento dirige-se à acumulação capitalista vinculada à moeda de crédito. Nela, o fluxo de poder não está atribuído à renda e não é destinado às compras, consistindo numa espécie de disponibilidade pura.

⁴² A pontuação dos cartões passa pelos serviços bancários associados às empresas (bandeiras dos cartões de crédito). O comercial do banco Bradesco, de 2001, já anuncia a vinculação dos pontos no jogo da vida, em que os usuários desses serviços tornam-se vencedores. Conforme texto retirado de cópia VHS desse comercial exibido na televisão: “**No jogo da vida**, quando você diz “bom dia”, **você marca um ponto**. Um “obrigado” com um sorriso vale mais um ponto. Dizer “até logo” vale mais um. Um “volte sempre” vale dois pontos. Um “seja feliz” sincero, cinco. É a **soma desses pontos** que determina se você vai ser **realmente um vencedor**. O Bradesco deseja que, em 2002, você **faça muitos pontos**” [Grifos meus].

O deslocamento para ampliação, que atualiza o capital, dissocia o consumo dos meios de pagamento, investindo numa nova conjugação ao financiamento, viabilizada pelas máquinas técnicas que fazem uso do domínio da informação e da moeda eletrônica para estender e fixar o crédito em novos regimes. O poder de consumo desvincula-se dos bens para ligar-se aos dados.

A relação diferencial entre rendimento e financiamento, observada por Deleuze e Guattari, mantém-se também na escala microfísica. A discrepância entre os valores da empresa (fluxos de produção) e da força de trabalho (fluxos de trabalho) pertinentes ao capital filiativo é remanejada pela conjugação do capital de aliança através da articulação consumo e crédito. O rendimento permanece limitado, ao passo que o financiamento transforma-se em dívida ilimitada, porque realimentada em serviços, parcelas, compras e taxas. A dívida potencializada pelo consumo canaliza um investimento de interesse que atravessa e produz as máquinas desejantes (moleculares). O rendimento passa a consistir em um dos dados computados no conjunto de critérios que disponibilizam o financiamento sob a forma de cartão de crédito. O acoplamento aos recursos tecnológicos e digitais leva à sua mutação em dados, cotações e senhas, estabelecendo um novo poder de compra baseado na movimentação da informação. As empresas de crédito garantem a pulverização do financiamento em dimensões capilares, tornando-se fiadores dos investimentos particulares, segundos *perfis* fornecidos pelas máquinas comunicacionais, administrativas e informatizadas. O cartão de crédito, ao ser tomado como agenciamento maquínico e de enunciação, engendra diferentes máquinas, extrai componentes de estratos diversos e atravessa territórios na constituição de um mecanismo bancário operacionalizado pelo processamento dos dados. Os cartões de crédito intensificam o consumo como máquina subjetivante que canaliza os investimentos molares atualizados.

O capital de aliança mantém uma relação com a produção não capitalista⁴³, erigindo uma superfície de inscrição sobrecodificada pelo domínio das quantias, pela abstração. A abstração garante a independência da qualidade dos termos e da quantidade de relações, possibilitando o equívoco generalizado. A moeda atua como significante, estabelecendo quantidade e medida para as quantias e para as ações particulares. O capital de aliança, através da relação com a produção não capitalista, escoia a expansão

⁴³ As transações financeiras e a circulação monetária são anteriores à instauração do capitalismo em corpo pleno, em superfície de registro do *socius*. O que caracteriza a *essência* da máquina capitalista é a produção industrial demarcada pelo capital filiativo.

do capitalismo para além dos limites instituídos pela produção industrial. O cartão de crédito assinala as mutações provocadas pelo capital de aliança, situando consumo e a empresa nos deslocamentos que atualizam o capitalismo. As empresas de cartões de crédito que mais se destacam são *Visa, Mastercard e American Express*⁴⁴.

O cartão de crédito também funciona como ícone. Cabe salientar, a reprodução de uma conduta sustentada pela transformação do próprio cartão de crédito em produto-mercadoria, em bem distintivo, sinaliza o prestígio de usuário⁴⁵. Os critérios de cores ou referência a metais valiosos (cartões simples contêm a cor padrão do banco utilizado; cartões prata, ouro, platina, titânio distinguem clientes preferenciais conforme volume de movimentação e pontuação atingida) mensuram e fixam uma hierarquia de consumo. No filme *Up in the air*, traduzido por *Amor sem Escalas*, dirigido por Jason Reitman, Ryan, a personagem principal, apaixona-se por Alex. Quando se conhecem, eles apresentam seus cartões (crédito, hotéis, locadoras de carro, etc.) como codificadores de prestígio. O casal compara e pesa seus cartões, os quais distinguem clientes especiais, sinalizam fidelidade, bem como abrem caminhos e indicam projeções. Ryan tem um cartão grafite, significando alguém especial. Durante o filme, as personagens usam os cartões em diferentes circunstâncias para abrir portas e janelas (inclusive da escola, onde o protagonista da história estudou). O cartão, além de equivaler à moeda, funciona como um código de acesso, ampliando oportunidades, facilitando o uso de serviços em

⁴⁴ Essas empresas caracterizam-se como um empreendimento conjunto (*joint aventure*) que difere das sociedades comerciais. A associação de empresas pode ou não ser definitiva. Nessa associação, as empresas envolvidas mantêm sua personalidade jurídica, explorando determinados negócios a partir de um projeto único com duração pré-determinada, sendo dissolvida automaticamente após sua conclusão. Tais empresas de capital aberto são responsáveis pelas principais transações no mundo, envolvendo milhares de instituições financeiras e estabelecimentos comerciais, movimentando trilhões de dólares. Conforme levantamento de Coelho (2007), realizado em 2006, a *Visa* encontra-se associada a mais de 13 mil instituições financeiras no mundo, as quais se tornam responsáveis pela emissão de cartões com sua bandeira. Nesse mesmo ano, 1,6 bilhão de cartões em circulação são aceitos em mais de 24 milhões de estabelecimentos em mais de 170 países. O volume de transações gerado pelos cartões de crédito desta empresa atingiu 4,6 trilhões de dólares americanos. A *Mastercard* possui mais de 25 mil parceiros emissores no mundo, contando com cerca de 820 milhões de cartões em circulação, envolvendo 25 milhões de estabelecimentos comerciais em mais de 210 países e territórios. Suas transações, no mesmo ano, alcançam aproximadamente 2 trilhões de dólares americanos. A *American Express* possui cerca de 57 milhões de cartões circulando em mais de 200 países, gerando cerca de 150 bilhões de dólares americanos em transações.

⁴⁵ Em um comercial do banco Bradesco, ocorre a vinculação do usuário do cartão à condição de celebridade, que recebe tratamento VIP em qualquer circunstância. Segue o texto extraído de vídeo divulgado na *internet* pelo *site* <http://www.com.wacht?V=idz1V6YFxFxGo> com acesso em 13 janeiro 2012. Nele, os atores Alexandre Borges e Aline Moraes apresentam as vantagens do cartão, enquanto Marcelo Adnet questiona a larga concessão : “O **cartão de crédito** Bradesco vem cheio de vantagens para você aproveitar os maiores e melhores espetáculos. O cliente com cartão Bradesco tem **tratamento VIP**. Descontos, ingressos, vendas parceladas, vendas antecipadas e, tudo isso, junto. Gente. Para. Sinceramente, né? Não gostou? Não, a gente dá duro a vida inteira para **virar celebridade**, para **ter privilégio de gente famosa**. Aí, o Bradesco dá isso, assim, para todos os clientes? Ai, ‘tadinho’ da celebridade! Cartões Bradesco, vantagens e benefícios lado a lado”. [Grifos meus]

decorrência da distinção que carrega. A acumulação em milhas é a meta de vida de Ryan. Sua pretensão é atingir a cifra de 10 milhões de milhas para receber um cartão da empresa aérea como a sétima pessoa a alcançar tal índice, tendo o privilégio de contar com o comandante do voo sentado na poltrona a seu lado e com seu nome pintado em uma aeronave, divulgando seu sucesso.

A incitação à dívida dissociada da culpa demarca a desterritorialização da moral moderna. Quando acoplada ao consumo, a dívida deixa de ser um delito para arrastar um comportamento ligado à satisfação de gastar. A eliminação desdobra-se da exigência de mercado, atingindo graus que a transformam em extermínio. Esses atos não se encontram em disparidade com a maximização dos lucros.

Extermínio: uma modulação da eliminação

A passagem para o extermínio como uma modulação da eliminação incitada pelo consumo e pelos bens de prestígio atravessa inúmeros agenciamentos. A canção *How we do* (Como nós fazemos) traz um apelo que oscila entre a admiração e a cooptação para atingir um fim, para obter sucesso e reconhecimento em um universo guetificado. Ela estimula a destruição de qualquer obstáculo para realização desse objetivo. Dessa maneira, conjuga eliminação, consumo e extermínio em procedimentos que variam em graus, reaparecendo em outros territórios. Na segunda estrofe da música, há uma fusão do comportamento com o carro e a arma pela sobreposição de características aos objetos que trazem prestígio e poder:

[...] Sou legal como um Impala. Totalmente cromado, hidráulicas, tambores 808. Você não quer problema, negro, é melhor correr [...] Eu disparo minha arma [...] Eu atiro com minha pistola. Se neguinho pisar no meu tênis *Nike Air Force One Branco*, eu mato. [...] Eu pus as portas da Lamborguini naquele Cadillac Escalade [...] Em um ano, cara, eu consegui muito dinheiro [...] eu estou abalando com a mulher. Magnum 357 na minha cintura, colete à prova de balas no meu peito [...] Os brancos ricos não me querem por perto porque eu posso estar armado. E caso eu estiver, alguém será deitado lá fora [...] Só estou por aqui para conseguir meu dinheiro [...] É assim que a gente faz [...] Eu boto rodas de ouro da Dayton naquele Chevrolet Impala 64 [...] Pistola Magnum 45 na cintura e corrente de ouro no peito. 50 Cent num Bentley. Eminem veio e me descobriu quando eu vivia na favela. Pistola automática, mato um por um. Vamos te detonar, cara. Vem tirar onda que você tá feito[...]

Outro *rapper*, que canta com 50 Cent, manifesta a noção de *espírito de equipe* como aliança provisória para supressão de entraves:

[...] Chame Lloyd Banks pra deixar esta música agitada [...] 50 Cent já deu um trato nisso, assinado com *G-Unit*. Não tente bater de frente com a gente. Vou te deixar morto que nem lixo. Achar que eu estou de bobeira, deixa um buraco na sua cabeça. 50 Cent tem uma arma. Pronto, aqui vem ele, é preciso muitas brigas sangrentas para conseguir este dinheiro. Conheça minha Beretta [...] Nas músicas eu sou selvagem, eu machuco qualquer neguinho tentando ferrar com a minha galera *G-Unit*.

G-Unit é um grupo de *hip-hop* formado por amigos de infância de 50 Cent. Entre eles, está Lloyd Banks. Após o sucesso de *Get rich ou die tryin'*, 50 Cent abriu a sua própria gravadora, chamada *G-Unit Records*. O grupo lançou seu primeiro álbum, intitulado *Beg of Mercy* (Implora por piedade). O segundo disco do grupo recebeu o título *T.O.S: Terminate on Sigh* (Destruição em Pontaria)⁴⁶. Em pesquisa relacionada à *G-Unit*, encontram-se jogos, roupas, correntes, relógios, discos. Além da gravadora, 50 Cent expandiu a *G-Unit* para uma produtora de livros, a *G-Unit Books* e de filmes, a *G-Unit Films*.

Há um traço comum que atravessa a *galera*, as tropas de elite bélica, as unidades militares e o espírito de equipe das empresas. Esse traço possui uma configuração de time que busca resultados e vitórias em percursos equivalentes a combates. O ato de exterminar envolve a intensificação das forças ativadas pela eliminação, numa linha que marca uma passagem, uma mudança de natureza com sua reorientação para a destruição física da vida. *Exterminar* torna ainda mais evidente o desprezo à vida delimitada pelos referentes modernos, destituída de qualquer valor nessa nova hierarquia. A vida muda de estatuto. Ela não é mais algo a ser respeitado e/ou preservado, mas a ser adquirido e/ou destruído. O que passa a determinar a noção e o valor da vida é um ideal de felicidade e de sucesso, segundo uma postura normativa desdobrada do utilitarismo, que mede o bem-estar pela consequência traduzida em bens obtidos. As práticas de extermínio acionam microfascismos, que reproduzem a organização do tráfico dirigida à extinção da vida nas ruas, nas favelas, nos presídios, no mercado negro.

Os traços instituintes dessas condutas de extermínio perpassam diferentes territórios sem qualquer restrição socioeconômica. O caso Richthofen scandalizou o Brasil, quando a estudante de direito, bonita e inteligente, conforme mencionaram as manchetes de jornais e revistas, efetua com seu namorado a execução dos pais. Ironicamente, Suzane Von Richthofen residia no Brooklin em São Paulo. O Brooklin paulistano, ao contrário do nova-iorquino, não é um bairro de camadas pobres e

⁴⁶ Tradução livre.

desprovidas. Nele, encontram-se condomínios de luxo e uma forte segurança justificada pelo poder aquisitivo de seus moradores. Em 2002, Suzane, Daniel (seu namorado) e Cristian (irmão de Daniel) cometem o assassinato de Manfred e Marísia (pais da garota). O crime é destacado pela brutalidade. As vítimas foram executadas a pauladas enquanto dormiam. Além disso, o episódio foi explorado na mídia por ocorrer em uma família de posses, bem estruturada, segundo os padrões sociais e morais, que abriga uma criminosa silenciosa, aproximando-se dos enredos de inúmeros policiais lançados pela indústria cinematográfica. Suzane, aos 19 anos, foi acusada de planejar e participar do duplo homicídio⁴⁷. O motivo oficial do crime, apresentado pela sua defesa, seria o impedimento provocado pelos pais do seu namorado com Daniel. Porém, a herança da família, avaliada oficialmente em um patrimônio de dois milhões de reais⁴⁸, aparece constantemente nas acusações e defesas emitidas pelos três assassinos, sinalizando a importância do interesse financeiro para justificar suas ações.

A defesa de Suzane argumenta que ela teria sido coagida pelos irmãos interessados na herança da família. A defesa dos dois rapazes apresenta em sua alegação desinteresse material, embora conste num depoimento de Daniel que eles arquitetaram o crime, fazendo “planos de como usariam o dinheiro da herança que seus pais deixariam (CASOY, 2009, p. 134 e 130)”. Cristian reitera tal intenção, quando menciona a existência de planos subsequentes ao homicídio, envolvendo uma sociedade entre os três autores, os quais pretendiam abrir um negócio com o dinheiro da herança. No decorrer do processo, a defesa de Suzane também tenta negar seu interesse pela herança. Ela reage à iniciativa do irmão em deserdá-la com uma proposta de abrir mão de sua parte do espólio em prol da administração dos bens do caçula. Uma sucessão de atitudes seguidas ao crime indica a avidez do trio em usufruir dos benefícios materiais. Após forjar latrocínio, eles dividem dinheiro (dólares, reais e euros), escondendo-o em objetos particulares para uso imediato; enterram as joias, a fim de Suzane resgatá-las; Cristian compra uma moto Suzuki; Suzane, durante o depoimento na delegacia, pergunta quando poderá vender os carros da família; além da realização de festinhas e comemorações na

⁴⁷ Suzane, Daniel e Cristian foram denunciados pelo Ministério Público por crime de duplo homicídio, triplamente qualificado por motivo torpe, meio cruel e impossibilidade de defesa da vítima e fraude processual, por terem alterado a cena do crime. O julgamento dos três responsáveis pelos crimes foi proferido em julho de 2006, condenando o casal e Cristian a cumprirem, respectivamente, pena de 39 anos e 6 meses de reclusão e 38 anos e 6 meses de reclusão. Notícia veiculada em 23 de jul 2006, disponível no *site*: www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u124267.shtml. Acesso em 09 janeiro 2011.

⁴⁸ Em notícia exibida pela Rede Record em 21 de outubro de 2012, no programa Domingo Espetacular, o valor do patrimônio foi corrigido e estimado em 11 milhões.

piscina e na chácara da família poucos dias após os assassinatos.

O duplo homicídio traduzido como um ato de amor frente à oposição dos pais da moça ao namoro faz vazar inúmeros componentes ligados ao consumo e à eliminação que se alinham em padrões e posturas sociais. Dimenstein⁴⁹ precisa a função do consumo na determinação deste ato: “como não conseguiu a autorização para manter o relacionamento e não queria fugir de casa – até porque não sabia como iria assegurar o padrão de vida –, optou pelo assassinato”. A solução encontrada pelo jovem casal indica a extinção de um empecilho. Uma decisão “alimentada por uma sociedade que estimula a satisfação imediata das vontades”. Dimenstein enfoca a vontade que, vivida como *querer*, remete à falta. O consumo arranjado à necessidade faz valer o desejo psicanalítico, fomentando a projeção e diversificação de identidades-mercadorias em conjunção com a satisfação inacabada. Desejo e significante constituem operadores de uma lógica⁵⁰, incitando o movimento vertiginoso de substituição de produtos e de comportamentos reproduzidos em série⁵¹. Ele prossegue: “Essa é a radicalidade do consumismo”. O consumismo, aqui, pode ser reduzido às conjunções de fechamento que engendram as padronizações de condutas circunscritas na subjetividade dominante⁵². Tal processo corresponde às totalizações e homogeneizações realizadas pelas máquinas abstratas sobrecodificadoras e axiomáticas.

O consumo investe em um novo constrangimento com a ativação de outros registros que promovem a separação da culpa, atribuem novos contornos à noção de violência e anunciam um conjunto de práticas e de signos, conferindo conteúdo e expressão à eliminação. Consumo concebido em todos os seus sentidos, para além do aproveitamento de produtos e aplicação de riquezas na satisfação das necessidades (que consiste na sua finalidade capitalística). Consumo, cuja efemeridade assinalada pelas substituições, incita ações de gastar, esgotar, destruir, extinguir, aniquilar, anular, apagar vinculadas a um sentimento de satisfação. Essas ações permeiam os territórios

⁴⁹ O artigo publicado na Folha de São Paulo, em 10 de novembro de 2002, mas também, disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dimenstein/gilberto/gd111102.htm> Acesso em 10 janeiro 2010.

⁵⁰ Deleuze e Guattari (2010, p. 43) salientam como a falta é inserida no desejo, a partir da separação entre produção e aquisição: “Disso deriva a apresentação do desejo como *apoiado* nas necessidades, mantendo-se a produtividade do desejo sobre o fundo das necessidades e da sua relação de falta com o objeto (teoria de apoio)”.

⁵¹ Esta perspectiva que reforça o desejo psicanalítico associado ao consumo, serve de pilar para a subjetividade capitalística, “entendida como subjetividade do equívoco generalizado” (GUATTARI, 1992, p.35).

⁵² Guattari e Rolnik (1986, p. 69) destacam que “o que interessa à subjetividade capitalística não é o processo de singularização, mas justamente o resultado de sua circunscrição a modos de identificação desta subjetividade dominante”.

escolares, domésticos, empresariais, biológicos, policiais, políticos, comunicacionais, jurídicos, amorosos, tecnológicos e lúdicos como exercício de eficácia. Assim, apagam-se informações, *deletam-se* pessoas, esgotam-se objetos, anulam-se participantes, extinguem-se etapas, aniquilam-se vidas como equivalentes de uma conduta corriqueira que tem no consumo um dos pilares de reprodução do capital. Consumo que transborda os limites das mercadorias e compõe uma gradação de ações promotoras da eliminação.

A equipe de investigação percorreu a casa dos Richthofen na noite do crime. Casoy (p.28) relata que o quarto de Suzane possuía características de um quarto de menina: “bichinhos de pelúcia, mural com frases publicitárias do uísque Johnnie Walker, tudo certo”. Tudo certo indica que as coisas encontradas encaixam-se em padrões estereotipados, sem provocar estranhamento aos investigadores. Entretanto, o teor das campanhas publicitárias do referido uísque aponta para adoção de uma postura socialmente investida de “superação de limites a qualquer preço”. Antes de patologizar Suzane, é possível perceber a adesão a um comportamento que rompe limites para atingir as metas, para alcançar sucesso nos objetivos, para concretizar os sonhos a partir da eliminação dos obstáculos, fortemente valorizados nos apelos publicitários. A garota não está em desacordo, mas reproduz as expectativas lançadas pela subjetividade dominante.

O teor da campanha do uísque segue a fórmula já consagrada (desde 1999) *Keep Walking* (continue andando). O *slogan* traz uma concepção de “evolução pessoal, evidenciada pelo progresso de cada um na superação de obstáculos e dificuldades”. Os novos lançamentos publicitários reforçam a maneira com que cada indivíduo pode mudar seu destino. Atualmente, indicando a reverberação e a continuidade dessa concepção de vida junto ao público, a Johnnie Walker lança dois filmes de histórias de superação do triatleta belga Marc Herremans e do corredor etíope Haile Gebrselassie. A campanha é intitulada *Walk with Giants* (caminhando com gigantes). Outras campanhas trazem o mesmo tema associado a seus produtos e ao comportamento de quem os adquire. A Avon, para o lançamento do perfume masculino *Ironman Glory*, também faz uso da modalidade de *triathlon* de longas distâncias, considerada a mais dura prova de resistência do mundo. Na propaganda, o esportista enfrenta desfiladeiros, mergulha e atravessa o mar a nado, corre e vence a resistência imposta pelo vento e pelas dunas. No final, comemora sua vitória do alto de uma montanha. O texto merece destaque: “Para superar seus limites, é preciso acreditar que eles não existem...”. Literalmente, esta concepção coincide com o diagnóstico do esquizofrênico no discurso médico. As

tragédias, as chacinas, os homicídios noticiados sempre vêm acompanhados da voz de um especialista que descreve o doente como aquele que não tem limite para nada, pois ele acha que pode tudo”. O limite entre o esquizofrênico-entidade e o investimento nos processos de subjetivação é tênue. Corriqueiramente, os limites são definidos a partir dos efeitos gerados. Quando socialmente aceitos, porque em acordo com as regras coercitivas de reprodução do capital, transformam-se em mérito. Caso contrário, trata-se de patologias.

A eliminação é alimentada pelos procedimentos de planejamento e efetivação do crime. Os cálculos para atingir os fins, a conformação de equipe, as medidas para apagar as provas do ato de extermínio aparecem no comportamento dos envolvidos. Suzane manifesta uma certeza sobre a eliminação dos erros, acreditando ter obtido sucesso nessa empreitada através do controle e da supressão dos vestígios que viriam a incriminá-los. Os passos previstos determinaram as decisões: escolha da arma (após testar dias antes do assassinato que um revólver faria muito barulho), retirada de seu irmão do local na noite da execução, adesão de Cristian, desligamento do alarme e das câmeras de vídeo existentes na casa, separação das luvas cirúrgicas, das meias e dos sacos de lixo, desorganização da biblioteca para forjar roubo, frases ensaiadas somadas à frieza de reações para evitar um deslize, compondo um repertório de *crime perfeito*.

No registro de Casoy (2009), está presente a sensação da reprodução de um filme. Em diferentes passagens, a autora faz observações nesse sentido. Essa incitação ao crime perfeito prolifera em seriados e filmes, colando a eficácia de eliminar a vida e os vestígios do crime a índices de inteligência e competência. Inúmeros seriados dessa ordem são exibidos em canais pagos de televisão. Muitos deles passam em canais abertos, tais como *CSI: Investigação Criminal*, nos quais, em episódios diferentes, durante a confissão, o autor do homicídio pergunta para o investigador onde ele errou. O erro diz da sua incompetência de suprimir a pista que comprova o crime. Há uma dissociação entre o crime e a vida. Agora, a questão é saber destruir a prova, uma vez que a vida (da vítima) não tem qualquer valor ou importância. O erro não se encontra mais em relação ao delito. Ele equivale ao obstáculo que impede o sucesso do executor frente às instituições jurídicas e penais. O seriado *Dexter* atribui uma dimensão estética para o crime perfeito, valorizando o extermínio ao comparar a truculência verificada nos registros do homicídio a um quadro, a uma obra de arte. Há uma certa tradição, destacada nesses seriados, de que o *serial killer* assina seus feitos por considerá-los dignos de reconhecimento e mérito. O protagonista do seriado é um criminoso

superqualificado que, após ser apanhado pela polícia, passa a trabalhar na solução dos casos mais difíceis⁵³.

Suzane assume esta postura durante a confissão. Conforme descreve Casoy (p. 131-2), um pouco antes de verbalizar a autoria dos homicídios, quando constata que a polícia irá incriminá-la, “olha em volta sem acreditar que tudo tivesse dado errado”. Durante o depoimento, ela revela que o desejo de se livrar dos pais surgiu em agosto (dois meses antes do homicídio) e que a “ideia foi tomando corpo e proporção até que, um mês antes, Daniel construiu as armas do crime e, de comum acordo, incluíram Cristian nos planos. Na tarde de 30 de outubro, Suzane resolveu agir”. A sequência dos passos executados é relatada quando, “para espanto de todos os presentes”, Suzane diz que “jamais imaginavam que o crime seria descoberto. Todos estavam muito confiantes de que tudo daria certo”.

A noção de apagamento, vinculada ao ato de *deletar*, não está relacionada apenas às provas, mas às condutas necessárias para efetuar com competência os comandos. Cristian refere-se a seu comportamento como um momento de hesitação que antecipou o assassinato. Conforme Casoy (p.16-7, grifos meus), ele não estava muito feliz com o acordo de matar a mulher do casal:

Também não acreditava muito que Daniel e Suzane realmente fossem levar aquele plano adiante. Enfim, assim que a **execução começou, limpou a cabeça de todos os pensamentos que pudessem atrapalhá-lo e esperou o comando.** [...] O primeiro golpe foi desferido por Daniel em Manfred Von Richthofen. Cristian entendeu o recado e desceu seu bastão sobre a cabeça de Marísia Von Richtofen.

A noção de comando e respostas eficientes de extermínio associadas ao espírito de equipe é amplamente exercitada nos jogos com armas e de guerra. Os garotos, Cristian e Andreas (irmão de Suzane) possuíam o hábito de frequentar uma *lan-house* para jogar *on-line Counter Strike* (contagem de golpes, arremessos). Casoy (p.60 e 78) descreve que esse jogo de tiro, executado em primeira pessoa pela personagem, é composto por equipes de terroristas e antiterroristas em combate até a vitória. Ele “requer muita estratégia e trabalho de equipe para vencer”. Andreas não participa do

⁵³ O *Programa Brasil Urgente* (da Rede Bandeirantes) noticia, em 01 de abril de 2009, que um vendedor de carro revela ter-se inspirado no seriado *Dexter* para efetuar os homicídios. Segundo o depoente, o seriado ensina a investigar a vida das pessoas e a apagar os rastros do crime. Sua declaração carrega o investimento subjetivante que faz equivaler inteligência, superioridade e prazer ao crime perfeito, a partir da técnica utilizada e do grau de dificuldade para desvendar a investigação. Conforme confissão, o vendedor totalizou seis homicídios e responde pelo assassinato de dois homens e da namorada.

crime, mas assume esta postura de estratégia de jogo para omitir informações à polícia. Dois dias após os homicídios, quando o garoto se depara com a empregada da família em luto, chorando copiosamente a morte dos patrões e preocupada com seus sentimentos, ele diz: “Já era, acabou”.

A frieza de Suzane para efetivar seus planos e conquistar seu objetivo é sublinhada em vários depoimentos por diferentes pessoas que acompanharam o processo de investigação e confissão. Daniel, ao ser inquirido sobre a reação da garota após a conclusão do crime, afirma que ela apenas perguntou "se ele havia acabado", manifestando o foco nas metas atingidas através do planejado⁵⁴. A atitude de Suzane, que combina frieza e foco, é uma conduta padrão, exigida e valorizada nos territórios empresariais. Nesses territórios, tal traço não é indicativo de patologia, mas de competência em elaborar e executar estratégias eficientes independentemente dos custos vitais que seus efeitos podem produzir. Ele se prolonga para outros territórios, tornando-se uma prática valorizada no universo de Manfred, funcionário e diretor do Dersa (Desenvolvimento Rodoviário S/A), empresa ligada ao governo do estado de São Paulo e responsável, entre outras obras, pelo *Rodoanel Mário Covas*. O crime faz vazar outras informações que ligam o engenheiro a práticas de corrupção. De acordo com a *Folha de São Paulo*, Manfred recebia cerca de 11 mil reais mensais da estatal e tinha um patrimônio de dois milhões de reais supostamente incompatível com sua renda, levando o Ministério Público Federal e o Ministério Público Estadual à investigação⁵⁵.

O advogado e tutor de Suzane, Denivaldo Barni Júnior, também é procurador da referida empresa e amigo de Manfred. Ele se apresenta espontaneamente na delegacia por ocasião do primeiro depoimento de Suzane. Segundo Casoy (p. 59),

⁵⁴ Casoy (p.155) relata que queria saber se Suzane, quando Daniel desceu as escadas, tinha se interessado pelo que havia ocorrido, pedindo aos investigadores que perguntassem ao rapaz durante o relato de sua versão. Os investigadores, Salada e Jane, atendem ao pedido. Diante da questão, Daniel afirma que “ela perguntou alguma coisa referente a isso, eu só quero saber como ela perguntou... [...] Salada continuou: “ela perguntou se eles estavam mortos, e aí tudo bem, fez o serviço, deu certo, deu errado? Jane emendou: Já acabou? Daniel levantou a cabeça imediatamente ao ouvir a frase e disse: Isso, já acabou, já acabou, foi isso o que ela falou. Já acabou ou alguma coisa muito semelhante a isso. Eu falei que sim.”

⁵⁵ O Ministério Público Federal (MPF) e o Ministério Público Estadual (MPE) vão investigar se Suzane von Richthofen e o pai, Manfred, são os titulares de duas contas correntes no *Discount Bank and Trust Company* (DBTC), hoje *Union Bancaire Privée*, em Lugano, Suíça, para onde pode ter sido remetido dinheiro supostamente desviado de obras do Trecho Oeste do *Rodoanel Mário Covas*. A construção do Trecho Oeste do Rodoanel estava orçada em R\$ 339 milhões, mas consumiu mais de R\$ 1 bilhão entre obras e indenizações por desapropriações. Aditamentos elevaram os custos para cerca de R\$ 575,8 milhões, 70% a mais do que o valor inicial. Informações obtidas no *site*:

<http://noticias.terra.com.br/brasil/casorichthofen/interna/0,,OI1199949-EI6792,00.html> Acesso em 12 novembro 2010.

a empresa em que Manfred trabalhava achou politicamente correto que um advogado de seu quadro de funcionários acompanhasse os órfãos nos procedimentos policiais que se faziam necessários, dando assistência à família do engenheiro brutalmente assassinado em acontecimento trágico.

Considerando as informações posteriores, divulgadas em 2003, quando da abertura da Comissão Parlamentar de Inquérito do Banestado, é possível apreender a necessidade deste advogado em acompanhar e controlar as informações prestadas⁵⁶.

Informações, divulgadas na *internet* quando da inauguração do *Rodoanel Mário Covas*, enfatizam que, de acordo com diversos comentaristas e fontes, o engenheiro Manfred Von Richthofen era um dos responsáveis pelo *caixa dois* das campanhas eleitorais do PSDB, visando reeleger o então governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, e eleger José Serra à presidência da república no ano de 2002. A proveniência de parte do dinheiro, que engrossava o milionário *caixa dois* do partido, teria origem nas empresas através dos desvios de verbas destinadas à construção do referido rodoanel, para ser depositado em contas na Suíça. Acredita-se que, além da herança oficial, o motivo do crime executado por Suzane contra os pais seria o dinheiro do *caixa dois* creditado em contas no exterior. Daí o interesse em acompanhar e proteger Suzane, evitando o aprofundamento das investigações e ligações com outros crimes⁵⁷. Os membros da empresa, provavelmente, já tinham conhecimento da realização de levantamento de informações para eclosão da CPI⁵⁸.

Outro aspecto presente no texto de Casoy envolve o excesso de segurança implantada na casa. Além de vigilância, alarmes e vídeos, Manfred fazia uso de um

⁵⁶ O advogado, Denivaldo Barni Júnior procurador da Companhia de Desenvolvimento Rodoviário S.A. (Dersa), responsável pelo Rodoanel, será ouvido pelo promotor do MPE Eduardo Rheingantz no próximo dia 27. Não se sabe se as contas número 15.616 e 15.6161, abertas em 1998 no DBTC [Discount Bank and Trust Company, hoje Union Bancaire Privée, em Lugano, Suíça], pertencem respectivamente a Manfred e a Suzane. De acordo com o jornal *O Estado de São Paulo*, as contas já haviam sido descobertas pela CPI do Banestado em 2003, mas a titularidade ainda não foi comprovada. Informação disponibilizada no *site*:

<http://noticias.terra.com.br/brasil/casorichthofen/interna/0,,OI1199949-EI6792,00.html> Acessada em 13 janeiro 2011.

⁵⁷ Texto encontra-se na íntegra no *site* <http://illuminado.wordpress.com/2010/04/25/caso-suzana-von-richthofen-envolve-psdb>. Acesso em 13 janeiro 2011

⁵⁸ Conforme notícias disponibilizadas na *Folha UOL*, a “CPI do Banestado obteve a relação do Banco Central das 412.705 operações feitas por CC5 no Brasil entre 1996-2002. É o maior levantamento do gênero já entregue a uma Comissão Parlamentar de Inquérito”. As datas indicam que o Dersa sabia dos riscos iminentes. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u66258.shtml>. Segundo informações divulgadas pela Agência do Senado, em 30/07/2003, acerca da CPI do Banestado, CC-5 são contas de não-residentes utilizadas na lavagem de dinheiro. A fonte apresenta o depoimento do Delegado da Polícia Federal, José Castilho Neto, que informa “uma movimentação de 124 bilhões de dólares por meio destas contas” em menos de dez anos. http://www.cosif.com.br/publica.asp?arquivo=cpi_asf_030730. Em 2011, novas informações revelam que a “CPI do Banestado estimou que houve uma evasão de divisas de US\$ 30 bilhões”. <http://www1.folha.uol.com.br/poder/879610-receita-faz-autuacoes-de-r-82-bi-no-caso-banestado.shtml>. Acesso em 05 março 2011.

complexo esquema de chaves que limitava o acesso aos próprios usuários da residência. A autora descreve que todas as chaves

tinham um número gravado: as de Reinalva [empregada] eram as de nº1, do portão da entrada lateral direita da rua, e de nº3, da porta da área de serviço, dando acesso à casa pela cozinha. A chave da porta da frente era de nº 4. Andreas era o único que usava a de nº 2, do portão de ferro, porque os outros usavam o controle remoto das portas da garagem, que ficava nos carros (p.97).

Somente Manfred tinha posse da chave-mestra. Em outra passagem relacionada às chaves, Suzane explica à polícia que “as fechaduras e chaves haviam sido trazidas pelos pais da Alemanha e que cada um tinha acesso apenas às chaves de que precisava. Só Manfred tinha acesso a todas as fechaduras e carregava sua chave num chaveiro de argolas (p.90)”. Esse cuidado intenso começa a fazer sentido quando se possui as informações sobre o envolvimento do engenheiro em esquema de corrupção, abarcando o desvio de dinheiro superfaturado em verbas licitatórias, a abertura de contas em paraísos fiscais entre as práticas ligadas à eliminação de impedimentos legais para conquista de negócios milionários, além de todos os prováveis entraves que possam surgir.

A *queima de arquivo* é uma ação comum nesse universo. A corrupção alimenta o mercado financeiro internacional, convertendo moeda ilegal em ações consideradas lícitas através de aplicações financeiras e/ou capitais reinjetados na produção. O mesmo motivo que, num primeiro momento, beneficiou Suzane com um tratamento diferenciado pela justiça, concedendo direito à prisão domiciliar, acirrou o rigor da lei na exigência do cumprimento da pena e negação do *habeas-corpus*. Seu advogado, Denivaldo Barni, após a exibição de imagens da moça usufruindo das férias na praia em sua companhia pela *Rede Record*, acertou uma entrevista exclusiva com a *Rede Globo* meses antes do julgamento. Ele exigiu que cenas de arquivo não fossem veiculadas por ocasião da exibição da entrevista. Ela foi realizada no apartamento do advogado e Suzane seguiu suas instruções para induzir a opinião pública de que ela era uma menina frágil, aparecendo vestida com uma camiseta da *Minnie*, pantufas de coelho e falando como criança. Seus olhos estavam encobertos por uma franja pesada e, dependendo da pergunta, ela dirigia o olhar para o advogado. Logo no começo da gravação, a câmera registrou uma conversa ao pé de ouvido entre Barni e Suzane. O microfone, que já estava ligado, captou o diálogo. Ele orientou Suzane a chorar na entrevista: "Fala que eu não vejo. Chora...". O registro provocou a prisão da jovem no

dia seguinte à exibição do programa, considerando que ela poderia atrapalhar o julgamento. O fato de Suzane possuir dupla cidadania e ter anunciado sua intenção de sair do país após o cumprimento reduzido da pena, fez com que os equipamentos judiciários enrijecessem frente às solicitações realizadas. O vazamento da informação, disparado pelo *furo* jornalístico, provocou movimentos jurídico-administrativos que levaram à aplicação rigorosa da lei como em nenhum outro caso visto nas últimas décadas. Esse rigor convém aos interessados no dinheiro depositado no exterior sob domínio de Suzane, a fim de mantê-la sob rígido controle. O crime de Suzane, estimulado pelo consumo, engancha-se às condutas e aos crimes de Manfred, ligando eliminação à ordem política e financeira.



Figura 1

GUNIT.jpg Fonte: hiphopbloom.blogspot.com



Gun-poster.jpg
Fonte: pipocacombo.com

Figura 2

50 Cents
Propaganda das roupas G-Unit
(acima)
Imagem para papel de parede
(CP) (ao lado)

Suzane Ricthofen
Enterro dos pais (E abaixo)
Entrevista ao Fantástico (D
abaixo)



Figura 3

Crime1.jpg Fonte: veja.abril.com.br
Foto: Flávio Grieger/Folha Imagem



Figura 4

Arquivo-O-Globo.jpg Fonte: oglobo.globo.com

CORTE II

Eliminação e controle: sinais de emergência do desempenho

A verdadeira polícia do capitalismo é a moeda e o mercado.
(DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 317).

A conjunção da eliminação (considerando seus traços distintivos reforçados pela eficácia e pelo desempenho) com a informação define a operação de *deletar*, a qual envolve as mutações instituintes das sociedades de controle e as atividades determinadas pela função do capital financeiro. O verbo *deletar* provém de dois estratos. A deleção, no estrato biológico, realiza uma supressão de segmentos operada por movimentos descontínuos, saltos e desencontros, trazendo uma potência de diferenciação na cadeia genética. A deleção carrega uma potência afirmativa pelo embaralhamento⁵⁹. Quando extraído dos estratos biológicos e arranjado com componentes dos estratos informatizados, o verbo *deletar* adquire um novo sentido. Os estratos informatizados atravessam as máquinas computacionais e comunicacionais que processam códigos em informações. Elas armazenam esses códigos em uma área física (memória) acessada por um conjunto de comandos. A destruição, o apagamento desses códigos da memória que passam a ser considerados resíduos, aumenta a velocidade e a eficácia do processador na obtenção das informações dirigidas a resultados pré-determinados. O ato de *deletar* está diretamente ligado ao código-informação e ao desempenho.

Ele perde sua potência afirmativa e criadora presente na genética, significando um tipo de ação válida para os dados, para códigos informatizados e para as relações vividas. A palavra *delete* corresponde a um comando que realiza a operação de apagar a informação do computador. Ela ganhou uso corriqueiro pelo verbo *deletar*, sendo utilizado em larga escala para designar o ato de apagar, extinguir, fazer desaparecer todos os vestígios considerados erros, entraves, retirando os registros da memória numa espécie de amnésia. Este ato encarna condutas, referindo-se a relações que remetem a

⁵⁹ Na genética, o termo deleção é usado para rearranjos não equilibrados no conjunto cromossômico. “A deleção resulta em desequilíbrio do cromossomo por perda de um segmento cromossômico. Uma deleção pode ser terminal ou intersticial. As deleções podem originar-se por quebra cromossômica e perda do segmento acêntrico. Em alguns casos, as deleções ocorrem por um *crossing-over* (recombinação que aumenta a diversidade genética pelo reembaralhamento dos genes) desigual entre cromossomos homólogos desalinhados ou cromátides-irmãs.”

uma espécie de vácuo afetivo assinalado pela destruição do sinal e pela extinção da existência. O *deletar* envolve os movimentos de reterritorialização do capital produzidos pela conjugação de fluxos direcionados a comandos capazes de aumentar a velocidade e o desempenho pela supressão de obstáculos. As máquinas informacionais e comunicacionais garantem a reprodução das práticas de *deletar* em vários territórios. Essas ações aparecem na organização das equipes, reproduzindo as expectativas das sociedades de controle através da *alma-gás* apontadas por Deleuze (1992). Seus traços também permeiam o crime organizado, determinando uma hierarquia para o tráfico, os rituais de expiação para a aceitação de novos integrantes pelas gangues, as práticas de *bullying* como um comportamento recorrente em larga escala, especialmente nas escolas⁶⁰. A eliminação é exercida pelo *deletar* em jogos, filmes, vídeos e músicas com a disseminação dos valores *winner-loser*⁶¹, balizando o critério do mérito que se sobrepõe aos termos e valores modernos. O *deletar* responde às novas demandas e abarca códigos relacionados à incorporação da atualização do capital no processo subjetivante, pelo qual as pessoas promovem-se reproduzindo as posturas requisitadas pela empresa.

A eliminação associada ao controle leva a pensar a desordem dos fluxos disciplinares reterritorializados em fluxos monetários. O controle pela comunicação e pela informação produz práticas coercitivas em direção a um conjunto de regras que garantem a reprodução da *alma* da empresa e do capital financeiro para fortalecimento e ampliação do mercado. O indivíduo, a identidade, a massa, a fábrica, a força produtiva e energética, distribuídos em coordenadas de espaço-tempo para fixar posições e extrair trabalho útil na organização da produção industrial, sofrem mutações e depreciações tensionadas pelos novos limites do capital assinalados com a *sobreprodução*.

O controle liga elementos que possibilitam detectar movimentos de desterritorialização do corpo disciplinar, cuja superfície de registro (*socius*) demarca um modo de existência proveniente dos estratos biológicos, econômicos e gramaticais, determinando a organização e a significação da vida. A docilização dos corpos orienta-se para reprodução da vida (seja do ponto de vista biológico⁶², como organismo, seja do

⁶⁰ O *bullying* diverge dos valores morais pautados pelo respeito à condição humana, sendo considerado uma conduta violenta por ofender, ridicularizar, destruir pertences, agredir com palavras e/ou atos.

⁶¹ A expressão, traduzida por ganhador-perdedor, vencedor-fracassado, será mantida em inglês porque ela é fortemente disseminada neste idioma, principalmente, entre os jovens nos rituais de promoção e/ou ridicularização promovidos nos territórios escolares. Quando usada em outros territórios, televisivos e empresariais, ela frequentemente passa a ser traduzida para idioma local.

⁶² Guattari (1987, p.15) chama de libido a transformação de uma energia biológica em engrenagens

ponto de vista energético, como força), para a reprodução do capital. A energia resulta da conversão da força em um referente, cuja medida possibilita o cálculo e a projeção de resultados da maquinaria capitalista. O processo de trabalho compreende meios e forças, extraindo do corpo-operário a força referente à energia produtiva utilizada como base de cálculo numa economia distributiva de espaço e tempo. O dispositivo disciplinar ativa saberes especializados e poderes microfísicos, visando a uma maior produtividade em todas as esferas, especialmente, na fabril. As distribuições disciplinares organizam um modo de vida, segundo coordenadas que adestram os corpos para finalidade produtiva.

As condutas dirigem-se à potencialização da máquina-energética. A arte do adestramento passa pelo exercício e pela medicalização dos corpos. Entre aberturas e fechamentos, trabalho e não-trabalho (o lazer e, especialmente, o esporte) são incorporados aos discursos especializados que determinam um conjunto de exercícios e práticas para a vida cotidiana, quando fora dos espaços de confinamento (fábrica, hospital, família, caserna, escola). Essas condutas investem não apenas na recuperação da força produtiva, mas nos mecanismos de extensão e intensificação da vigilância e da disciplina nas esferas não produtivas, a fim de obter um corpo saudável. As ações médicas destinadas ao corpo saudável perpassam os meios científicos, ativando uma série de discursos especializados para assegurar a higienização dos espaços urbanos e públicos, buscando a salubridade da população. Saúde e salubridade são significações e subjetivações desse organismo biológico que engendra as sociedades disciplinares.

Lenharo (1986) analisa o corpo como alvo de uma política, processo que chama de sacralização. Nele, o corpo do indivíduo é transformado em população e valorizado pela sua equivalência ao Estado Moderno. Segundo este autor, no Brasil do Estado Novo, vários investimentos (tais como a valorização do lazer, a incitação aos esportes e aos exercícios físicos, a criação de espaços públicos, como praças, parques, quadras de esportes que incrementam os planejamentos urbanos, as prescrições e as formas de uso destes espaços, etc.) são realizados com a implementação desta política. Este modo de vida se encontra arranjado pelos enunciados científicos, que combinam a ordem discursiva e o estabelecimento do regime de verdade (estrato gramatical), com a delimitação de ser e de vida orgânicos (estrato biológico) e com a distribuição de energia, espaço e tempo, destinada à produtividade e ao lucro (estrato econômico).

Deleuze (1992, p.223) aponta, no processo de atualização do capitalismo, os

componentes demarcadores da passagem das sociedades disciplinares para as sociedades de controle, cujas técnicas e tecnologias orientam-se para incrementação desse processo de subjetivação. Isso quer dizer que não há mais a necessidade da distribuição cartesiana de espaço-tempo voltada para o trabalho e para a produção característica das sociedades disciplinares. Há uma modulação contínua, que aciona uma *alma gás*, substituindo as rígidas fronteiras das fábricas (um sistema fechado) pelas flutuações da empresa (um sistema aberto). Ocorre um deslocamento da produção para o produto, para a venda, para o mercado: “É um capitalismo de sobreprodução. Não compra mais matéria-prima e já não vende produtos acabados: compra produtos acabados ou monta peças destacadas. O que ele quer vender são serviços, e o que quer comprar são ações”⁶³.

Deleuze também salienta que o sujeito cede lugar para o espírito de equipe, o espírito da empresa para enfrentar desafios, instituindo uma rivalidade inextinguível modulada pelo *salário por mérito* no reconhecimento do melhor desempenho. Não há uma combinação sujeito-empresa ou indivíduo-empresa, há uma diluição do sujeito na empresa. A composição de equipes com alianças efêmeras é alimentada pela *alma-gás*, que incita e reconhece o mérito, quantificado em índices de resultados eficazes e em velocidades atingidas com a elaboração de estratégias baseadas na eliminação dos obstáculos para sua obtenção. Nesses movimentos, também desaparecem as noções de indivíduo, de identidade/identificação e de trabalho, produzindo novos códigos. Os indivíduos viram cifras, tornando-se *dividuais*, conformando banco de dados e de informações. As ações são monitoradas e codificadas em informações, engrossando os *bancos* de empresas através de filtros, que distribuem e agrupam caracteres orientados para produção de novas demandas, bem como para oferta de produtos e serviços. Os próprios *perfis pessoais*, divulgados nas redes sociais, servem de informações para os procedimentos seletivos das empresas que, sempre pautadas pelo desempenho, conjugam atitudes de risco, iniciativas e contatos (indicados pelo *número* de amigos) com as suas exigências para conquista de mercado.

As sociedades de controle funcionam em sistemas abertos, unindo informação e

⁶³ É interessante observar como essas operações aparecem nas mais diversas relações, envolvendo as montagens dos corpos-mercadorias (inclusive o corpo antropomórfico dividido em áreas destacadas, peças e serviços orientados para seu melhor desempenho), na elaboração dos perfis disseminados pela *internet*, em que as ações e as informações são quantificáveis em cotações baseadas em coeficientes que medem um prestígio oscilante pelas adesões e deleções, nas disputas amorosas dos adolescentes que se aliam temporariamente no processo de conquista travado entre vários pretendentes.

consumo que investem no homem endividado⁶⁴ em detrimento do homem confinado pelos mecanismos disciplinares. A incitação à dívida é garantida pelo crédito pessoal em forma de moeda digital acessada pela senha. Os cartões de crédito consistem em superfícies de registros, cujos códigos e informações não apenas alimentam os bancos de dados, mas processam vendas eletrônicas (a crédito e débito) que proliferam com a velocidade das tecnologias informatizadas e comunicacionais em escala planetária, diluindo as dificuldades decorrentes das fronteiras geopolíticas impostas pela moeda local. As empresas de cartões de crédito conectam consumidores, empresas, instituições financeiras e governos de inúmeros países e territórios. O uso da *internet* facilita o processamento das informações em nome das instituições financeiras, avalistas do crédito, e comerciantes em direção ao aumento vertiginoso das vendas e serviços. A *VisaNet*, por exemplo, possui a capacidade de lidar com mais de 10.000 transações por segundo⁶⁵, movimentando trilhões de dólares no decorrer de um ano. Considerando que esses serviços não se restringem a operações comerciais, mas supõem taxas, juros e tributações que movimentam e abastecem o mercado financeiro, evidencia-se a expansão do lucro com o sobreproduto. As próprias empresas de cartões de crédito dobram suas ações financeiras, na medida em que consistem companhias de capital aberto. Elas disponibilizam parte de seu capital social, de suas ações, para negociação na Bolsa de Valores. Os compradores de suas ações tornam-se sócios da empresa com direitos restritos. Nos pregões, a quantidade de ações disponível para a venda impede comprador de participar das decisões da empresa⁶⁶. Mesmo sem poder decisório, esses mecanismos garantem a expansão do capital financeiro através da diversificação de movimentações no mercado. Os cartões de crédito encarnam a produção de comportamentos e de territórios subjetivos nas esferas mercantis e financeiras.

Historicamente, as bolsas de valores surgem vinculadas à produção industrial. Elas têm como finalidade atrair as poupanças inertes para investimentos dirigidos à concentração e expansão econômicas, à transformação industrial, aos subsídios para obras de infraestrutura e ao financiamento de avanço tecnológico. A fórmula utilizada para atrair investidores nas bolsas faz uso do funcionamento de cassino, incitando a emoção pelo jogo, conforme observa Max Weber⁶⁷. Atualmente, os pregões das bolsas

⁶⁴ Segundo Deleuze (1992, p. 224), “homem não é mais o homem confinado, mas o homem endividado”.

⁶⁵ Informação disponível no *site*: <http://mundodasmarcas.blogspot.com/2006/05/visa-all-it-takes.html>. Acesso em 05 outubro 2010.

⁶⁶ <http://www.coinvalores.com.br>. Acesso em 05 outubro 2010.

⁶⁷ Este tema é analisado por Max Weber na obra *A Bolsa* conforme *site*:

de valores são *cassinos eletrônicos* com extensão mundial, interferindo nas economias nacionais e decisões políticas, enfraquecendo governos e alterando transações e acordos internacionais. A compra e venda de ações de empresas com base no controle das informações, facilita o registro de *empresas de fachada* para lavagem de dinheiro e a injeção de moeda no mercado.

Os investimentos educativos, oferecidos para escolas públicas e privadas, que se destinam à formação de empresários contêm os passos para implementação desse negócio na esfera digital. Trata-se de um dos programas desenvolvidos pela *Junior Achievement*. Nele, os alunos, através do *GLOBE — Global Learning of the Business Enterprise* (Aprendizado Global da Empresa de Negócios) exercitam o ingresso no mercado internacional com a implementação de um negócio que associa estudantes de dois países para formar uma empresa importadora e exportadora. Os jovens são preparados para negociações no mundo globalizado através do exercício das técnicas do mercado exterior, trabalhando o processo de capitalização que envolve a venda de produtos e de ações. Eles escolhem um nome para a empresa, elegem seus dirigentes, entram em contato com a empresa estrangeira, analisam as propostas dos produtos que serão exportados e importados, fechando acordos e as vendas. No final do programa, a empresa é encerrada. Esse programa desenvolve a “compreensão dos princípios do mercado internacional; promove experiências com trâmites alfandegários; treina habilidades de comunicação, análise e tomada de decisões e estreita relações com diferentes culturas”⁶⁸.

A possibilidade de enriquecimento via aplicações na bolsa são fortemente incitadas nas práticas moleculares num movimento de disjunção do capital industrial, que faz dobrar o capital financeiro e esgarçar os limites do capitalismo através do capital não-produtivo. As aplicações financeiras ganham fôlego com a noção de jogo que incrementa o processo de subjetivação capitalístico, reforçando as condutas e os valores de ganhadores e perdedores nos mais diversos territórios. A noção de controle da informação e de velocidade da comunicação, incrementada com os meios tecnológicos e digitais, acirra as condutas de investimentos financeiros e faz equivaler ações de qualquer natureza em cotações e moeda. Duas dimensões de jogo aproximam-se na eliminação vinculada ao controle e à informação: o *cassino eletrônico* das *bolsas*

http://educaterterra.terra.com.br/voltaire/mundo/bolsa_03.htm. Acesso em 05 outubro 2010.

⁶⁸ Informações retiradas do material institucional fornecido pelo SEBRAE e pela *Junior Achievement*. Outras etapas dos programas pedagógicos oferecidos por estas instituições encontram-se no artigo de *Escola-empresa: traços do empresário-sombra*, disponível na *internet*.

de valores subjetivos e os jogos digitais de guerra, caracterizando a sobrecodificação do capital. Um traço que os cruza é o reforço à noção de prestígio em índices demarcadores da condição de *winner* (vencedor).

Novas estratificações do corpo

A relação do corpo com a reprodução da subjetividade capitalística sinaliza desvios na ordem da significação (em que registros e enunciados o segmentam em superfície estriada), na ordem do organismo (com a passagem da unidade biológica e social ao corpo-composição), na ordem da subjetivação (através do investimento em estratégias, valores e condutas reterritorializantes), assegurando o controle através de um corpo emergente. É possível assinalar os movimentos de desterritorialização e de desestratificação disciplinar, marcando as reterritorializações instituídas pelo controle, ao considerar o corpo um agenciamento maquínico e de enunciação. Para Deleuze e Guattari (1997a), um agenciamento é maquínico do desejo porque é feito de cortes e fluxos de máquinas, sendo máquina de máquinas. Também é agenciamento de enunciação porque envolve conteúdo e expressão, respectivamente, tornando-se um *sistema pragmático* de ações e paixões e um *sistema semiótico*, um regime de signos.

O agenciamento engendra território, estratos e máquina abstrata. Os autores (1997, p.18) afirmam que “todo agenciamento é territorial”, assinalando que os fragmentos descodificados e retirados dos meios compõem uma territorialidade e definem seus contornos. Linhas de desterritorialização percorrem o agenciamento, abrindo-o para outros agenciamentos. Essas linhas efetuam máquinas abstratas e, nelas, constituem-se máquinas concretas. As máquinas abstratas produzem os devires dos agenciamentos através de aberturas e fechamentos. Deleuze e Guattari (1997a, p. 229-31) indicam três tipos de máquinas abstratas: *máquinas de consistência* – singulares, mutantes, com conexões multiplicadas, *máquinas de estratificação* – que circundam o plano de consistência – e *máquinas de sobrecodificação ou axiomáticas* – que produzem homogeneizações e conjunções de fechamento. As máquinas abstratas são compostas por matérias não formadas (*phylum*) e funções não formais (diagrama), engendrando movimentos de desterritorialização dos agenciamentos e dos estratos. Nos processos de circunscrição, os agenciamentos fazem-se nos estratos, pertencendo a eles. Os autores (1996, p. 21) mencionam três grandes estratos ou superfícies de estratificação: o organismo, a significação e a subjetivação. O organismo consiste em

um fenômeno de “acumulação, de coagulação, de sedimentação que impõe [aos corpos] formas e funções, ligações, organizações dominantes e hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair um trabalho útil”. A significação estabelece um ângulo de significância e de interpretação, e a subjetivação determina um ponto de sujeição. Eles funcionam articuladamente.

Deleuze e Guattari (1996, p. 22) destacam que o organismo, além de organizado e organizador, também é significância e subjetivação, equivalendo a tudo que é significante e significado, tudo que é suscetível de interpretação e de explicação, bem como de um sujeito, de um Eu e de todos os sentimentos correspondentes. Conforme os autores (p.31-2), significância e subjetivação são *semióticas mistas*, pois não há estratos isolados, não ocorrem estratos sozinhos, sendo que a montagem de um dispositivo surge de seu cruzamento. Propor o corpo como agenciamento exige mapeá-lo em seus movimentos de desterritorialização e reterritorialização, acompanhá-lo em devir, marcar sua forma e função nos estratos, distribuí-lo em seus eixos e engendrará-lo às máquinas abstratas. Um corpo cuja superfície de registro é o *socius*.

O corpo disciplinar esvanece-se no momento em que os traços, orgânico⁶⁹ e antropomórfico, que consolidam a unidade biológica e definem fronteiras entre natural e artificial, perdem importância nas novas estratégias capitalísticas. A vida, cujo estrato biológico confere contornos morais à natureza submetida ao homem, tende a desprender-se dos componentes humanos com a mutação das dimensões do corpo disparadas pela biologia molecular. As especializações e a microscopia, decorrentes das inovações científicas (técnicas e tecnológicas) que desembocam na biologia molecular (em meados do século XX), geram deslocamentos marcantes na definição de organismo. A biologia molecular, com a investigação das cadeias genéticas buscando conhecê-las e controlá-las, evidencia as estruturas das bases nitrogenadas. A desterritorialização química provoca a indeterminação de um corpo-organismo biológico fechado em uma unidade. No recorte bioquímico, o refinamento e a fragmentação tornam o corpo um composto formado por aminoácidos que se ligam e se configuram em inúmeras variações. Esses compostos orgânicos apresentam uma estrutura com ligações carbono-carbono. Os aminoácidos constituem as proteínas, compostos orgânicos, que desempenham diferentes funções e se apresentam de forma

⁶⁹ O sentido de orgânico nesta concepção é restritivo aos caracteres pertinentes ao campo biológico, que delimita seu objeto de estudo aos seres vivos, às *coisas naturais*, diferindo do conceito de orgânico proposto por Deleuze e Guattari.

muito variada nos seres vivos. Um corpo orgânico-inorgânico emerge, trazendo elementos para a definição de um novo organismo no atrelamento ao controle. Ele não compreende mais a unidade biológica, ao desfazer-se em uma rede de conexões e combinações de elementos físico-químicos.

A química, entendida como ciência moderna, escapa dos enunciados organizadores da vida em um modo disciplinar. Os elementos constitutivos de estrato biológico, que predominam na significação da vida, fazem equivaler os termos *ser vivo* ao *orgânico* e *natural*. Nessa delimitação, o *inorgânico* não pertence à vida, mas a outras esferas relacionadas à cultura considerando a distinção Homem/Natureza. Curiosamente, entre meados do século XVIII e metade do século XX, a química passa a ser uma ciência *silenciosa*. O estrato químico carrega uma resistência à dicotomia disciplinar com a potência inorgânica que compõe a vida. Seu reconhecimento no regime molar ocorre com a entrada da bioquímica nos investimentos da biologia para decodificar e controlar o DNA. Isso indica que a desterritorialização da biologia pela química coincide com a passagem das sociedades disciplinares para as sociedades de controle. A química difere da separação entre vivos e não-vivos que considera, respectivamente, o enquadramento orgânico e inorgânico, uma vez que a natureza é inorgânica quando tomada pelos seus elementos. A vida para a química não se restringe aos organismos vivos. Ele engendra os devires orgânico-inorgânico dos compostos, percorre o devir orgânico dos elementos inorgânicos, assinala as diferenças das mudanças de estados, da natureza das ligações, da formação estruturas que distinguem compostos orgânicos de inorgânicos.

Conforme assinala McMurry (1992), para a maioria dos químicos do século XVIII, os compostos orgânicos diferem dos compostos inorgânicos devido à presença de uma peculiar *força vital*. Os compostos orgânicos são considerados resultados de organismos vivos. No início do século XIX, a descoberta da *sopa* incrementa a teoria da força vital com um experimento que, pela primeira vez, transforma substância orgânica (gordura) em outras substâncias (ácidos e glicerina) sem a intervenção de uma força vital exterior. Ainda neste século, um novo incremento à teoria assinala a conversão de sal inorgânico em ureia, substância orgânica. Com isso, não se pode mais traçar uma fronteira entre química orgânica e química inorgânica.

A química orgânica, atualmente, corresponde ao campo da química que estuda os *compostos de carbono*, os *compostos orgânicos*, sua estrutura, propriedades, reações e sínteses. Ela observa que nem todo composto que possui carbono é orgânico.

Entretanto, todo composto orgânico contém ligações do tipo carbono-carbono. A presença dessa ligação determina o novo critério de demarcação. A passagem do estrato biológico para os estratos químico e físico provoca o desaparecimento da noção de unidade orgânica e antropomórfica. As diferenças residem nas estruturas e ligações dos elementos químicos que compõem as moléculas dos seres vivos. Essas estruturas, se levadas à radicalidade de sua composição, são componentes *inorgânicos*. A química inorgânica ou mineral compreende os elementos ou substâncias que *não* possuem ligações tipo carbono-carbono. Os materiais inorgânicos equivalem a 95% das substâncias existentes na Terra. As *substâncias inorgânicas* encontram-se divididas em quatro grupos ou *funções inorgânicas* (ácidos, bases ou hidróxidos, sais e óxidos). Elas delimitam os campos que estudam minerais, metais, compostos formados por não metais (como, por exemplo, silício, fósforo, cloro, oxigênio) e os compostos de coordenação (metais de transição e espécies doadoras de elétrons)⁷⁰.

A química passa a ser unificada por considerar que os mesmos princípios explicativos para compostos inorgânicos simples estendem-se para os compostos orgânicos complexos. Não só a presença do carbono, mas o tipo de ligação que ele estabelece com os outros elementos define um composto orgânico, tratando-se de um modo de combinação que deriva, dissocia-se, recompõe-se⁷¹. Observa-se que a *força vital*, enfatizada na teoria do vitalismo, vem designar uma capacidade de transformação, acarretando mudanças de estados e de natureza dos compostos, devires orgânico-inorgânico constitutivos de uma vida atravessada por viventes e por não-viventes, marcando uma duração.

Bergson, no século XX, propõe o *élan vital* ou de impulso vital, cruzando filosofia, biologia e física. O impulso vital consiste em um movimento de diferenciação. Deleuze (1999, p. 74-76), ao interrogar o que Bergson quer dizer quando fala de impulso vital, aponta que se trata “sempre de uma virtualidade em vias de atualizar-se, de uma simplicidade em vias de diferenciar-se, de uma totalidade em vias de dividir-se: a essência de vida é proceder ‘por dissociação’ e por ‘desdobramento’, por ‘dicotomia’”.

⁷⁰ A físico-química consiste na base da química.

⁷¹ McMurry (1992) menciona que o “carbono é o principal elemento nos compostos orgânicos, a maioria contém hidrogênio e muitos contêm nitrogênio, oxigênio, enxofre, fósforo, cloro e outros elementos. Os átomos de carbono têm uma capacidade única de formar extensas cadeias e anéis (círculos). O carbono, separado de todos os elementos, tem capacidade de formar uma imensa diversidade de compostos que vão do simples ao vertiginosamente complexo: do metano com um carbono ao DNA com dezenas de bilhões.” [Tradução livre].

A tendência vital procede por feixes de diferenciação. Nesse desenvolvimento em forma de feixe, direções divergentes são produzidas nas quais “se distribuirá o impulso”. A Natureza, para Bergson, comporta todos os graus coexistentes. Ela se exprime “de um lado nas diferenças de natureza, e de outro nas diferenças de graus. [...] Todos os graus coexistem em um só Tempo, que é a natureza em si mesma.” A vida passa a se confundir com o próprio movimento de diferenciação em séries ramificadas. Um movimento que é, simultaneamente, causa externa e força interna explosiva. Nele, “a Duração chama-se vida”, diferenciando-se, afirmando-se, prolongando-se, avançando em “séries ramosas ou ramificadas”. A vida aparece por que a “diferenciação é uma “atualização [...] é sempre a atualização de uma virtualidade que persiste através de suas linhas divergentes atuais”. A força vital da química coincide com o impulso vital no movimento de diferenciação que ganha duração (e matéria).

As divergências entre os enunciados científicos, químicos e biológicos, provocam enquadramentos distintos. Deleuze e Guattari (1997, p. 150) salientam que “[...] esses enquadramentos constituirão tanto um estrato quanto a passagem de um estrato a outro e as combinações estratificadas do molecular e do molar”. Para os autores, a vida consiste, simultaneamente, em um sistema de estratificação e em um conjunto de consistência, que desfaz ordens, formas e substâncias.

Nesse processo de estratificação, o *corpo-composição orgânica-inorgânica* engancha-se às máquinas abstratas axiomáticas (políticas, econômicas, científicas, sociais, ecológicas...) através da sobrecodificação dos ácidos nucleicos presentes nas células. Um corpo-informação concentra nos ácidos desoxirribonucleico (DNA) e ribonucleico (RNA), responsáveis pela transmissão das características hereditárias e pela produção de proteínas constituintes dos seres vivos, os interesses e as possibilidades de ler, interpretar e controlar o organismo. Esses ácidos, compreendidos como estrutura correspondente a um conjunto de códigos e mensagens, são considerados passíveis de decifração e de manipulação mediante métodos apropriados. Linhas de segmentaridade apreendem e fecham esse corpo em conjunções e em totalizações. O conhecimento da estrutura genética, compreendida em um conjunto de códigos similar a um texto a ser interpretado, leva a crer na possibilidade de controle e de governo da hereditariedade dos organismos vivos. O *Projeto Genoma*, criado em 1987 com duração até 2003, traduz os investimentos de vários países na pesquisa destinada a desvendar o código genético de qualquer organismo. Ele inicia como *Genoma Humano*, cujos interesses desdobram-se em inúmeras frentes de reprodução do

capital (da indústria farmacêutica às companhias de seguro). Essas frentes depositam, na decifração do mapa genético humano, o controle de informações, importando nas correções necessárias para a redução e a eliminação de doenças como prolongamento da vida. Um novo organismo, significado em códigos genéticos, reterritorializa-se numa extensa gama de produtos sobrecodificados em informação, garantindo novas formas de expansão econômica, maximização de desempenho e resultados, articuladas às mutações e modelizações subjetivas. Os investimentos orientam-se para o mercado com a definição dos critérios que pautam a adesão aos planos de saúde, a efetuação de contratações nas empresas, a eliminação de genes responsáveis pelas doenças hereditárias, as alterações de sementes resistentes às pragas na agricultura, etc. Deleuze e Guattari (2010) ressaltam a circunscrição restritiva da vida, reduzida à informação e significada em código genético:

[...] o inconsciente verdadeiramente molecular não pode ater-se aos genes como unidades de reprodução, porque estas ainda são expressivas e levam às formações molares. A biologia molecular nos ensina que é somente o DNA que se reproduz, não as proteínas. Estas são produzidas e, ao mesmo tempo, são unidades de produção, e constituem o inconsciente como ciclo ou a autoprodução do inconsciente, últimos elementos moleculares no agenciamento das máquinas desejanças e das sínteses do desejo (p.382-3).

A própria biologia molecular fornece elementos desterritorializantes da noção de corpo construída no estrato biológico. Alguns estudos no plano da epigenética vêm detectando que não é suficiente o domínio do código genético para controlar a reprodução. Percebe-se que o meio ambiente interfere nos processos de clonagem disparados pelo mesmo código, gerando resultados diferentes. O DNA deixa de funcionar como uma unidade/totalidade preditiva. Também, no plano genético, os meios vêm ganhando expressão na constituição dos agenciamentos que se produzem entre os estratos. Os estratos científicos atravessam os eixos de significação e de subjetivação, reorganizando o corpo por recortes que fragmentam o organismo biológico em ações, relações, ligações e compostos químico-físicos. O embaralhamento do corpo moderno, prolongado num corpo social com seus imperativos morais e envolvido pela organização do diagrama disciplinar, é disparado pela especialização e molecularização da biologia. A bioquímica estimula uma desorganização desse modo de vida, deslizando para os estratos químico e físico. A dimensão molecular engendra o molar permeando um tipo de organização, significação e subjetivação atrelada ao controle. Esse novo corte produz efeitos assinalados na passagem do corpo circunscrito pela relação força-

produção fabril para um corpo investido em produto e reabsorvido como mercadoria. Essa quebra do corpo-unidade biológica, estabelecida com os novos contornos (orgânico-inorgânico), enfraquece o corpo como força determinante para o cálculo da energia despendida na produção. Ela prioriza um corpo catalisador de velocidades dirigidas ao desempenho. O corpo torna-se mais lucrativo, quando passa a equivaler ao produto-mercadoria. Ele absorve o *corpo-composição*, o *corpo-fluxo*, converte sua fragmentação em áreas, tecidos, hormônios, tendões como peças adquiridas e avaliadas segundo rendimento, desempenho e maximização de resultados. Esta perspectiva é fomentada pelos discursos bioquímicos e farmacêuticos (associados às máquinas publicitárias e midiáticas) que depositam, nos compostos orgânicos artificiais, o aumento dos efeitos de sínteses como produtos ofertados para a renovação desse corpo emergente.

Convém observar a quantidade de anúncios, disponibilizados na *internet*, prometendo maior rendimento e eficácia para o corpo segmentado de acordo com o consumo específico de aminoácidos. A proliferação desses segmentos em novas mercadorias alimenta a subjetividade dominante que reproduz o funcionamento das sociedades de controle, caracterizado pelo capitalismo de sobreprodução. Uma *barriguinha tanquinho*, um par de seios ou de panturrilhas de silicone são comprados e vendidos como peças destacadas de um corpo produto-mercadoria, um produto acabado.

Esse corpo não é mais concebido como uma unidade e/ou totalidade reproduzida nas relações fabris, cujo limite orgânico (do operário) estaria estabelecido pela oposição ao instrumento não orgânico (dos meios de produção). No corpo reterritorializado em produto-mercadoria, a ingestão de compostos químicos e a aquisição de próteses concorrem não mais para aumentar sua extensão em termos energéticos, visando ao aumento da capacidade de trabalho produtivo, mas para sua expansão em termos de consumo pela reprodução dos efeitos estéticos e publicitários. Tanto o corpo anabolizado, quanto o corpo anoréxico são resultantes desses movimentos. Neles, com vetores diferentes, a energia é consumida para garantir resultados ao próprio corpo convertido em mercadoria como finalidade última, como produto que compromete a integridade da vida face à eliminação de gorduras, ao aumento da capacidade de absorção componentes e /ou da velocidade de oxigenação das células, desdobrados em efeitos colaterais desastrosos e destrutivos. Uma energia correspondente à força consumida para o aumento e a tonificação do músculo, conformando o *atleta bombado*. Uma energia exaurida no consumo de um “corpo linha”

que resulta na própria consumação para reprodução do padrão *top-model*. Próteses que aumentam o desempenho do corpo produto-mercadoria são adquiridas na bolsa de valores subjetivos. A estética da longevidade renova e reconstrói áreas, indicando um esforço com diferentes direções que refazem o corpo humano em linhas de segmentaridade, bem como procuram apagar seus traços singulares. Este é o corpo reterritorializado em capital. Ele é segmentado, ampliando a gama de novos produtos e comportamentos que fixam o padrão antropomórfico em significante capitalístico, consolidando o produto acabado. Baudrillard (1970), ao tratar do corpo como o *mais belo objeto de consumo*⁷², chama atenção para um processo de significação que libera o corpo da função produtiva para transformá-lo em *objeto-signo*. O autor assinala uma espécie de duplicação do corpo-signo em significante, já que o significado passa a ser a sua própria forma. Através de um viés estruturalista, Baudrillard traduz a maneira de construir o corpo especialmente pelas máquinas midiáticas. Esse investimento é inerente à lógica capitalística que tem no significante um de seus eixos de sustentação.

Nas sociedades disciplinares, o corpo é biologizado, medicalizado, higienizado, docilizado, tornando-se organismo com função produtiva ao converter sua energia em força de trabalho. Sua transformação em *corpo-composição-orgânica-inorgânica* reproduz e amplia o capital, quando ele se torna produto-mercadoria e mais-valia de poder, ligado aos processos de subjetivação das sociedades de controle. As práticas da eliminação constituem acontecimentos, que se efetuam em inúmeros agenciamentos concretos (da tonificação muscular, passando pela indústria de aminoácidos e energéticos, dos recursos tecnológicos à velocidade da informação), traçados pelo desempenho e pelo aumento da eficácia. O verbo *deletar*, ao supor uma noção de resíduo, envolve os entraves ao funcionamento do sistema. A orientação do *deletar* ignora a multiplicidade, suprimindo os componentes que podem levar à dispersão. Nessa ordem, o que atrapalha é eliminado, extinto, apagado.

As zonas de estratificação que conferem significação e interpretação a esse corpo emergente ligam-se à química, à física e às suas derivações. Nessa perspectiva, as fronteiras e as dicotomias decorrentes da divisão Homem-Natureza (sujeito-objeto, cultura-natureza, artificial-natural) desfazem-se em compostos e partículas. Isto não quer dizer que o corpo desaparece ou se desmaterializa. Ele ganha novas dimensões (às vezes imperceptíveis), velocidades e lentidões, densidade e volume diferenciados

⁷² Cf. BAUDRILLARD, Jean. *A Sociedade de Consumo*. Lisboa, 1970.

daquele corpo-organismo individual. O corpo atual, ao invés de ser definido pelo *corpo-órgãos-organização*, efetiva-se num *corpo-orgânico-inorgânico-composição*.

O organismo abre-se para uma natureza maquínica. Um *corpo-composição*, um corpo-fluxo que, a partir de forças, engendra agenciamentos com propriedades, ligações, reações e funções. Ele é físico-químico, seja pelas cargas eletromagnéticas dessas ligações, seja pelas relações de forças produzidas, seja pela efetuação em novas conexões às máquinas informacionais e comunicacionais, que levam a uma composição em rede, adquirindo novas velocidades e dimensões. Um corpo que, atravessado pelo silício, provoca novas percepções, remanejando o organismo. Trata-se de um corpo experimentado como agenciamento maquínico que engendra inúmeras e diferentes máquinas. Ele passa a ser um corpo fragmentado, descontínuo, conectável e condutor (de velocidades, de informações) que se pulveriza em máquinas biológicas, sociais, políticas, econômicas, administrativas, cibernéticas, comunicacionais, culturais... Esse corpo constitui-se em “agenciamentos de poder bastante particulares que impõem significância e subjetivação como uma forma de expressão determinada em pressuposição recíproca a novos conteúdos” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 48).

A informação e a deleção instauram condutas que fazem corresponder indivíduos a dados e ícones quantificáveis em *scores*. Nessa passagem, a desterritorialização do corpo biológico transforma o dado em um elemento do *corpo-composição orgânica-inorgânica*, intensificando a reprodução da *alma* da empresa. As condutas, operadas conforme o funcionamento do capital comercial e financeiro, transformam todas as ações em equivalências cotizáveis e oscilantes nas ofertas de *pregões subjetivos*. Os ambientes informatizados convertem-se em vitrines e em bolsas de valores, fazendo uso dos mecanismos de mercado nas relações moleculares. Os *sites pessoais* funcionam como banco de dados através das redes sociais. Esta superfície de registro ramifica-se em contatos e códigos mensuráveis segundo procedimentos utilizados no mercado financeiro. As operações financeiras desdobram-se em práticas moleculares, percorrendo as montagens de perfis disseminados na *internet*. Elas alimentam um processo de subjetivação em que as ações e as informações equivalem às cotações, cujos medidores determinados por adesões e deleções anunciam um prestígio flutuante a ser constatado pelas consultas nos *sites* de relacionamento.

As relações vividas passam a ser orientadas por esses registros, pois neles, as

contas adquirem importância e valor⁷³. Os ambientes informatizados reproduzem os mecanismos de mercado nas relações moleculares. Nessas experimentações do *corpo composição orgânica-inorgânica*, o devir inorgânico do carbono, estabelecido com seu acoplamento ao silício, desdobra-se em escalas que se desprendem da forma e dos valores antropocêntricos. O desempenho vem desativando a disciplina. O enfraquecimento dessa tecnologia de poder constitutiva de um traço diagramático, que percorre e organiza as sociedades modernas com base na produção industrial, pode ser detectado quando da fragmentação do *corpo-organismo do indivíduo*, da desarticulação do *corpo da população* e do definhamento da função do Estado Moderno, quando passam a obstruir as novas exigências do mercado. A possibilidade de estender o lucro, ocupando novos domínios, transforma o capitalismo e desenha um diagrama intermediário, que privilegia o desempenho em detrimento da disciplina. Deleuze (1988, p. 44) menciona a existência de diagramas intermediários “como passagens de uma sociedade à outra (...). É que o diagrama é altamente instável e fluido, não para de misturar matérias e funções de modo a constituir mutações”. Para o autor, o diagrama ou a máquina abstrata consiste em uma cartografia que expõe as relações de forças constitutivas do poder: “o diagrama, ou máquina abstrata, é o mapa das relações de forças, mapa de densidade, de intensidade, que procede por ligações primárias não localizáveis e que passa a cada instante por todos os pontos, ou melhor, em toda relação de um ponto a outros” (p.46). Deleuze prossegue, dizendo que

[...] o diagrama age como causa imanente não-unificadora, estendendo-se por todo o campo social: a máquina abstrata é como a causa dos agenciamentos concretos que efetuam suas relações; e essas relações de forças passam, *não por cima*, mas pelo próprio tecido dos agenciamentos que produzem (p.46).

O desempenho, apreendido em inúmeros agenciamentos concretos⁷⁴, constitui-se em um traço diagramático do controle, tecendo investimentos e definindo matérias e funções produtoras das mutações na máquina social.

⁷³ O ingresso na *internet* exige a abertura de uma conta através de um cadastro, uma senha de acesso e da disponibilização de um conjunto de informações definidoras dos *perfis*.

⁷⁴ Conforme Deleuze (1996, p. 47), os agenciamentos compõem-se por linhas e as “linhas são os elementos constitutivos das coisas e dos acontecimentos. [O mapa] é um conjunto de linhas diversas funcionando ao mesmo tempo. Cada coisa tem a sua geografia, sua cartografia, seu diagrama. [...] o que há de interessante, mesmo numa pessoa, são as linhas que a compõem, ou que ela compõe, que ela toma emprestado ou que ela cria”.

Traços do desempenho nas estratégias de subjetivação

No eixo de subjetivação engancham-se máquinas tecnológicas, informacionais e comunicacionais que alargam os limites do *corpo-composição* e fazem reverberar os componentes da *alma gás* nos territórios domésticos, familiares, escolares, lúdicos, amorosos através instauração de uma vitrine digital. Os *sites de relacionamento* constituem uma superfície alimentada continuamente por ações acompanhadas, avaliadas, julgadas, compartilhadas e suprimidas de acordo com o comando dos componentes associados em rede. Há uma visibilidade maximizada em espetáculo que substitui as aberturas e os fechamentos pertinentes à vigilância. A positivação do controle supõe a sua conversão em índices de aprovação, em número de comentários, de contatos e de *seguidores*. Esses índices são constatados pelos acessos, demarcando o sucesso da página, do *site*, do *blog*, da conta. Algumas estratégias são utilizadas, via atualização contínua de postagem, para que a conta seja sempre acessada, importando em maior visibilidade convertida em número.

A fronteira moderna entre público e privado borra-se. As restrições tendem a se enfraquecer frente às adesões e à incitação ao espetáculo. As preocupações com o caráter invasivo do controle, que penetra o espaço privado, são problematizadas em *1984* de George Orwell. O livro destaca as dimensões éticas e políticas produzidas pelos mecanismos de vigilância e controle que ativam a máquina paranoica através de uma tecnologia produzida com a presença coercitiva do *Big Brother*. As máquinas paranoicas são máquinas que procedem por bi-univocização, segmentando e atribuindo fatores extrínsecos à produção desejante. Estes fatores funcionam como causas, cuja divinização e transcendência distribuem origem e destino, conferindo às relações e aos eventos um traço persecutório a partir de julgamentos. Segundo Deleuze e Guattari (2010, p. 257), “a paranoia é esta potência de projeção, esta força de voltar a partir do zero, de objetivar uma completa transformação: o sujeito salta para fora dos cruzamentos aliança-filiação, instala-se no limite, no horizonte, no deserto, sujeito de um saber desterritorializado que o liga diretamente a Deus e o conecta ao povo”. O princípio de conhecimento paranoico permite julgar a vida.

O filme, *Inimigo do Estado*, dirigido por Tony Scott e lançado em 1998, ainda traz uma polêmica similar à problematização de *1984*. O enredo explora a ação e a aventura para denunciar o uso das tecnologias de controle e segurança pela informação e comunicação extensivas aos cidadãos comuns diante do risco de invasão do espaço

privado como um espaço íntimo a ser preservado. No espaço privado, a vigilância disciplinar é localizável pela presença dos pares que circulam ou se avizinham a esse limite físico. No controle, não somente os limites das esferas públicas e privadas diluem-se, como também os observadores pulverizam-se. A história questiona a implementação da lei que permite o uso de equipamentos de segurança nacional para controle molecular e contínuo. A divergência de interesses leva a CIA a eliminar um senador norte-americano, presidente da comissão que diz “não” ao projeto de lei sobre segurança e privacidade nas comunicações. O político considera uma invasão de privacidade, alegando que “esta proposta de lei é a própria sociedade vigiada na prática. Não vou aprovar uma lei que aponta uma câmera ou um microfone a quem bem entender”. A discussão no campo legal corre o risco de impedir a aprovação da lei, portanto a solução é exterminar o político que se opõe a ela. O diálogo faz equivaler o poder destrutivo do microfone ao de uma arma, salientando a capacidade de destruição das máquinas comunicacionais e informacionais (que também permeiam as máquinas de guerras).

O argumento em defesa da implementação da lei, que justifica uma série de crimes no desenrolar do filme, aparece num diálogo entre um ex-agente da CIA e um funcionário de alto escalão da mesma agência. O primeiro considera plausíveis as ações da CIA no período da Guerra Fria, fazendo uma demarcação de limites para suas intervenções: “nós lidávamos só com a guerra, jamais [interferíamos] nos assuntos domésticos”. O segundo destaca o ajuste destas instituições aos interesses vinculados ao novo desenho mundial:

Vencemos a guerra. Agora estamos lutando pela paz. Agora temos milhões de doidos armados com miras telescópicas, gás Sarin e explosivos. Garotos de 10 anos de idade entram na *internet* copiam códigos, que nós mal deciframos e instruções de como fabricar uma bomba nuclear. A privacidade morreu há anos porque é um luxo. A única privacidade que resta está dentro de sua cabeça. Acha que somos inimigos da democracia? Somos a última esperança dela.

O filme ainda traz uma perspectiva reformadora com a tentativa de manutenção das fronteiras entre público e privado. As resistências ao controle diminuem com a disseminação da *internet* nas práticas cotidianas, disponibilizando e sofisticando os recursos tecnológicos que, até o final da Guerra Fria, eram de uso exclusivo do Estado. O monitoramento transmuta-se em espetáculo e em compartilhamento que adquirem uma importância quantificável, sobrepondo-se ao juízo. A presença de um controle constante e amedrontador passa a ser incitada e valorizada positivamente. Também os

realities shows vêm fomentar a espetacularização e a premiação. O motivo dos jogos digitais e dos *realities shows* é saber eliminar com tal eficácia que se obtêm a aprovação e o reconhecimento dos demais participantes.

A descartabilidade e o tratamento dados à vida frente à sua correspondência ao jogo digital também estão presentes em outra cena do filme *Inimigo de Estado*. Entre os personagens estão os *hackers*, legalmente condenáveis, e os *nerds*, socialmente discriminados. Estes jovens são absorvidos pela CIA, participando da perseguição do protagonista principal. As suas atitudes são marcadas pela vibração e prazer em fazer da perseguição um jogo de simulação, chamado de treinamento, sem manifestar qualquer preocupação com os efeitos e os danos que podem produzir na vida dos demais personagens da trama. A superação de cada impasse é uma meta atingida numa espécie de exercício de isolamento afetivo dirigido aos resultados. As medidas dessa superação são significadas numa escala de capacidade e sucesso traduzida por *ser bom nisso*⁷⁵. Em outra ponta de ação da missão, localizam-se os executores do extermínio, uma espécie de soldados-rasos provenientes dos universos do crime, os quais são eliminados após cumprirem as ordens. Trata-se de uma maneira de *limpar* os resíduos, apagar as provas que possam depor contra os procedimentos da instituição⁷⁶. O caráter ficcional da história não invalida o processo de subjetivação. Pelo contrário, reforça-o na medida em que faz reverberar estes elementos e seus critérios de valoração nas relações e nas atitudes moleculares.

O sistema aberto, voltado para a eficácia através da eliminação dos erros, é acionado por máquinas informacionais e cibernéticas com uso da senha. Um sistema desdobrado das inovações técnicas/tecnológicas e da sofisticação de equipamentos engendram essas máquinas. As máquinas informacionais e cibernéticas produzem efeitos de controle constante por modulações, frequências e ondulações, fazendo com que o domínio seja exercido através da comunicação. Elas provocam a acentuação da vigilância, o transbordamento da disciplina – e do diagrama panóptico. A vigilância é desterritorializada e positivada pela promoção de espetáculo, fazendo com que esse mecanismo de controle seja absorvido e estimulado nas práticas e nas condutas cotidianas. O aumento do controle e sua conversão em espetáculo maximizam a

⁷⁵ Em várias histórias inspiradas em fatos reais, os personagens produzem uma vida de *não senso* em que a potência dos afetos restringe-se ao significado *ser o melhor naquela ação*, em obter o maior índice de resultados associados àquela prática. No filme *O Senhor das Armas* é traficar armamentos; em *Guerra ao Terror* é desarmar bombas; em *Amor sem Escalas* é demitir pessoas.

⁷⁶ A liquidação de sobras e de resíduos provém das iniciativas comerciais destinadas à substituição de produtos no mercado. Quando as pessoas tornam-se resíduos, determinam-se as maneiras de liquidá-las.

exposição, transformando-a em probabilidade de reconhecimento. A permanência nesse jogo, marcado por provas decisivas e eliminatórias, exige o borramento dos limites e dos juízos, o abandono dos valores modernos de justiça, altruísmo, verdade, culpa.

Os *realities shows* vêm diluir as noções modernas que definem as aberturas e os fechamentos, bem como a função do confinamento. Eles atuam na aprovação do controle, habilitando a eliminação nas relações cotidianas estabelecidas em territórios demarcados para convívio contínuo entre os participantes. Sua consolidação é assegurada pela espetacularização e pela premiação. O exercício não se restringe aos participantes, mas envolve todo universo de audiência que passa a opinar e determinar decisões de permanência ou retirada do jogo. O olho avaliador presente no espetáculo adquire nova significação. A crueldade pertinente à moral que invoca o *olho dos deuses*, o *olho avaliador*, para tirar prazer da dor, atribui um ar de festa ao castigo como um ato de justiça, conforme propõe Nietzsche (2008, p. 55-6). A subjetividade capitalística atualiza esse *olho avaliador*, fazendo dele um participante do espetáculo não mais ligado à dívida e à justiça, mas à eliminação compreendida em prática de bons resultados, em repertório para o reconhecimento. As regras do novo jogo destinam-se à maior visibilidade e maior duração com a utilização de recursos mais eficientes pelo protagonista, a fim de manter o interesse sobre ele, garantindo, com isso, a elevação de índices (pessoais, de audiência, de votação, de tributos e de serviços agenciados que mantêm a veiculação do programa).

A credibilidade atribuída para esses *shows* entrelaça o modelo (extraído dos estados vividos) com as estratégias adotadas pelos jogadores como modulações de um estilo, ao qual se deve aderir: um *estilo-referência*. O espírito da empresa dissemina-se em circunstâncias variadas a partir da tematização do programa. O caráter empreendedor alimenta esses investimentos baseados nas superações de limites. O *reality show* intitulado *The Money and Power* (O dinheiro e o poder), como mais um produto do *rapper* 50 Cent, reforça a política da *Music Television* (MTV) em incitar uma geração de *capitalistas da aventura*, estimulando-os “a viver, trabalhar e jogar em seus próprios termos⁷⁷”. No programa, o músico é o chefe que ensina para quatorze

⁷⁷ Informações disponíveis no site <http://www.mtv.pt/noticias/50-cent-fala-de-dinheiro-e-poder>. Acessado em 23 outubro 2010. No Brasil, o programa foi exibido em 2009. O texto de divulgação da programação televisiva desse *reality show* destaca a celebridade como um modelo de *homem de negócios*: “50 Cent conseguiu transformar sua carreira musical num império colossal. O homem vale milhões de dólares; e agora está disposto a pegar US\$ 100 mil do seu próprio bolso para encontrar aquele que será o próximo “papa dos negócios”. Disponível em <http://www.hagah.com.br/programacao-tv/jsp/default.jsp?uf=2&local=18®ionId=2&action=programa&canal=MTV&operadora=21&program>

participantes “as lições que aprendeu na rua e que o ajudaram a construir a carreira de sucesso”. Em um armazém do Brooklyn, chamado *campo Curtis*, os participantes realizam provas físicas e mentais extenuantes, tais como correr acorrentado pelas ruas do bairro. A cada semana, 50 Cent elimina um integrante da equipe segundo critério de manutenção dos negócios e resposta ao desafio anterior. A premiação de 100.000 dólares destina-se àquele que apresentar mais coragem, ambição e talento empresarial. De acordo com o site, o *reality show* consiste em um exercício acerca da *arte de traficar para o dinheiro*. A reprodução da atitude empreendedora, que elimina os entraves atingindo graus de extermínio, torna-se uma conduta que atinge níveis de indiferenciação entre os territórios do tráfico e da empresa. O sucesso desse modo de proceder no tráfico assegura o sucesso na esfera empresarial com a diversificação dos produtos lançados no mercado (drogas, músicas, livros, filmes, jogos). Uma arte que converte o ilícito em legítimo, a fim de tornar lícitos seus ganhos, acompanha os movimentos das operações financeiras e, quando transformada em cifras milionárias, passa a ser digna de mérito, de destaque publicitário e de reconhecimento no universo legal e no mundo empresarial.

No *making off* do filme *Get rich or die tryin'*, o músico e produtor Quincy Jones define 50 Cent: “É mais do que música, é um estilo de vida, é um jeito de falar, de se vestir, é um espírito empreendedor. É tudo. Todo um estilo de vida. É mais sociológico do que apenas música”. Nesse *estilo-referência*, o *rapper* usa o apelo publicitário e empreendedor para vender suas músicas, sua imagem, seus acessórios associados a uma conduta digna de reconhecimento e de reprodução, tornando-a equivalente ao negócio da venda de drogas. O transbordamento dos territórios empresariais em arranjos do empreendedorismo noutros domínios caracterizam o *estilo* como um modo de vida, que também pode engendrar um poder jurídico-político, mas sempre privilegiando a venda no mercado. Os elementos do território *rap* são remanejados e capturados pelo mercado, alinhando-se aos segmentos de reprodução do lucro e do poder. Nesse caso, a disputa pelo mercado aproxima-se da disputa pelos pontos de venda no tráfico com práticas moduladas pela eliminação-extermínio. A maneira de fomentar a venda de novas canções e álbuns no universo musical, fabricando intrigas publicizadas entre *rappers*, vem acompanhada de agressões e provocações. A resposta a cada canção é considerada eficiente, na medida em que vende mais que a anterior. Nesse jogo, o

melhor desempenho fomenta a substituição vertiginosa dos produtos.

Em 2008, 50 Cent lança *A Lei 50*, livro escrito em co-autoria com Robert Green, especialista em estratégia e motivação, versando sobre os passos que conformam um plano de cinco anos para ter sucesso nos negócios. O destaque para uma carreira bem-sucedida e para o *espírito empreendedor* do autor caracteriza o foco do livro, que desponta como *best-sellers* na lista do *New York Times*. O traço agressivo do empreendedorismo do *rapper* é o motivo da notícia quando do lançamento da obra “Se há alguma coisa que 50 Cent sabe fazer (além de destruir brutalmente a carreira dos outros) é diversificar suas fontes de receita”⁷⁸.

O *estilo empreendedor*, que permeia os territórios existenciais num transbordamento dos territórios empresariais, é estudado por Gadelha (2009). Ele (p. 156) cita Laymert Garcia dos Santos (2007) que, baseado em López-Ruiz, destaca “a figura do executivo como matriz de uma conduta a ser disseminada pela sociedade inteira e fundada não na satisfação do desejo [referência ao consumo], mas no investimento constante e exclusivo da vontade na produção da riqueza abstrata”. Nessa conduta, “[...] o homem contemporâneo tem de reduzir todos os seus atributos à dimensão do interesse e incorporar a lógica do capital” como fim, sobrepondo-se à própria vida. Gadelha (2009, p. 156) prossegue a definição do empreendedor baseado em Davenport: “o novo empreendedor [é considerado] um investidor, uma espécie de *sócio* que investe seu capital humano na empresa que trabalha”. Os traços característicos desses indivíduos-empresa são a pró-atividade, a inovação, a inventividade, a flexibilidade, o senso de oportunidade, a capacidade de mudança. Conforme Davenport, pode-se destacar o traço do capital financeiro no processo de atualização da subjetividade contemporânea que rebate na ampliação da empresa. Como os limites e as regras tornam-se maleáveis, a oportunidade converte-se em oportunismo; a capacidade de mudança diz das alianças efêmeras e da disposição para desfazer vínculos, extinguindo os membros da equipe; a pró-atividade, a invenção e a inovação envolvem os riscos decorrentes das estratégias montadas. Gadelha (p. 155) extrai do texto de Garcia dos Santos (2007) que “[...] a busca do ganho é mais do que obrigação – tornou-se um imperativo vital”.

A importância da Escola de Chicago para conversão do capital em uma conduta

⁷⁸ Informações disponíveis no *site*: <http://www.theboombox.com/2009/09/30/50-cent-takes-50th-law-to-best-seller-status>. Acesso em 20 dezembro 2010. Em janeiro de 2012, o músico deverá lançar um livro sobre o *bullying*, tema que vem rendendo milhões em vendas de exemplares nos últimos anos.

empreendedora é relatada no percurso histórico que destaca o investimento no capital humano. Gadelha (p. 143-4) salienta a transformação de sujeitos de direito em indivíduos-microempresas-empreendedores quando os valores econômicos que “migraram da economia para outros domínios da vida social, disseminando-se socialmente, ganharam um forte poder normativo, instituindo processos e políticas de subjetivação [...]”. Nessa passagem, o mercado adquire função de decifração, estabelecendo um *princípio de inteligibilidade* da sociedade e das relações dos indivíduos, generalizando-se como forma lógica e substância do ser. A gestão do Estado e das atividades monetárias estende-se para relações sociais, definindo sociabilidades e comportamentos de indivíduos. O autor (p. 146), sustentado em Johnson e em López-Ruiz, define o capital humano e o empreendedorismo como valores sociais, envolvendo um conjunto de habilidades (produto de investimento em educação), capacidades e destrezas (que envolvem comunicação e cálculo) com valor de mercado (compreendendo valores de troca para a empresa capitalista). O capital humano torna-se equivalente do capital do indivíduo. As capacidades correspondem a uma programação estratégica da atividade individual constitutiva do comportamento humano com base no cálculo e na racionalidade interna. A capacitação do indivíduo determina a sua decisão para atingir um fim. O processo desterritorializa-se em atividade nos estratos econômicos.

Gadelha (p.149), para focar a transformação do trabalho em atividade associada à mutação do sujeito de direito em indivíduo-empresa, cita Garcia dos Santos (2007): “o indivíduo moderno, a que se qualifica como sujeito de direitos, transforma-se, assim, num indivíduo-microempresa[...]”. Atividade, aqui, encontra-se circunscrita ao comando estratégico. Ela difere tanto da noção de trabalho quanto da noção de atividade que se encontram atreladas ao processo de produção em Marx. O conceito marxista de trabalho, segundo Martins (1992, p. 24) diz de “uma atividade alienada (estranhada), em que o homem se perde de si mesmo porque não consegue se reconhecer em seu transcurso”. A atividade remete a uma categoria mais ampla, “uma forma ampla de intercâmbio, em que o sujeito interage com objeto, [nesta relação] a atividade se processa na mais variadas manifestações de existência [...]”. Nesse sentido, o trabalho marca uma ação apartada do processo que liga produtor ao produto, distinguindo-se da atividade que concerne a uma potência de singularização por se manter irreduzível às regras coercitivas e às exigências capitalistas. Ela se desdobra em fluxos e atitudes que não se convertem em capital. Quando absorvida em segmentos,

transforma-se em posturas e condutas que rebatem os padrões molares produzidos por sobrecodificações e axiomatizações. As dicotomias atreladas ao indivíduo ainda reforçam fronteiras determinadas segundo pares (indivíduo-coletivo, privado-público) que enfatizam a participação e a responsabilidade social, demarcando valores modernos incompatíveis com as sociedades de controle. Não há uma combinação indivíduo-empresa. Ele se desfaz em empresa através da *alma-gás*. Humano e indivíduo são termos que tendem a ser descartados dos eixos de significação e subjetivação das sociedades de controle.

Gadelha (2009) aponta que, para Foucault, a Escola de Chicago se faz portadora de um deslocamento conceitual-valorativo, no qual o investimento é acentuado em detrimento do consumo. Convém salientar que o consumo consiste em um investimento subjetivo, reverberando em outros territórios existenciais. Não ocorre uma substituição. O deslocamento, demarcado por Foucault, produz-se por desdobramento. O investimento é produto de territórios financeiros e monetários provenientes do incremento do próprio consumo. A conduta da empresa, que prioriza a eliminação e realimenta o mercado, provém dessa ordem de consumo. Essa articulação é marcada por condutas empreendedoras que se tornam produtos-mercadorias, quando “compram-se produtos, vendem-se ações e serviços”.

Gadelha (2009, p.153) menciona que os princípios de mercado tornam-se normativos à sociedade, alterando a percepção e estabelecendo relações de concorrência. Ele cita Rifkin (2003):

[...] para Foucault, o que está em jogo nessa forma de governamentalidade neoliberal norte-americana é a pretensão em tornar os indivíduos em sujeitos-microempresas e de comercializar todas as relações humanas, a qualquer hora e em qualquer lugar, mediante sua inscrição em uma relação concorrencial.

Nessa relação de mercado, em que se impõem novas regras coercitivas, a relação concorrencial desaparece em prol da eliminação (dos concorrentes). A relação concorrencial aproxima-se da relação conflitual, pressupondo existência de certa simetria entre pretendentes. A concorrência mantém um caráter estruturante com forças em disputas numa alternância de posição pelo participante, que melhor atende às demandas e às exigências da instituição e/ou do mercado, segundo uma regulação ainda contratual. Ela não aniquila seu opositor, mas vence-o, *respeitando* tais regras num jogo dito *transparente*. A eliminação suprime o concorrente com objetivo de que não existam mais condições de ele participar das disputas e conquistas de mercado. Ela se

sobrepõe à concorrência, já que subtrai, destrói, acionando os mecanismos que escapam das regras formais (jurídico-políticas), fazendo valer o controle de fatores e eventos que possam assegurar o aniquilamento do concorrente⁷⁹. Este funcionamento aparece tanto no *reality show*, quanto nas disputas internacionais que fazem uso das práticas de corrupção para assegurar o domínio de mercado pelas empresas associadas. A corrupção é acionada quando os contratos e as leis internacionais atrapalham a expansão de tal domínio. Ela deixa de ser a negação da regra para se tornar componente que valida a própria regra do jogo⁸⁰. A conquista erige mecanismos legais e/ou adapta estatutos legais aos limites delineados pela moeda e pelo mercado numa substituição vertiginosa de regras que proliferam conforme os participantes do jogo em confluência com a expansão do lucro.

A informação no jogo da eliminação e do capital financeiro

A eliminação pressupõe uma conduta focalizada na obtenção da vitória, significada em meta determinada e atingida através de um jogo com regras efêmeras, delineando um novo imperativo. Se o contrato contém cláusulas que não garantem o domínio do mercado pela empresa, corrompem-se as regras, manipulam-se as informações, destroem-se os concorrentes, garantindo o controle pela empresa mais eficaz, mais agressiva.

Os movimentos de *dumping* no jogo do capital financeiro utilizam-se desses

⁷⁹ O aniquilamento decorrente do desaparecimento da relação conflitual é destacado por Michel Wieviorka (2005 e 2006), quando apresenta os deslocamentos mundiais provocados com o fim da Guerra Fria e o desaparecimento de um bloco econômico, que trazia um modelo opositivo ao outro bloco, mesmo tratando-se de uma mesma lógica, denominada por Guattari (1986) de Capitalismo Mundial Integrado. Numa perspectiva dialética, Wieviorka considera este desaparecimento do conflito a causa responsável pela destruição, visto que o oponente torna-se inimigo. Importa, nos elementos apontados pelo autor, assinalar a importância que o extermínio e a liquidação do concorrente adquirem nos estratos político-jurídico, econômico-financeiro, tecnológico e social, desdobrado com a pulverização das guerras em terrorismo e a intensificação do tráfico de armas como um negócio muito lucrativo ao mercado face à sua reconversão no sistema monetário e financeiro.

⁸⁰ O filme *Syriana* traz um diálogo preciso para apontar que as regras de disputa não são mais concorrenciais. Dois representantes jurídicos dos interesses das empresas norte-americanas numa disputa de mercado para controlar a indústria do petróleo nos emirados árabes discutem. Um dos advogados apela para o respeito aos direitos comerciais internacionais, julgando o outro colega com o atributo de corrupto. A resposta do interlocutor é: “Agora, meu amigo, a corrupção faz parte do jogo”. A sinopse apresenta o filme, dirigido por Stephen Gaghan e exibido em 2005, como “uma trama complexa sobre petróleo, terrorismo, dinheiro e poder” que envolve o negócio e a movimentação de muito dinheiro. “E o dinheiro move a corrupção, dos escritórios de Houston aos salões de Washington e aos palácios do Médio Oriente – arrastando homens de negócios, príncipes, espões, políticos, simples trabalhadores e terroristas numa complexa teia de decepção e crime”. A história coloca em funcionamento o extermínio como fim último para garantir os interesses das empresas, arranjando políticos, agentes secretos, plantando informações, produzindo ações terroristas capazes de justificar medidas que suplantam as leis internacionais.

mecanismos, consistindo em associações temporárias de empresas que já lideram o mercado para impedir a entrada de um novo componente (concorrente), oferecendo um produto mais barato. A expressão *dumping*, no inglês moderno, provém do verbo *to dump* que significa despejar, descarregar, desfazer-se de algo ou jogar fora. A sua definição jurídica é dada pelo artigo VI do GATT/1994, no Acordo Antidumping da Rodada Uruguai da Organização Mundial do Comércio (OMC)⁸¹. A operação do *dumping* consiste em forçar a queda dos preços dos produtos e ações das empresas que dominam o mercado a cotações tão baixas que geram intencionalmente uma crise temporária. A permanência dessas empresas *no vermelho*, durante um período, tem como propósito eliminar o pretense concorrente, liquidando qualquer possibilidade de sobrevivência ou restabelecimento desta nova empresa no futuro.

Estas práticas subjetivantes atravessadas pela eliminação são produções de máquinas sociais e técnicas, gerando uma rearticulação do capital de aliança (comercial e financeiro) com o capital filiativo (industrial) em direção à expansão do lucro marcada por novos investimentos. Deleuze e Guattari (2010) assinalam que o capital mercantil e capital financeiro são anteriores à máquina capitalista e estão numa relação de aliança com a produção não capitalista. Abre-se a possibilidade de pensá-los como focos de novos investimentos que garantem a expansão dos limites da máquina capitalista, inserindo a antiprodução (consumo e investimento) na produção⁸².

O capital filiativo caracteriza-se pelo dinheiro engendrado em dinheiro, transformando-se em capital. Nesse processo, o dinheiro organiza a produção, fazendo do capital uma “causa”. A disjunção e a descodificação generalizada dos fluxos possibilitam uma abstração, em que o capital torna-se causa e fim do processo produtivo.

O capital efetiva o consumo, na medida em que conjuga os fluxos descodificados na máquina capitalista, entendida como máquina social. Essa conjugação

⁸¹ A Organização Mundial do Comércio define a prática do *dumping*, nos termos do artigo 2.1 do seu texto legal, como sendo “produto introduzido no mercado por um preço inferior ao seu valor normal, preço comparável, no curso normal das atividades comerciais, do produto similar quando destinado para consumo do país exportador”. A conceituação jurídica do “*dumping*” mantém a ideia geral de venda de um produto a preços inferiores ao seu valor normal, destacando-se que esse valor normal é o valor do produto quando destinado ao consumo no país exportador em condições normais de comércio. Informações fornecidas pelo *site* www.edisonsiqueira.com. Acessado em 06 março 2011.

⁸² Deleuze e Guattari (2010) salientam que a “máquina capitalista começa quando o capital deixa de ser de aliança para ser filiativo” (p.302). Eles prosseguem afirmando que o “capitalismo só começa, a máquina capitalista só está montada quando o capital se apropria diretamente da produção, e quando o capital financeiro e o capital mercantil nada mais são que funções específicas correspondentes a uma divisão de trabalho no modo capitalista de produção em geral” (p.300) .

de dois fluxos extrínsecos, fluxos de produtores e fluxos de dinheiro, abarca o dinheiro descodificado e convertido em capital. Ocorre, conforme Deleuze e Guattari (2010, p. 299), uma desterritorialização da riqueza em abstração monetária, uma descodificação dos fluxos de produção pelo capital mercantil, uma descodificação dos Estados pelo capital financeiro e uma descodificação dos meios de produção pela formação do capital industrial.

Os movimentos de atualização do capitalismo remanejam o capital mercantil e financeiro, incrementando a subjetividade capitalística. Nessa trajetória, o consumo encontra-se reinserido na produção através do financiamento e do crédito pessoal, cuja conjugação de linhas e de fluxos passa a investir nos atos de consumir, eliminar e exterminar. Tal passagem pode ser localizada a partir da dupla articulação do dinheiro, considerado corpo pleno da máquina capitalista. Deleuze e Guattari destacam a relação diferencial (e matematicamente indeterminável) entre força de trabalho e capital que desdobra o dinheiro em *fluxos de meios de pagamento* e *fluxos de financiamento*. Os fluxos dos meios de pagamento correspondem aos signos monetários de valor de troca, aos bens de consumo e aos valores de uso. Eles instauram uma relação bi-unívoca entre moeda e produtos. Trata-se do dinheiro que o assalariado recebe e que representa um corte-extração na produção. Já os fluxos de financiamento carregam os signos de potência do capital, cujo sistema de coeficientes diferenciais da produção determina uma avaliação em longo prazo. Esses fluxos inscrevem o dinheiro no balanço da empresa. Eles se encontram ligados a uma axiomática de quantidades abstratas que procedem por corte-desligamento, possibilitando a rearticulação das cadeias econômicas, quando os fluxos de produção se apropriam das disjunções do capital. Essas duas formas de dinheiro, pagamento e financiamento, operam regimes diferentes que se prolongam em uma dualidade bancária.

Os autores (2010, p. 316) apontam o capital financeiro como um grande fluxo instantâneo que não é posse e não tem poder de compra. A sociedade de consumo incita o consumo como poder de compra, um consumo-aquisição, limitado aos bens e ao rendimento, passando ao consumo como crédito, vinculado ao financiamento, o qual é convertido em uma dívida contínua, ilimitada pelo estoque disponibilizado em informação, que se intensifica com os componentes das sociedades de controle. Os bens ganham mobilidade, funcionando como *signos de distinção* adquiridos e suprimidos em escala vertiginosa.

Esse exercício de circulação e de mobilidade insere a eliminação nas ações

cotidianas, corroborando para a reprodução do capital. Deleuze e Guattari (p. 317) afirmam que “é no nível dos fluxos monetários que se faz a integração do desejo”, uma vez que essa forma monetária comanda e faz funcionar a produção do capitalismo. A eliminação demarca a incorporação de condutas que vêm tornando todas as ações monetarizáveis, seja pela aquisição dos *signos-distintivos*, seja pela conversão em índices disponibilizados nas redes informatizadas que faz equivaler as práticas e as ações às cotações financeiras. A sofisticação das máquinas tecnológicas, que conjugam o consumo à informação, intensifica os investimentos das máquinas sociais através de desterritorializações e reterritorializações orientadas para o aumento do lucro. A relação entre consumo e crédito engancha-se nas máquinas produtoras das sociedades de controle. Nessas sociedades, o ato de *deletar* ganha fôlego e significação na produção da subjetividade dominante.

Os segmentos que concernem ao orçamento da empresa (os salários reais, os lucros brutos, os salários da direção, os juros de capitais, as reservas e investimentos) relacionam-se aos rendimentos de produção, à moeda-pagamento. Há fluxos não capitalistas que se mesclam aos fluxos de moeda-financiamento, os quais não comportam segmentos, somente polos, *quanta* assinalados por movimentos moleculares imperceptíveis. Eles percorrem movimentos de criação e de destruição da moeda num processo de transformação em capital através de sua reinserção no mercado financeiro para ampliar o lucro. A informação e a deleção intensificam esse processo com a digitalização da moeda, quer dizer, sua transformação em moeda digital, quando o dinheiro é retirado da circulação do mercado formal, em decorrência das práticas ilícitas e do tráfico, para ressurgir em aplicações financeiras após a supressão de sua origem, realimentando a reprodução do capital convertido em linhas de investimento.

Deleuze e Guattari (1996, p. 95-6) assinalam que os fluxos de poder mutante e os fluxos de moeda (de pagamento e de financiamento) operam em escalas incompatíveis por equivalência. São as disponibilidades nominais, os movimentos moleculares característicos dos fluxos de *quanta* que fazem oscilar os juros, as ofertas e as demandas. Enquanto a balança de pagamentos, definida pela segmentaridade binária, realiza operações autônomas e operações compensatórias, os movimentos de capitais, que não se segmentarizam, decompõem-se em natureza, duração e personalidade do credor e do devedor numa espécie de índice relativo para aproximar segmentos aos fluxos monetários. Os autores salientam que “é com a linearização e a segmentarização que o fluxo se esgota, e é delas que parte uma nova criação” (p.96). Segmentos e fluxos

consistem em duas partes de um circuito monetário. Os segmentos bancários possuem um poder relativo de regularização, comunicação, conversão e co-adaptação, a fim de atenuar a crise constante gerada com esses deslocamentos de moedas não equivalentes e incompatíveis. Essas disparidades tensionam para a ampliação dos limites do capitalismo.

A relação do comércio de drogas com o sistema bancário e financeiro mundial demarca um processo em que a eliminação engendra a conversão do dinheiro *sujo* em capital. As mutações do capitalismo, acionadas pelas máquinas tecnológicas comunicacionais e informacionais e pela formação de mercados mundiais transnacionais, ressignificam os territórios e as fronteiras como componentes desse negócio, cujas transações envolvem a lavagem de dinheiro, lucros com drogas, com contrabando de armas, incluindo as matérias-primas para armas nucleares e a fuga de capitais⁸³.

Conforme estudo realizado pelo Grupo de Pesquisa RETIS (2002), estima-se que os lucros globais das organizações criminosas são da ordem de um trilhão de dólares. A lavagem de dinheiro movimenta cerca de 120 a 500 bilhões de dólares por ano no sistema bancário mundial. A lavagem abrange três tipos de dinheiro classificado pela proveniência: o *dinheiro sujo* do narcotráfico, a *fuga de capitais* (que objetiva escapar do controle e das taxações fiscais) e o *dinheiro furtivo* vinculado às especulações de curto prazo que se convertem em *dinheiro negro* quando possuem caráter criminoso⁸⁴. A importância da eliminação, nesse processo, consiste em suprimir o *certificado de origem* desse dinheiro, o qual se torna legal ao ser inserido no sistema bancário e financeiro⁸⁵. A inserção do dinheiro ilícito no sistema depende das condições facilitadas pelas instituições (bancos, empresas financeiras, serviços oficiais) e da posição geopolítica onde os depósitos são efetivados. Essa conversão embaralha os limites entre operações bancárias e financeiras, operações criminosas, créditos para investimentos produtivos e divisas nacionais, transformando a corrupção em um componente

⁸³ A fuga de capitais corresponde às transferências de grandes somas de dinheiro com proveniência suspeita para paraísos fiscais, para regiões geográficas ou nichos territoriais que, além de sigilo, isentam estas aplicações de tributação.

⁸⁴ As informações acerca do comércio de drogas e seu atrelamento ao sistema financeiro constam em um trabalho disponibilizado na rede por este Grupo de Estudos, RETIS, vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro/IGEO/DEGEO através do endereço eletrônico <http://www.igeo.ufrj.br/fronteiras/sistfin/modules.php?name=News&file=article&sid=1>. Acesso em 11 janeiro 2012.

⁸⁵ Esta certificação encontra-se atrelada a uma conduta moral que pretende reproduzir na esfera pública as restrições impostas na ordem privada. Sua fragilidade liga-se à diluição dos traços modernos e disciplinares nas dimensões molares e moleculares contemporâneas.

funcional de ampliação do capitalismo.

No negócio da droga, a variação de preços no mercado depende da pureza, da distância percorrida (para realização da produção, distribuição e consumo) e da logística associada à minimização ou supressão da fiscalização, controle e repressão das operações, retirando o máximo de obstáculos nessas transações. A presença de serviços oficiais supõe o aumento dos riscos e dos preços dos produtos, além de *ganhos adicionais* favorecidos pela corrupção. O sistema eletrônico bancário destaca-se como o principal mecanismo para efetuação de pagamentos e manutenção do tráfico de drogas, para a remessa de lucros que, através das operações financeiras, são reinjetados na economia sob forma de investimentos variados (financiamento de guerras e de ações antiterroristas, fundação de empresas *de fachada...*) que ligam o Estado ao tráfico de drogas e de armas, passando pelas atividades formais de mercado. Os limites desses segmentos adquirem porosidade por onde fluxos não capitalistas escoam.

Um traço do capitalismo atual é o investimento em uma economia de mercado, quer dizer, em um sistema de geração, compra e venda de crédito, conhecido como sistema financeiro global que funciona de maneira relativamente independente dos governos nacionais, ao escapar dos enquadramentos de regulação territorial (geopolítica). O poder concentra-se nesses segmentos que controlam o acesso ao dinheiro (ao crédito), como bancos, companhias de seguro e operadores dos mercados financeiros, manejando decisões nas esferas políticas e governamentais internacionais. No sistema financeiro mundial, os fluxos de capital arranjam-se em dois tipos: movimento de capital a longo prazo e o movimento a curto prazo. Segundo o Grupo RETIS, para Susan Strange, os fluxos de capital a curto prazo, dirigidos ao financiamento do comércio e ao ajuste entre excedente e *déficit* das balanças de pagamentos dos países, vêm produzindo movimentos de desestabilização, assinalados pela maneira de criar e negociar créditos. Essas negociações buscam aumentar os lucros com a adoção de taxas de câmbios flutuantes, de especulações e de negócios de transferência de risco, caracterizando um sistema aberto e instável⁸⁶. A busca por

⁸⁶ A securitização pertence a essas transferências que convertem o ativo das empresas em instrumentos de negociação no mercado. A securitização aparece como estratégia de apagamento dos riscos de aquisição de ações e títulos podres na crise financeira do *Supprime*, que acarretou uma crise global em agosto e setembro de 2008, levando à falência e quebras de instituições financeiras, provocando quedas em efeito cascata em todas as bolsas de valores do mundo, colocando em risco as economias dos países. A crise do *Subprime* inicia em 2006, com a quebra de instituições de crédito norte-americanas que concediam desde empréstimos hipotecários de alto risco até cartões de crédito, aluguéis de carros a clientes sem comprovação de renda e com histórico de crédito ruim. Esses clientes são conhecidos como *ninja*, referindo-se àqueles *sem renda, sem emprego, sem patrimônio*, em inglês, *no income, no job, no assets*. O

melhores taxas de juros, por ganhos nas bolsas de valores ou por ganhos com a flutuação das taxas de câmbio dissocia os fluxos da produção, submetendo-a às oscilações do mercado de capitais segundo critérios determinados pelos juros e pelo câmbio atrelados à informação. A velocidade ou a obstrução da comunicação determina as flutuações e a estabilidade do sistema. É no capital a curto prazo que as manobras de dinheiro e tráfico de drogas se ampliam. De acordo com o Grupo RETIS (2002),

Os fluxos de *dinheiro furtivo*, que percorrem o planeta à procura de lucros eventuais, sem que os estados nacionais possam efetivamente exercer controle sobre as operações realizadas [...], por meios de comunicação via satélite, e tendo em vista que são grandes bancos internacionais e uma plêiade de agentes financeiros que realizam estas operações consideradas legais pelos sistema [disseminam os nichos de operações para a lavagem].

O mesmo estudo menciona que “o dinheiro procedente do tráfico de drogas constitui uma parte da movimentação do capital internacional que entra e sai do país”, tornando-se um grande negócio atravessado por inúmeras operações e instituições envolvidas no processo de *limpeza*, em que a eliminação vem garantir certificados de depósitos, ações e produtos diversos legalmente reconhecidos no mercado financeiro.

Este percurso, que efetua o apagamento dos traços ilícitos do dinheiro reaplicado, convém aos centros de poder, fazendo da zona de impotência, a qual foge de seu domínio de atuação, uma ponte para o reaparecimento da moeda e dos recursos

pagamento dessas dívidas supõe *rolagens* sucessivas com a reutilização do mesmo imóvel como garantia. A valorização contínua dos imóveis liquida os atrasos com a aquisição de um novo empréstimo. A queda nos preços de imóveis, a partir de 2006, levou vários bancos à insolvência. Sem fluxo de caixa, os bancos responsáveis pelos empréstimos utilizam uma estratégia de securitização desses créditos. “Para diluir o risco dessas operações duvidosas, os bancos americanos credores juntaram-nas aos milhares, e transformaram a massa daí resultante em derivativos negociáveis no mercado financeiro internacional, cujo valor era cinco vezes superior ao das dívidas originais. Assim, criaram-se títulos negociáveis cujo lastro eram esses créditos *podres*. Foi a venda e compra, em enormes quantidades, desses títulos lastreados em hipotecas *subprime* que provocou o alastramento da crise, de origem estadunidense, para os principais bancos do mundo”. Segmentos políticos dos Estados Unidos aliados a banqueiros conseguiram extrair das agências internacionais de classificação de risco, a securidade máxima (AAA) para esses títulos, os quais foram negociados em todo o mundo como garantia de novos empréstimos bilionários. Em 2007, a crise do crédito hipotecário provocou uma crise de confiança geral no sistema financeiro e falta de liquidez bancária, atingindo também os bancos que não trabalhavam com *créditos podres*. Em agosto e setembro de 2008, a crise explodiu, levando à estatização das maiores empresas no mercado de empréstimos pessoais e hipotecas (a *Federal National Mortgage Association* e a *Federal Home Loan Mortgage Corporation*), à concordata do Lehman Brothers, banco de investimentos referência nas negociações da *Wall Street*, e à venda de uma das maiores corretoras do mundo, *Merrill Lynch* para o *Bank of America*. Em setembro, a maior empresa seguradora dos Estados Unidos também é estatizada. Os Bancos Centrais, para proteger a economia real, passam a injetar liquidez no mercado interbancário, tentando evitar o efeito dominó da crise e a diminuição das exportações dos países. As exportações, por dependerem de fontes externas de financiamento, tendem a sofrer imediatamente com a redução da oferta internacional de crédito. A redução de exportações afeta negativamente o setor produtivo, abalando a economia *real*, que abarca a produção de bens e serviços. Informações obtidas nos sites: wikipedia/titulospodres e <http://pt.wikipedia.org/wiki/Subprime>. Acesso em 26 agosto 2011.

tributáveis. Corrupção e informação, pelo *deletar*, transformam-se em mecanismos de absorção que asseguram a atualização do Estado em relação ao mercado e às demandas do capital, fazendo uso das estratégias digitais de fluxos monetários, que atuam em margens de concessão bancária e de corrupção dos centros de poder.

Orlandi (2000) inquieta-se com esse traço incontrolável e desmedido dos fluxos financeiros que se desprendem da produção (dos investimentos de capital constante) para girarem em torno de si próprios⁸⁷. Ele afirma: “inquieta-me essa ideia de que o incontrolável talvez seja a desmedida potência que passa pelo controle”, fazendo a “corrupção ganhar aí uma nova potência”.

Nessa trajetória, detecta-se que a eliminação, presente no jogo financeiro e reproduzida em posturas subjetivas, reconhece atos que, ao serem desprendidos da corrupção, passam a ações significadas como ganhos digitais obtidos pelas práticas do *deletar*. A corrupção transmuta-se em termo do próprio jogo. A utilização das máquinas comunicacionais e informacionais que permeiam o mercado sinaliza resistência quando adquire potência de criação, escapando dos centros de poder e provocando alianças transversais. Esse uso minoritário das máquinas obstaculariza o controle com novas estratégias digitais e informatizadas. Movimentos com vetores desterritorializantes vêm ocorrendo. Eles são efêmeros se comparados ao volume de operações e lucros gerados com o capital financeiro, mas carregam um uso minoritário das máquinas das sociedades de controle, apontando para o inusitado⁸⁸.

Os jogos de eliminação e a passagem para as linhas de destruição

Componentes dos estratos informatizados mesclam-se à eliminação, modulando o ato de *eliminar* em *deletar*. Os jogos digitais inserem na vida uma dimensão deletável. Ao mesmo tempo em que embaralham as fronteiras do corpo orgânico-inorgânico, gerando sensações e afetos metabolizados com silício, eles significam a vida em coeficientes, mensurando-a por índices “de vida”, “de saúde”, “de munição”, “de sucesso na missão”, “de sociabilidade”, “de situação material e financeira” que atravessam o eixo de subjetivação⁸⁹. As linhas de desterritorialização do orgânico e de

⁸⁷ ORLANDI, Luiz B. L. *Que estamos ajudando a fazer de nós mesmos?* Texto disponibilizado em versão digital no site: www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/Orlandi/que_estamos_ajudando.pdf. Acessado em 20 setembro 2011.

⁸⁸ Estes movimentos são esboçados nas “Considerações Finais” deste trabalho.

⁸⁹ *The Sims* é um jogo que estimula decisões próprias na relação com um ambiente interativo. O único

desestratificação do corpo biológico e antropomórfico são absorvidas em linhas duras, que distribuem o corpo fragmentado, sobrecodificando-o em informação. A vida passa a ser gerida por controle de índices determinantes de seus valores e por respostas a comandos. O ato de *deletar* consiste em um comando para manipulação desses códigos processados nas máquinas computacionais que fortalecem ou enfraquecem o personagem, assegurando a permanência e a continuidade do jogo em direção níveis mais avançados. A mutação da deleção em extermínio é exercitada pelos jogos de ação, especialmente de aventura e de guerra.

A montagem de estratégias, que envolve a composição da equipe em conformidade com a meta a ser obtida, desterritorializa-se das máquinas militares para ganhar corpo nos territórios empresariais. A tropa e a equipe tornam-se equivalentes. Em entrevista com formadores do SEBRAE de Porto Alegre, os responsáveis pela implementação dos programas empreendedores apresentam-se como *Boinas Verdes*, referindo-se a uma equipe de elite altamente qualificada, similar às tropas especiais norte-americanas que atuam em missões extremamente difíceis⁹⁰. A noção de *alma* a partir de um espírito de corporação e de fidelidade (hoje derivada em fidelização entre clientes e empresa), acompanhada pela noção de eliminação e de extermínio como modos de funcionar, podem ser destacadas no fragmento do hino *Boina Verde*:

*Running on our way; Hiding, you will pay;
Dying, one thousand deaths; Running on our way
Hiding, you will pay; Dying, one thousand deaths
Searching, seek and destroy; Searching, seek and destroy
Searching, seek and destroy; Searching, seek and destroy*⁹¹

objetivo do jogo é organizar o tempo de suas personagens, os *Sims*, para que alcancem seus objetivos de *avanço pessoal*. Os *Sims* têm uma certa quantidade de desejo próprio como diversão, higiene, riqueza, etc., determinando a necessidade de realizar alguma atividade de cada um desses itens através de uma codificação por cores que oscila na evolução do jogo. As personagens devem manter todos os itens determinantes da vida equilibrados em um nível alto. O jogador toma decisões acerca do tempo gasto em desenvolvimento pessoal, social e financeiro, a fim de “tirar vantagem para avançar nos seus empregos. Situações simples da vida real, como adotar crianças ou formar relacionamentos (do sexo oposto ou do mesmo) trocam aqueles tradicionais objetivos de ganhar pontos e avançar para o *nível do chefe*”. Se as personagens não receberem os cuidados necessários, diminuirão o nível do humor, deixando de responder aos comandos e adoecendo até a morte. Informações retiradas do *site*:

http://pt.wikipedia.org/wiki/The_Sims . Acesso em 20 julho 2011.

⁹⁰ *Boina Verde* é o termo popular para referir-se às Forças Especiais do Exército dos Estados Unidos. Este corpo militar foi criado em 1952 no contexto da Guerra da Coreia e atuou ativamente na Guerra do Vietnã. Sua missão abarca a *guerra não convencional* em defesa interna no estrangeiro com ação direta e combate ao terrorismo. O seu lema provém do latim e traz como palavra de ordem *libertar do opressor*. Ele é invertido na tradução do *U.S. Army* para configurar um caráter democrático às práticas de extermínio: “para libertar os oprimidos”. Informações disponíveis no *site* pt.wikipedia.org/wiki/Boinas_Verdes. Acessado em 20 dezembro 2010.

⁹¹ Em uma tradução livre, a letra diz: “Correndo no nosso caminho; Escondendo-se (ocultando-se) você pagará; Morrendo, um milhão de mortes; Procurando com empenho e destruição”. [Repete esta estrofe quatro vezes]. Fragmento disponível no *site* <http://www.boinasverdes.webs.com> que divulga o jogo

Nos filmes hollywoodianos, o exército de *Boina Verde* é enaltecido como "a força de combate mais valente sobre a face da Terra, cuidadosamente escolhida e treinada para a guerra antiguerilha", conforme observa Márcia Abos em artigo de *O Globo On-line*⁹².

O personagem interpretado por Sylvester Stallone em *Rambo – Programado para Matar*, de Ted Kotcheff, é um boina verde. Ele abandona o exército, após ser preso e torturado, para agir em nome da *cura*, enfrentando grupos de perseguição e superando altos riscos. O sucesso do filme coincide com a disseminação dos campos de jogos de *Paint Ball* no final da década de 80 e durante os anos 90. Esse jogo fazia parte das atividades lúdicas e das estratégias de integração das equipes das empresas. Hoje os jogos digitais alargam o exercício dessas práticas em rede. O tema da guerra continua predominando e penetrando nos mais diversos territórios como conduta a ser adotada nas práticas moleculares.

O apelo “há um soldado em todos nós” é utilizado no comercial do jogo *Call of Duty – Black ops Annihilation* (Chamado do dever) para iniciantes. O termo aniquilação é omitido dos comerciais, aparecendo apenas no título do jogo⁹³. O cenário de guerra é ocupado por secretárias executivas, médicos, advogados, empresários, operários da construção civil, estudantes (discriminados nas escolas – meninas gordas, garotos negros), jovens de gangues, intelectuais, latinos, *pizzaiollos* (cuja aparência sugere um terrorista árabe) em combate aberto. Para os *experts* em jogos de tiro, trata-se de um jogo fácil, com o objetivo de atingir novos territórios existenciais, numa espécie de conversão ao prazer de aniquilar. O investimento subjetivo é revertido em lucros que proliferam nas ações, nas condutas e nas cifras monetárias divulgadas quando do lançamento desses produtos. Conforme site, “nas primeiras 24 horas de lançamento, o jogo vendeu mais de 7 milhões de unidades, sendo 5,6 milhões nos Estados Unidos e 1,4 milhão no Reino Unido, batendo em aproximadamente 2,5 milhões de cópias o

Boinas Verdes Brasil Clan. O texto, ao convidar novos integrantes, destaca parte da letra do hino, acrescentando que “assim que vivemos assim que morremos, nossa missão é baseada em vitórias, nossas vitórias baseadas em amizade, nossa amizade baseada em confiança. [...]Venha fazer parte do nosso exército”. Acessado em 20 dezembro 2010.

⁹² Disponível em <http://oglobo.globo.com/sp/mat/2007/03/27/295105253.asp> . Acessado em 20 dez. 2010.

⁹³ Coincidentemente, reforçando o aniquilamento e a destruição nos diferentes territórios, utiliza-se a participação de 50 Cent dando voz a um dos personagens do *Call of Duty 2*.

recorde alcançado por seu antecessor, *Modern Warfare*⁹⁴. Outro comercial do mesmo jogo expõe *pedagogicamente* as armas e o arsenal destrutivo (bombas, gases, facas, explosivos, dinamites, etc.) a ser escolhido e utilizado pelos participantes. O grau de precisão das informações é ilustrado com imagens de armas (pistolas e rifles) acompanhadas pelos índices (quantificados de 1 a 10) de “destruição”, “alcance e precisão”, “grau de velocidade”, “mobilidade”, “automática ou semiautomática”. A exposição detalhada é seguida pela frase “Classificação que torna avaliável a sua aquisição para, posteriormente, você comprar todas as armas de ataque acima descritas”. Essas armas são as mesmas disponíveis no mercado e vendidas pelos traficantes.

Os jogos digitais de guerra são ambientados na II Guerra Mundial e nos ataques atuais ao antiterrorismo. O terrorismo passa a justificar abertamente as ações oficiais de extermínio, ao contrário do comunismo, quando essa prática era secretada por um mundo clandestino. O terrorismo valida a execução indiscriminada. Qualquer suspeita já é suficiente para o aniquilamento. Vale lembrar o caso de Jean Charles Menezes, ocorrido em 2004. O jovem trabalhador foi brutalmente alvejado pela polícia inglesa no metrô por ser confundido com um terrorista. Esse atributo tornou o argumento suficiente para isentar os agentes da polícia inglesa de qualquer julgamento.

O *GTA - Grand Theft Auto* (Grande ladrão de carros) abarca uma série de jogos digitais, de computador e videogame, criado em 1997. O título do jogo designa roubos de veículos muito caros, especialmente, carros esportivos ou de luxo e caminhões. Apesar de ser dedicado a adultos, “por conter um alto nível de liberdade para o jogador fazer o que desejar (matar, roubar, agredir, além de conter um pequeno apelo sexual)”⁹⁵, ele é executado em larga escala pelos meninos (predominando a faixa etária de 7 a 15 anos).

O *GTA* transforma as linhas de destruição em satisfação. Uma variedade de versões gráficas e narrativas reforça a conduta de eliminar e exterminar para conclusão das metas previstas no jogo. O sofisticado sistema de pontuação classifica a periculosidade da personagem, o aumento ou a diminuição de vida, a disponibilidade de armas, a aquisição de objetos de consumo, etc. Durante todo o percurso, sobrecodificado em aventura e emoção pela mistura da fuga em alta velocidade com o risco constante, a personagem mata continuamente, eliminando todos os entraves e os

⁹⁴ O jogo foi lançado em 09 de novembro de 2010, segundo *site* http://pt.wikipedia.org/wiki/Call_of_Duty:_Black_Ops. Acessado em 06 de janeiro 2011.

⁹⁵ Informações obtidas no *site* http://pt.wikipedia.org/wiki/Grand_Theft_Auto. Acessado em 05 julho 2010.

graus de dificuldades que o jogo oferece. O protagonista é um criminoso responsável pela realização de missões para outras personagens. Ele reforça os estereótipos de periculosidade do negro, latino e europeu do leste. A periculosidade é determinada por número de estrelas, variando de uma a seis, reproduzindo o sistema classificatório da polícia norte-americana. O caráter de diversão encontra-se associado ao aumento da periculosidade que insere novos entraves para o jogador⁹⁶.

Na primeira versão, GTA I, o jogador atropela propositalmente as pessoas (inclusive velhos e crianças). Esse ato está vinculado a uma espécie de pontuação, visto que aumenta automaticamente o número de policiais na perseguição devido ao acréscimo de periculosidade à personagem.

⁹⁶ O sistema classificatório das estrelas vinculados às dificuldades do jogo são:

- 1 estrela - Os policiais tentam bater na personagem para capturá-la, mas não usam armas de fogo. Apenas um veículo policial aparece e com apenas um condutor, que dirige em velocidade razoável;
- 2 estrelas - Os policiais começam a usar pistolas para matar a personagem. Nos veículos, existem dois policiais, que são mais agressivos e tentam bloquear a passagem do carro do personagem para pegá-lo. Também usam barcos policiais;
- 3 estrelas - Os policiais estão em grande número e atiram para matar. Dirigem em máxima velocidade, criam barreiras de carros em principais avenidas e são vistos helicópteros, que também atiram na personagem; este nível é bastante recorrido pelos jogadores devido à ação e à emoção;
- 4 estrelas - A SWAT, polícia treinada em *Armas e Táticas Especiais*, tenta capturar a personagem junto com a polícia comum. Eles usam metralhadoras de médio nível e veículos emergenciais grandes. Em *Grand Theft Auto IV*, a polícia é substituída pelo FBI;
- 5 estrelas – O FBI substitui a polícia e a SWAT, com carros mais potentes e quatro agentes em cada um deles, armados com submetralhadoras. Às vezes, é possível ver viaturas policiais. Em *Grand Theft Auto IV*, outro helicóptero aparece para perseguir o jogador;
- 6 estrelas – Utilizam-se os máximos recursos de captura. O exército substitui o FBI e atira com fuzis de assalto (M4 e M16) de altíssimo nível. Além de carros policiais e militares estarem por toda a parte em grande quantidade a cada olhar. Há tanques de guerra, e os helicópteros que atiram com muito mais precisão. Em *Grand Theft Auto IV*, o exército foi retirado para aumentar a sensação de realidade do jogo. No lugar foi adicionado o *NOOSE* que é uma paródia a NSA e o FIB, que é uma versão do FBI.

A NSA – *National Security Agency* (Agência de Segurança Nacional) é uma agência de segurança dos Estados Unidos, criada em 1952, responsável pela inteligência obtida a partir de sinais de interpretação e criptoanálise. Ela pertence ao Departamento de Defesa Americano, sendo comandada por um general de três estrelas da área de segurança nacional. O FBI – *Federal Bureau of Investigation* (Departamento Federal de Investigação) é uma unidade do Departamento de Justiça norte-americano, que atua como organismo de investigação na esfera federal e como serviço de inteligência do âmbito doméstico. O quartel-general do FBI localiza-se na capital norte-americana, possuindo escritórios nas principais cidades do país e nas embaixadas americanas situadas no mundo. A peça orçamentária do FBI, em 2002, contou com aproximadamente 8,9 bilhões de dólares, destinando 455 milhões ao aumento dos programas de antiterrorismo, contrainteligência, cibercrime, tecnologia da informação, segurança e medicina legal. A justificativa dessa verba pelo congresso baseia-se na crescente responsabilidade pela obtenção da inteligência estrangeira. Os vetores de investimentos subjetivos, que exercitam a eliminação como estratégia de reprodução do capital, carregam um contrainvestimento ligado ao treinamento de uma postura incitada a burlar as estratégias de segurança. Em termos de mercado, os gastos com segurança são compensados com as vendas dos jogos. O *GTA IV* bateu recorde de faturamento na indústria do entretenimento, conforme notícia da *Folha.com*: “O *GTA* vendeu 3,6 milhões de unidades em suas primeiras 24 horas no mercado, gerando um faturamento de US\$ 310 milhões”. Informação disponível no site: www1.folha.uol.com.br/folha/.../ult124u401426.shtml; Informações sobre FBI retiradas do site http://pt.wikipedia.org/wiki/Federal_Bureau_of_Investigation. Acessado em 28 junho 2011.

André, um jogador dessa versão, lembra que tinha oito anos de idade e que, mais do que atingir a meta, a diversão era fugir dos policiais, por isso “era legal matar”. Essa versão teve venda proibida, porém ainda é disponibilizada na *internet*. Outras versões surgiram cada vez mais sofisticadas em recursos gráficos, armas, rotas e veículos para fuga. Em todas elas, *matar* equivale à diversão, mesmo que não reverta em *score*. Bruno, com 14 anos, outro jogador do *GTA IV* (versão de maior sucesso pelo grau de sofisticação do jogo e semelhança com os filmes de ação) explica enquanto joga: “sei que é errado, mas o que eu mais gosto é matar as pessoas e, depois, fugir em alta velocidade de carro”. Ele não soube descrever qual sua sensação, só disse que “é bom dar tiros e matar”. Essa afirmação sucedeu a uma cena em que a personagem entra em uma sala de espera de um hospital e descarrega a metralhadora em todos os presentes. Durante a cena, ele esclarece que, no jogo, vale tudo na fuga para concluir a missão: matar policiais, matar pessoas comuns desarmadas, matar outras personagens armadas, roubar carros, explodir prédios, etc. Não há aumento de *score* ao matar as pessoas, “não se ganha nada, é só o prazer de matar”, reforça Bruno. Outro menino, com 11 anos, aponta o *GTA* como seu jogo preferido. Eduardo reafirma essa sensação de prazer: “não ganho ponto quando mato. Mato porque eu gosto de matar”. Em uma situação vivida na garagem do prédio onde ele mora, ao serem mencionados os cuidados para evitar um assalto, Eduardo comenta: “se tivesse um assaltante aqui, eu resistiria como faço no jogo”.

A associação da vida ao *score* gera a incitação ao ato de *exterminar*. A disjunção desses elementos, após absorvida a sua função, reverte o valor da vida à coisa nenhuma. Ela não tem importância nem afetiva, nem monetária, nem indicativa. A vida torna-se algo eliminável mesmo quando não consiste em obstáculo. Nos assaltos, essa situação vem sendo recorrente. Sem oferecer qualquer resistência, a vítima é executada. No universo do crime, o número de vítimas fornece uma espécie de índice de desempenho rebatendo os critérios da empresa. O funcionamento e a hierarquia desta são reverberados naquele universo. Há rituais para assegurar a obediência e a *fidelização* dos novos integrantes no crime. O número de mortes acumuladas fornece indicação de periculosidade e obediência aos pares. Geralmente o ingresso tem uma iniciação com animais, em que o número de vítimas é fixado (por vezes, os métodos utilizados também são determinados) como meta a ser atingida, comprovando a ousadia e a capacidade de executar comandos.

O exercício eliminação e de aniquilamento atravessa os territórios escolares com

gradações que se efetivam das práticas de *bullying* à sucessão de chacinas. A mesma produtora do *GTA* lança, em 2006, o *Bully Game*. O enredo estimula o *bullying*, isto é, o comportamento agressor daqueles garotos que se divertem atormentando a vida dos meninos mais fracos e indefesos da escola. Segundo a descrição de Leo Cardoso⁹⁷,

A forma de combate do jogo será similar ao game lançado em 2005, *The Warriors*, seguindo a linha simples de jogabilidade do *GTA*. As combinações de golpes poderão ser usadas para, além de vencer seus adversários, humilhá-los frente a todo mundo da escola, o que conta mais pontos no game e aumenta sua fama de malvado. [...] O novo *game* utilizará a mesma fórmula de uma cidade aberta para ser explorada em suas minúcias. Porém, ao invés de *gangsters* envolvidos com máfias e trocas de tiro, em *Bully*, o jogador irá incorporar a pele de um jovem de 15 anos, chamado Jimmy Hopkins, que está cursando seus primeiros dias na *New England-based Bullworth Academy*. O jogador aprontará bastante na escola, motivo que o levará inúmeras vezes à diretoria por confusões, humilhações de colegas e brigas no recreio. Algumas armas serão usadas no *game*, como tacos de baseball, ovos e estilingues [...] As missões do jogo serão selecionadas no estilo *GTA*. Elas configuram um conjunto de práticas diversificadas como espiar garotas, estragar o almoço, ridicularizar e bater em colegas, etc. [...] O dia-a-dia de Jimmy será bastante corrido, com muita exploração do cenário, interatividade com as outras personagens e muita destruição do campus escolar.

Algumas sequências do jogo dimensionam a conduta que sustenta o valor *winner-loser* vivido no território escolar norte-americano, a qual ultrapassa as fronteiras geopolíticas. O *winner* é o praticante do jogo, que através de um repertório de ações, ganha o *respeito* pelos demais integrantes da escola. O respeito, nessa circunstância, significa reconhecimento e poder que difere do valor moderno baseado na reciprocidade sustentada pelas noções de justiça, solidariedade e Bem. No repertório do jogo, a rotina da personagem é dividida em horários e atividades a serem executadas:

Jimmy acorda, sempre atrasado, e toma café da manhã rápido pra chegar à escola. Em casa ele analisa os equipamentos que dispõe para causar pânico na escola. Na hora do almoço, o jogador pode visitar a cafeteria da escola. Um lugar repleto de *nerds* almoçando, um prato cheio para fazer suas maldades⁹⁸.

⁹⁷ Disponível no site: <http://www.dicasdejogos.net.br/jogos/review/723-bully.htm>. Acesso em 09 junho 2011.

⁹⁸ *Nerd* é um termo utilizado, na maioria das vezes com conotação depreciativa, para identificar uma pessoa com intensas atividades intelectuais, as quais são consideradas inadequadas para a sua idade, em detrimento de outras atividades mais *populares*. O *nerd* contrapõe-se aos padrões estéticos da sociedade de consumo que trabalha anatomicamente seu corpo-mercadoria. Os resultados desse investimento trazem atrativos padronizados de beleza que tornam seus portadores *populares*, atraentes e desejados, especialmente, no território escolar. Um *nerd*, em geral, não participa de atividades físicas e é considerado um solitário, pessoa com dificuldades de integração social e os gestos atrapalhados. Ele nutre grande fascínio por conhecimento ou tecnologia. O comportamento do *nerd* virá atender às exigências das sociedades de controle quando incorporados à empresa. A frase divulgada na rede “O *nerd* de hoje é o cara rico de amanhã” indica uma forma compensatória de discriminação, em que a riqueza sobrecodificada em sucesso responde às exigências do consumo e do controle.

A expressão é utilizada desde o final da década de 1950 no *Massachusetts Institute of Technology* (MIT). Há uma versão na qual a palavra derivaria de **Northern Electric Research and Development**

[...]A hora mais esperada do dia-a-dia de Jimmy no *game* é quando todos os alunos estão voltando para suas casas ou passeando no *campus*. Jimmy pode extorqui-los aos montes e conseguir juntar mais dinheiro para sua próxima visita à cidade grande. Nessa hora, o jogador impõe-se no *campus* escolar para conseguir o mais importante: respeito!

É curioso perceber que as missões dos *bullying* são muito próximas das ações cantadas no hino dos *Boinas Verdes*: fazer correr e eliminar quem estiver no caminho; fazer pagar quem se esconde; procurar, espiar e expiar, ridicularizando e torturando aqueles que evitam o jogo, dirigidas ao empenho de destruir. O próprio lema: *libertar do opressor* é transferido para o universo escolar, onde o *bullying* ritualiza a inversão da hierarquia institucional. Outros jogos são lançados como uma espécie de *bullying* politicamente correto, em que os participantes surram e destroem os adeptos daquela prática. Encontra-se disponível na *internet* um jogo baseado em um episódio de *bullying* ocorrido na Austrália e divulgado no *YouTube*. O estudante Casey Heynes sofreu *bullying* pelo sobrepeso e reagiu ao *valentão*, Richard Gale, com um golpe similar ao personagem Zangief, lutador da série de jogos *Street Fighther*. A partir desse evento, foi produzido um jogo *on-line* chamado *ZangiefKidTheGame.com*, em que a personagem revida os golpes do inimigo, podendo ganhar pontos com os melhores golpes e ingressar seu nome no *ranking* mundial do *game*. Os comentários dos participantes do jogo têm um teor justiceiro, manifestando o prazer em bater em praticantes do *bullying*⁹⁹. Essa versão reproduz o mesmo através da adesão ao lema *liberdade para os oprimidos*, adaptado do *US Army*.

Na ocasião do lançamento do *Bully Game* da Rockstar, a mãe de um garoto americano, que se suicidou após sofrer durante anos a prática do *bullying*, realizou um abaixo-assinado na *internet*, solicitando a suspensão desse produto no mercado ao presidente da produtora. De fato, houve um adiamento do lançamento de abril para outubro de 2006. Em 2008, o jogo foi proibido no Brasil por decisão do Ministério

(Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento da companhia Northern Electric do Canadá, hoje Nortel). O termo passa a ser atribuído àqueles indivíduos que trabalhavam no laboratório de tecnologia, dedicando-se longas horas (noites em claro) às suas pesquisas. Na década de 1960, adquire uma conotação pejorativa, sendo aplicado a pessoas com inteligência acima da média, com alguma dificuldade em se relacionar socialmente e que não obedece aos padrões da sociedade - principalmente físicos e intelectuais - tornando-se uma pessoa marginalizada, tímida e solitária. Atualmente, o termo *nerd* vem sendo usado por determinados grupos relacionados a interesses específicos como forma de se identificarem. Inúmeros sites indicam tal tendência, por exemplo, jovemnerd.ig.com.br; WWW.zonanerd.com.br (Zona Nerd - Seu refúgio do mundo normal); WWW.nerd.com.br (Rede Social Nerd); entre outros tantos disponíveis na *internet*. Informações disponibilizadas nos sites: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Nerd>. Acessado em 09 julho 2011.

⁹⁹ Notícia divulgada em 25 março de 2011 no *site*:

http://olhardigital.uol.com.br/jovem/games/noticias/zangief_kid_famoso_caso_de_bullying_ganha_jogo_online. Acessada em 02 julho de 2011.

Público do Rio Grande do Sul. Entretanto, o acesso via *internet* continua em vigor¹⁰⁰. O *bullying* tornou-se um negócio muito rentável, visto que não vende apenas jogos, mas livros, nas áreas de psicologia e pedagogia, que prometem receitas para evitá-lo. O recorte pontual à questão ignora que o traço característico do *bullying* é fomentado no mundo dos negócios como prática para empresas garantirem seu domínio no mercado, ao se tratar de um jogo que subjetiva *vencedores*, cumprindo as metas e, especialmente, suprimindo uma ordem de afetos capazes de obstruí-las.

A versão digital da vida leva ao abandono do estatuto moderno ligado à noção de humano, a qual desaparece nas personagens, nos protagonistas dos *games*, nos avatares que proliferam nos territórios informatizados. No universo do jogo, a personagem sempre volta com o recomeço de uma nova partida. O ser vivo, delineado pela unidade orgânica, perde seu foco de preservação, respeito e responsabilidade, ao ser descodificado nesse novo registro.

O *corpo-composição* maquínica desprende-se dos conteúdos modernos que dão expressão a um modo de vida. Nesse sentido, ele constitui um plano de consistência, numa zona de embaralhamento que carrega a potência de criação de algo novo. Todavia, alguns movimentos de desterritorialização podem levar às linhas de destruição, caracterizando os microfascismos. As tentativas de ruptura com o modo de vida, que vêm se impondo através da determinação do *estilo-referência* e de seus valores no registro do controle, tendem às linhas de destruição, visto que utilizam os mecanismos e estratégias em um movimento de reação, no qual a linha de eliminação desdobra em extermínio fecha-se em um centro, fazendo do executor o próprio alvo. Essa espécie de resposta, de vingança pelo aniquilamento, que culmina numa série de homicídios e no suicídio, ganha expressão na *internet* ao preconizar o ato que se transforma em evento. A tentativa de dar um sentido à vida buscando linhas de fuga a esse conjunto de regras impositivas de uma nova moral converte-se na reverberação da eliminação e na destruição de qualquer potência de existir. Nesse vetor, romper com o jogo importa em destruir a vida como a única saída possível. A potência do delírio transmuta-se em esquizofrenia-entidade.

O agenciamento oscila entre superfícies de estratificação e plano de consistência, que o abre para experimentação. As linhas de fuga produzem desterritorializações e

¹⁰⁰ Diversos *sites* disponibilizam o download deste jogo, inclusive o *site* oficial da Rockstar. <http://www.rockstargames.com/bully/>. Além de segunda versão, cujo lançamento no mercado está previsto para o início do ano de 2012, segundo notícia divulgada no *site*. condutagames.blogspot.com/.../bully-2-esta-chegando.html. Acesso em 26 julho de 2011.

desestratificações do organismo, da significância da subjetivação, criando o *corpo sem órgãos*. A desterritorialização encontra-se ligada a dois movimentos: um absoluto que relaciona o corpo a um espaço liso e turbilhonar, cuja multiplicidade carrega a potência de novas dimensões, e um outro relativo, quando o corpo é considerado como Uno, distribuído em um espaço estriado, o qual marca e mede posições deslocamentos segundo coordenadas. Deleuze e Guattari (1997a, p.226) assinalam que a desterritorialização é “relativa quando bloqueia as linhas de fuga com reterritorializações secundárias que as segmentam e tentam rebatê-las”. Ela transforma o absoluto, definido pelos autores como qualidade do movimento de desterritorialização relacionada ao território, à reterritorialização e à terra, em um negativo, um “englobante”, um totalizante que sobrecodifica a terra e que, como consequência, “conjuga as linhas de fuga para detê-las, destruí-las, em vez de conectá-las para criar”¹⁰¹. Nesse movimento de captura e de apreensão das linhas de fuga, elas “não são apenas bloqueadas ou segmentarizadas [por padrões comportamentais explicativos], mas convertem-se em linhas de destruição e de morte” (p.226).

As linhas de fuga tornam-se delirantes ao romperem limites. Deleuze e Guattari (2010) distinguem o delírio na oscilação entre dois polos, do esquizofrênico-entidade ao esquizofrênico-processo. Conforme os autores (2006, p. 298-301)¹⁰², o problema do delírio “está nas transições extraordinárias entre um polo reacionário ou mesmo fascista”, manifesto no delírio paranoico, e um “polo revolucionário”. O que caracteriza o esquizofrênico é a “capacidade de abraçar o conjunto de domínios”, de passar de um registro a outro, deslocando-se de um plano a outro, sem negligenciar o vivido, o intensivo, aquilo que está em vias de passar, que se vive em intensidade e se expressa pelo *eu sinto que*. Essa capacidade carrega no delírio esquizofrênico um conteúdo político, histórico e cultural, cuja experiência intensiva o coloca numa *situação de vidência*, “lá onde os indivíduos cristalizados em sua lógica, em sua sintaxe, nos seus interesses estão absolutamente cegos” (p. 305). Essas linhas que escapam aos padrões, às determinações molares, tendem a ser barradas, contidas e explicadas por referentes psicanalíticos como doença mental, separando o conteúdo do delírio, ao submetê-lo a um familismo e aos sintomas de transtorno psíquico, paralisando o processo e dobrando o esquizofrênico em seu próprio corpo a um ponto catatônico.

¹⁰¹ Os movimentos que trazem uma potência de criação serão trabalhados no corte III desta tese, quando a eliminação é assinalada pelo *selecionar*.

¹⁰² As citações que seguem são retiradas da entrevista concedida por Deleuze e Guattari a Vittorio Marchetti, publicada em *A ilha deserta*.

Para Deleuze e Guattari (p. 301), a “esquizofrenia é uma experiência involuntária e surpreendente, e extremamente aguda, de intensidade e passagens de intensidade”. Ela traz uma potência de criação quando a linha de fuga provoca uma desterritorialização absoluta. Os autores salientam duas coisas, dois momentos diferentes na loucura: um furo e um desabamento. Romper o muro da significação é difícil e, quando feito de forma abrupta, ocorre o desabamento. No processo esquizofrênico, estes dois elementos coexistem: um furo, um rasgo, “uma luz repentina, um muro que é atravessado; e há em seguida, uma dimensão muito diferente, que poderíamos chamar de desabamento” (p. 303).

O delírio pode pender para linhas de fuga, ativando máquinas de guerra, ou para linhas de abolição, que se convertem em morte, em destruição. As situações de extermínio efetuadas nas chacinas escolares apontam para certas rupturas que se transformam em linhas de destruição; ao mesmo tempo, são inseridas em quadros explicativos proferidos por especialistas. Ao ajustar o evento em estratos científicos, acomodando-o nos quadros de doença mental, nega-se o extermínio como um comportamento produzido e incitado pela subjetividade capitalística. Ele passa a ser julgado um desvio, uma patologia, uma *excepcionalidade do ser*. Os praticantes das chacinas utilizam elementos dessa subjetividade para anunciar os intoleráveis que ela produz. Suas atitudes confluem para um polo fascista que ganha força e repercussão nas linhas de destruição, fazendo da eliminação um ato de extermínio. O desabamento acarreta um risco e um desespero quando já não há mais nada a perder. Nele, a linha de fuga transforma-se em abolição ao separar-se da prudência e da criação¹⁰³.

Nas condutas de extermínio, noticiadas em escolas norte-americanas, europeias (finlandesas e alemãs), brasileiras, os alunos, inicialmente considerados normais, cometem atos inesperados de *vingança* e de aniquilamento. Eles invadem suas escolas, alvejando professores e colegas. Posteriormente, cometem suicídio. Tais atos indicam reações e modulações da eliminação, cuja intensificação atinge um grau de destruição

¹⁰³ Orlandi (2004) afirma que os movimentos de desterritorialização e desestratificação capazes de fugir do social, produzindo um *corpo sem órgãos*, são criativos quando não se reduzem à “mera dispersão e nem à mera repetição de mesmice”. Porém, ocorrem perigos de *corpos sem órgãos* dos mais variados tipos e dimensões exibirem “algo como um jogo de perfis determináveis, perfis que oscilam desde os mais sutis (acessíveis a microanálises) até os mais grosseiros (de que se nutrem as caricaturas macrorinterpretativas, os estereótipos, os preconceitos, os clichês, etc.)”. O texto *Corporeidades em minidesfile* encontra-se publicado no livro organizado por GALLI, Tania Mara; ENGELMAN, Selda. *Corpo, Arte e Clínica*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2004, p. 65-87; na revista *Unimontes Científica*. Montes Claros: vol. 6, nº 1 – jan.-jun./2004, p. 43-59 e no *site*: <http://www.alegrar.com.br>. Acesso em 19 fevereiro 2011.

que se dobra e os converte no próprio alvo. Atos planejados, previamente registrados e divulgados, fazendo das máquinas comunicacionais e informatizadas sua expressão, procuram dar significação às linhas de morte que destroem, ao mesmo tempo, o organismo e o corpo num evento, cuja autoria é reforçada nos investimentos de subjetivação. Atos que não apenas reproduzem a subjetividade capitalística, mas vêm delimitando um novo território-padrão, um *estilo-referência* de destruição, que ganha vulto nas tragédias e chacinas.

Jogos e chacinas: comando, execução e linha de morte

*“Vida louca vida, vida imensa.
Ninguém vai nos perdoar, nosso crime não compensa.
Vida louca vida, vida breve.
Já que não posso te levar, quero que você me leve”.*
Lobão e Bernardo Vilhena

Os massacres nos territórios escolares mais divulgados são aqueles ocorridos no Institute Columbine (EUA, 1999), na escola Jukka Forsberg (Finlândia, 2008), no colégio de Albertville (Alemanha, 2009) e na escola Tasso Silveira do município do Rio de Janeiro (Brasil, 2011). Outros massacres tiveram menor projeção nos meios de comunicação. Além de escolas, ações de extermínio são frequentes em agências de emprego, empresas e escritórios, *shoppings centers*, etc., em territórios que servem de referência para o executor¹⁰⁴. Traços padronizam as ações e codificações, aproximando esses eventos e indicando a reprodução de uma subjetividade.

A chacina do Realengo, no Rio de Janeiro, teve maior detalhamento em notícias pelo impacto e pela proximidade geográfica, além de reforçar o aspecto cinematográfico em sua efetuação¹⁰⁵. O jovem Wellington de Oliveira, com 23 anos, ex-aluno da escola, invadiu a instituição, portando duas armas e disparando mais de cem tiros nas salas de

¹⁰⁴ Em 15 anos, 24 chacinas similares nos EUA com 121 mortos e 95 feridos. Chacinas são mencionadas também na Argentina, Rússia e China, apesar de não repercutirem nos meios de comunicação brasileiros.

¹⁰⁵ Os comentários sobre o ocorrido na hora de sua divulgação em plantão televisivo tinham como tonalidade a semelhança com os filmes e os casos norte-americanos, bem como a expectativa do suicídio no final como uma espécie de desfecho previsível e adequado ao desastre. A precipitação da pergunta hegemônica “ele se matou?” entre os espectadores manifestou uma curiosidade similar à divulgação do candidato eliminado em *reality show*. O que está em questão é a eliminação como resultado, sem qualquer problematização na ordem dos afetos e das intensidades vividas. Apenas duas pessoas demonstraram uma mudança de sensação em seus corpos (por gestos e sons). Essa reação foi constatada no momento de divulgação da tragédia em 07/04/2011, através da observação direta numa lancheria de grande porte em Fortaleza, CE.

aulas. Ele matou 13 crianças, sendo 10 meninas e 3 meninos, além de ferir cerca de 20 pessoas. Quando atingido por um policial, o rapaz se suicida. Uma sequência de passos regra um modo de proceder (com algumas modulações): planejamento antecipado com treinamento digital através de informações disponibilizadas para compra e uso das armas, bem como exercício com jogos de tiros, registro antecipado do episódio na *internet*, massacre calculado geralmente com escolha das vítimas segundo um estereótipo, uso de vestimenta apropriada (em conformidade com o modelo de atirador¹⁰⁶) e suicídio finalizando o ato.

Wellington torna-se objeto de especulação de especialistas, médicos-psiquiatras e delegados que o avaliam como paranoico com traços esquizofrênicos. A tendência explicativa para eventos dessa ordem consiste em uma acomodação nos padrões patológicos de desordem mental orgânica e/ou decorrente de fanatismo (religioso e político). Essa é uma maneira de torná-lo uma espécie de exceção, descartando a possibilidade de ser uma produção social, um produto de um processo de subjetivação marcado pela inutilização da vida que ganha atitudes extremadas. As observações de Robson, pai de um aluno que adentra a escola para socorrer os feridos, manifestam indícios mais condizentes a efeitos de uma subjetividade dominante, a qual passa pela indústria (inclusive de entretenimento) do que os modelos explicativos baseados nos enunciados científicos. Ele descreve o episódio vivido: “nunca vi coisa igual a não ser em filme nos EUA, muito sangue e muito tiro”. Este depoimento indica uma associação e uma produção de mão dupla daquele que realiza o ato e daquele que o sofre, reconhecendo-o numa superfície de significação e subjetivação atual. As vítimas escolhidas por Wellington também reforçam esses componentes. Um delegado, que comenta o massacre em notícia ao vivo¹⁰⁷, descreve a escolha do rapaz: “ele atingiu mais meninas que meninos. As meninas atingidas eram todas bonitas, *de torcida*”. Esta adjetivação, que provém de territórios identitários das escolas norte-americanas, os quais apostam no reconhecimento dos vencedores através de sua popularidade entre os demais alunos, vem adquirindo importância na construção de padrões locais de comportamento, ressoando a lógica de mercado no universo escolar.

A linha de montagem dos massacres aparece em casos anteriores. Na Alemanha, em março de 2009, um jovem de 17 anos, de família economicamente estável e com um

¹⁰⁶ O jovem do Rio de Janeiro trajava calça verde, camisa verde, botas e cinturão cheio de balas. Quando entrou na escola, vestia um casaco preto e carregava uma mochila. As roupas e adereços são inspirados nos padrões militares e paramilitares. Elas também caracterizam as personagens dos jogos de guerra.

¹⁰⁷ Chamadas do *Plantão* da Rede Globo, na manhã de 07/04/2011.

arsenal contendo 18 armas em casa, matou 16 pessoas, quando invadiu a escola, abrindo fogo, indiscriminada e sucessivamente, em diversas salas de aula. O rapaz, considerado bom aluno e normal pelos ex-professores, estava mascarado e vestia uniforme militar preto. Após trocar tiros com a polícia, ele cometeu suicídio em uma concessionária de automóveis¹⁰⁸. Também na Alemanha em 2002, outro ex-aluno invadiu um colégio em Erfurt, no leste do país, e matou 16 pessoas, suicidando-se em seguida, em uma das salas de aula.

Nos anos de 2007 e 2008, estudantes finlandeses matam colegas. Pekka-Eric Auvinen, de 18 anos, assassinou 8 pessoas (seis colegas, a diretora e a enfermeira da escola) com uma pistola em Jokela, cometendo suicídio em seguida. Ele, descrito como um solitário apaixonado por armas, apresentava um comportamento normal. O rapaz anunciou a matança um dia antes, em um vídeo divulgado no portal Youtube. No ano seguinte, o estudante de hotelaria Matti Juhani Saari, 22 anos, matou 10 pessoas a tiros em Kauhajoki, antes de se suicidar. Segundo o diretor do colégio, os disparos começaram em uma sala na qual 20 pessoas faziam uma prova. As informações da BBC narram que um homem usando uma máscara de esqui foi visto entrando no edifício e carregando uma bolsa. Os tiros foram disparados pouco depois, deixando várias pessoas seriamente feridas. O depoimento do zelador da escola supõe uso de uma arma automática pela frequência dos disparos. O atirador postou vários vídeos na *internet*, nos quais praticava tiro ao alvo com uma pistola Wumpscut86, revelando sua fascinação por armas e por uma ideologia de extrema-direita, bem como postou mensagem cinco dias antes do tiroteio, anunciando que "a vida toda é uma guerra e a vida toda é uma dor. E lutarei sozinho na minha guerra pessoal"¹⁰⁹.

Columbine é o caso mais projetado e disseminado, inspirando filmes, documentários, seriados e muitos livros especializados de psicologia e sociologia versando sobre os perfis assassinos. Em 1999, os alunos Eric Harris, com 18 anos, e Dylan Klebold, com 17 anos, atacaram a Columbine High School¹¹⁰, em Littleton, Colorado, matando 12 colegas, um professor e ferindo mais 23 pessoas. A chacina totalizou 15 mortos, tendo o suicídio dos jovens como desfecho. Os estudantes fabricaram bombas caseiras e usaram espingardas de grosso calibre, além de um rifle

¹⁰⁸ Notícia disponível no *site*: <http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI3627923-EI8142,00-Massacre+em+escola+deixa+a+Alemanha+estarecida.html>. Acesso em 16 dezembro 2010.

¹⁰⁹ Conferir informações no *site*: <http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,massacre-em-escola-na-finlandia-deixa-ao-menos-11-mortos,246791,0.htm>. Acessado em 11 abril 2011.

¹¹⁰ *Columbine* é uma escola de prestígio por ter altos índices (82% de seus alunos) aceitos nas universidades americanas.

semiautomático e uma pistola. Eles produziram vídeos, em que divulgavam seus treinamentos, registravam seus planos de vingança por serem ridicularizados como *nerds*, ensinavam a confeccionar bombas e propagavam material do nazismo na *internet*. As capas pretas que usavam no dia massacre indicavam o pertencimento a um grupo denominado *Máfia da Capa Preta*. A camiseta de Harris continha as palavras de ordem *Natural Selection* (seleção natural) e a de Klebold trazia escrito *Wrath* (ira, raiva). Para a socióloga de Princeton, Katherine Newman, Harris e Klebold não eram solitários, apenas não eram aceitos pelos garotos que importavam, segundo a distribuição de valores, *winner-loser*. Sua explicação reitera a subjetividade capitalística ao avaliar que a decisão do massacre tem por objetivo a notoriedade: “Obter atenção ao se tornar notório é melhor do que ser um fracasso”. Os alunos deixaram uma nota, encontrada perto dos corpos: "Não culpem mais ninguém por nossos atos. É assim que queremos partir"¹¹¹.

As máquinas midiáticas são um elemento importante no reforço do reconhecimento devido à escala de registro e de propagação do evento. Em escolas municipais de Porto Alegre, uma professora relata fatos ocorridos em 2008, como arrastões em sala de aula, agressões físicas a colegas e professores que se destacam pela frequência e pelo grau das lesões. No corredor da escola, ela escuta uma das agressoras desdenhando a intervenção pedagógica e humanizada da direção escolar, ao dizer: “assim, a gente fica famosa”. A fama não se circunscreve somente ao local de circulação dos pares, mas à onda de matérias divulgadas na Rede Globo sobre violência nas escolas, que coincide com a ocasião do comentário dessa adolescente¹¹².

Para o psicólogo Peter Langman no seu livro, *Why Kids Kill: Inside the Minds of School Shooters* (Por que garotos Matam: nas mentes dos atiradores de escolas), quando se refere aos atiradores de *Columbine*: “Eles simplesmente não eram rapazes comuns.

¹¹¹ Informações disponível no *site* http://pt.wikipedia.org/wiki/Massacre_de_Columbine Acesso em 13 abril 2011.

¹¹² Na última semana de março de 2009, o *Jornal Hoje* apresentou como matéria especial, a *Violência das Escolas*. As notícias cobriam várias capitais brasileiras: na escola de periferia de São Paulo, uma menina é atingida por um tiro na escola; em Porto Alegre, uma professora de escola municipal é empurrada por uma aluna e sofre lesão craniana; em Vacaria, um aluno com 18 anos mata professor na escola e é preso; no Rio de Janeiro, um aluno leva arma para escola particular, a fim de mostrá-la aos colegas, gerando polêmica sobre o tipo de punição a ser aplicada pela instituição, posterior à advertência dos pais. Os especialistas mantêm um formato de discurso para esses episódios, cujos elementos redundam na abordagem dada à menina pelo serviço de orientação pedagógica de sua escola: preparo e formação dos professores para situação de periferia; ausência e necessidade de envolvimento da família; necessidade de diversificação de atividades e de oportunidades.

Eram rapazes com problemas psicológicos sérios”¹¹³. Cabe observar que *ser extraordinário* consiste em um produto da eliminação. Um limite tênue se estabelece entre o socialmente aceito e bem sucedido, com a reprodução das estratégias de controle, e o patologicamente condenável. Essas estratégias são, simultaneamente, utilizadas como ruptura, desembocando em destruição, e redistribuídas em comportamentos binários.

Deleuze e Guattari (2006, p. 298) sublinham que o delírio esquizofrênico é “racial, racista, político”, lançando-se aos cantos da história, investindo-se de culturas, falando de continentes e reinos. Ao convergir para o polo fascista, ele adquire o traço paranoico, afirmado pelo pertencimento à raça superior. Nessa direção, a linha de fuga, ao invés de se conectar com “outras linhas e aumentar suas valências a cada vez”, transforma-se em “destruição, abolição pura e simples paixão de abolição (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 112)”. A conversão da máquina de guerra em guerra, quer dizer, a passagem do polo revolucionário para o polo reacionário e fascista, liga a guerra ao suicídio, “o duplo suicídio como saída que faz da linha de fuga uma linha de morte” (p. 112). Os autores destacam a força de contágio e de penetração das linhas moleculares, nas quais se constrói o fascismo, transformando a fuga em destruição. A inspiração nazista, que vincula morte ao suicídio, fazendo da Alemanha de Hitler um *Estado Suicidário*¹¹⁴, atualiza-se, ganhando expressão num tipo de engajamento dos autores da tragédia de Columbine. Além da superioridade registrada nos vídeos e diários, da veiculação de material com suásticas e referências a Hitler¹¹⁵, o suicídio vem demarcar a reprodução do significado nazista de “coroamento da morte dos outros”¹¹⁶ (1996, p. 114). A morte dá uma finalidade aos atos, transformando-se num evento supremo e assinado. Harris escreveu em seu autorretrato: "Mato aqueles de quem não gosto, jogo fora o que não quero e destruo o que odeio". Descartar e destruir caracterizam condutas pertinentes às regras vigentes de reprodução da lógica capitalística. Em outra anotação consta: "Eu me sinto como Deus, e gostaria que fosse, para que todos estivessem

¹¹³ Informações obtidas nos sites:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Massacre_de_Columbine;

[http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL22825-5602,00-](http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL22825-5602,00-ATAQUE+A+ESCOLA+COLUMBINE+EM+DEIXOU+MORTOS.html)

<ATAQUE+A+ESCOLA+COLUMBINE+EM+DEIXOU+MORTOS.html>. Acesso em 13 abril 2011.

¹¹⁴ Deleuze e Guattari utilizam este conceito de Paul Virilio, apresentado no volume 3 de *Mil Platôs*, p. 113-4.

¹¹⁵ Suspeita-se que a data da tragédia (20 de abril) tenha sido uma escolha, coincidindo com o aniversário de Hitler.

¹¹⁶ Deleuze e Guattari (1996, p. 114) mencionam que os enunciados nazistas “funcionavam tanto no político, no econômico, quanto na mais absurda conversa”. Nesses enunciados, destaca-se “o grito *Viva a morte!* que substitui os investimentos dos meios de produção pelos meios de destruição”.

oficialmente abaixo de mim". A hierarquia nas sociedades de controle projeta celebridades, erige chefes com poderes para eliminar quem não está apto de acordo com os seus critérios, aproximando-se das pretensões de Harris. O planejamento minucioso é composto pela fabricação de um arsenal de armas e bombas, anotações dos planos de ataque e do diagrama de distribuição das armas num diário e um livro de formatura do colégio, em que eram assinaladas as fotos de quem iria morrer e quem seria poupado, num sistema classificatório: "Morto", "Morrendo" e "Salvo". Ironicamente, essa forma de organização presente nas empresas migra e ganha extensão em um novo *estilo-referência*, que fornece elementos modelares para as práticas de eliminação e extermínio inspirados em investimentos molares.

Nesse planejamento estratégico, decide-se quem permanece, quem é suprimido dos seus quadros. O filme *Amor sem Escalas* traz elementos extraídos de estados vividos ligados às práticas de eliminação nos territórios empresariais, em que uma figura de poder viaja o mundo, prestando serviços para grandes empresas com a função de eliminar os funcionários de seus quadros de maneira precisa, evitando crises e sem se preocupar com os efeitos desdobrados dessa ação. Seu sistema de classificação também é criterioso e hierárquico, distribuindo dados segundo uma relação custo-benefício, desembocando em situações de depressão e suicídio daqueles já extirpados da empresa. As linhas que acionam os microfascismos, reativam as máquinas paranoicas com seus traços divinizantes e uma superioridade determinada pelos juízos, colando-se em Deus, em Hitler, no chefe, no bom empreendedor.

O documentário *Tiros em Columbine*, de Michel Moore, traz elementos para pensar um processo de subjetivação que produz massacres. O diretor sustenta seu argumento inicial na relação entre número de armas e graus de violência, comparando as sociedades norte-americana e canadense para questionar as causas do massacre e a alta taxa *per capita* de homicídios nos Estados Unidos. Ele levanta outros fatores (elementos sócio-históricos, política de militarização alimentada pela segurança nacional e racismo) que podem influenciar na proliferação de armas, delineando um modo estadunidense de viver. O ataque suscitou sérias discussões sobre controle de armamentos, maus-tratos aos adolescentes nas escolas, segurança nas instituições de ensino norte-americanas. Moore, de maneira sutil e ácida, confronta os discursos da população e de especialistas que pretendem justificar e julgar o evento. Uma variedade de fatores é elencada, marcando os traços conservadores e reacionários reproduzidos na comunidade em que ocorreu a tragédia. Os discursos indicam práticas de banimento e

de isolamento daqueles que escapam aos rígidos padrões fixados nessa sociedade¹¹⁷.

Muitas características de *Columbine* avizinham-se da ação de Wellington no Realengo: a cuidadosa preparação, a reação às ridicularizações e um engajamento político por propaganda (não por filiação) que desembocam em práticas microfascistas¹¹⁸. Segundo depoimento de um amigo, o jovem "sofria *bullying*, era viciado em jogos violentos e em ataques terroristas". Outro colega menciona que o apelido de Wellington, na adolescência, era *Al Qaeda* em referência à organização fundamentalista islâmica associada a diversos atentados. Ainda, segundo esse colega, ele era muito reservado e, entre os assuntos de suas conversas, destacavam-se os atentados terroristas, em especial sua admiração ao ataque de 11 de setembro¹¹⁹.

O fanatismo mencionado nos perfis dos autores dos massacres, que manifestam adoração por Hitler, vinculação ao terrorismo e ao islamismo, explora uma manipulação por parte das máquinas comunicacionais e midiáticas na construção de uma patologização numa espécie de neutralização do problema por redução e tributação a modelos transcendentais¹²⁰. As linhas de segmentarização acomodam a demonstração de exaltação pessoal em manifestações históricas projetadas nas ações despóticas e ditatoriais. Elas passam das segmentariedades moleculares para as distribuições binárias,

¹¹⁷ Fragmentos, extraídos do filme *Tiros em Columbine*, apontam nas respostas dos *experts* a quem se deve culpar pela tragédia [cada frase corresponde a um depoente diferente]: “Raiva. *Heavy metal*. Outras culturas (subcultura)... Onde estão os pais? Filmes violentos. *South Park*. *Videogames*. Televisão. Entretenimento. Satã. Desenhos. Sociedade. Armas. Drogas. Marilyn Mason [5 vezes mencionado por diferentes personalidades]. O músico é responsabilizado porque os dois adolescentes escutavam suas composições. Moore entrevista Marilyn Mason que, ao retornar a Denver, dois anos após o episódio de Columbine, é recebido com protestos locais destinados à proibição de sua entrada na cidade. Mason atribui à tragédia dois produtos: diversão violenta e controle de armas. Também menciona uma sociedade amedrontada e incitada pelo consumismo, assinalando a maneira com que os constrangimentos são ligados aos produtos: “Quando você está assistindo televisão, as notícias, está sendo amedrontado, tem as enchentes, AIDS, assassinatos. Corta. Comercial: compre *acura*; compre Colgate, se você tiver mau hálito, ninguém falará com você; se tiver espinhas, as garotas não vão te foder. É uma campanha de medo e consumismo. É nisso que eu acho que está baseada a ideia de ‘mantenha todos com medo que eles consumirão’. E estas são amostras do que pode ser visto”. Quando Moore pergunta: “o que diria aos garotos de Columbine, se eles pudessem ouvi-lo?”, Mason salienta: “Eu não diria uma única palavra. Eu ouviria o que eles teriam a dizer, que foi o que ninguém fez”. A declaração do compositor indica a intensidade com que as linhas duras se impõem e silenciam as relações cotidianas locais.

¹¹⁸ Outro caso ocorrido em Itaiuba (SP), em 2009, um aluno atira e mata oito pessoas (colegas e uma professora). Conhecidos relatam que ele sofria zombaria e admirava Hitler. Notícia divulgada pela Rede Record de Televisão em 10/04/2011.

¹¹⁹ Entrevista para Rede Record de Televisão, exibida em *Domingo Espetacular* em 10/04/2011.

¹²⁰ Não é de todo certo que o assassino de Realengo fosse psicopata, uma vez que uma das características principais da psicopatia é a falta de remorso do sociopata e o prazer que tem ao ver o sofrimento de suas vítimas. Do ponto de vista psiquiátrico, o sociopata não tem ideação suicida, sente prazer em matar, mas não atenta contra sua própria vida. Com rigor científico, o assassino de Realengo sofria de algum distúrbio neuropsiquiátrico com traços psicóticos, aliando ideação persecutória, delírios, alucinações, fantasias e distorção da realidade. Informação disponível no *site*:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Massacre_de_Realengo. Acesso em 04 julho 2011

ao serem tratadas como um sintoma. As rupturas realojam-se nas conjunções de fechamento das máquinas abstratas sobrecodificadoras ou axiomáticas, reproduzindo as totalizações do capitalismo em práticas microfascistas. Essa desterritorialização relativa coloca em jogo uma “terra cinturada, englobada, sobrecodificada e conjugada com objeto de uma organização mortuária e suicida que a rodeia por toda a parte [...]”, conforme salientam Deleuze e Guattari (1997a, p. 226). Os autores (1996) acentuam a dificuldade de criar linhas de fuga capazes de afirmar a singularização e os modos de existência em detrimento dessas totalizações destrutivas:

No limite, desfazer o organismo não é mais difícil do que desfazer os outros estratos, significância ou subjetivação. A significância cola na alma assim como o organismo cola no corpo e dela também não é fácil desfazer-se. E quanto ao sujeito, como fazer para nos descolar dos pontos de subjetivação que nos fixam, que nos pregam numa realidade dominante? (p.22)

As práticas moleculares de extermínio rebatem os investimentos molares de desterritorialização das sociedades disciplinares. Nessas sociedades, a concepção acerca da vida aciona saberes especializados e poderes dirigidos a *fazer viver*. As decisões para *deixar morrer* estão atreladas a saberes e poderes definidores de estratégias de uma política apoiada na racionalidade técnico-científica e na representativa do Estado. Atualmente, os processos de subjetivação, inerentes aos investimentos de interesse que atravessam o Estado, suprimem a ordem *fazer viver*, registrando um deslocamento acerca da vida. As tecnologias apostam em *eliminar*, correspondendo a *fazer morrer*. A orientação molar passa a ser pautada por *fazer morrer* e *deixar morrer*. Os atos de eliminação e extermínio, que também permeiam as práticas cotidianas e as intensidades vividas, não se encontram mais atrelados à *verdade* dos enunciados científicos, mas à supressão de empecilhos que impedem a maximização do lucro. O valor da vida ligado aos investimentos de *fazer viver* desaparece nessas estratégias por estarem atrelados à moral moderna, por tornarem-se pouco lucrativos frente às estratégias de eliminação e controle.

Nessa direção, as guerras étnicas correspondentes à instauração e ao domínio do Estado-Nação adquirem uma outra dimensão política. O abandono das populações assinalado pela retirada das intervenções político-jurídicas baseadas na representação transforma-se em negócio de mercado. Ele se encontra vinculado ao comércio e ao tráfico de armas na reorganização geopolítica mundial. Os critérios para definir o comprador de armas separam-se dos juízos políticos polarizados, das decisões

diplomáticas e das representações entre Estados. O termo determinante dessa nova configuração política é (exclusivamente) a moeda. Não interessa mais a quem se vende, interessa vender¹²¹.

A história do traficante de armas russo, que inspira o filme *O Senhor das Armas*, assinala a mudança do contexto mundial com os deslocamentos dos critérios que movimentam a indústria bélica, o crescimento do tráfico e do mercado associados ao fim da Guerra Fria¹²². Até então, a venda clandestina de armas ainda passava pela infiltração nas esferas diplomáticas, buscando um alinhamento com as posições estratégicas oficiais pertinentes às disputas mundiais, nas quais os Estados-Nação indicavam o comprador. Na nova ordem mundial, as decisões para vender descolam-se desses componentes representativos e compromissos de poder, alimentando a profusão de qualquer forma de destruição (étnica, terrorista, urbana, etc.). Os investimentos molares, que proliferam em práticas moleculares, delineiam um corpo orientado para uma nova forma de organização, significação e subjetivação da vida.

¹²¹ A desterritorialização da corrupção em eliminação, deleção e extermínio gera uma dimensão política (especialmente político-partidária). Nessa dimensão, engancha-se a prática do terrorismo que ativa corrupção, tráfico, capital financeiro. O terrorismo reproduz disputas e movimentos de fragmentação na organização política em confluência com a fragmentação econômica que ganha universalidade no mercado. Essa fragmentação exige uma transformação do Estado-Nação, que passa a acionar mecanismos e estratégias similares a um “terrorismo do Estado”, para combater o novo inimigo em nome da “segurança nacional”, da “democracia mundial”, justificando o domínio econômico de grandes empresas em escala planetária. O terrorismo atua nas fissuras dos acordos e leis internacionais, acoplado-se à corrupção para garantir investimentos de cunho financeiro, comercial e industrial, bem como movimentando cifras no mundo dos investimentos conjugados ao comércio e ao tráfico (especialmente de armas e de drogas) capazes de assegurar a expansão da indústria bélica. Este corte político da eliminação não será analisado nesta pesquisa.

¹²² Viktor Anatolyevich Bout é conhecido como *o mercador da morte* por praticar o tráfico de armas desde os anos 90, abastecendo as guerras civis e os conflitos da Europa Oriental (Bulgária, Moldávia e Ucrânia), da África (a Libéria e Angola), da América do Sul e do Oriente Médio. O ex-oficial da Força Aérea da União Soviética utiliza suas relações para comprar, a preços menores, arsenais e armas de ex-repúblicas soviéticas ou de aliados de Moscou após a queda da potência comunista, revendendo-os no *mercado negro* através de suas empresas de transporte aéreo e marítimo. Informações disponibilizadas no site http://pt.wikipedia.org/wiki/Viktor_Bout, acessado em 09 junho 2011.

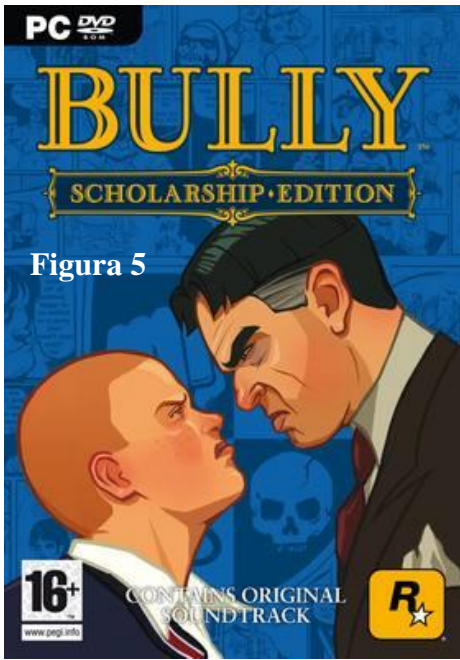


Figura 5

Bullygame Fonte: baixargamesgratis.com

Jogos digitais (fechados)
 Capa do “Bully”
 Imagem extraída do “GTA”



Figura 6

013.jpg Fonte: receitadosucesso.com

Imagem extraída do comercial do jogo digital “Call of Duty” (abaixo).

Imagem parcial da tipologia e classificação das armas a serem compradas pelos jogadores de “Call of Duty” - itens para avaliação (dano, distância (alcance), precisão, mobilidade (manejo) e velocidade de disparo).

Black-Ops-Guns.jpg
 Fonte: carshouse.net



Figura 7

Fonte: www.youtube.com/watch?v=Pblj3JHF-Jo

Black Ops - Weapons List - Assault Rifles

Assault Rifles are short, compact, selective-fire weapons that are capable of delivering effective long range fire.

Weapon	Damage	Range	Accuracy	Mobility	Fire Rate
M16	██████████	██████████	██████████	██████████	██████████
UNFIELD	██████████	██████████	██████████	██████████	██████████
M14	██████████	██████████	██████████	██████████	██████████
FAMAS	██████████	██████████	██████████	██████████	██████████
GAZE	██████████	██████████	██████████	██████████	██████████

Figura 8



Figura 9

117132.7586-atml Fonte: noticias.terra.com.br

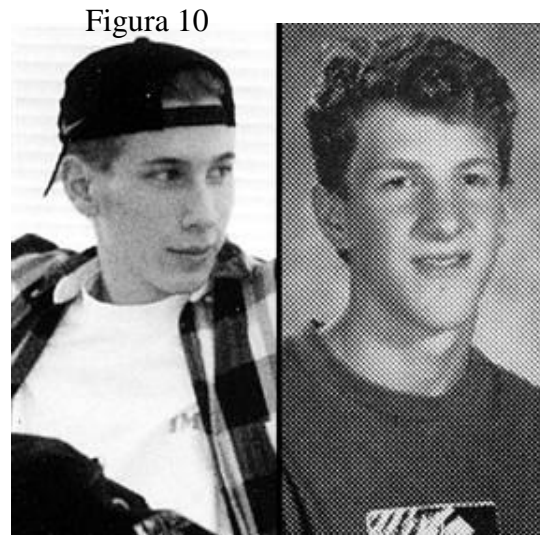


Figura 10

060706columbine hmed 12p

Fonte: darkothiclolita.forumcommunity.net

Eric Harris (E) e Dylan Klebold (D) – alunos de Columbine
Harris e Klebold -Imagem de extraída de vídeo divulgando a preparação para episódio

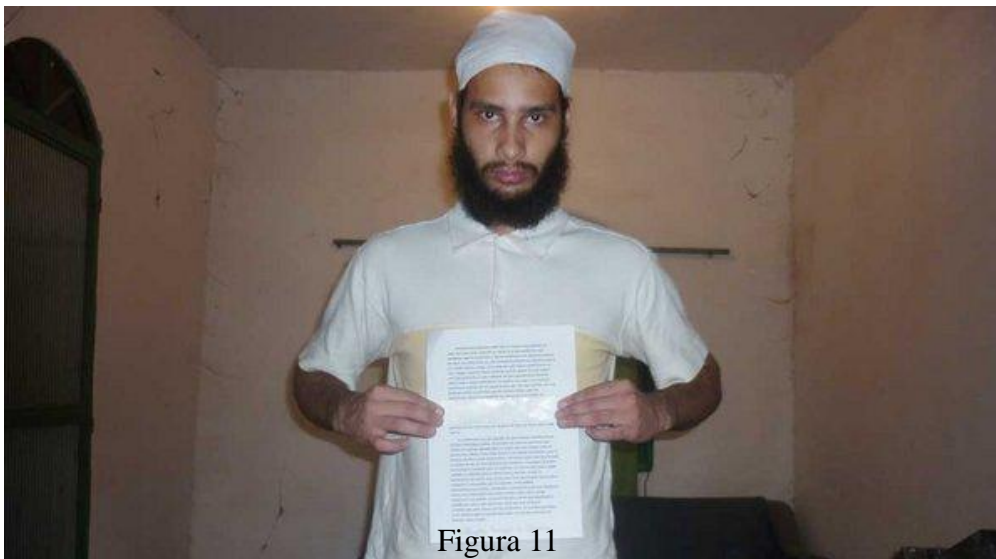


Figura 11

F91u89Kzr3bgxjatzgdx0ge.jpg
Fonte: ultimosegundo.ig.com.br

Wellington Menezes de Oliveira (ex-aluno da escola do Realengo)
Foto divulgada pela Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro
(recuperada no computador pessoal)



Figura 12

105266.jpg
Fonte: www1.folha.uol.com.br

CORTE III

Seleção e Composição: potência das linhas de fuga

Desfazer o organismo nunca foi matar-se, mas abrir o corpo a conexões que supõem todo um agenciamento, circuitos, conjugações, superposições e limiares, passagens e distribuições de intensidades, territórios e desterritorializações [...]. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 22).

Os movimentos de desterritorialização que engendram a eliminação são assinalados pelo *selecionar*. Eles desfazem o organismo, o qual delimita a vida ao modo moderno circunscrito pela representação. A relação entre as estratificações e o plano de consistência traz uma potência de criação, uma dimensão ética e estética capaz de gerar novos estilos de vida, disparada por desterritorializações positivas que se consolidam em conexões e conjugações afirmativas e singulares. A seleção percorre linhas de desestratificação do corpo, considerado unidade biológica, segundo distribuição binária da matéria: orgânica e inorgânica.

Nesse movimento, o borramento das fronteiras, decorrente da fragmentação e da molecularização do corpo, produz uma abertura que carrega a emergência de um corpo químico-físico, numa espécie de involução, cujos acoplamentos demarcam vetores orientados ao infinitamente pequeno e ao infinitamente grande. A experimentação desse corpo mutante e em composição a cada conexão estabelecida marca o *selecionar* e a potência da eliminação em devires e agenciamentos constitutivos de processos de singularização. Ela é detectada plasticamente pelo devir silício do carbono com o cruzamento das máquinas tecnológicas que se orientam para a diluição do *eu*, do atributo humano, das fronteiras entre natural-artificial e real-digital. Um movimento de desestratificação desfaz a vida análoga a um corpo biologizado e restrita ao domínio dos viventes enunciados pelo pensamento moderno. Os limites que a estratificam são transformados, rompidos. A vida vem ganhando uma forma operada em escala quântica, estabelecendo novas relações entre componentes que a definem. Elementos inorgânicos, ao entrarem nessas relações, ligam-se a forças desterritorializadas, apontando para consolidação de um corpo num devir molecular que lhe confere nova consistência.

Deleuze e Guattari (1992, p. 200) salientam que “mesmo não viventes ou, antes, não orgânicas, as coisas têm um vivido porque são percepções e afecções”. Também nos

estratos científicos, as mudanças de dimensões levam ao embaralhamento das fronteiras entre orgânico e inorgânico, modificando a apreensão e a percepção da vida. O *selecionar* efetua-se em um modo de transitar por essa superfície, aqui denominada *corpo composição orgânica-inorgânica*, referindo-se a esse corpo químico-físico, efeito do processo de quantização no qual se detectam velocidades, relações, ligações e componentes em termos distintos dos enunciados biológicos e das associações mecânicas. Uma experimentação em que fluxos e linhas tendem para emergência de diferentes maneiras de existir ao ganhar consistência e definir formas moleculares distribuídas em uma superfície disjuntiva, conjugando-se sem totalizar nem homogeneizar. Dimensões vividas articulam-se à eliminação num trânsito por esse corpo processual e maquínico que vem assinalar a vida imanente.

A vida comporta modos extraídos de forças. Segundo Alliez (1996, p. 27), são os “poderes de afetar e de ser afetado que caracterizam cada coisa no Plano da Vida”. Deleuze, ao conferir à vida o artigo indefinido *uma*, reforça, entre seus traços, o caráter impessoal, indefinido, a-subjetivo, singular. Uma vida indefinida correspondente a entretempos, entremomentos, ao acontecimento por vir e já ocorrido¹²³. Para Deleuze, o “plano de imanência define-se por uma vida”. Singularidades e acontecimentos de *uma vida* coexistem e se comunicam com acidentes *da vida* correspondentes com a passagem para uma forma. Nesse processo de atualização, o acontecimento encarna-se nos corpos, atualiza-se em um estado de coisas, em um estado vivido, procedendo por individualização. As formas atualizam os virtuais. Elas, de acordo com Deleuze (Foucault, p.132), envolvem um *composto de forças*, cuja relação determina uma formação histórica. A vida passa a ser definida por um modo, o qual pode remeter a algo transcendental. Quando ela é retida na Forma-Homem, no século XIX, passa a corresponder a séries análogas e finitas, que rebatem as forças no homem, definindo planos de organização segundo estratos biológicos, flexão das palavras em conformidade com estratos linguísticos e condições de produção decorrentes dos estratos econômicos.

Essa forma, que aprisiona a vida, tornando-a equivalente ao homem e fazendo do atributo humano seu valor e sua máxima, é pensada por Nietzsche ao anunciar uma mudança de conceito com o surgimento de uma nova forma – Super-Homem, nem Deus, nem homem. Uma forma embrionária, não funcional, que Deleuze chama de

¹²³ Esta foi a última publicação de Deleuze em 1995. O texto *A imanência: uma vida* encontra-se disponível no site www.dossiê_deleuze.blogspot.com.br. Acessado em 05 fevereiro 2012.

finito-ilimitado, referindo-se a um número finito de componentes que produz uma forma ilimitada de combinações. A vida passa a ser delineada por composições de cortes e fluxos num maquinismo que não separa mais o orgânico do não-orgânico, o vivo do não-vivente, como faz a circunscrição disciplinar e biologizante. Ela passa de um conjunto vago e discreto (um exterior) à consolidação (um interior). Deleuze e Guattari (1997) a consideram uma produção desejante, quer dizer, um processo engendrado por agenciamentos maquínicos do desejo e coletivos de enunciação. Eles afirmam que a vida é, ao mesmo tempo, “um sistema de estratificação particularmente complexo e um conjunto de consistência que conturba as ordens, as formas e as substâncias”. O vivo gera uma “transcodificação dos meios que pode ser considerada tanto como constituinte de um estrato quanto como operando causalidades ao avesso e transversais de desestratificação”(p. 150).

Os sistemas estratificados são codificados, constituem um estrato e a passagem de um estrato a outro. Deleuze e Guattari (1997, p. 140) salientam densificações, intensificações, injunções, acomodação de intervalos, repartição de desigualdades, superposições de ritmos disparatados e articulação de uma ritmicidade (sem medida) nesse processo de consolidação, que é criação. A vida “implica um ganho de consistência [...] comporta um maior número de conjuntos autoconsistentes, de processos de consolidação [que] lhes dá um alcance molar. Ela já é desestratificante” (p. 150). Os conjuntos de consistência consolidam-se por componentes heterogêneos. Eles capturam materiais e forças de uma outra natureza, procedendo por desterritorializações e desestratificações de elementos, ordens, formas e substâncias. Há uma liberação de matéria e captação de forças. Molar e molecular instauram combinações estratificadas. Na forma molar, forças internas moleculares atuam em conjunto, estabelecendo uma maioria, um padrão dominante, em que as relações são localizáveis, covalentes, arborescentes e operam por encadeamento. Na forma molecular, as ligações não são localizáveis, nem covalentes. Elas são maquínicas, indiretas, mutantes e operam por discernimento.

A vida é atravessada por conjuntos molares e por elementos de um conjunto (pessoas, sentimentos e relacionamentos segmentarizados que alimentam e rebatem os investimentos sociais). Simultaneamente, há uma vida insinuada em escala intensiva por fluxos marcados em linhas maleáveis ligadas a pequenas segmentações em ato¹²⁴. No

¹²⁴ Deleuze e Guattari (1996, p.96) chamam essas pequenas segmentações de *quanta*. Tratam-se de signos-partículas cuja mudança de dimensão supõe uma mudança de natureza em que “[...]o molecular, a

cruzamento dessas linhas, a vida passa. Cartografá-la implica incidir em lineamentos que permeiam coisas, grupos e indivíduos, destacando as “linhas que tanto podem ser as de uma vida, de uma obra literária ou de arte, de uma sociedade, segundo determinado sistema de coordenadas mantido” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 78).

O filme belga *Ben X*, inspira-se em fatos reais¹²⁵ e possibilita pensar a potência do corpo maquínico, *do corpo-composição orgânica-inorgânica* que, exercido pelo *selecionar*, produz linhas de fuga ao assinalar um *salto* para a vida. Essas linhas distinguem-se daquelas que convertem o *deletar* e o *eliminar* em linhas de morte presentes nas tragédias escolares. O filme baseia-se no livro *Nada era tudo o que ele dizia*, inspirado na vida de um adolescente autista que comete suicídio por sofrer perseguições (constrangimentos e agressões) na escola. Nic Balthasar, crítico de cinema e de teatro, é autor do livro e diretor do filme. O primeiro nasceu de uma encomenda do mercado editorial com a finalidade de atingir adolescentes que não leem. O autor, sensibilizado com o suicídio do garoto em sua cidade, resolve escrever uma história que utiliza os componentes noticiados (rapaz com 17 anos, autista, jogador assíduo na *internet*, tinha uma namorada misteriosa) com um desfecho diferente do fato que o inspirou. Seu sucesso desdobrou-se em peça teatral e filme.

Ao percorrer o “drama daqueles que não são *populares*, que sofrem o fascismo da sedução”, Balthasar busca uma outra solução para o evento, mesclando-o com a arte. Ele lembra que, segundo Stanley Kubrick, o “cinema transborda a realidade”. Nessa direção, parte de um evento que tensiona a criação de uma figura estética, fabula um modo de escapar à linha de destruição e de demarcar os intoleráveis vividos na sociedade contemporânea¹²⁶.

A maneira de narrar a história mescla depoimentos retrospectivos de conhecidos

microeconomia, a micropolítica, não se define no que lhe concerne pela pequenez de seus elementos, mas pela natureza de sua “massa” – o fluxo de *quanta*, por sua diferença em relação à linha de segmento molar. A tarefa de fazer os segmentos, de acordo com os *quanta*, implica mudança de ritmo e de modo, mudanças que bem ou mal vão se fazendo, mais do que pela onipotência, e sempre escapa de alguma coisa”.

¹²⁵ Além de adaptada para o teatro, a obra transforma-se em filme, ganhando prêmios no Festival de Cinema de Montreal, no Festival Internacional de Istambul, bem como a indicação ao Oscar de *Melhor Filme Estrangeiro* em 2007. Infelizmente, o filme não teve distribuição e exibição comercial no Brasil. Ele não atende aos critérios hollywoodianos que determinam quais produções entram no circuito comercial. A obra holandesa, apesar de indicada ao Oscar, ao não ser premiada, deixa de preencher tais requisitos. *Ben X* pode ser assistido pela *internet* com legendas em espanhol.

¹²⁶ Balthasar, em entrevista, salienta que “todo mundo vive [a sensação de não ser nada], mas os jovens são os primeiros a senti-la. A perseguição é, também, uma questão muito presente no mundo do trabalho”. [Tradução livre].

Depoimentos obtidos no *site*:

<http://cineuropa.org/ffocusinterview.aspx?lang=es&treeID=1499&documentID=82190>, acessado em 02 de dezembro 2011.

e familiares, envolvendo suas impressões e ações nas circunstâncias relacionadas ao garoto, com as tentativas de Ben em transmitir suas percepções, as quais são cruzadas e construídas através do jogo digital. Essa maneira de tramar o filme rebate em um dos principais traços do autismo: o problema com a palavra que dificulta ou impede a linguagem e a comunicação, identificado como um sintoma ligado à interação social. Considerado doença, o silêncio de Ben pode consistir em um vacúolo, em uma resistência, em um perigo às regras de jogo baseado no desempenho, que faz da eliminação uma peça para reprodução das sociedades de controle.

Ben é um agenciamento acoplado a outros agenciamentos (adolescente, livro, filme, jogo, escola, microeletrônica...) cujas singularidades apontam para um modo vivido em atividades e condutas contemporâneas. Ele percorre o *corpo-composição*, utilizando seus elementos em duas direções que demarcam a diferença nas relações entre componentes: adaptar-se às regras e aos padrões, minimizando os sintomas de uma doença que o insere em linhas duras e binárias; deslizar em fluxos capazes de dar movimento e sentido às velocidades que o atravessam, provocando percepções e afecções diferentes. Aquilo que é sintoma em Ben não se caracteriza como tal quando relacionado ao agenciamento jogo e aos fluxos produzidos pela microeletrônica em uma nova superfície de registro e de consumo¹²⁷.

No jogo de Ben

Um agenciamento possui elementos finitos, partes extensivas operadas em um regime de coordenadas explicativas que o limitam a um referente, e combinações ilimitadas definidas pelas relações intensivas entre os componentes. A ordem intensiva de um agenciamento define-se pelas forças que criam ilimitações de conjuntos finitos de elementos. Importa marcar essas relações que, no processo, podem ser vividas em diversos regimes intensivos demarcadores de multiplicidades. Linhas e relações, num sistema maquínico de cortes-fluxos, produzem uma composição finita em que combinações ilimitadas são determinadas por relações exteriores aos termos.

Vibrações produtoras de novas relações entre componentes, intensidades do encontro das forças em jogo e seus graus definem um agenciamento. Diferentes linhas o

¹²⁷ Consumo, para Deleuze e Guattari, está relacionado à conjunção de fluxos em que as forças em jogo são consumidas, absorvidas em um corpo, definindo uma superfície através de vetores de reterritorialização, sobrecodificações e equivalências e de desterritorialização, co-criações e coexistências geradas por relações disjuntivas e singulares.

atravessam: as linhas de segmentaridade dura ou molar, em que todo mundo é julgado e retificado segundo divisões binárias; as linhas de segmentaridade maleável ou moleculares, as quais não se deixam sobrecodificar, assinalam deslocamentos por limiares de intensidade que ocorrem por baixo, e as linhas de fuga fazem explodir as duas séries segmentares. Deleuze e Guattari (1996, p. 80) observam que a “segmentaridade maleável não para de desfazer as concreções duras, mas ela restitui em seu nível tudo aquilo que desfez [...]”. As linhas moleculares encontram-se entre as linhas molares e as linhas de fuga. Elas podem tender tanto para uma direção quanto para outra. O devir molecular carrega uma potência revolucionária cujas linhas colocam “as coisas em jogo, mas em uma outra escala e sob outras formas, com segmentações de outras natureza [...] uma micropolítica (p.72)”. Seu poder de contágio também traz o perigo de converter-se em microfascismos. Essas linhas se misturam. Elas perpassam o agenciamento *chip* e a microeletrônica que se engancham em investimentos molares instituintes das sociedades de controle.

Nessas sociedades, as máquinas comunicacionais e informacionais envolvem uma arborescência que remete ao poder de um órgão central, ramificando-se em canais de transmissão, nos quais o indivíduo integra-se a um lugar preciso e reproduz a subjetividade dominante. Na rede informatizada, em que ocorre a pulverização do centro em *tribos* e *perfis*, há um uso majoritário vinculado ao redirecionamento para tal poder. Simultaneamente, um uso minoritário dessas máquinas torna os fluxos e devires rizomáticos ao percorrer linhas moleculares que traçam um corpo compósito e heterogêneo. Nesses devires, a mudança de escala anuncia a potência de uma forma, cujos limiares de percepção e de discernibilidade concernem a agenciamentos que excedem para aquém e para além do homem e da percepção humana.

O agenciamento Ben engendra os agenciamentos: microeletrônica, jogo digital (*Archlord*), *chip*, silício. O domínio digital dispõe recursos para apreensão de velocidades e movimentos em diferentes dimensões que tensionam os limites regularmente vividos. *Archlord* é um jogo *aberto* do tipo RPG (*Role-Playing Game*, traduzido por Jogo de Interpretação de Personagem). Na rede informatizada, esta modalidade de jogo (denominada MMORPG, *Massive Multiplayer Online Role-Playing Game* ou *Multi massive online Role-Playing Game*) permite a milhares de jogadores criarem personagens em um mundo dinâmico e digital¹²⁸. Exercido *on-line*, esse tipo de

¹²⁸ As informações sobre o jogo *Archlord* e o MMORPG, que seguem no texto em diferentes parágrafos, foram obtidas através de relatos de jogadores e dos sites <http://pt.wikipedia.org/wiki/Archlord>;

jogo tem por objetivo e função criar estratégias que envolvem a arregimentação de exércitos, o estabelecimento de alianças, a formação de equipes de ação para obtenção de metas e de superação dos obstáculos colocados pelos inimigos. Essas estratégias garantem a manutenção do¹²⁹ e no jogo, o qual tem como traço subjetivante incitar e exercitar a sua formulação orientada para conquistas a serem reproduzidas em outras esferas.

Segundo Foucault (1995), poder e estratégia se atraem e geram encadeamentos que acarretam modificações mútuas. O termo poder designa “relações entre parceiros [...] um conjunto de ações, que se induzem e respondem umas às outras, caracterizando um modo de ações” (p.240). Seu exercício consiste “em ‘conduzir condutas’ e em ordenar a probabilidade” (p.244). A estratégia possui três sentidos, envolvendo respectivamente: a “escolha dos meios empregados para chegar a um fim[...]; a maneira com que parceiro no jogo age para ter uma vantagem sobre o outro[...]; os meios destinados a obter a vitória” (p.247). Esta relação cálculo, probabilidade, condução de condutas e metas atingidas caracteriza o exercício do jogo digital.

A maneira de dispor o jogo em turnos na *Web* rebate o funcionamento da empresa. Cada turno possui uma duração pré-estabelecida (entre 15 e 60 minutos), momento reservado para o jogador traçar a sua estratégia. Quando o limite do turno é atingido, a estratégia de cada jogador é colocada em prática, e os resultados de sua ação têm efeito global no universo digital. As estratégias lançadas no registro digital são usadas por Ben com uma finalidade adaptativa para reproduzir as condutas do cotidiano. Ele procura ajustar as figuras e os códigos do jogo às exigências de um comportamento padrão. No caminho para escola, por exemplo, pensa concentradamente, conferindo os itens do que deve fazer em *janelas*: “Sair equipado e sempre com antecedência. Tudo é planejado. Tudo é estratégia”.

Entretanto, há uma clivagem entre o poder e a estratégia, passando por uma

http://pt.wikipedia.org/wiki/Massively_multiplayer_online_role-playing_game, acessados em 10 agosto 2011.

¹²⁹ O jogo digital distingue-se do RPG tradicional, em que o jogador ou o grupo faz o papel de herói, devendo salvar o mundo. “A concepção do MMORPG não permite que todos os jogadores salvem o mundo, pois acabaria com o jogo. O mundo dos MMORPGs é dinâmico” e fornecido por um servidor através de um “mundo virtual persistente” para manter o interesse dos jogadores. Esse mundo continua a existir independentemente da participação dos jogadores. Através de um avatar, ícone gráfico criado pelo usuário, o jogador cria uma personagem, usa uma conta que garante o acesso ao universo digital. Tudo o que acontece com o jogador é registrado em tempo real. Quando ele retorna ao jogo, sua personagem apresenta os mesmo atributos e características obtidas até a ocasião da saída. Informações disponibilizadas no *site* http://pt.wikipedia.org/wiki/Massively_multiplayer_online_role-playing_game, acessado em 10 agosto 2011.

indefinição e uma inversão capazes de gerar um traço criativo em que um micropoder burla as coerções e os constrangimentos. No domínio digital, Ben não está condenado ao autismo nem é incapacitado por este estigma. No anonimato, ele maneja códigos e componentes com destreza e habilidades superiores aos índices demarcadores dos padrões médios. Nesse plano microfísico, capta elementos para inventar uma estratégia capaz de desprendê-lo das reproduções e das sobrecodificações impostas pelo jogo.

Os jogos são produtos comerciais. A cobrança é realizada através da adesão a um plano de pagamento. A distribuição é gratuita¹³⁰. Tal comercialização é justificada pela necessidade de manutenção dos servidores, abarcando a invenção de novos desafios e a atualização constante do jogo. Cada servidor conta com um ou mais administradores e supervisores para assegurar a manutenção técnica, o bom funcionamento e a ordem entre os jogadores. Os jogos sem custos tendem a ser mais simples e menos envolventes, apresentando desafios menores. Também há jogos com pagamento opcional, cuja adesão oferece itens e vantagens para incrementar o personagem.

Traços financeiros e comerciais permeiam a organização dos jogos. Indicadores de inflação sinalizam uma economia local desequilibrada correspondente à baixa interatividade entre jogadores de níveis diferentes. Esse problema é causado pela própria natureza do RPG em função da evolução da personagem, que acumula poder e riqueza. Uma das maneiras de contorná-la é a formação de guildas, nas quais jogadores de nível mais baixo juram fidelidade aos jogadores de nível mais alto. A lógica desse sistema de fidelização localiza-se na manutenção de um interesse, garantindo a transferência ou aquisição de pontos extras para os jogadores de nível mais alto por ajudarem os de nível mais baixo. Algumas guildas recrutam jogadores em grandes quantidades. Tal extensão determina uma vantagem sobre as demais. Esse mecanismo tem por objetivo “dominar áreas do mundo, controlar a economia ou usar táticas como o *massacre* ou a *limpeza* de uma área cheia de monstros. Nessas investidas, os melhores itens ficam com os jogadores mais fortes”. Em alguns jogos, a formação de clãs ou guildas destinam-se à organização de campeonatos, formulação de *rankings* e premiação dos jogadores.

O prolongamento de uma economia digital para uma economia real ocorre com o comércio de contas de jogos, isto é, a compra de personagens com alta pontuação. O poder de um personagem requer mais que habilidade. As longas horas de jogo

¹³⁰ A substituição do pagamento da hora jogada por uma taxa fixa mensal possibilitou uma adesão em massa e a ampliação do mercado.

determinam as altas pontuações. Jogadores ocasionais distinguem-se dos aficionados pelo número de horas semanais acumuladas. Certos jogos, ao exigirem tanto investimento e dedicação, instauram um mercado informal de conta. Contas de jogos são comercializadas em “*sites* de leilão para aqueles sem tempo ou paciência de fazer evoluir uma personagem. Os valores das personagens dependem do jogo e do servidor e variam de R\$500,00 a R\$3.000,00”¹³¹.

Em muitos casos, a moeda real é usada como parte comercial do jogo. Cartões de associado são oferecidos, dando direito a vantagens ou a itens especiais. Esses jogos também permitem que a moeda digital do jogo seja comprada com dinheiro real. Há relatos de que alguns jogadores mais aficionados gastaram milhares de dólares para comprar itens ou territórios em um MMORPG. “O comércio paralelo dos MMORPGs atingiu, aproximadamente, a cifra de 880 milhões de dólares americanos”. Esse negócio estimula o surgimento de “pequenas companhias dedicadas em criar personagens, evolui-las e depois vendê-las a jogadores interessados. O mesmo acontece com os itens mais raros e procurados dos jogos. Apesar da polêmica, o comércio de produtos virtuais parece não ter restrições nas leis de nenhum país”¹³².

Um grande número de jogos de MMORPG possui ambientação medieval, apresentando quatro classes ou categorias de personagens: mago, guerreiro, arqueiro e curandeiro. Cada uma delas possui um índice de vida (HP) e de energia (mana) distribuídos em proporção inversa conforme a classificação “alto, médio e baixo”. *Archlord*, além de título do jogo, refere-se à designação atribuída ao jogador que permanece em pé no final da guerra. Ele passa a reger o *continente* por três semanas com poderes e regalias. A novidade competitiva desse jogo caracteriza-se pela possibilidade de o jogador tornar-se **líder supremo**, passando a **controlar o mundo** de *Chantra*. Três raças disputam poder e território: os humanos, os elfos e os *orcs* (termo que, vindo do latim *Orcus*, encontra-se relacionado à Plutão e indica o senhor do mundo dos mortos)¹³³. Nas linhas duras, a dimensão política é reproduzida pela divisão Bem e Mal com a separação do mundo em Ocidente, povoado por humanos, e Oriente, ocupado pelos *orcs*, considerados vilões por escravizarem humanos. Os personagens humanos são cavaleiros com habilidades em lutas corpo-a-corpo e com grande maestria no uso de

¹³¹ Conferir informação no *site* http://pt.wikipedia.org/wiki/Massively_multiplayer_online_role-playing_game, acessado em 10 agosto 2011.

¹³² Informações retiradas do site acima mencionado.

¹³³ Esta personagem aparece nos “contos de fantasia medieval como uma criatura deformada e forte, que luta contra as forças do Bem”. Segundo *site* <http://pt.wikipedia.org/wiki/Orc>, consultado em 21 abril 2012.

espadas. Eles significam a honra e a força dos seres humanos, servindo como modelo de verdade e de integridade para o mundo.

Ben é um guerreiro pertencente à categoria dos humanos. Ele conecta sua literalidade à dificuldade de mentir e de representar. Tais dificuldades são unidas aos modelos de verdade e de integridade representados como atributos humanos. Esta junção (não mentir – integridade humana) inicia o jogo, aparecendo nas afirmações digitadas: “Não posso mentir. Tudo que digo é verdade, inclusive quando não falo”. O sofrimento de Ben decorre da dificuldade em detectar a mentira e a ironia não menos exemplares do comportamento humano. Os elfos da Lua são mutantes, cintilantes e se escondem no mundo exterior das sombras. Eles investem na transposição dos limites deste mundo para descobrir uma nova forma de vida. Algumas mulheres (*elementalist*) realizam magias. Scarlite provém do território do elfos, pertencendo ao grupo de mulheres com poderes mágicos. Ela é uma curandeira, aliada e amiga de Ben no jogo.

No quarto do adolescente, encontra-se um painel sobre sua cama com as palavras de ordem: *raise an army rule the world – Archlord* (levantar um exército rege o mundo – Archlord¹³⁴). As estratégias elaboradas para administrar, comandar, dirigir, governar fazem do rege uma função na gestão de empresas e negócios¹³⁵. Essas operações indicam a atualização da subjetividade que investe nas estratégias dirigidas ao controle a partir das equivalências entre os fluxos codificados no jogo digital e os fluxos do capital financeiro e comercial capturados nas ações empresariais. Ben transita pelos territórios digitais pertinentes à subjetividade capitalística, dominando os códigos e os mecanismos exercidos nos jogos. Apesar das tentativas de vinculação aos comportamentos considerados normais, ele não usa os componentes tecnológicos nem as estratégias do jogo para reproduzir tal subjetividade. O nível 80, por ele atingido, corresponde a um índice altíssimo, o qual poderia classificá-lo como *winner*, termo tão caro a uma hierarquia sustentada no desempenho e no mérito como parâmetros de reconhecimento pela empresa (segundo a *alma-gás*)¹³⁶. Ben também ignora a possibilidade de usar essa pontuação para comercialização.

A escala *nano* produz uma consistência capaz de modificar as dimensões e as

¹³⁴ Tradução livre.

¹³⁵ A Gestão de Negócios refere-se à administração, por uma pessoa, do negócio de outra, responsabilizando-se **solidariamente** [colaboradores], mas **sem autorização legal**. Ela ocupa posição de poder segmentar sem passar pela condição de proprietário da empresa. A propriedade está no domínio dos códigos e das posturas que garantem o bom funcionamento do negócio.

¹³⁶ Convém observar que a *popularidade* tão ambicionada no território escolar não passa pelo registro digital, pois esse domínio caracteriza o território *nerd*, definido por um padrão pouco atraente para os modelos físicos determinados pelo consumo.

propriedades de um corpo. A nanotecnologia cruza fronteiras, fazendo emergir um “ponto” (um campo), por onde percorrem matérias não formadas e funções não formais, buscando novas formas e funções em estratos químicos e físicos. Estudos em nanotecnologia visam à auto-organização de estruturas para garantir sua reprodução¹³⁷. As mudanças de escala acarretam transformações nas ligações entre os átomos e, com isso, modificam as propriedades dos componentes. A variação de intensidades, de forças entre partículas altera as distâncias, as velocidades e a direção do movimento, desfaz funções e estruturas quando atinge novos limiares, distintos daqueles que estabelecem um padrão determinado pela ordenação e pela dinâmica estável em macroescala. Essa trajetória é marcada por um devir-molecular, em que elementos e partículas, ao escaparem das formas, das funções, das matérias formadas e das estruturas, provocam fissuras assinaladas por descodificação dos meios e por movimentos de desterritorialização.

Nesse processo em que acontecimentos levam a interações (comunicações) com os meios, a seleção atua pela extração de componentes, cuja heterogeneidade e relações definem um ritmo e a consolidam algo novo¹³⁸. Em diferentes escalas e velocidades, abre-se o trânsito por um corpo, que tende ao infinitamente pequeno e ao infinitamente grande, quando experimentado nas dimensões quântica, cósmica, planetária, engendradas pela microeletrônica¹³⁹. O devir-molecular, em sua escala quântica, adquire forma em partículas, em fluxos e velocidades imperceptíveis que atravessam um corpo planetário que se faz e refaz numa outra escala, por vizinhança, por contaminação, por novas conexões.

¹³⁷ A criação de um campo de pesquisas em nanotecnologia vem borrando as fronteiras disciplinares das áreas científicas que discutem a necessidade de transversalização de conhecimento, pesquisa e focos de ação.

¹³⁸ A mudança de escala relacionada às matérias não formadas é capaz de produzir uma nova consistência. O carbono, por exemplo, tem uma reordenação de estrutura na escala nano, adquirindo novos atributos, novas propriedades presentes no grafeno e no fulereno. Essas mudanças de estado do carbono anunciam transformações de grande impacto nas tecnologias das máquinas comunicacionais e informacionais. Elas também acarretam preocupações acerca dos efeitos que os componentes de nanoestrutura vêm provocar em nível celular, pois uma nanopartícula tem a mesma dimensão de uma membrana celular, podendo penetrar na célula sem qualquer resistência ou defesa.

¹³⁹ A era planetária comporta uma organização que Deleuze (2006, p.46) salienta nos sentidos enumerados por Axelos: “global, itinerante, errante, planificação, banalidade, engrenagem”. O Jogo vem substituir as Regras que remetem à relação metafísica do relativo e do absoluto. Em tal jogo, todas as regras são possíveis a partir de uma regra interna, a qual afirma “tudo o que *pode* ser afirmado” e nega “tudo o que *pode* ser negado”. Dessa maneira, “o jogo do pensamento e da era planetária é, pois, global, errante, itinerante, organizador, planificador e banalizante, preso na engrenagem”. O termo planetário apresenta, ao mesmo tempo, uma errância e uma organização que recobre o globo terrestre. A dimensão cósmica pode abranger, simultaneamente, as forças e partículas cósmicas que compõem o universo, e o trânsito por universos incorporais de valor, que abrem fendas e incitam “ressignificações”.

As combinações moleculares que procedem por ligações não covalentes e não por relações lineares, desembocam em um novo *jeito* de cruzar o semiótico e o material. Essas dimensões trazem uma potência ética, estética e política detectada por Guattari (PARENTE, 1993, p. 178), quando aponta que a *Idade da Informação Planetária* provoca uma transposição de limiares de consistência com uma abertura para processos criativos de singularização. Para o autor, as “atuais máquinas informacionais e comunicacionais não se contentam em veicular conteúdos representativos”. Elas animam a produção de novos agenciamentos coletivos de enunciação. Em *Três ecologias*, Guattari (2001, p.8) extrai três registros (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana) relacionados à maneira de viver diante da “aceleração das mutações técnico-científicas” e de seus efeitos atuais, salientando uma natureza maquínica com velocidades infinitas, na qual um modo de existência pode surgir.

Corrêa (2011, p. 22), ao propor uma *estética do silício*, sublinha “os traços imanentes a um modo de existência que se engendra com a força do silício” através do agenciamento microeletrônico, o qual “faz proliferar o *chip* e a miniaturização dos corpos”. Em sua cartografia, aponta que, além de elemento químico, classificado como semimetal e presente na constituição de uma infinidade de corpos, o silício é o componente de destaque na microeletrônica. Essa máquina técnico-científica das novas tecnologias de informação e de comunicação torna-se componente de atualização das máquinas sociais. O “silício, como matéria do mundo, viabiliza novos agenciamentos e propicia uma imagem ética-estética”, atuando “como força propulsora de novos modos de sentir, pensar e agir (p. 21-2)”. Corrêa seleciona, na linhagem tecnológica do silício, os pontos que concorrem para a “composição de um *chip* como agenciamento complexo de matérias-primas, elementos físico-químicos, tecnologias e processo de produção”. A propriedade de semicondutor confere ao silício a possibilidade de transmitir e controlar uma corrente elétrica. A autora destaca o silício como liga, como meio de ligação que conduz e permite “a circulação, a conexão e a interpenetração de corpos (p. 22)”. Em sua dissertação, através dos *parangolés eletrônicos*, Corrêa (2008) analisa a mistura composta por fissura-fusão em uma ordem técnica e midiática de produção que carrega uma diferença estética de composição. Esse processo sinaliza uma experimentação em que novas sensações sonoras e ópticas são produzidas pelas mudanças de velocidades e escalas. As modificações das percepções e das afecções articulam-se às transformações na imagem do pensamento e produzem devires que engendram um novo modo.

O agenciamento *chip* engancha-se a máquinas, cujos componentes semióticos encontram-se inseparáveis de componentes materiais (sua produção está atravessada por matérias e funções, conteúdo e expressão, matérias-movimento e expressão-movimento, as quais envolvem as matérias não formadas e funções não formais). Esse agenciamento é um acoplamento de máquinas, cujos investimentos molares apostam na eliminação para reprodução de uma padronização dominante de condutas que vêm ampliar o capital. O *chip* traz uma potência revolucionária no devir silício do carbono e no devir *inorgânico* do carbono, quando anunciado como substituto do silício. Essa potência encontra-se na passagem por devires moleculares e na mudança de sentido para eliminação. Nelas, o *selecionar* expressa a constituição de um *corpo-composição*.

O filme *Ben X* é construído a partir de um diagnóstico associado ao cognitivismo¹⁴⁰ que considera o computador uma metáfora do cérebro. A narração ocorre em dois planos: um real, que conta com os depoimentos dos conhecidos de Ben num esquadramento determinado pelas máquinas binárias, no qual o adolescente é tratado como um doente, um autista merecedor de atenção especial ou de desprezo, e outro digital, que mescla as relações do jogo com o cotidiano, embaralhando a separação entre digital e real. Curiosamente, essa mistura também ocorre no processo de filmagem, quando as cenas dos jogos são dirigidas com jogadores em ato, produzindo as situações solicitadas pelo cineasta. O real como par da representação é diluído pelas novas tecnologias comunicacionais e informacionais. Aquilo que determina a fronteira entre o real e o digital é a sua correspondência em relação à representação. Por ela, o real ganha o estatuto de verdade, ao passo que o digital não passa de uma imagem simulada e ilusória por não ter correspondente concreto. Essas distinções tornam-se cada vez mais frágeis e questionáveis não apenas pelas mudanças de paradigmas, mas também pelos afetos relacionados à produção digital. Há diferentes apreensões de velocidades, de intensidades, de percepções entre digital e real. Elas não passam pelo regime dicotômico, decorrem das mudanças de escalas e de dimensões, tornando-se diferenças de graus e de modos.

A abordagem técnico-científica com base na teoria da informação aparece na

¹⁴⁰ Segundo *Dicionário de Filosofia*, o cognitivismo é definido como: 1. corrente psicológica que estuda os processos cognitivos mediante modelos do tipo informático ou cibernético; 2. corrente da filosofia que compara a mente a um computador digital, considerando o termo sinônimo de funcionalismo computacional; 3. doutrina ética segundo a qual os princípios morais são fruto do conhecimento, inato ou adquirido, intuitivo ou demonstrativo; 4. para semântica, indica o conjunto de teorias que consideram esta disciplina uma teoria da compreensão, cuja tarefa é descrever o que ocorre na mente quando se dá a compreensão (ABBAGNANO, 2007 p. 174-5).

explicação do médico, ao detectar a Síndrome de Asperger¹⁴¹ em Ben: “Ele é como um computador configurado completamente diferente”. O especialista completa: “Ben não é um idiota, não debes esquecer. Ao contrário, é muito forte, é quase um gênio!”. No consultório, Ben observa o médico. Os planos são sempre em *zoom*. Detalhes ganham foco, sobressaem em relação a seu em torno enevado. Num recorte, os olhos nítidos em um quadro borrado. Pêlos, sulcos, reentrâncias e saliências destacam-se em movimento. O rosto transforma-se em paisagem nesse embaralhamento. Tal indiscernibilidade leva a escapar dos significados e das determinações estratificadas e padronizadas em uma subjetividade dominante.

O comentário da mãe acerca do “não-olhar” é reconsiderado pelo médico: “Eles veem tudo. Eles veem cada coisa muito nítida, veem a árvore literalmente, mas não veem o bosque”. Esse aspecto está vinculado a um problema de percepção que caracteriza o autismo: o processo de formação da figura-fundo. Tal processo envolve a escolha, consciente ou inconsciente, daquilo que a pessoa considera como figura ou fundo. A primeira depende do segundo. O fundo “serve como uma estrutura ou moldura onde a figura é enquadrada ou suspensa” e, por isso, determinada. Essa disposição dos elementos, na qual “o organismo seleciona e desenvolve formas próprias de autoconservação”¹⁴², baseia-se na noção de representação kantiana que distingue o fenômeno da realidade objetiva em si através das condições e categorias transcendentais necessárias para perceber e conhecer. Nesses termos, Ben não apresenta condições para representar, nem opera por metáforas. O seu modo de captar o movimento, a luz e o som são desviantes.

Em tentativas para absorver e adaptar-se às condições sociais fixadas, o rapaz faz uso de elementos do jogo digital como ponte, arrumando em camadas cenas, objetos

¹⁴¹ A síndrome de Asperger é, muitas vezes, vista como a forma mais leve dos transtornos de espectro autista, a qual apresenta problemas com linguagem e comunicação, e padrões repetitivos ou restritivos de raciocínio ou comportamento. Outros sintomas da síndrome de Asperger podem incluir: rotinas e rituais obsessivos, problemas de capacidade motora, como movimentos desajeitados ou descoordenados, problemas de interação social, especialmente relacionados à comunicação com outras pessoas, **sensibilidade à informação sensorial, como luz, som, textura e gosto**. Não existe cura para síndrome de Asperger, porém as pessoas que sofrem desse transtorno podem ter vida plena e feliz, especialmente se tiverem tratamento precoce. O tratamento para síndrome de Asperger pode incluir treinamento de habilidades sociais e educacionais. O tratamento também pode incluir terapia comportamental e medicamento para condições relacionadas. Informações retiradas do *site*: [http://www.news-medical.net/health/What-is-Asperger-Syndrome-\(Portuguese\).aspx](http://www.news-medical.net/health/What-is-Asperger-Syndrome-(Portuguese).aspx); acessado em 26 agosto 2011.[Grifos meus].

¹⁴² Informações disponibilizadas no *site* <http://www.igestalt.psc.br/princip.htm>, acessado em 26 agosto 2011.

e palavras ordenados pela literalidade, numa espécie de edição¹⁴³. Sua rotina diária inicia com o jogo digital *Archlord*, das 5h e 45 min. às 6h e 33min. Ao se arrumar, Ben cronometra, em segundos, o tempo para lavar as mãos, pentear cabelos, escovar os dentes, etc. Há um duplo entre Ben, nome do avatar, e o adolescente que aparece no espelho do banheiro. É o avatar quem precisa ensinar tudo ao garoto. Simultaneamente, os objetos são dispostos por aproximação segundo sua utilidade nos diferentes planos – armas e acessórios do guerreiro mesclam-se com celular, relógio, filmadora, *Ipod* que compõem o arsenal de defesa do garoto.

Após o café da manhã, Ben dirige-se à escola. O trajeto é feito com a ajuda da figura de uma rota sob forma de planta baixa da cidade. Nos jogos digitais, não há plano do horizonte, os locais e as posições são constituídos por *tomadas de cenas* em recortes parciais. Quando o conjunto precisa ser apreendido em plano geral, tem-se a configuração de uma planta baixa. O conjunto é visto de cima. Esses são alguns recursos utilizados pelo rapaz no seu combate cotidiano para reproduzir os padrões de conduta numa espécie de treinamento de habilidades sociais. Ben distingue treinar, imitar de aprender. A aprendizagem exige as condições cognitivas que ele dissolve: “Eu só posso olhar, observar, [eles] dizem. Imitar o que nunca aprenderei”.

Deleuze e Guattari (1996, p. 98) salientam, em Gabriel Tarde, o interesse pelo mundo do detalhe ou infinitesimal. Um mundo composto por pequenas imitações, oposições e invenções, considerando que “a imitação é a propagação de um fluxo; a oposição é a binarização, a colocação de fluxos em binariedades; a invenção é uma conjugação ou uma conexão de fluxos diversos”. Elas são infinitesimais e, como *quanta* de fluxo, marcam uma propagação (contágio), uma binarização (segmentarização) ou uma conjugação de crenças e desejos (criação). A imitação diz respeito a um fluxo ou a uma onda e não a um indivíduo.

A imitação não concerne à binarização que distingue o social do individual. Ela (a imitação) assinala a diferença entre o campo molar das representações (coletivas e individuais) e o campo molecular dos fluxos. Ben não representa, ele imita, resistindo à mudança de regime que a metáfora exige. A imitação ativa sistemas de referência diferentes que não se correspondem termo a termo. A tentativa de passar da imitação para a representação impõe a captura dos fluxos em códigos e sobrecodificações operados no plano extensivo. Ben desliza nas velocidades dos fluxos intensivos que se

¹⁴³ A edição de som e de imagens é feita por cortes em que camadas são ligadas, acopladas, mescladas em uma duração.

criam, se esgotam, se modificam, se somam, se subtraem, se combinam. Certas combinações coincidem com as conjunções molares na mistura das linhas, que sinalizam um sucesso efêmero de reprodução do padrão, o qual implica a aprendizagem. Ben, literalmente, imita. Sua imitação rebate e ricocheteia a representação. As velocidades e as durações vividas desfocam-se do centro determinado pela segmentaridade linear e circular. Através da imitação, ele seleciona componentes que podem funcionar como pontes para os diferentes agenciamentos e segmentos.

As velocidades dos fluxos produzem um modo de percepção que assinala a diferença de duração. As distorções presentes nessas *condições cognitivas* compõem recursos disponibilizados pelas máquinas informacionais e comunicacionais, que provocam transformações e novas percepções sonoras e óticas por aceleração e retardo de movimento, oscilações de frequências, *pixelização*, etc¹⁴⁴. Ben não faz do computador uma máquina cognitiva equivalente ao cérebro conforme a explicação de seu médico. Ele o usa como uma máquina que, acoplada a outras, engendra diferentes agenciamentos, tornando-o capaz de transitar em territórios existenciais adversos (escolar e doméstico).

Na entrada da escola, Ben liga a filmadora com a recomendação: “Visão geral, este é o ponto. Deves tentar ver com uma visão geral e te assegurar que não te vejam”. Um colega o aborda com agressividade, virando seu rosto e dizendo: “Não pode ver assim, idiota?” Ben utiliza a câmera digital como um instrumento de enquadramento, captação de imagem e reprodução de postura. As relações que ele estabelece entre o componentes filmados e vividos são inusitadas e trazem um sentido literal para as coisas. A literalidade de Ben enlaça intensidades apreendidas pela diferença de escala. Deleuze e Guattari (1996, p. 75) destacam que

Vemos, falamos, pensamos nesta ou naquela escala e segundo determinada linha que pode ou não se conjugar com a do outro, mesmo se o outro é ainda eu mesmo. [...] Não é apenas literalmente que se fala, percebe-se literalmente, quer dizer, seguindo as linhas, conectáveis ou não, mesmo quando são muito heterogêneas.

Diferentes linhas concernem às relações de forças constitutivas dos agenciamentos, em movimentos destratificação-estratificação e de desterritorialização-reterritorialização. A linha de segmentaridade dura define o dado. A segmentarização

¹⁴⁴ Corrêa (2008, p. 49) menciona o desencadeamento de “diferentes efeitos ópticos, com a alteração da resolução da imagem pela *pixelização* e a regulação de cor pela mudança de tom que produz saltos cromáticos” que ultrapassam os recursos químicos da fotografia tradicional.

consiste em movimentos de estratificação. Deleuze e Guattari (1996, p. 83) salientam que a “segmentaridade pertence a todos os estratos que nos compõem [...] o vivido é segmentarizado espacial e socialmente”. A segmentarização instaura grandes oposições duais, procede por binarização, quando define pares opositivos, separando as partes e a as unidades de um conjunto ou de uma totalidade. Ela também determina para as coisas o seu destino e o seu uso, fixando espaço, tempo e finalidade para cada elemento de um conjunto. Dessa maneira, a casa é um conjunto dividido em cômodos utilizados conforme finalidade pré-estabelecida (por exemplo, o quarto é um local de descanso a ser usado na hora de dormir). A segmentarização também efetiva uma organização circular com base num centro de convergência que dispõe a extensão do conjunto. Círculos são inseridos em círculos cada vez mais vastos. Nessa lógica de pertencimento, os cômodos estão contidos na casa, que está contida no bairro e assim sucessivamente até o limite do mundo. A linearidade está presente em tal processo pela contiguidade de segmentos. As instituições (segmentos) casa, escola, exército, fábrica são colocadas em uma linha reta e evolutiva, representando etapas sucessivas.

As sociedades modernas e disciplinares endurecem a vida pelas segmentaridades binárias, circulares e lineares, as quais retêm uma organização suficiente. Nessas sociedades, a “segmentaridade torna-se dura, na medida em que todos os centros ressoam” e recaem em um ponto de acumulação ampliado, rebatido por uma sobrecodificação generalizada. A redundância, provocada com o rebatimento das séries análogas, articula-se a “um centro de significância que percorre diversos círculos e repassa todos os segmentos” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 87). O endurecimento sobrecodifica através da transcendência instituída com o modelo arborescente. Regras são extraídas de movimentos distribuídos em correspondências entre as atitudes e as posições (moleculares) e as posturas e condutas (molares)¹⁴⁵. Deleuze e Guattari (p. 95) enfatizam que o “molar e o molecular não se distinguem somente pelo tamanho, escala ou dimensão, mas pela natureza do sistema de referência considerado”. A segmentaridade molar recorta o agenciamento segundo um regime extensivo, separa a totalidade em partes ou unidades, procede por paralisação do movimento, fixa as relações e os termos em elementos, conjuntos, sujeitos, relacionamentos e estruturas.

As linhas maleáveis cortam as linhas duras. Os movimentos de desterritorialização relativa e de reterritorialização são assinalados pelas linhas

¹⁴⁵ As linhas molares estabelecem limites, contenções, prescrições que determinam como se portar para ocupar territórios identitários contíguos ao autismo.

moleculares, que se prendem entre a linha de fuga e a linha de segmentaridade molar, podendo, por diversas combinações, tombar para um lado ou para outro. Essa segmentaridade maleável é marcada pelo duplo, num movimento desencadeado pela mudança de regime, que diferencia o mesmo, através de fluxos, desvios e retornos produtores de uma ligadura de um extremo a outro da linha. Nas linhas flexíveis, códigos e territorialidades encontram-se entrelaçados. Eles são agitados por forças que tensionam desestratificações e desterritorializações simultâneas à sobrecodificação e à reterritorialização.

A linha de fuga é sem forma, uma transformação da linha molecular através de uma espécie de *quantum* capaz de ultrapassar limites, desfazendo a significação e a subjetivação em direção a uma desterritorialização absoluta. A ruptura torna-se irreversível, não se pode voltar. A matéria e a forma do passado volatizam-se. Nessa linha ativa, fugir não consiste sair de algo. Não há um mundo pressuposto, do qual se escapa. O sentido da linha de fuga faz o mundo fugir por fluxos e devires imperceptíveis. Quando a linha de fuga adquire forma, devém linha de desterritorialização relativa. A desterritorialização absoluta dirige-se para a consolidação de um novo modo de existência, o qual supõe “regimes de alianças capazes de definirem uma formação histórica por movimentos de longa duração”¹⁴⁶.

A desterritorialização relativa implica criação de um novo território que se engancha parcialmente ao plano de imanência do capital. Tal território carrega matéria a-significante, anônima, a qual foge dos limites capitalistas. Uma matéria *esquizo* que pode, inclusive, tornar-se componente de ampliação do capitalismo, ao ser absorvida e incorporada em um novo axioma. A linha de fuga por desterritorialização relativa também cria uma nova maneira de viver, manifestada em vozes inaudíveis que atravessam a longa duração¹⁴⁷. A longa duração define-se por movimentos microfísicos, cotidianos que extraem formas e códigos das intensidades transformadas em práticas persistentes e silenciosas. Fugas efêmeras anunciam o intolerável e, ao mesmo tempo, criam micromodificações. Algumas engendram as linhas de segmentaridade molar, outras seguem afirmando as singularidades, sem se submeterem às equivalências.

¹⁴⁶ Conforme observação do professor Orlandi em anotações de co-orientação.

¹⁴⁷ A longa duração é um conceito proposto por Fernand Braudel que define um novo corte e um novo problema para a abordagem histórica. Ele diz daqueles movimentos quase imutáveis que persistem por longos períodos, sinalizando estruturas apreendidas pelas permanências e pelas resistências frente às oscilações rápidas dos eventos, assinalados pela história factual, e às determinações conjunturais que caracterizam a história econômica e social. A longa duração também supõe movimentos considerados imperceptíveis que coexistem com a forma predominante de uma organização social.

Mesmo que provisórias, elas alimentam, abandonam e retêm, num movimento muito lento, as forças e os elementos de transformação.

Eu não sou nada

Ben mistura as três linhas que trabalham umas das outras. Para Deleuze e Guattari (1996, p. 90), “toda a sociedade, mas também todo o indivíduo, são, pois, atravessados pelas duas segmentaridades ao mesmo tempo: uma molar e outra molecular. Se elas se distinguem, é porque não têm os mesmos termos, as mesmas correlações, nem a mesma natureza, nem o mesmo tipo de multiplicidade”. Elas coexistem, passam uma para a outra com figuras diferentes, uma pressupondo a outra. Nessa clivagem, Ben passa das situações do jogo às situações vividas na escola. Ele ativa o código digital para movimentar-se nos diferentes territórios existenciais. Esses movimentos encontram-se presentes, mesmo quando suas ações não respondem imediatamente às agressões dos colegas. As abordagens dos colegas têm por efeito uma imobilização do seu corpo anatômico em descompasso com os demais movimentos. Há “conjuntos do tipo de percepção ou sentimento”, cuja organização molar, segmentaridade dura, “não impede todo um mundo de micropceptos inconscientes, de afetos inconscientes, de segmentações finas, que não captam ou não sentem as mesmas coisas, que se distribuem de outro modo. Uma micropolítica de percepção, de afecção, de conversa, etc.”. A pressuposição recíproca entre as linhas segmentárias (molares e moleculares) “não impede a diferença de ponto de vista, de natureza, de escala e de função” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 90-1).

As linhas que bloqueiam as forças transformadoras e revolucionárias tendem a alimentar a segmentarização molar, barrando os toques de variação intensiva, reduzindo o contágio (a contaminação pelo devir) ao contato, compreendido por um circuito de componentes de uma rede social e interpretado por índices valorizados pelo sistema. Elas bloqueiam os fluxos intensivos e os seus desdobramentos expressivos, absorvendo-os em práticas e códigos pertinentes à comunicação e à informação que reverberam as exigências do sistema. Curiosamente, as condutas reproduzidas nessas linhas segmentares acionam uma espécie de *autismo social* assinalado pela dificuldade de transitar em registros que envolvem um modo de interceptar as relações diretas e de percorrer universos referenciais de valor distintos a esses enquadramentos. A descrição da Síndrome de Asperger apresenta traços que coincidem com a adesão a um padrão de

comportamento fabricado pela subjetividade capitalística. Tal síndrome abrange pessoas com “problemas similares ao autismo nas áreas de interação social e de comunicação, apesar de possuírem inteligência normal e habilidade verbal”. O diagnóstico prossegue, reconhecendo nessa desordem de espectro autista transtornos e sintomas revelados nos problemas de linguagem e de comunicação através dos padrões repetitivos. Por não saberem usar os movimentos corporais e os gestos na comunicação não verbal, apegam-se a rituais, tendo dificuldades em realizar atividades que fogem à rotina¹⁴⁸. Uma geração *digitalizada* (nascida nos padrões das sociedades de controle) vem apresentando dificuldades para sair de casa, transitar nas ruas, resolver problemas corriqueiros do cotidiano, inventar brincadeiras (desatreladas de comandos dirigidos e de repertórios fechados) e, principalmente, encontrar pessoas, estabelecendo vínculos e diálogos distintos dos contatos via *internet*. Ocorre uma tendência ao encapsulamento e à paralisia, quando as relações se encontram fora dos registros informatizados e digitais.

Ben X, quando pronunciado rapidamente em holandês soa algo como *beniks*, expressando *eu não sou nada*. Pela linha da segmentaridade molar, Ben é autista, um quadro que leva à negação de um padrão de normalidade. A segmentaridade dura, além do enquadramento, contabiliza tudo. Este é o esforço de Ben para reproduzir as condutas cotidianas da forma mais apropriada e inserir-se em um território socialmente aceito. Ele utiliza o relógio para mensurar as práticas diárias de higiene, avaliar a pulsação segundo os parâmetros de referência indicadores do nível de ansiedade, determinar o início e o fim do jogo, a hora de ir para escola... Os índices presentes no jogo digital ajudam a transpor as fronteiras desses territórios através da contiguidade.

Apesar da aproximação para torná-los semelhantes, Ben desliza, sem corresponder nem substituir os termos. Com isso, desencontra as atitudes das posturas. Segundo Deleuze e Guattari (1996, p. 70), a segmentaridade dura é bem talhada, envolvendo “muitas falas e conversações, questões ou respostas, intermináveis explicações e esclarecimentos”. Uma linha demarcada por prescrições e deveres. As investidas de Ben para transitar nesse regime vêm assinaladas pelas ordens *eles dizem e debes...* A mãe, o médico, os colegas, os professores aconselham: “deves sorrir, debes ver, debes imitar, debes ficar tranquilo, debes chegar, debes ser...” Todas as recomendações reforçam que Ben não é. O autismo determina a ausência do ser em

¹⁴⁸Informações retiradas dos sites: [http://www.news-medical.net/health/What-is-Asperger-Syndrome-\(Portuguese\).aspx](http://www.news-medical.net/health/What-is-Asperger-Syndrome-(Portuguese).aspx);
<http://revistaescola.abril.com.br/inclusao/educacao-especial/sindrome-asperger-625099.shtml>.
Acesso em 24 janeiro 2012.

decorrência da falta de condições (cognitivas) necessárias à representação, condições delineadas como dificuldade ou impossibilidade de extrair o sujeito e o eu de uma totalidade que organiza o convívio social.

A noção de um *objeto completo* (uma totalidade), que define a parte como unidade faltante, estabelece as relações de carência entre o específico e o global, bem como sobrepõe uma voz sustentada na estrutura. A função simbólica determina o significante que impõe significação à potência dos sentidos, fazendo ressoar o caráter imperativo do modelo, submetendo as relações de forças imanentes ao mundo às abstrações e às transcendências.

Segundo Deleuze e Guattari (2010), as conjunções produzidas pela máquina psicanalista e pela máquina histórica referenciam o posicionamento e a fixação do Eu. As máquinas de estratificação operam segmentarizações e bi-univocações, procedendo por ajustes e enquadramento das partes (objetos extraídos e faltantes) pertinentes a uma totalidade. As relações passam a ser fundamentadas pela ausência, pela necessidade, pelo desejo convertido em falta, assumindo um aspecto projetivo e preditivo¹⁴⁹. Nesse movimento, o processo perde a plurivocidade, tornando-se bi-unívoco. A bi-univocização desencadeia uma correspondência entre o natural e o social, o individual e o coletivo através de sobrecodificações.

O esmagamento da plurivocidade determinado com a relação simbólica encontra nos mitos de origem e/ou na evolução histórica os elementos para a fundação estrutural e o processo de conscientização. A bi-univocização faz valer as figuras de linguagem, especialmente as metáforas, a fim de destacar o significado do que se *quer dizer* sobre o *dito*. Ela determina a separação entre o caso e a análise do caso. Essa situação analítica confere ao terapeuta o poder de decidir e de decifrar sobre o que se quer dizer. Ele não apenas guarda o processo *criativo*, ou melhor, interpretativo, mas revela o significado, determinando o que se deve dizer e fazer. Nessas conjunções de fechamento, os investimentos expandem o capital através de uma *subjetividade inclusiva*. Ben é esquadrinhado pelo enunciado médico-científico que o patologiza. O depoimento de sua mãe mostra o sofrimento decorrente da segmentarização que enrijece as posições em determinações padronizantes: “Num determinado momento, recibes um

¹⁴⁹Deleuze e Guattari (2010, p. 116) observam que Lacan reintroduz a falta nas séries do desejo, mantendo uma projeção das cadeias significantes num significante despótico. As disjunções vêm distribuir os elementos numa superfície de registro, extraindo dos termos os elementos correspondentes a um significante maior, um significante despótico. As conjunções, baseadas na representação e na identificação, estabelecem o uso segregativo e bi-unívoco da enunciação.

selo, uma marca, *autismo*. Essa palavra é uma bofetada para mim. Ele é só um garoto. Para mim, Ben é Ben”. A segmentaridade molar identificadora encontra-se inseparável da segmentaridade molecular, cujas atitudes respondem a tal reconhecimento sob forma de esforço para suportar o sofrimento num movimento de absorção das condutas a serem reproduzidas, a fim de minimizar a diferença e assegurar a aceitação, mesmo que seja por inclusão em um quadro de transtorno.

Os autores (2010, p. 101) afirmam que, quando os objetos parciais são apreendidos numa intuição de totalidade, o Eu aparece numa intuição de unidade que precede sua realização. Uma totalidade-unidade é “posta como um tipo de ausência, como aquilo que falta aos objetos parciais e aos sujeitos do desejo”. As binarizações, ao traçarem um uso global e específico dos fluxos, extraem um sujeito fixo, o eu especificado, e os objetos completos determinados como pessoas globais, colados e avaliados em relação aos referentes, aos modelos. Esse uso se encontra inseparável das significações, cujas disjunções, distribuições dos termos em cadeias significantes, rebatem no modelo e definem a lei, localizando um Eu determinável ou diferencial em relação às coordenadas que fixam ordens, regras, deveres adequados às condutas. Essa operação introduz, a partir de algo comum (transcendente e ausente)¹⁵⁰, a falta para estabelecer e especificar as pessoas e um eu sob tal ou qual face de sua ausência, impondo um sentido exclusivo à disjunção. Tal carência faz equivaler o silêncio de Ben à *falta de ser*. Um silêncio resistente às distribuições binárias e às relações regidas por mensagens segundo regimes linguísticos, que significam a comunicação. Nesse registro, a linguagem corresponde à relação condicionada ao significante, quer dizer, relacionar passa a ser igual a comunicar de acordo com as regras de linguagem ditadas nos regimes semióticos. Ben não faz uso dos códigos de linguagem, nem dos mecanismos de interpretação.

Literalidade e silêncio passam a ser considerados componentes de um transtorno: “Não posso explicar, não posso me explicar”, são frases que apresentam Ben. Elas indicam que as atitudes do rapaz escapam às explicações e ao diagnóstico atribuído: “Eu tenho autismo. Foi o que me determinaram”. O silêncio é absorvido pela segmentaridade molar como sintoma de doença, uma ausência das condições para interação e comunicação, uma dificuldade, um bloqueio. O silêncio de Ben suspende as posturas do corpo e do espírito determinadas pelas dobras ou pelos envolvimentos das

¹⁵⁰ O comum é a lei, que impõe o significante, viabilizando a interpretação.

linhas segmentares que o interpretam como um ser faltante. A falta da palavra, a falta da fala, explica o imobilismo, ignorando que a intervenção da fala paralisa o processo de Ben. A suspensão da linguagem e das posturas produz desdobramentos em um jogo de atitudes e posições com desenvolvimentos inesperados. Esses movimentos imperceptíveis cortam as linhas molares, fissuram os limites dos enquadramentos com segmentações finas, gerando linhas de desorientação e carregando partículas anônimas. Tratam-se de desterritorializações. Na relação entre postura e posição, demarca-se a desorientação de Ben quando, ao acrescentar o X, assinala a matéria anônima, percorrendo fluxos, cujas intensidades aumentam sua potência, as velocidades ultrapassam a percepção ordinária e ganham uma positividade incompatível com as determinações molares.

O X presente no nome de Ben desfaz a negação e o sujeito. O movimento para marcar o X provém da luta, do corte no ar feito pela espada em duas direções, registrando duas linhas invisíveis e cruzadas. Ele marca a luta microfísica, o combate cotidiano, o rosto do avatar de Ben. Quando reinicializa o jogo, o garoto pensa: “Eles esperam, eles me esperam, Ben X, Ben Nada”. O devir-X leva Ben a perambular pelas linhas flexíveis, transitando por numa dimensão ética que se desencontra das regras coercitivas, mesmo em ocasiões dirigidas para a reprodução dessas regras. Nesses fluxos, a seleção é literal e singular. Ela faz valer as ações e as paixões a cada vez, sendo incomparáveis e incomensuráveis, produtoras de novos sentidos. A força de Ben está na impossibilidade de reconhecimento pelas linhas duras que a significam como doença ou incapacidade. O X liga-se ao nada, consistindo a matéria molecularizada que constitui sua personagem. Essa segmentação flexível é atravessada por imperceptíveis em micromovimentos, em segmentações finas. Elas diferenciam o Nada de Ben do niilismo, da vontade de nada ligada à negação e as forças reativas. O devir Ben-Nada, que percorre os fluxos, resiste aos enquadramentos, às correspondências de termos, e aumenta sua potência, ativando forças que se distribuem numa ordem maleável segundo as relações estabelecidas, ganhando importância e valor em desterritorializações relativas. Entre os termos (Ben e Nada), ocorre uma distribuição que vem demarcar a distância e a diferença em uma disjunção ilimitativa. Deleuze e Guattari (2010, p. 106-8) destacam que uma disjunção em seu uso imanente é ilimitativa, quer dizer, não fecha os termos. Ela permanece disjuntiva ao manter a distância como aquilo que relaciona os termos enquanto diferentes. Nesse movimento, solta as singularidades encerradas, procedendo por seleção, desprezando umas e retendo outras que “devêm pontos-signos

afirmados na nova distância”.

Archlord consiste em uma superfície de registro que atribui significação ao jogo em correspondência com o desempenho estratégico e uma tessitura conjuntiva que assegura a subjetivação dominante pela eliminação. Também há usos minoritários em que linhas moleculares percorrem os fluxos do jogo. Neles, a plurivocidade e a virtualidade de um regime de alianças prevalecem em disjunções afirmativas e ilimitativas, considerando as singularidades que atravessam os territórios existenciais. As linhas flexíveis desdobram-se em um jogo de atitudes e posições, manifestado em silêncios, alusões, subentendidos. No regime intensivo, as relações concernem a fluxos e partículas que escapam das classes, dos sexos, das pessoas e dos inúmeros enquadramentos.

Em *Archlord*, Ben tem uma aliada, Scarlite. O regime de alianças passa pelas disjunções em seus dois usos: ao reportar a um significante que cala as línguas menores e encaixa em segmentos e ao deslizar por distâncias indivisíveis que permanecem disjuntivas e afirmam as singularidades. Scarlite une-se ao guerreiro e partilha seu poder no jogo. Os dois povoam uma superfície indivisível, que não é apropriada, apenas ocupada pelo nomadismo. Em seus deslocamentos e direções, traçam um regime de alianças, passando pelas disjunções capazes de plurivocidade. A garota demarca essa trajetória comum, quando Ben menciona seu cansaço e anuncia o fim do jogo: “És o homem do calabouço em *Silancium*? O solitário que me acompanha pelo deserto de *Windrill*? Aquele que lutou comigo na marcha de *Ondekon*? Não pode terminar o jogo assim, sem mim. Vem.” Por fluxos intensivos, Scarlite atravessa Ben, encontra-se a seu lado, ativando forças capazes de deslocá-lo dos afetos tristes: “Milhares de pessoas em rede, mas tenho jogado, há mais de um ano, somente com ela”. No jogo, eles seguem pelos desertos gelados, pelas estepes, pelas pradarias, pelas noites escuras, fazendo as árvores cintilarem quando passam.

No momento em que Ben informa sua despotencialização, sua aliada lança uma saída para fazer do fim um começo. Scarlite permeia a plurivocidade do *nada*, dispara afetos alegres, afirma a coexistência. No final de uma batalha, agradece ao guerreiro que se despede, fazendo uma reverência e dançando para *sua princesa*. Diante dessa atitude, a jogadora observa: “não esqueças que a princesa também pode ser um homem”. Ben sorri diante da provocação e responde: “tu és tu”. Os jogadores de MMORPG sabem que o avatar é o duplo de uma pessoa. O avatar corta e conecta fluxos, cujas segmentações, geradas no devir silício-carbono, arranjam-se no jogo digital. Não há,

necessariamente, uma correspondência entre as características do avatar e as marcas identitárias do jogador que o inventa. O contato ocorre, exclusivamente, no plano do jogo, e os diálogos restringem-se às batalhas e estratégias.

Nesse registro, os jogadores tornam-se incógnitos, percorrendo linhas secretas de desorientação. Após encerrar o jogo, uma mensagem de Scarlite é enviada pelo celular. A foto de uma adolescente vem acompanhada do texto: “Me agrada que tu também sejas tu”. As relações produzidas com avatares desdobram-se em fluxos e intensidades, em devires, cujos subentendidos levam à diluição das linhas de identificação em direção à afirmação das singularidades. Os segmentos, nas linhas maleáveis, são *quanta* de desterritorialização, isto é, são matérias molecularizadas com velocidades que ultrapassam os limiares ordinários de percepção.

As sutilezas presentes nas linhas maleáveis estão relacionadas a uma quantidade, a um grau de forças que vazam por microfissuras, provocando mudanças moleculares e redistribuições nas relações constitutivas dos agenciamentos. As linhas moleculares não têm centro. Em frente ao espelho, imagens descentradas de Ben não se encontram, nem se sobrepõem ou se sobrecodificam. Os contornos tornam-se indefinidos, desfocados pelo deslocamento constante. O modo de perceber do autista captura durações diferentes com velocidades consideradas adiantadas ou atrasadas em relação ao dito real.

A explicação do médico de Ben acerca da diferença de duração para os autistas vem acompanhada do exemplo do vulcão: “Eles são vulcões. Caminham para vulcões. Não conheces a fortaleza. São bombas de tempos atuais. Vivem escondidos em seu mundo porque a reação é sempre desencontrada da causa”. Os significados de vulcão e de mundo enunciados no discurso médico acomodam-se nas segmentaridades lineares e binárias. O vulcão, imprevisível, mesmo para um tempo geológico, é uma matéria em ebulição envolta por uma crosta que pode explodir ou transbordar quando menos se espera. Ele não se alinha em etapas sucessivas passíveis de projeções evolutivas conforme referentes fixados por coordenadas de espaço-tempo. O vulcão secreta uma matéria viscosa com uma força incontrolável quando escorre. O mundo, arrumado em binariedades, pressupõe o sujeito cognitivo.

Conforme Barboza Filho (2008), o mundo existente fora do sujeito é um receptáculo plástico do exercício da razão transcendental. Existe também um mundo interno do homem, que é território das ações autônomas e da perfeição do sujeito moral. O sujeito transcendental antecede e determina a experiência com o mundo. Tal mundo, como a alma e Deus, não tem existência objetiva, consistindo em uma ideia reguladora e

unificadora do conhecimento produzido pela sensibilidade e entendimento. O sentido que o vulcão e o mundo adquirem nas linhas maleáveis rompe com as significações sustentadas na representação e no sujeito. Os fluxos, as relações intensivas tensionam, rompendo as paredes das modelizações consolidadas pelas linhas molares em direção ao fora. Eles arrastam a “irresistível pressão da lava ou o invencível gotejamento da água” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 94).

Ben é um vulcão, considerando o modo de apreender as forças e as velocidades, os movimentos e as durações. Ele experimenta uma duração composta por dois momentos simultâneos ocorridos em um presente endurecido e em um passado, os quais se cruzam, combinando maneiras e ritmos distintos. Conforme Deleuze (1998, p. 162), “o presente envolve e investe, encerra um outro momento”. Ele se faz “círculo de cristal ou de granito, em torno do centro mole, da lava, vidro líquido ou pastoso”. Nessa superfície enrijecida, “a fissura compromete o corpo”. Ela se inscreve na carne através de entrada e saída de algo, produzindo os desvios e se abrindo para as transformações que podem correr em direção à criação de algo novo, bem como em direção à destruição do próprio corpo. No processo de Ben, o presente é assinalado por uma parada do movimento, prolongado em duas direções: dos eventos ocorridos que se avizinham com o agora e das ações futuras em velocidades tão rápidas que não chegam a se efetuar¹⁵¹.

Nesse corte, há uma diferença de percepção que contrai a matéria. Intensidades passam por rachaduras imperceptíveis nesse presente endurecido. Vibrações provocam mudanças através de uma força desterritorializante, uma matéria de captura que fende o agenciamento, cuja abertura produz um encontro com o mundo, levando a confundir-se com ele. Devir-mundo, segundo Deleuze e Guattari (1995, p. 20), é “tornar-se imperceptível, a-significante, fazer ruptura, linha de fuga...”. Pela fissura passam os fluxos revolucionários capazes de produzir um novo sentido para os acontecimentos. Das linhas de rachadura surgem as linhas de fuga. A fissura marca quando algo acontece, e o que se esperava já passou ou ainda não chegou. Uma espécie de adiantamento ou de atraso torna Ben um clandestino no movimento.

A decisão de terminar o jogo consiste, ao mesmo tempo, em uma saída do agenciamento jogo e da vida. No registro digital, Ben anuncia o fim. Sua aliada retruca, reforçando seu valor no jogo, cuja condição de curandeira, portadora de ventos e

¹⁵¹ Curiosamente, as imagens geradas com o aumento das velocidades podem ser apreendidas como efeitos tecnológicos das máquinas informatizadas, dissipando a fronteira imposta pela percepção ordinária e arrastando uma potência revolucionária.

venenos mágicos, pode elevar o nível de vida e de energia dos seus aliados¹⁵². Posteriormente, Ben recebe uma mensagem em vídeo pelo celular, em que Scarlite diz:

Oi, *Beniks*. Sei que não és real, mas te conheço muito bem. E só posso dizer que o que conta em um jogo também conta aqui. Tu não podes terminar o jogo sem um curandeiro, que sou eu, certo? Estou preocupada contigo. Tomarei um trem, chegando às 10h20min AM. Sei que estarás lá [na estação]. Nunca perdes uma intimação, uma chamada. Então, até amanhã.

Scarlite adere à significação molar que Ben atribui a seu nome, transitando, ao mesmo tempo, pelas linhas maleáveis e pelos fluxos assinalados com o X. Há um encontro intensivo, um devir Scarlite-Ben que cruza os planos, digital e vivido. Ben vai a seu encontro. Ao chegar à estação, caminha pelos corredores, procurando por Scarlite. A luz é capturada por cortes, ângulos e posições, velocidades e paradas similares ao jogo. Nesse momento, ele não sobrepõe o esquema digital para se movimentar. Quando avista Scarlite, o movimento congela. A diferença de duração entre o que se passa e o movimento de Ben é indicada pelo pretérito imperfeito¹⁵³: “Lá estava ela, na vida real, e esperava por mim. Enviava uma mensagem, provavelmente, para mim. Talvez dissesse ‘estou te esperando’.” Na cena, Ben desliza até Scarlite. Ele, em movimento, e o seu em torno parado. De fato, ele percorre um campo de visão, pois continua mantendo uma distância física maior do que a estabelecida pela aproximação visual. Sua percepção do movimento e da matéria difere em intensidade do *real*¹⁵⁴. Nessa diferença de velocidade e deslocamento, Ben posiciona-se em frente à Scarlite. A garota, diante do nada, olha para o celular e sai. Para Ben, “tudo se passou muito rápido. Tudo sempre vai muito depressa para mim. E ela se foi”. Em outra velocidade, Scarlite passa por Ben que continua posicionado no ponto inicial (do momento em que a avistou). Ele resolve segui-la: “o que minha cabeça não consegue, minhas pernas fazem”. Nessa situação, retoma o esquema do jogo em busca de alguma ação perceptível através de uma conduta apropriada. Os dois embarcam no trem. Ben senta

¹⁵² Ben cavalga em direção à Scarlite, que o espera para jogar. Ela ressalva: “Muito tarde. Nunca faça uma dama esperar”. Ben avisa: “Baixo nível de saúde, e isso não é bom. Absolutamente cansado”, ajoelhando-se ofegante. Scarlite intervém: “Mantenha-te. Vou te curar”. Ele revida que é muito tarde para curá-lo. Scarlite anima os planos de Ben: “a princesa das cartas [mensagens] do outro lado do país, sempre está ao meu lado. [Ela o acaricia, enquanto ele pensa deitado na cama.] “Qual é o plano? Excetuando os que me conhecem no presente, ninguém deve saber meu nome”. Os seus poderes mágicos podem fazê-los [seus inimigos] dormir.

¹⁵³ Vale lembrar que pretérito imperfeito é utilizado para dizer de uma ação iniciada no passado que ainda não terminou.

¹⁵⁴ Essas velocidades, possibilitadas pelo uso das máquinas tecnológicas e informacionais, levam seus usuários a experimentarem a simultaneidade dos movimentos com diferentes durações.

ao lado de Scarlite, percebe seu cheiro e seu calor. Uma breve troca de olhares e um desvio. Há uma diferença de percepção com a mudança de intensidades, uma distinção de graus nos afetos produzidos pela presença digital e pela presença direta. Nesta última, componentes, velocidades e fluxos conduzem à predominância da dimensão orgânica dos corpos. A simultaneidade de vozes interrompe este fluxo. O anúncio da próxima estação é acompanhado pela pergunta de Scarlite que, frente ao do silêncio de Ben, o considera estrangeiro e resolve falar em francês: “Oi, tudo bem?” Assustado, ele não consegue dizer nada, levanta e desce. Na janela do trem, antes de partir, as imagens de Scarlite e Ben formam um cristal, um prisma. A ação do cristal provoca vibrações variadas, trocas de velocidades, ligações, fazendo interagir elementos desprovidos de afinidades diretas.

Scarlite habita o agenciamento Ben. O devir Scarlite-Ben atravessa as linhas molares do jogo, intensifica-se nas linhas moleculares e silenciosas do *nada* e dispara as linhas de fuga do salto. Em devir, Ben pensa um fim, uma saída do jogo, fazendo escoar pelas fissuras as forças silenciosas barradas, desfazendo os contornos das linhas molares, que tornam sua vida insuportável, em direção a novo modo de viver. A linha de rachadura é produzida nas segmentações moleculares, por onde passa a linha de fuga que rompe com a centralização. Essa linha de ruptura produz algo irreversível, fazendo com que o passado deixe de existir. A matéria e a forma do passado dissipam-se: “algo passa, matéria volátil que já não existe” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 72).

Imanentes, as linhas de fuga são ativas, nem imaginárias nem simbólicas, e definem-se por descodificação e por desterritorialização. Elas anunciam os intoleráveis, quando “ninguém mais pode nada por mim, nem contra mim. Meus territórios estão fora de alcance, e não porque sejam imaginários; ao contrário, porque eu os estou traçando” (p.75). As linhas de fuga, que procedem por desterritorialização relativa, perpassam as linhas flexíveis e ganham formas (signos-partículas) em segmentações moleculares. Elas engendram fluxos e intensidades capazes de deixarem Ben incógnito. Tais intensidades o fazem suportar as ações, os efeitos dos enquadramentos molares. Desde sua infância, Ben sofre agressões e torturas de seus pares. A ridicularização e a degradação, realizadas pelos adolescentes em sala de aula através de um *ritual hierárquico*, rebatem a significação e subjetivação, as quais determinam os *perdedores* através do reconhecimento daqueles que não se encaixam nos padrões de consumo e de sucesso promovidos pelas sociedades de controle. O episódio é filmado e divulgado na

*internet*¹⁵⁵, ganhando uma acessibilidade e uma visibilidade insuportáveis para Ben. O esgotamento desencadeia as linhas de fuga. Uma linha de fuga supõe a clandestinidade através de misturas e passagens possíveis. Ocorre o abandono de um território, daquilo que não pode mais acontecer. Essa passagem procede por saturação, por excesso. A linha de fuga, conforme Deleuze e Guattari (1996, p. 80), comporta um “desespero tão especial, apesar de uma mensagem de alegria, como se algo a ameaçasse exatamente no âmago do seu próprio empreendimento, uma morte, uma demolição, no exato instante em que tudo se esclarece”.

A busca por um fim vem acompanhada de um suicídio. Ben coleciona recortes sobre a melhor maneira de se matar. Na capa de seu caderno, consta a frase: “É um dia perfeito para repousar a cabeça e beijar tudo, adeus: 101 formas de se suicidar¹⁵⁶”. Várias iniciativas secretas de efetuação do suicídio tiveram seu curso interrompido pela presença inesperada de alguém.

A linha de fuga é uma linha abstrata, segundo Deleuze e Guattari (1996, p. 70), uma espécie de “trem em marcha de que se salta literalmente; *literalmente* [...] em uma aceitação tranquila do que acontece em que mais nada pode valer mais por outra coisa”. Na estação, após a partida de Scarlite, Ben caminha entre trens parados e em movimento, passando entre diferentes velocidades. Num determinado momento, para na sinalização do embarque. Ao fundo, a imagem do engate de dois vagões e um sinal

¹⁵⁵ É interessante a constatação de Nic Balthasar acerca do *bullying*. O diretor contesta o termo, por achá-lo uma palavra muito pobre, sem dimensionar a extensão decorrente da escala em que se produzem “os danos psicológicos de uma sociedade muito competitiva, de uma gigantesca humilhação com o uso das redes sociais”. Trata-se de um grau de terror “psicológico e social” que expõe a brutalidade desencadeada pela informação através das “novas formas de exposição (celular, câmeras, *internet*, redes sociais...) utilizadas pelos jovens em toda a parte, Coreia, Europa, EUA...”. Conferir entrevista disponível no *site* <http://cineuropa.org/ffocusinterview.aspx?lang=es&treeID=1499&documentID=82190>, acessado em 02 dezembro 2011.

¹⁵⁶ A primeira frase é retirada de uma música intitulada *Doing The Unstuck* (Se Desapegando) da banda inglesa *The Cure* (A Cura). De acordo com a tradução, a letra diz: “É um dia perfeito para deixar ir; Para incendiar as pontes, barcos e outros mundos tristes que você conhece. Vamos ficar felizes! É um dia perfeito para "pegar"; Acordar com um sorriso; Sem dúvida, para rir, gargalhar, saltar, pular, cantar e gritar. Vamos ficar felizes! "Mas é muito tarde" você diz; "Para fazer isto agora, nós já deveríamos o tê-lo feito". Bem, isso apenas mostra o quão errado você pode estar e como **você realmente deveria saber que nunca é tarde demais para se levantar e ir...** É um dia perfeito para beijar e crescer, para rasgar, correr, beijar e bem... Existem coisas que podem fazer você gritar. Vamos ficar felizes! **É um dia perfeito para se desapegar**; Para dançar como se não ouvisse a batida e você não pensa em mais nada de ruim. Vamos ficar felizes! [...] Jogue fora a escuridão. **Jogue fora a tristeza**. Rasgue as páginas com todas as notícias ruins. **Ponha abaixo os espelhos** e as paredes. Suba nas estrelas e suba nos muros. Oh, apenas queime a casa! Queime a rua! Deixe tudo vermelho e o sonho estará completo, com o som do seu mundo subindo no fogo. **É um dia perfeito para repousar a cabeça e beijar tudo, adeus! É um dia perfeito para fazer loucuras; Esquecer todas as suas preocupações. Vida. E tudo que faz você chorar.** Vamos ficar felizes! É um dia para os sonhos se realizarem; Por se pensar grande e fazer qualquer coisa que você queira fazer. **Vamos ficar felizes!** [...]. Letra e tradução obtidas no *site*: <http://letras.terra.com.br/the-cure/9395/traducao.html>, acessado em 25 abril 2012.[Grifos meus]

amarelo de advertência. Ben está decidido em saltar: “Fim de jogo. Meu plano. O plano de uma palavra. Assassinato. O assassinato de mim mesmo. Tomar o trem para nenhum lugar. Há uma janela no suicídio. Não tens que buscar a vítima longe”. O trem chega. Antes de saltar, alguém retém Ben. É o devir Scarlite de Ben que intercepta esse fluxo. Scarlite produz uma vibração intensiva capaz de desterritorializar Ben do autismo e de prolongá-lo para além dos limites codificados no avatar. Suas forças descodificam e desterritorializam fluxos, que são lançados uns pelos outros, precipitando uma fuga comum, produzindo conexões. Ela se torna material de captura, transformando-se em linha de fuga, sem forma, apenas força ativa.

Deleuze e Guattari indicam de que maneira uma matéria molecularizada capta forças do cosmo, tornando-se um *material de captura* que seleciona. Os autores (1997, p. 151 e 158) afirmam que “o agenciamento se mantém pelo componente mais desterritorializado”, o qual “favorece a entrada de novas dimensões dos meios” e desencadeia abertura para novos possíveis. A extração de porções dos meios não se caracteriza pela intenção, mas por tensões, forças e intensidades produtoras de uma relação de conveniência ou inconveniência, por afetos dos corpos em devir. Os elementos territoriais do agenciamento atuam no processo seletivo de abertura e fechamento para o cosmo.

A seleção filtra, através dos materiais de expressão, que definem um agenciamento, e dos inatismos descodificados, que incidem sobre os atos de discernibilidade ou de eleição (não mais de reações). O selecionar intervém no agenciamento em função das forças em obra que ele abriga em encontro com as forças cósmicas. Não há intenção no movimento seletivo. Ele ocorre por variações intensivas, com as modificações das velocidades e forças nas relações entre componentes, que levam à transversalização.

O *selecionar* confere novo sentido à eliminação, fazendo com que as forças constitutivas de um agenciamento resistam e, ao mesmo tempo, extraiam algo do caos. Selecionar combina forças interiores de criação¹⁵⁷ com as partes diferenciadas de um organismo, ao mesmo tempo, que fissura o agenciamento com a entrada ou o lançamento de algo. Esse movimento é disparado pelo componente mais desterritorializado que assinala uma passagem, uma mudança de meio, um devir. É nesse *foco vibratório* que a velocidade do devir seleciona e produz qualidades

¹⁵⁷ Criação é produzida com os acontecimentos que levam a interações com meios diferentes. Ela difere das mutações (alterações internas).

expressivas de um agenciamento. A saturação e a eliminação do excesso consistem em traços do *seleccionar* que se distingue do *deletar*, do *eliminar* e do *exterminar*, não só por pertencer à ordem molecular, mas também por não se dirigir a uma finalidade determinada pelos investimentos molares¹⁵⁸. O *seleccionar* apreende uma multiplicidade.

No devir Scarlite, Ben é incitado para vida, buscando uma saída, uma desconexão, abandonando o passado que provoca sofrimento, em direção a forças capazes de compor um novo corpo, um novo modo de existir. O salto pode ter orientações distintas: em direção aos trilhos, convertendo a linha de fuga em linha de destruição; em direção a uma nova vida, a uma saída transversal do trem, o qual segue seu curso rotineiro na dureza da linha férrea. Scarlite traz as inúmeras modalidades de suicídio acompanhadas dos detalhes relatados do sofrimento prolongado nos segundos que precedem a conclusão da morte. Ela interroga: “Então, é esse o final de jogo? Simplesmente, saltar em frente ao trem? É esse o plano? Há uma saída, uma desconexão”.

No devir Scarlite-Ben, algo passa de um a outro e produz uma mudança nos vetores dos fluxos. Em *O que é a Filosofia?* (p. 225), este algo gera uma zona de indeterminação, de indiscernibilidade, como se coisas, animais e pessoas tivessem atingido, em cada caso, este ponto que precede imediatamente sua diferenciação natural. É o que se chama de um afeto. O afeto é definido por Espinosa como duração, variação contínua na passagem vivida de um estado a outro. O devir está atrelado à duração, conforme afirma Deleuze (2009, p. 131): “Há um devir, e é em função desta duração.” O autor observa que, sob influências diversas, o conceito de duração de Espinosa coincide com o de Bergson.

A duração de Espinosa “é a passagem vivida, a transição vivida (p. 153)”. A duração, o afeto, está envolvida pela afecção. Afecto e afecção diferem de natureza. A afecção é a imagem da coisa que envolve afetos, isto quer dizer que ela envolve a passagem ou a transição, caracterizando-se como o efeito de um afeto. As afecções são percepções desta duração. Para Bergson, a duração concerne à decomposição em cortes e passagens, a “fazer cortes, cada vez mais, cada vez mais estreitos, cada vez mais próximos uns dos outros” (p. 153). Essa decomposição do tempo em cortes cada vez mais rápidos define os estados que são sempre de espaço. A duração consiste na passagem de um corte a outro. Ela não se reduz nem a um, nem a outro, nem a um todo.

¹⁵⁸ Os índices do *seleccionar* são códigos extraídos dos meios e não números e *scores* fixados pela organização do capital financeiro e atribuídos à subjetividade dominante.

Na duração, alguma coisa escapa.

Os afetos caracterizam-se pelo aumento ou diminuição da potência de agir. Os afetos passivos ligam-se ao domínio das paixões (alegres e tristes), distinguindo-se dos afetos ativos que supõem uma potência de agir relacionada ao domínio das ações. A ética de Espinosa, conforme Deleuze (2009, p. 43), traz “um problema de potência e jamais um problema de dever”, este último vinculado à moral. Uma ética que coloca como questão: “o que pode um corpo?”. Um corpo é um atravessamento de ações e paixões, uma composição de forças definida pela relação de movimento e repouso que se mantém através das mudanças provocadas pelos afetos.

As relações de composição e de decomposição envolvem as forças que convêm e não convêm a um corpo. Este pode ser considerado uma mistura “em virtude da natureza da relação dos dois corpos e da maneira na qual a relação de um corpo se compõe com a relação do outro corpo. Há sempre composição de relações” (p. 45). Selecionar consiste em encontrar o que convém. Encontrar diz do devir, do que se produz no encontro entre dois. Uma composição supõe uma seleção, uma experimentação na qual se ordenam as forças em jogo constituindo um modo¹⁵⁹. “Selecionar, seleção-composição, isto é, chegar a encontrar por experiência”, percorrer relações em que um corpo se compõe com outro, podendo evitar encontros que não convêm (p. 175). O *selecionar* implica “ensaiar, experimentar a capacidade e, ao mesmo tempo, construir” em domínios traçados pelo devir, compondo-se ao máximo com as relações que convêm aos corpos.

Deleuze e Guattari (1997, p. 43, grifos meus) afirmam que

[...] não sabemos nada de um corpo enquanto não sabemos o que ele pode, isto é, quais são seus afectos, como eles podem ou não compor-se com outros afectos, com afectos de um outro corpo, seja para destruí-lo, seja para ser destruído por ele, seja para trocar com este corpo ações e paixões, seja para **compor com ele um corpo mais potente**.

Scarlite afeta Ben, produz um aumento de potência, uma força que o direciona para a criação de um novo modo de vida. A mudança de modo é inseparável da mudança de percepção. Em nota, os autores (1996, p. 75) destacam que a linha de ruptura arrasta uma transformação irreversível, consistindo em uma “linha de percepção, uma *percepção de fuga*, direção hipotética apenas indicada pelo ângulo das outras duas [da *percepção molar* e da *percepção molecular*]”. Scarlite produz uma

¹⁵⁹ “Os modos são tudo o que se passa: as ondas e as vibrações, as migrações, os limiares e gradientes, as intensidades produzidas sob tal ou qual tipo substancial [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 1996. 14).

transversalização, altera um percurso, convertendo-se no componente mais desterritorializado do agenciamento Ben; favorece a entrada de novas dimensões do meio; desencadeia processos de discernibilidade (distância, heterogeneidade e ritmo), de aceleração, de especialização, de contração com a abertura para novos possíveis. Scarlite atrai uma prudência.

Orlandi (2010), a partir do conceito de Deleuze e Guattari, diferencia a prudência como prática regrada da prudência como arte. Esta última liga os encontros intensivos à construção de um plano de consistência ou de imanência, de um *corpo sem órgãos*, que desfaz as estratificações do organismo, da significação e da subjetivação. Esses movimentos de desterritorializações e de desestratificações trazem riscos de converter as linhas de fuga em linhas de morte ou de abolição. A prudência, uma arte das doses, funciona como uma regra imanente à experimentação. Ela não vem barrar as intensidades, mas fazê-las coexistir e co-operar num plano de consistência. A prudência distingue involução de regressão ao indiferenciado. Ela implica reservar um mínimo de estratos, de formas e funções para dele extrair materiais, intensidades, agenciamentos. Tal prudência é ressaltada por Deleuze e Guattari (1997, p. 162) como uma sobriedade dos agenciamentos, que possibilita utilizar os efeitos da Máquina (Abstrata) para evitar o vago e produzir consistência, realizando uma espécie de cálculo em relação aos disparates e parâmetros.

O plano de consistência é definido pelos autores como uma *fileira de pontas* de desterritorialização, cujas regras de construção “só valem quando exercem um papel seletivo” (1997a, p. 223). Ele consiste em um modo de conexão que proporciona a “maneira de eliminar os corpos vazios e cancerosos que rivalizam com os corpos sem órgãos”, rejeitando as superfícies homogêneas, neutralizando as linhas de morte e de destruição que desviam a linha de fuga. Orlandi (2004) ressalva que o *corpo sem órgãos* é o “que se processa no encontro dos corpos. [...] Há criação de *corpo sem órgãos* nos mais disparatados encontros”. Os autores de *O antiédipo* o chamam de “superfície deslizante, opaca e tensa”, uma estranha superfície permeada por fluídos que vazam pelos fluxos ligados, acoplados, recortados. Para Orlandi, o *corpo sem órgãos* consiste em um plano de imantações das linhas de fuga. Ele traz potência de conectar qualquer coisa a qualquer outra. Sua produção consiste em experimentar as variações dos encontros, “esse entrelinhas em que as linhas de fuga encetam diferenciações, em que elas cintilam como setas de afirmações diferenciais. Por isso, os corpos sem órgãos podem oscilar desde a mais suave fluidez até o derradeiro mergulho numa intensidade

vulcânica”. O autor prossegue mencionando que um “agenciamento comporta um estado de coisas e corpos, fluxos enunciativos e linhas de fuga com setas multidirecionais, prontas para se dispersarem em conectividades as mais intempestivas”.

Convém observar que o capitalismo, funciona como corpo pleno, operando conexões, disjunções e conjunções, estabelecendo uma organização que totaliza, centraliza, sobrecodifica, axiomatiza. As linhas de fuga desterritorializam e trazem forças que desfazem essas estratificações limitantes em direção à produção de um *corpo sem órgãos*, a um plano de consistência sem equivalências, capaz de conjugar fluxos, efetivando a co-existência afirmada pela diferença, pela distância e pela singularidade, sem dividir, sem totalizar, sem fechar em termos correspondentes. Esse processo de produção de um *corpo sem órgãos* exige prudência em direção à conservação de um mínimo dos estratos ao desfazer as organizações, significações e subjetivações que reduzem a vida à ressonância do capital e a um poder centralizante.

A construção de um *corpo sem órgãos*, conforme Orlandi, envolve estratégias e táticas para uma “experimentação que passeia aquém do limite mortal [...]. Uma construção exige uma espécie de centelha seletiva faiscando numa promiscuidade de diferenças”. O filósofo esclarece que os *corpos sem órgãos* são imantações de linhas de fuga,

[...] são conjunções de fluxos que ocorrem, que acontecem nos encontros dos corpos. Cada um desses corpos submete partes de si e do estado de coisas ao conjunto de relações que o estruturam, com o que cada órgão de cada um desses corpos funciona numa integração orgânica, funciona submetido a uma forma de organismo. [Nos encontros], fluem corpos sem órgãos cujas imantações intensivas não redundam simplesmente numa supressão de órgãos.

Deleuze e Guattari (1996, p. 21) observam que o *corpo sem órgãos* não é inimigo dos órgãos, ele não luta contra os órgãos, mas contra o organismo, quer dizer, a organização dos órgãos. Orlandi (2004) vem reforçar que, numa imantação das linhas de fuga, “os órgãos são intensificados de tal modo que se tornam, nesse entretempo aiônico, nesse entretempo de eternidade, independentes da forma *organismo*”. Os órgãos geram disfunções intensivas nessa momentânea supressão que subverte “a organização dos órgãos, a formação dos estratos”. Tal experimentação subversiva começa com a proteção dos corpos, restaurando o domínio de uma regra que visa à sobrevivência da melhor forma, evitando o risco de morte que também destrói o *corpo sem órgãos* a ser experimentado. Esta postura, chamada prudência, é definida como a “arte dos encontros intensivos e saudáveis”, a arte de fazer cada *corpo sem órgãos* o

lugar de uma variação intensiva. A experimentação ganha, através da prudência, doses de precaução em que pressas e esperas, alianças e desenlaces demarcam uma construção a ser efetuada fluxo por fluxo, segmento por segmento.

No plano de consistência inscrevem-se acontecimentos, nomadismos, variações contínuas de intensidade, devires, que arrastam um ao outro a zonas de vizinhança e de indiscernibilidade. O devir Scarlíte, ao interceptar fluxos, dispara uma precaução capaz de remover uma linha de abolição. Ela anima um plano, um ato de consistência¹⁶⁰, uma eliminação que, pelo selecionar, implica a saída do jogo chamada por Ben de *morte criativa, morte sem crime*.

No salto, a vida.

Todas as linhas estão aí: a das famílias e dos amigos [colegas da escola], todos aqueles que falam, explicam e psicanalisam, repartem os erros e as razões, toda a máquina binária do Par, unido ou separado (...). A linha maleável, em que (...) o louco [extrai] a multiplicação de um Duplo no limite do que [pode] suportar em seu estado, com os subentendidos [silêncios] que lhe servem de mensagem interna. (...) A linha de fuga (...) pelo fato de nada mais ter importância e tudo poder recomeçar (...). Nada mais passará pela lembrança, tudo aconteceu nas linhas, entre as linhas, e no E que as torna imperceptíveis, um e o outro, nem disjunção, nem conjunção, mas linha de fuga que não para mais de traçar, para uma nova aceitação, o contrário de uma renúncia ou resignação, uma nova felicidade? Deleuze e Guattari (1996, p. 81).

As segmentarizações molares e segmentações moleculares também selecionam. Entretanto, elas vêm reter a sua potência desterritorializante, ao reverterem a seleção em investimentos capitalísticos que reterritoralizam a eliminação (pelo *eliminar, deletar e exterminar*). Interessa, aqui, salientar quando a eliminação adquire potência afirmativa através do *selecionar*. Nesse percurso, a seleção, ao derivar dos estratos informacionais e dos estratos biológicos, desterritorializa a significação que confere à vida moderna o atributo de *natural* e produz um devir-mundo lançado por conexões que precipitam uma fuga comum. *Selecionar* distingue-se de *deletar* ao não dizer da supressão de vestígios, mas marcar o movimento diferencial do retorno. Dois sentidos de um mesmo

¹⁶⁰ O ato de consistência, de captura, de extração trabalha o material simplificado, criativamente limitado, selecionado. Ele coloca em relação um material com forças de consistência ou de consolidação (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.162).

movimento, dois momentos de um mesmo mundo caracterizam o eterno retorno que traz a potência de produzir um novo sentido.

O eterno retorno é o “regresso do próprio ir e o retorno da ação” (DELEUZE, s/d, p.40). Deleuze sublinha que, para Nietzsche, o eterno retorno procede de maneira seletiva: “um devir ativo só pode ser pensado como produto de uma seleção. Dupla seleção: da atividade da força e da afirmação da vontade” (p. 103). A seleção modifica o sentido conforme os vetores de forças em jogo. Quando conectada às forças ativas, gera uma apropriação, sendo que “apropriar-se, quer dizer impor formas, criar formas explorando as circunstâncias” (p. 66)¹⁶¹. Uma seleção supõe a relação de forças, engendra uma *hierarquia*, quando estabelece, a cada movimento, a “diferença das forças qualificadas consoante a sua quantidade: ativas e reativas” (p.67). Ela realiza um corte e uma avaliação dessas forças em jogo, produzindo, através da vontade de potência vinculada ao *eterno retorno*, a possibilidade de transmutação, ou seja, de afirmação orientada a uma nova maneira de sentir, de pensar, de existir. Em vez de apagar uma memória, a seleção ativa forças afirmativas relacionadas ao esquecer como potência de criar.

Ben percorre movimentos retrógrados e diferenciais frente ao insuportável. As cenas de agressões e de degradação na escola são filmadas e manipuladas para prolongar, em extensão e em intensão, os efeitos e os afetos. Os colegas ridicularizam e torturam o garoto em sala de aula. Entre gritos e xingamentos, *loser* é a palavra de ordem proferida pela maioria dos alunos. Ben é colocado à mesa, constrangido, despido e filmado por inúmeros celulares. A cena é digitalmente invertida em uma edição postada na rede informatizada. Num recorte, que centraliza a figura e retira seu em torno, Ben, ao invés de estar puxando as calças para se recompor, é exibido tirando-as. O som é substituído por aplausos e assobios, atribuindo o significado de um *strip-tease* à cena. Em outra edição, grafismos são adicionados, configurando um espetáculo burlesco¹⁶². Pode-se observar que o tratamento dado à gravação procede por alterações sonoras e óticas, inversões, acréscimos, supressões, modificação de direção, repetições

¹⁶¹ Nietzsche (DELEUZE, s/d, p. 66) aponta em Lamarck a seleção manifestada em força plástica ativa que dá à existência um poder de metamorfose distinto das adaptações. O sentido, que a seleção toma na evolução compreendida por Darwin, é reativo. Ele tem por característica garantir a adaptação e a conservação das espécies.

¹⁶² O burlesco busca o riso através de uma ironia que difere do humor. Para Deleuze, o humor tem um traço seletivo, que produz o riso pelo improviso, pelo encontro com o mundo, pelo devir. A ironia está ligada à representação, à comparação a um modelo-referente que pretende o riso através da ridicularização pelo seu aspecto grosseiro em relação a um padrão ideal. A esse respeito, consultar *A lógica do sentido*, na *Décima nona série: do humor*.

de fragmentos que alteram o evento. Elementos são extraídos e isolados de suas relações. Por recortes, efeitos de *zoom* e inserção de novos componentes, novas relações são estabelecidas e remanejadas para as significações vigentes na lógica capitalística. Os vídeos são exibidos na *internet*. Seus *links* vêm acompanhados das mensagens: *Marciano despido. És uma estrela na internet. O mais visto hoje*. Os meios tecnológicos ampliam a dimensão do evento e a intensidade da tortura pela extensão de sua exposição. Além disso, quando transmutado em informação, o evento pode ser manipulado, invertido, fazendo com que a sequência de quadros adquira significados e resultados projetados para uma determinada meta. A divulgação das imagens de Ben, na *internet*, sugere que ele toma atitudes desmedidas, ofensivas e inconsequentes, implantando uma autoria, um significado e um valor à ação. Esse tratamento dado ao evento-informação consiste em um mecanismo corrente no funcionamento do mercado utilizado pelas empresas para eliminar seus concorrentes. Esse tipo de manipulação também valoriza ações *podres* no sistema financeiro e converte moeda ilegal em capital¹⁶³. Nos meios de comunicação, a informação forjica *furos* de notícias que aumentam audiência e vendas. Os garotos reproduzem as práticas capitalísticas de eliminação em larga escala através da conexão da máquina escolar às máquinas comunicacionais e informacionais, fazendo reverberar a subjetividade dominante atualizada. Essas práticas abusivas reproduzem o funcionamento do capital financeiro com suas estratégias de cotação e de manipulação de ações como meios de promoção ou de eliminação do produto.

A recorrência dos constrangimentos e das agressões leva ao esgotamento, determinando o fim do jogo que Ben anuncia no encontro com Scarlite em *Archlord*. Em um outro plano de gravação, feito com a filmadora de Ben, um colega que diverge da conduta majoritária capta a perspectiva das relações entre os elementos efetuada em sala de aula. As disparidades absorvidas em registros diferentes fornecem elementos para Ben usinar sua partida. A linha de fuga pende para o suicídio, em algumas ocasiões, para a criação de um *corpo sem órgão*, em outras. Nessa oscilação, Scarlite gera o desvio. Ben procura os pais para efetivar sua estratégia: “Grêmio unido. Ação coletiva. A ideia foi dela. Há missões que são grandes demais para dois”. Em casa, o

¹⁶³ Os *títulos podres* correspondem a títulos negociáveis a partir da manipulação da informação que determina os critérios de flutuação da cotação das ações no sistema financeiro. Sem um lastro correspondente aos fluxos de caixa dos bancos, as instituições monetárias e financeiras forjam uma securitização dos créditos para lançar estes títulos a serem vendidos e comprados em grande quantidade no mercado.

pai, a mãe, a madrasta, Ben-Scarlite preparam a passagem. Eles seguem em direção ao porto. No saguão de embarque, a madrasta de Ben propõe que desistam. O plano do jogo começa a ser executado. A paisagem, o mar, as ondas. “O mar, o fim do mundo. Sabes o que dizem? Cada final é um princípio”, pensa Ben em seu cruzamento com Scarlite. A mãe sonda se ele está seguro do que quer. Afirmativamente, o rapaz posiciona o tripé da filmadora no convés, define um enquadramento e inicia a gravação. Com as frases “Tudo está em se atrever. Eventualmente, ainda farás o que não podes fazer”, Ben pula as grades do barco, rompendo os limites em direção às águas. A câmera imóvel captura a imagem do mar. No salto, um espaço liso, indiscernível.

As cenas filmadas são reproduzidas no noticiário das 19h. O apresentador comenta: “estas imagens, particularmente comoventes, nos lembram que, a cada semana, um jovem flamenco tira a vida. De acordo com estudos recentes, 10% de todos os jovens flamencos, em algum momento, apresentam indícios de pensamentos suicidas. Uma cifra bastante alarmante. Agora, os esportes”. A morte de Ben é celebrada com uma missa, reunindo os integrantes da escola. No altar, o caixão e, no painel ao fundo, a fotografia com o rosto do falecido. Jornalistas cobrem o evento. Durante o discurso do diretor da escola, Ben atravessa o plano da imagem localizada no altar. No vídeo, a mensagem “Oi, obrigado por virem. Estou morto, como dizem. Morto para mim. Saúdo a todos e aos colegas. Minha luta terminou. Dizem que, nos segundos finais, a gente repassa toda a vida. Aqui, estão algumas cenas que vocês podem achar interessantes”. Aparecem as cenas dos colegas torturando Ben. Ele exhibe a hipocrisia e a ironia na escala utilizada pelos pares quando da divulgação em rede. Enquanto o vídeo é exibido, a sua sombra intercepta a projeção, anunciando que o morto está no recinto. Todos desviam o olhar para o *mezzanino*.

Num duplo movimento, o público congelado e Ben, caminhando pelo corredor da igreja com um sorriso no rosto: “Morte criativa. Suicídio sem crime. Morrer sem saída ou sair sem morte. Tenho tudo para aprender. Mas o principal foi esquecido: aprender a fingir, a mentir”. Ben modifica a direção e o sentido de um mesmo movimento com o retorno da ação. Mais do que uma vingança, associada à reação e às linhas de destruição, ele produz uma linha de fuga, quando faz da morte um começo. Os jogos eletrônicos nunca terminam. Nos jogos fechados, a morte do protagonista determina o reinício do jogo, zerando a pontuação. Nos jogos abertos, não há uma conclusão do jogo, pois o que conta são as estratégias e a pontuação, as quais aumentam o poder do avatar, além do reconhecimento nesse registro. O salto de Ben opera uma

abertura e uma saída de um território existencial segmentado pelo autismo. A segmentarização diminui sua potência, tornando a vida intolerável. O suicídio expressa esse intolerável produzido pelas relações cotidianas.

A morte de Ben demarca um evento, cuja dramaticidade o converte em notícia e em dado, engrossando as estatísticas que confirmam uma tendência social. Nesse evento, é possível assinalar a desterritorialização produzida pelo *selecionar* presente na eliminação, distinta dos vetores do extermínio. Ao saltar, Ben transforma-se em clandestino. Restam a notícia e a sombra que demarcam a *morte criativa*, a linha de ruptura. O garoto extrai componentes das linhas molares (torturas prolongadas em vídeos, narração, informação, canais da mídia televisiva, suicídio) mesclados a forças das linhas moleculares para saltar. O uso dos recursos da cognição, que estão acoplados às máquinas tecnológicas e técnicas, vem quebrar os rígidos parâmetros e desprezar o passado que o condenava à incapacitação. Deleuze e Guattari (1996, 70) salientam que

É porque não temos mais nada a esconder que não podemos mais ser apreendidos. Tornar-se imperceptível [...] ter desfeito o seu próprio eu para estar enfim sozinho, e encontrar o verdadeiro duplo no extremo da linha de fuga. Passageiro clandestino de uma viagem imóvel. [...] Um devir para aquele que sabe que é ninguém, que não é mais alguém.

Ben lança-se em um espaço liso, um plano de imanência, no qual a potência de vida desponta. O clandestino desaparece no mar. A cura, maneira de Ben chamar a saída, é desencadeada pelo devir-Scarlite. Na queda, encontra a acolhida de seus aliados que o amparam em um lance abaixo da embarcação. Os pais do rapaz aceitam efetuar sua estratégia de abandono de um universo de valor determinado pelos segmentos alinhados aos centros de poder.

Conforme Deleuze e Guattari (1996, p. 96), os “centros de poder se definem por aquilo que lhe escapa, pela sua impotência, muito mais do que por sua zona de potência”. Em diferentes circunstâncias, os pais do adolescente constatarem tal impotência, na medida em que os segmentos especializados e os equipamentos correspondentes (médicos, pedagógicos, assistenciais, policiais), quando barram os movimentos de Ben, tornam-se ineficazes frente ao quadro de transtorno. Os investimentos de restauração de padrões, a partir da representação e da comunicação pela linguagem, tendo como primazia a fala, pertencem à expectativa fomentada por um corpo técnico especializado que conforma a família, alimentando a esperança de enquadramento.

Essa iniciativa traz os resquícios das sociedades disciplinares. As explicações

desses técnicos indicam sua incapacidade em acompanhar as mudanças ocorridas no território escolar, as quais já operam com os traços das sociedades de controle. O argumento utilizado nos discursos desses segmentos refere-se ao desconhecimento do que os alunos fazem com seus colegas nesse território ou, ainda, a impotência para intervir nessas relações que se efetua em agenciamentos enganchados às máquinas tecnológicas informacionais e comunicacionais operadas em movimentos ondulatórios. A ineficiência procede pelo reencaminhamento do caso. Um segmento repassa o problema ao outro, sob a alegação de que este é mais especializado, mais preparado para lidar com a questão. A atitude e a aliança dos pais de Ben vêm acompanhadas da afirmação: “sabíamos que todos diriam que não há nada para fazer”. Eles deslizam pelos deslocamentos afetivos, conectam-se aos fluxos que afirmam um devir-mundo em direção à consolidação de um novo agenciamento.

Num novo território, Ben recusa os modelos destinados à utilidade e à finalidade, abandonando o jogo, o cavaleiro e o homem. Em um devir-animal, ele não apenas escapa da linguagem e da interpretação, mas estabelece relações que fogem da reprodução de condutas atreladas à comunicação e às sobrecodificações molares. O devir-animal demarca o abandono de um modo de vida determinado pelos traços humanos e moralizantes sustentado no dever e na representação (chamadas por Ben de fingimento e mentira). Retorno, eterno retorno e esquecimento. O retorno, a saída de Ben, não é uma restauração. É uma criação, através de um movimento de uma reordenação dos eventos, que desvia, seleciona, elimina o excesso e extrai o que convém para compor um corpo. Nesse deslocamento, a morte deixa de ser uma linha de abolição. Ben *morre primeiro* para constituir um novo território existencial. Neste movimento, ativa forças do esquecimento com a inibição daquelas forças que regram, constroem, paralisam.

A memória, para Nietzsche, quando relacionada ao esquecimento, possui um caráter passivo, fixando uma impressão, uma inscrição, que tem por função assegurar a promessa, a responsabilidade e a culpa. Ferraz (1999) ressalta em Nietzsche a associação entre esquecimento e digestão, considerando-o uma atividade positiva e inibidora da memória. O esquecimento tem uma força que não apaga as marcas produzidas pela memória, mas incorpora certos elementos em detrimento de outros e possibilita a instalação do novo. Esquecer supõe um processo digestivo: quando algo entra, certos elementos são absorvidos, retidos, e outros, que não convêm ao corpo, são desprezados.

Ferraz (2010) retoma o conceito de esquecimento de Nietzsche e de memória de Bergson para distingui-los da concepção restritiva da memória compreendida em cérebro-órgão e neurotransmissores. Ela apresenta as noções de memória, levando em conta a cultura e a subjetividade contemporâneas. Nesse contexto, Ferraz assinala a diferença entre esquecer e apagar, bem como a impossibilidade de operar uma *deleção*, quando a memória não se circunscreve ao cérebro e aos neurotransmissores com seus prolongamentos informatizados. Ela anuncia o *deletar* como uma espécie de ilusão que investe no apagamento de lembranças traumáticas e dolorosas de dados de uma memória compreendida pelo cérebro como *pura matéria* encefálica processadora de códigos e informações de maneira análoga à rede e aos recursos tecnológicos e computacionais. Essa concepção que reduz a memória ao nível bioquímico do corpo e do cérebro ancora-se na teoria da informação. A autora (p. 141) rebate tal tendência com o conceito de memória de Bergson, destacando que a memória “nunca se apaga totalmente pela simples razão de que não está onde a procuram e a rastreiam. Não diz respeito a um lugar, nem a circuitos neuronais, mas à espessura do tempo vivido, ao fluxo de duração, à relação vivida com a temporalidade”. Ligada ao tempo vivido como duração, a memória não reproduz, ela se atualiza, considerando as exigências da ação e se encontra integralmente presente sob o modo de virtualidade. O virtual cria suas linhas de atualização em atos positivos num processo de diferenciação. Ele consiste em uma gigantesca memória, um tempo único que implica fluxos simultâneos com graus de distensão e contração coexistentes¹⁶⁴.

O cérebro tem uma função plástica vitalmente orientada para o esquecimento que procede por seleção, através de um mecanismo de suspensão das lembranças em um plano virtual. Este mecanismo seletivo atualiza a lembrança útil e afasta, provisoriamente, as outras. Ferraz salienta que o cérebro possui função conectiva, sendo inseparável da ação e da atenção dada à vida. Uma conectividade aberta altera a percepção, a qual é extensiva à matéria. Deleuze (1999, p. 73) afirma que, em *Matéria e Memória*, Bergson reconhece “intensidades, graus ou vibrações nas qualidades que vivemos como tais fora de nós e que, como tais, pertencem à matéria”. A matéria definida por Bergson, segundo Ferraz (2010, p. 47), é um conjunto de imagens, no qual

¹⁶⁴ Conforme Deleuze, (1999, p. 74), estes graus de distensão e contração definem a matéria e a duração: “a duração é tão somente o mais contraído grau da matéria, e a matéria é o grau mais distendido da duração. [...] A duração é como que uma natureza naturante, e a matéria uma natureza naturada.” As variações de intensidade delineiam as diferenças de grau e de natureza. “As diferenças de grau são o mais baixo grau da Diferença; e as diferenças de natureza são a mais elevada natureza da Diferença”.

“a percepção nada mais é, então, do que uma seleção”. A percepção está nas coisas e seleciona as imagens que interessam à imagem do corpo. Ela consiste em uma imagem entre imagens, um centro de ação e uma zona de indeterminação, possibilitando distinguir entre a ação real da matéria e a sua própria ação virtual que convêm aos interesses e às ações possíveis do corpo.

Segundo Bergson, não há diferença de natureza entre matéria e percepção, há somente diferença de grau: “a percepção subtrai, extrai da totalidade de imagens aquelas que interpelam o vivente”. Esta inseparabilidade do cérebro e do impulso vital, como movimento de diferenciação, faz do *selecionar* um filtro que recolhe as partículas caóticas e cósmicas, dando-lhes dimensões através uma máquina abstrata que engendra um modo de vida.

Considerando a perspectiva da multiplicidade e a memória ligada à duração, Ferraz afirma a impossibilidade de *deletar* lembranças. Essa impossibilidade de apagamento dos registros e vestígios, como resultado de uma ação intencional capaz de desencadear o bloqueio controlado de alguns movimentos, indica uma tendência em reaproximar a operação de *deletar* do ato de esquecer. Distintamente, neste trabalho, o *deletar* envolve os movimentos de sobrecodificação e de reterritorialização do capital, que conjugam fluxos direcionados a comandos e comportamentos modelizantes de adesão e/ou de descarte em bloco das ações e informações para aumentar a velocidade e o desempenho. *Deletar* comporta a reterritorialização do *selecionar*, demarcado pelo seu alinhamento aos segmentos molares e moleculares reprodutores da subjetividade dominante.

A criação de uma pequena máquina, em circunstâncias capazes de fazê-la ramificar em outras máquinas coletivas, ativa forças que desterritorializam o suicídio e afirmam a vida. A passagem pelas máquinas midiática, escolar, familiar transforma a notícia de morte do garoto em uma ruptura com as regras de constrangimento e com os padrões majoritários. Ben prepara o registro e a disseminação desse rompimento com o modo de vida determinado pela subjetividade capitalística. Nesse movimento, não pula para a morte, ele salta para a vida. Um devir-mundo desloca a percepção da vida ampliada e, ao mesmo tempo, molecularizada nas relações constitutivas de um corpo e afirmativas de co-existência. Ben faz funcionar as regras facultativas, ativando afectos alegres capazes de provocar a efetivação de um modo de existência.

A abertura do agenciamento jogo faz vazar fluxos, que afirmam um devir-molecular, um devir-animal, um devir-mundo, produzindo um *corpo sem órgãos*.

Conforme Deleuze e Guattari (1996, p.24), um *corpo sem órgãos* é um Lugar, um Plano, um “Coletivo (agenciando elementos, coisas, vegetais, animais, utensílios, homens, potências, fragmentos de tudo isso)”. Não existe uma propriedade do *corpo sem órgãos*, um *meu corpo sem órgãos*. Há apenas resíduos de um *eu* sobre ele, o que resta daquele agenciamento cambiante de forma, na transposição de limiares. O *corpo sem órgãos* é “uma experimentação inalterável [...] uma prática, um conjunto de práticas” (p. 9). Nesse exercício, substitui-se a anamnese pelo esquecimento, a interpretação pela experimentação.

Inspirados no eterno retorno, Deleuze e Guattari lançam o conceito de ritornelo para pensar o processo em que agenciamentos definem territórios por desterritorializações e desestratificações. O ritornelo procede por seleção. Ele é uma cifra de um território existencial que aglomera e salienta elementos (sonoros, plásticos, olfativos...), determinando a instauração de componentes e limiares. Guattari (1992, p. 26-7) ressalta que

[...] não é apenas no quadro da música e da poesia que vemos funcionar fragmentos destacados de conteúdos que, de modo geral, incluem na categoria de “ritornelos existenciais”. A polifonia dos modos de subjetivação corresponde, de fato, a uma multiplicidade de maneiras de *marcar o tempo*. Outros ritmos são assim levados a cristalizar agenciamentos existenciais, que eles encarnam e singularizam.

A atividade de seleção elimina, extrai, separa e, também, circunda, traçando um *centro*, no qual vibram forças de criação que combinam componentes dos meios com partes de um organismo (DELEUZE; GUATTARI, 1996, 116-7). A combinação por repetição provoca deslocamentos rítmicos, fazendo o círculo se abrir, deixando algo entrar ou escapar. O ritornelo, simultaneamente, gera uma ruptura e uma conexão, realiza uma incisão que assinala a diferença pela repetição e possibilita uma fenda na relação de forças entre elementos constitutivos do agenciamento, entre agenciamentos que se avizinham e na captura das forças cósmicas desterritorializantes.

Os autores apontam que a seleção se encontra vinculada ao natal, isto é, a figura do agenciamento territorial que diz respeito às matérias de expressão produtoras de uma percepção, um discernimento, uma extração e um gesto que o erige. O natal apreende o nascimento e demarcação de um território, assinalando as proveniências das forças capturadas do Fora e uma emergência, cuja vibração consolida um limite. Os agenciamentos oscilam entre um fechamento territorial e uma abertura desterritorializante que os conecta no cosmos. Um território é constituído por

“exterioridade, por movimentos de desterritorialização e por territorialização do aprendido” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 80). O território remete a um centro intensivo para o qual convergem outros territórios, diferentes e distantes. O inato desterritorializado e o adquirido territorializado, característicos do natal, possibilitam a seleção que, antes de um comportamento¹⁶⁵, gera uma impregnação de matérias de expressão.

Deleuze e Guattari (1997, p. 167) consideram o ritornelo um prisma, um cristal de espaço-tempo, um tipo de proteína que age naquilo que o rodeia, extrai vibrações, decomposições, projeções e transformações. Ele modifica a velocidade das trocas e reações, provoca interações entre elementos desprovidos de afinidades e forma massas organizadas. O ritornelo opera “aumentos e diminuições, acréscimos e subtrações, ampliações e eliminações com valores desiguais”. Também efetua um movimento retrógrado que percorre os dois sentidos, fabricando tempos diferentes a cada ida e vinda. Um movimento que, segundo os autores (1992, p. 55), a *volta para* “não implica somente em desviar, mas em enfrentar, voltar-se, retornar, perder-se, apagar-se”.

A seleção constitui um crivo, realiza um corte no caos, extrai componentes dos meios, desestratifica. Ela atravessa e institui uma maneira de pensar, um modo de recolher as partículas cósmicas e de ordená-las. Este modo se faz, ao mesmo tempo, avaliativo e criativo, pois mistura as forças do Fora com os componentes estratificados, que organizam os agenciamentos em um sistema pragmático e semiótico. O encontro das intensidades e das partículas a-significantes com linhas de segmentarização provocam um desvio decorrente de um movimento de desestratificação e de desterritorialização. A seleção está relacionada com o eterno retorno, com uma diferença produzida por uma ida e vinda, de movimentos provocados por componentes que, ao retornarem, estabelecem uma nova relação de forças, gerando agenciamentos capazes de fazer co-existirem as singularidades.

Os componentes extraídos no salto arranjam-se na queda, conectam-se em novos fluxos, traçando um território atravessado pelo devir-animal. Ao abandonar o jogo, Ben despreza os referentes humanos e suas determinações utilitárias, constrangedoras e moralizantes. O encontro com o cavalo demarca uma inocência, em que a multiplicidade afirma a existência¹⁶⁶. Deleuze (s/d, p.38), acerca do conceito de Nietzsche, enfatiza a “existência afirmada e apreciada, a força não separada, a vontade

¹⁶⁵ O comportamento encontra, na territorialização, as regras do agenciamento.

¹⁶⁶ As intensões afirmadas na inocência divergem do *telos*, do destino, da intenção e da responsabilidade.

não desdobrada, eis a primeira aproximação da inocência”.

Na borda do curral, Ben dialoga com Scarlite que observa: “Não te permitem montá-lo? Te segura”. Ele ri e responde: “Sempre a mesma coisa... As pessoas veem um cavalo e querem montá-lo. E aos animais, ninguém pergunta?” Na outra borda, o instrutor estranha a conversa solitária (e habitada) de Ben, olha para mãe, que emite um “oh, sim”. Há um desprendimento das explicações, dos esclarecimentos, dos represamentos de movimentos inusitados. Há somente uma aceitação. Um agenciamento é uma convergência de forças desterritorilizadas, as quais se misturam, ligando, através de um ritmo, os componentes heterogêneos. Os ritornelos existenciais constituem uma multiplicidade de maneiras, de ritmos (as vibrações e as oscilações), apontando para uma polifonia de modos num processo de singularização. Através do ritornelo, Ben recusa as regras coercitivas, ativa um esquecimento, transforma o fim em um evento, assinala um acontecimento pelo sentido seletivo dado à eliminação, modifica as relações dos termos, compondo-se afirmativamente com a vida, quando se desprende daqueles agenciamentos que o despotencializam. Um salto. Um escape¹⁶⁷. “Game is over”.

¹⁶⁷ No domínio digital, a presença da tecla *ESC* remete ao termo *escape*, usado como verbo para dizer *escapar*; *livrar-se*. Já, como substantivo, passa significar *fuga*, *evasão*. Na informática, coloquialmente, corresponde a *sair*.



Figura 13

Imagens extraídas do filme “Ben X”, dirigido por Nic Balthasar



Figura 14



Figura 15



Figura 16



Figura 17

Rosto-paisagem: percepção do rosto do médico (acima).
Devir-Scarlite (ao lado).



Figura 18

O salto (D acima).
Diferença de apreensão das velocidades de um movimento (E abaixo).
Devir-animal de Ben (D abaixo).

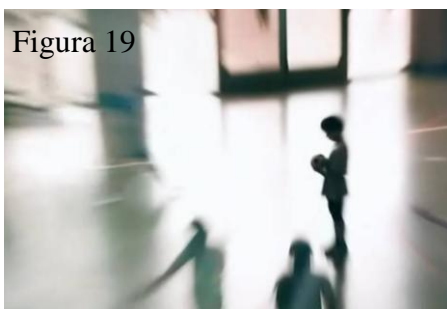


Figura 19



Figura 20

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eliminação e simpatia, uma dimensão política?

O processo de desestratificação do corpo biológico, demarcado pela molecularização, fragmentação e dimensão quântica do corpo químico-físico, vem acompanhado do acoplamento ao silício e às máquinas tecnológicas informacionais e comunicacionais, desembocando em afecções de um corpo mutante e maquínico através de uma dimensão estética, que delinea uma experimentação plástica e um conjunto de práticas inovadoras com traços éticos e políticos. Nesta experimentação, devires provocam a dissociação do Eu, do indivíduo, do sujeito, diluem a representação e disparam alianças que fazem funcionar um agenciamento maquínico e coletivo de enunciação capaz de tornar a existência uma arte.

Um agenciamento, ao conjugar fluxos desterritorializados, delinea fronteiras, traçando uma linha segundo um círculo de convergência em torno de singularidades sucessivas. Novos círculos, novos pontos fora dos limites daquele círculo, novas direções levam ao aumento do território por desterritorialização, por arrastar a linha de fuga para o plano de consistência em uma máquina abstrata, operando rupturas e fazendo proliferar, crescer no “entre”.

As máquinas abstratas transversalizam níveis maquínicos materiais, cognitivos, afetivos, sociais. Elas são montagens que cruzam esses níveis heterogêneos e dão corpo às intensidades desterritorializantes sem homogeneizar. Guattari (1992, p.51) observa

[...] uma *essência* maquínica que irá se encarnar em uma máquina técnica, mas igualmente no meio social, cognitivo, ligado a essa máquina – os conjuntos sociais também são máquinas, o corpo é uma máquina, há máquinas científicas, teóricas, informacionais. A máquina abstrata atravessa todos esses componentes heterogêneos, mas sobretudo ela heterogeneiza fora de qualquer traço unificador e segundo um princípio de irreversibilidade, de singularidade e de necessidade.

O agenciamento adquire densidade em um plano de consistência que, por seleção, faz convergir forças e linhas produtoras das marcas e propriedades territoriais. A operação de consistência, segundo Deleuze e Guattari (1997, p.160-2), conjuga o molecular ao cósmico, o material à força. A seleção liga-se ao ato de consistência, à operação que combina extração, saturação, eliminação do excesso e institui o agenciamento. O ato de consistência, de captura, de extração trabalha o material simplificado, criativamente limitado, selecionado, colocando-o em relação com as

forças de consolidação¹⁶⁸. Um ato incorpora o verbo que, ao mesmo tempo, consolida o agenciamento, atravessado por relações de forças, e encarna o sentido expresso pelo acontecimento.

Guattari (1992, p. 55), indicando o processo de alisamento do material na relação com as máquinas abstratas, demarca dois procedimentos associados à seleção: a saturação do átomo e a retirada do excesso, quer dizer, a saturação do agenciamento e a eliminação daquilo que o excede. Esse processo supõe a absorção de componentes dos meios (extrínsecos) e a conservação de sua consistência, assinalando sua singularidade, sem implicar um fechamento. Os componentes de um agenciamento são heterogêneos e heterogênicos. Eles se mantêm num *centro* de vibração (conjunto de consistência) segundo um ritmo, uma oscilação entre picos que gera a diferença. O autor (p. 60) afirma que os agenciamentos maquínicos contemporâneos erigem um corpo compósito, por não terem padrão unívoco e por marcarem a heterogênese dos componentes referenciais¹⁶⁹. O verbo *selecionar* expressa a singularidade deste corpo compósito, mutante, que cresce por contaminação e vizinhança. Ele desloca o significado moderno da vida, tensionando à criação, ao abrir o agenciamento-homem num devir-mundo através do movimento de desterritorialização que o lança num devir imperceptível.

Este *corpo-composição*, desestratificado em um devir inorgânico do carbono, em um devir silício do carbono, gera relações de forças entre seus componentes que se modificam, a cada conexão, por vizinhança. Seus limites são definidos no acontecendo com o agenciamento de diferentes máquinas acionadas. Um corpo maquínico, mutante, a-cêntrico torna-se perceptível em funcionamento. O devir-molecular faz tal corpo proliferar, estendendo-se em escala planetária. Ele traz uma potência de afetos capaz de desterritorializar o agenciamento digital no encontro com o mundo, num devir-mundo, que implica uma mudança de natureza do corpo. O deslocamento do caráter informativo e da interação quantitativa (medida em índices) para uma ordem intensiva engendra agenciamentos conectáveis no *corpo-composição*, em que se pode relacionar a eliminação (definida pelo *selecionar*) à simpatia.

O conceito de simpatia de Hume é apresentado por Deleuze (2001), referindo-se às parcialidades como elementos constitutivos de uma moralidade. As simpatias

¹⁶⁸ Conforme Deleuze e Guattari (1997, p. 162), este material apresenta três características: matéria molecularizada, relação com forças a serem captadas e definição da operação de consistência.

¹⁶⁹ As modelizações são produto de uma subjetividade capitalística que investe na crença em uma homogeneidade dos referentes biológicos, etológicos, econômicos, fonológicos, escriturais, musicais, etc., operada pela analogia das séries.

encontram-se ligadas às paixões, as quais são inclinações, pendores, tendências manifestadas em interesses particulares. A paixão, para Hume, remete à disposição corporal ligada a um objeto exterior que provoca o aparecimento de uma ideia (impressão), ideia do objeto que responde à paixão. Para o filósofo, “o papel da disposição corporal é assumido por um objeto exterior que produzirá a paixão em circunstâncias naturais determináveis”, destaca Deleuze (2001, p. 110). É possível aproximar a paixão de Hume ao afeto de Espinosa, na medida em que este é envolvido por uma afecção, uma percepção relacionada a um corpo afetado por outro, afetante. Espinosa (1992, p. 283) relaciona a simpatia e a antipatia aos afetos de alegria e tristeza:

Daí, entendemos como pode acontecer que amemos certas coisas ou as odiemos, sem qualquer causa conhecida por nós, mas apenas por *simpatia* (como se diz) ou por *antipatia*. Deve referir-se aqui àqueles objetos que nos afetam de alegria ou de tristeza, apenas pelo fato de terem qualquer traço de semelhança com aqueles que habitualmente nos afetam com estas afecções [...].

Hume vê na simpatia uma positividade que a distingue do egoísmo, detectando, na paixão, o conteúdo de uma constância capaz de tornar possível uma atividade prática em moral. Enquanto o egoísmo define a sociedade de forma negativa através das limitações de interesses determinadas pelo contrato, a simpatia fornece elementos para a construção de uma moral, através do ultrapassamento dos interesses particulares com a determinação de regras gerais, que integram tais interesses em uma totalidade. A simpatia consiste na condição de invenção da crença como um ato moral. A superação das parcialidades e das paixões leva a instauração de um mundo da moralidade, de uma organização social positivada pelas regras extensivas e corretivas¹⁷⁰.

Deleuze (2001, p. 35) sublinha em Hume que as parcialidades “não podem se totalizar naturalmente, pois se excluem”. Excludentes, as parcialidades são sobrepujadas pela moral com a invenção de um sistema de meios, que permitem os interesses particulares se satisfazerem e se realizarem através das regras. “Um todo só pode ser inventado, assim como a única invenção possível é a de um todo”, caracterizando a essência de um problema moral (p. 36). A moral totaliza e generaliza, quando reterritorializa as simpatias no prazer e na aversão à dor ligados a outrem¹⁷¹. Nesse movimento, que ultrapassa os interesses particulares e as contradições, a moral absorve as simpatias, afirmando a função da regra, a qual tem como papel “determinar um ponto

¹⁷⁰ A crença infere do dado para o não-dado. A moral inventa e constitui totalidades funcionais (não dadas na natureza).

¹⁷¹ Os prazeres caracterizam-se pela desterritorialização relativa e pela reterritorialização de afetos.

de vista estável e comum, firme e calmo, independente de nossa situação presente”, conforme menciona Deleuze (p.36). Ela garante a extensão e a correção através da dobra da paixão, fixando uma obrigação artificial, justa, convertida em um modelo a ser aderido e reproduzido pela sociedade com o redirecionamento dos sentimentos e das ações. A moral integra e amplia a simpatia com a determinação da instituição (um modelo de ações determinado pelo princípio útil) para assegurar uma organização afirmativa, social e justa.

Dois aspectos tornam-se interessantes na conceituação de Hume: a paixão desviante e a impotência da simpatia em totalizar. A potência da paixão é assinalada pela sua capacidade em mudar a orientação de uma disposição. Deleuze (p. 39) cita o filósofo inglês: “Não há paixão capaz de controlar a disposição interessada, mas capaz, isto sim, de mudar a orientação dessa mesma disposição”. Nessa direção, a paixão faz da simpatia um devir, um afeto capaz de produzir deslocamentos, de abandonar o *eu*, penetrando num agenciamento, cuja força mistura os corpos em direção à criação do novo.

O traço que demarca a impotência da simpatia em Hume converte-se em força ativa de uma ética distinta da moral. Deleuze (p.35) indica um desvio, ao enfatizar que, para Hume, “todos os elementos da moralidade (simpatias) são dados naturalmente, mas, por si mesmos, são impotentes para constituir um mundo moral”. Na perspectiva da moral, as simpatias como parcialidades não ultrapassam os interesses particulares nem as paixões. Elas concernem a posições parciais que impossibilitam a integração em um conjunto. Neste cruzamento é possível deslizar de uma impotência para uma força ativa da simpatia que reside nesta capacidade de afirmar o co-funcionamento dos agenciamentos, sem totalizar, nem homogeneizar. Ao invés de integrar, co-existir. Ocorre uma passagem da parcialidade para os *objetos parciais*, para *expressões parciais* considerados termos, componentes de um agenciamento maquínico. Para Hume, parcial é excludente.

Deleuze e Guattari consideram parcial, o corte de um fluxo, sempre conectável a outro, sem constituir partes de uma unidade. Nesse processo de cortes e conexões, acoplam-se componentes interceptados e desviados, cuja desterritorialização gera uma mistura. A simpatia consiste em um agenciamento, conecta objetos parciais através de forças que convêm ao corpo em devir.

Um corpo é composto por um conjunto de partes extensivas, por relações intensivas e um modo de ordená-las. O encadeamento de afetos com velocidades

variáveis, precipitações e transformações em correlação com o fora, instaura anéis abertos que mudam de dimensões por acréscimos e subtrações, aumentos e diminuições, efetivando o agenciamento. Ele trabalha em fluxos semióticos, fluxos materiais, fluxos sociais e, ao mesmo tempo, coloca “em conexão certas multiplicidades tomadas em cada uma destas ordens”, conforme assinalam Deleuze e Guattari (1995, p. 34). Os autores definem que um “agenciamento é este crescimento das dimensões numa multiplicidade que necessariamente muda de natureza à medida que ela aumenta suas conexões” (p.17).

Para Deleuze, em *Diálogos*, o agenciamento consiste em um co-funcionamento, uma simpatia, uma simbiose: “a simpatia são corpos que se amam ou se odeiam, e a cada vez populações em jogo, nesses corpos ou sobre esses corpos. [...] Não há juízo algum na simpatia, mas conveniências entre corpos de toda natureza [...] é isso agenciar: estar no meio” (p. 65-6). O autor prossegue, afirmando que “nós só podemos agenciar entre os agenciamentos. Só temos a simpatia para lutar” (p.67). A impossibilidade de totalização, homogeneização e sobrecodificação positiva à parcialidade, a qual passa a assinalar um modo de se avizinhar, de marcar as distâncias, uma contaminação viral em que o contato transforma-se em devir. A simpatia, quando considerada apreensão de uma multiplicidade, perde o sentido excludente e o caráter tendencioso, conferindo às relações de forças um traço político, em que o parcial vem demarcar micropolíticas capazes de transversalizações, colocando em funcionamento regras facultativas, fazendo proliferar atitudes e posições num processo de singularização.

Deleuze (1992, p. 125-6 e 142), a partir de Nietzsche e da perspectiva das relações de forças, e de Foucault e os modos de subjetivação, diferencia a moral da ética. A moral define-se pelas regras coercitivas, ao passo que a ética concerne “a um conjunto de regras facultativas que avaliam o que fazemos, o que dizemos, em função do modo de existência que isso implica”. Foucault (1985), em *O cuidado de si*, ao distinguir ética de moral, demarca os movimentos que percorrem as condutas entre *o que se pode fazer* e *o que se deve fazer*, entre ética e moral, respectivamente, as regras facultativas – que são indicativas e se abrem para uma gama de possibilidades segundo as condições vividas – e as regras coercitivas – que são normativas e fixam as condutas apropriadas, bem como as respectivas punições quando descumpridas.

Nesse sentido, a ética fende a moral. Nem uma nem outra existem separada ou monoliticamente. Em um modo de existência, há códigos e leis bem definidos que funcionam como imperativos a partir de signos hermenêuticos utilizados. Há também

possibilidades de escapar a esses códigos, subvertê-los em outra direção, gerando uma fissura na moral, fazendo vaziar possibilidades de novas condutas. A ética, que Foucault enfoca a partir do cuidado de si, trata da *arte da existência*, leva em consideração a percepção dos elementos em jogo para se movimentar, para agir, para construir relações com o mundo. A ética está ligada à estética, a qual envolve uma ordenação da percepção e dos afectos, um modo de sentir que assinala um estilo de existir. A Ética, para Deleuze (1997, p. 156), envolve os *afectos*, os *perceptos* e os *conceptos*, correspondendo a “três gêneros de conhecimento, que também são modos de existência e de expressão”. Esta ética rompe com a transcendência, erigindo um plano imanente dos acontecimentos.

No *corpo-composição*, a proliferação da simpatia não se encontra mais condicionada a uma moral. Ela ocorre em trajetos por fluxos e devires, na consolidação de um corpo aberto capaz de assegurar co-existência. Nesse sentido, a eliminação encarna um ato político, ativando uma máquina de guerra. A política opera macrodecisões e julgamentos considerando as escolhas binárias traçadas pelas linhas molares. Quando passa para as inquietações moleculares, ela se converte em microdeterminações que correm em duas direções: uma avaliação de atrações e fluxos, segundo determinações lineares e decisões segmentárias, e uma conveniência de forças, cujo nomadismo dispara pontas de desterritorialização, fazendo passar fluxos mutantes com potência de criação.

A simpatia, atravessada por esses fluxos num *corpo-composição*, vem apontando uma politização através de um regime de alianças e códigos capazes de funcionarem fora do regime representativo, abalando os referentes e as estratégias de controle, combatendo a máquina de sobrecodificação capitalística que faz reverberar os centros de poder e os segmentos molares. Ela penetra nas zonas de indiscernibilidade e de impotência do centro de poder. A primeira encontra-se ligada à profusão no tecido microfísico, e a segunda está ligada aos fluxos e aos *quanta* que fogem ao controle, ativando movimentos de desvio e paralisia do sistema, capazes de arranjar a *pirataria*, as ações dos *hackers* e dos diversos usuários das máquinas informacionais e comunicacionais em um concerto politizado e polifônico¹⁷².

¹⁷² Conforme informações fornecidas pela Wikipedia, os *hackers*, ao conhecerem e modificarem dispositivos, programas e redes, atuam, ao mesmo tempo, na solução dos limites de funcionamento dos sistemas para garantir sua segurança e penetram barreiras que impedem o acesso a certos dados. O verbo *hackear* remete às modificações e às manipulações realizadas sem a autorização dos sistemas de computação. Os *hackers* são conhecidos como decifradores de códigos, programadores habilidosos e indisciplinados. Eles se tornam perigosos, na medida em que suas ações vêm sendo orientadas para um tipo de ativismo, cuja potência de desterritorialização das máquinas informacionais e comunicacionais

A seleção, produtora de agenciamentos, dispõe o corpo em composição maquínica e mutante, disparando percepções experimentadas em latitude e longitude. Conforme Deleuze e Guattari (1997, p. 42), um corpo ou um conjunto de corpos possui longitude e latitude. A longitude concerne às partes extensivas dispostas de acordo com uma relação de movimento e repouso: “os conjuntos de partículas que lhe pertencem [ao corpo] sob essa ou aquela relação, sendo tais conjuntos *partes uns dos outros* segundo a composição da relação que define o acontecimento individuado deste corpo”. A latitude diz dos afetos de que um corpo é capaz, de seu grau de potência. Os limites desse grau de potência remetem às partes intensivas de um corpo. Esses limites são disformes, repartindo intensidades, velocidades e lentidões, graus de toda espécie.

O borramento vivido entre o orgânico e o inorgânico, entre o *real* e o digital, leva a uma nova maneira de percorrer fluxos, de apreender relações em uma superfície mutante e aberta, variável pelas conexões que esse agenciamento estabelece. A dimensão maquínica permeada pelas práticas minoritárias, fazendo do verbo *selecionar* um exercício rizomático de composição, percorrendo as conexões, altera a natureza do corpo através da experimentação. Um corpo disparador da potência de um novo estilo de vida, que vaza forças, conecta fluxos, escapando dos referentes da subjetividade capitalística (ser, significante e capital). Ele está sempre em obra, com uma plasticidade rizomática, sendo capaz de assinalar um modo de existir desterritorializado do modelo, do projeto e do ser. Com a diluição em compostos e partículas arranjados pela simpatia, forças tensionam o exercício de afirmação da diferença através de vetores constitutivos de processos de singularização.

As mutações das sociedades de controle, assinaladas por Deleuze, indicam a diluição do corpo disciplinar enunciado como unidade biológica. As estratégias e os mecanismos de controle diferem dos investimentos da biopolítica dirigidos a um corpo-espécie da população e, simultaneamente, a um corpo-organismo do indivíduo¹⁷³. Esses investimentos tornam-se cada vez mais ineficientes diante da indeterminação desse *objeto* [corpo], cuja fragmentação canaliza para um tipo de conjunção capaz de constituir uma superfície atualizada pelas velocidades e pelas ondulações de um controle contínuo. Nesse registro, os movimentos sugerem a frustração das tentativas de adaptação do biopoder em organizar e ou em resistir ao poder dominante,

engendradas em máquinas sociais produz relações inusitadas capazes de criar novos modos de existir.

¹⁷³ A biopolítica parece perder força, muito mais que gerar resistência, visto que as relações entre seus componentes deixam de ser alimentadas. Seu enfraquecimento decorre de um redirecionamento dos focos de interesses e de investimento.

denunciando a agonia do corpo disciplinar diante dos investimentos de interesse dirigidos às populações. Os acontecimentos vêm apontando para um abandono das antigas estratégias. A composição inorgânica desse corpo em devir silício descaracteriza a noção de população. O movimento de desterritorialização do corpo da população pode ser demarcado pelo termo *multidão*.

O desordenamento e a pulverização da população, diluindo as fronteiras políticas e escapando das esferas de ação do Estado, apontam para uma zona indiscernível que compõe a multidão. Hardt e Negri (2006, p. 218-23) propõem o conceito de multidão para designar as relações pessoais instituídas com a globalização. Em entrevista, Negri alega que “a globalização gerou, concomitantemente, o Império, o sistema que controla a produção e o fluxo econômico, e a Multidão, a nova revolução das pessoas que se comunicam furiosamente, fora do controle de qualquer Estado, sem o estímulo das velhas ideologias e sem as limitações das fronteiras nacionais”. A multidão corresponde a um “poder político potencial” que resiste ao Império.

Estes autores veem na multidão uma ação capaz de resistir “às operações repressivas centrais do Império” através de uma consciência adequada, responsável pela constituição de um sujeito político. Ao mesmo tempo em que detectam rupturas relevantes e potência de transformação na/pela multidão, conservam as noções de consciência e de sujeito para defini-la como modalidade de poder e de atualização da biopolítica. Na conjunção de sujeito-poder-multidão, a biopolítica adquire um caráter reformador, perdendo sua capacidade de resistir. A multidão, ou melhor, a *multitude*, quando cortada por linhas moleculares pode caracterizar uma maneira de escapar à biopolítica (ao invés de atualizá-la), ao engendrar um novo corpo através de um modo, cujas conexões e conjugações ilimitativas traçam, a cada vez, uma ligadura, definindo zonas de ocupação nômade distribuídas por termos comuns.

Um corpo-silício, um corpo-fluxo inorgânico com disjunções efetuadas em rede, demarca um funcionamento rizomático. Ele se reterritorializa em informação, em bancos de dados, em máquinas cibernéticas, em sofisticados mecanismos de controle contínuo¹⁷⁴, e arrasta uma linha de desterritorialização na máquina abstrata, podendo

¹⁷⁴ Negri destaca que “os fluxos de informações, de finanças, de comandos e o político cruzam o mundo de maneira mais ou menos homogênea. A isso corresponde uma série de movimentos de informação, de mobilidade, de conhecimento e de inovações a que se coligam aqueles que são verdadeiramente produtivos. Isto é, não se produz mais apenas na fábrica da periferia de São Paulo. Hoje, se produz no mundo todo, através da informação. A riqueza não é mais uma coisa produzida em um lugar, mas em espaços que são sempre definidos de maneira nova e diversificada.” Entrevista concedida ao jornal *O Estado de São Paulo* em 2005.

adquirir consistência em um corpo que cresce e se modifica através das conexões estabelecidas. Sua potência reside na recusa do humano, nas fissuras que possibilitam diferentes afecções. Trata-se de um corpo difuso e fragmentado, cuja efetuação se faz por eliminação e simpatia. Novas velocidades cortam fluxos, atribuindo uma dimensão planetária e cósmica do *corpo-composição* que desconstrói o indivíduo, a espécie e a população determinados pela organização disciplinar. A vida vem escapando desses componentes em direção à constituição do novo. As desterritorializações geradas pela eliminação articulada à simpatia lançam linhas de fuga, agenciando uma máquina de guerra. A máquina de guerra é nômade e carrega a potência de mudar.

Deleuze e Guattari (1996, p.112) sublinham que ela não tem a guerra por objeto, mas provoca transformações ligadas à “emissão de *quanta* de desterritorialização” e à “passagem de fluxos mutantes”. As criações passam pelas máquinas de guerra que, ao serem capturadas pelo Estado, convertem-se em destruição, fazendo da guerra um objeto em si. A máquina de guerra demarca uma resistência, um combate e uma criação, inventando novas armas, as quais se opõem às pesadas armas do Estado. Na criação de uma arma, considera-se que “um grupo, um indivíduo funciona ele mesmo como linhas de fuga; ele a cria mais do que a segue, ele mesmo é a arma viva que ele forja, mais do que se apropria dela” (p. 79). As linhas de fuga acarretam desestratificações, fazendo jorrar partículas a-significantes para fora dos limites dos pontos-centros. Os riscos de reabsorção dessas linhas e partículas por segmentos estáveis e binarizáveis supõem as ressonâncias dos centros de poder através de sobrecodificações.

As intensidades, que adquirem velocidades imperceptíveis na escala humana, ativam linhas de fuga no agenciamento carbono-silício disparado pelas máquinas informacionais e comunicacionais, erigindo máquinas de guerra que rompem com uma estrutura arborescente do sistema informatizado, desfazem os limites do indivíduo reconhecido e fixado segundo os eixos do organismo, da significação e da subjetivação. Através de movimentos rizomáticos, a-cêntricos, partículas virtuais são ordenadas e adquirem dimensões, atualizando-se em um corpo. Trata-se de um corpo vivo e fervilhante que expulsa o organismo e sua organização. Deleuze e Guattari (1996, p. 24) ressaltam que seguindo uma relação meticulosa com os estratos consegue-se “liberar as linhas de fuga, fazer passar e fugir os fluxos conjugados, desprender intensidades contínuas para um *corpo sem órgãos*. Conectar, conjugar, continuar: todo um ‘diagrama’

contra os programas ainda significantes e subjetivos”.

O *corpo-composição orgânica-inorgânica*, ao mesmo tempo em que se estratifica, atualizando o capitalismo, estabelecendo novos limites e novas regras de constrangimento que fazem valer a eliminação e o desempenho, desfaz-se em um *corpo sem órgãos*, desestabilizando o controle, penetrando e desorganizando sistemas, inventando novos códigos e percorrendo relações, cujos modos vêm ganhando consistência. Movimentos de multidões são afirmados por multiplicidades moleculares. Multiplicidades distinguidas por Deleuze e Guattari (1995, p. 46) por concernirem a multiplicidades qualitativas, rizomáticas, cujos “elementos são partículas, as correlações são distâncias, os movimentos são brownoides, as quantidades são intensidades, são diferenças de intensidade”.

Nesse corpo, as partículas se dividem e se compõem através de distâncias variáveis no interior de um limiar. As conjugações ilimitativas de fluxos desterritorializados definem limites sempre provisórios, em que uma linha estabelece um círculo de convergência ao redor de singularidades. Rupturas, prolongamentos, revezamentos, variações de novos círculos, novos pontos fora dos limites em diferentes direções estendem a linha de fuga, fazendo um agenciamento crescer por desterritorializações.

Deleuze e Guattari (1996, p.79) enfatizam que “as linhas de fuga são realidades, são muito perigosas para as sociedades, embora estas possam passar sem elas, e às vezes as preparem”. Os perigos dos agenciamentos que erigem uma máquina de guerra vêm sendo assinalados por alguns eventos acionados pelas máquinas informacionais, comunicacionais e sociais. Na junção da seleção-eliminação com a simpatia, forças convergem numa mistura constitutiva de um co-funcionamento no *corpo composição orgânica-inorgânica*, que se faz aberto e nômade, ampliado por conexões e por contágio. Afetos, ao mesmo tempo, ligam-se e repartem-se em uma superfície, arranjando componentes em escalas diferentes que percorrem fluxos moleculares e planetários. Um processo de politização está ganhando expressão em várias ações articuladas em diferentes países, escapando da política molar e do sistema representativo com suas respectivas instituições (porta-vozes de partidos, sindicatos, governos, etc.). Um modo de operar extraído do registro digital prolifera, permeando novos territórios. Vazar, exceder, saturar, silenciar, desviar, penetrar consistem em algumas ações que compõem estratégias, criando armas capazes de enfrentar o aparelhos de Estado, as empresas e as determinações do mercado limitantes da vida.

Movimentos disparados pelas redes sociais como os da Primavera Árabe, dos *Occupiers* de Londres, Nova Iorque e Washington e dos *Indignados da Democracia Real Já*, na Espanha, anunciam um modo diferente e minoritário de utilizar as tecnologias, as máquinas informacionais e computacionais, além de esboçarem uma dimensão política capaz de romper com a representação. Uma máquina revolucionária, que combate a máquina de Estado, cria vacúolos no controle, paralisa a comunicação em direção a novas composições, em que conexões produzem grupelhos, *grupúsculos*, agenciamentos, regimes de alianças, desembocando em ações e desenhando uma nova política.

Conforme declara Javier Toret, um dos criadores da ferramenta livre *N-1*¹⁷⁵, utilizada na mobilização da população para engajar-se no movimento dos *Indignados* na Espanha, ocorrido em 15 de maio de 2011, “Partidos e sindicatos não funcionam, buscamos inventar formas organizativas com as oportunidades que a *internet* gera”¹⁷⁶. Sam Halvorsen, um dos *Ocupadores de Londres*, constata que, em 2011, jovens sem envolvimento político anterior, na Europa e nos Estados Unidos, engajaram-se nos acampamentos que combatem a tendência à concentração de renda, os lucros das empresas e os efeitos provocados com a reprodução do capital (especialmente a partir das especulações financeiras).

Nessa direção, Toret sublinha que o movimento espanhol vem tensionando para garantir transparência política, manutenção das casas e absolvição das dívidas, caso elas sejam retiradas de seus moradores, além de trazer questões para o debate público. Ele observa que “não foi uma mudança imediata, mas essas eram questões invisíveis. As pessoas estão começando a passar fome e, na Europa, as empresas continuam ganhando dinheiro”. Linhas moleculares dão sonoridade às intensidades vividas e aos efeitos provocados pelos fluxos do capital. Essas linhas vêm sendo represadas por investimentos molares com leis que procuram vedar o uso irrestrito da *internet*, tais como a SOPA (*Stop On-line Piracy Act*), a PIPA (*Protect IP Act*) dos Estados Unidos, a Lei de Economia Sustentável da Espanha, e o ACTA (*Anti-Counterfeiting Trade Agreement*). Leis que indicam a impotência dos centros de poder frente às novas armas criadas. O sociólogo e participante do Fórum Temático, que reuniu ativistas do Brasil e

¹⁷⁵ Deleuze e Guattari (1995, p. 15) usam a expressão gráfica “n-1” ligada ao conceito de multiplicidade, que rompe com as noções de unidade, multiplicação do Uno e de totalidade.

¹⁷⁶ Entrevista concedida ao *Jornal Extra Classe*, durante o Fórum Social Temático - *Conexões Globais 2.0*, realizado em Porto Alegre em janeiro de 2012. GLOCK, Clarinhas. “E agora?”. *Extra Classe*, Porto Alegre, ano 17, nº 161, março de 2012, p. 22-4.

do mundo debatendo os rumos dos novos movimentos, Sérgio Amadeu da Silveira, avalia que a *internet* é uma força articuladora com a qual os governos não conseguem interagir ainda. As gerações dos anos 80 e 90 organizaram-se nas redes, em processos coletivos de compartilhamento de ideias e deixaram de pedir “Governo, me atenda, eu quero espaço para a minha criatividade. Eles mesmos fizeram *softwares*, *hardwares*, projetos. Os *hackers* se politizaram e se juntaram com os ativistas de várias lutas. Essa é a grande novidade”¹⁷⁷. Os movimentos têm as três linhas saindo umas das outras. Alguns ativistas defendem uma democracia interativa complementar à democracia representativa. É possível perceber a linha de fuga pendendo para a segmentaridade molar através de propostas com traços reformadores. Também há linhas moleculares que insinuam uma ruptura com as determinações molares, quando depoimentos sinalizam a instauração de uma “esfera interativa, interconectada” como um “outro espaço de formulação de políticas”, mencionado por Silveira.

Convém observar que um grande número desses ativistas provém de uma geração já digitalizada, a qual não separa os territórios em esferas, digital e real, rebatidos na binariedade passivo-ativo. Há um deslizando por diferentes territórios, nos quais atitudes e posições se desdobram em ações que tendem às alianças e ganham manifestações em larga escala. Coletivos criados pelo agenciamento com a *internet* apresentam os traços revolucionários das máquinas de guerra. Suas linhas e seu modo de funcionamento possibilitam detectar as mudanças lançadas no *corpo-composição* que se consolida.

O grupo *Anonymus* desponta neste processo de desterritorialização e desestratificação que mescla as máquinas informatizadas e comunicacionais à eliminação, à seleção e à simpatia, produzindo um novo sentido aos acontecimentos. O *Anonymus* é um meme da *internet*. Um meme consiste em uma unidade de informação que se multiplica entre diferentes locais de armazenamento com alta capacidade de propagação. Os memes podem ser ideias, partes de ideias, línguas, sons, desenhos, valores estéticos e morais. O uso coloquial do termo refere-se à transmissão de informação que, semelhante ao vírus, procede por contaminação. Como meme, o *Anonymus* surgiu em 2003 no *imageboard 4chan*. Um *imageboard* caracteriza-se por um canal de recepção e transmissão, disponibilizando um fórum de discussão e postagem de imagens e/ou textos anônimos. Em sua forma inicial, o *Anonymus*

¹⁷⁷ Ibidem, Extra Classe, p. 24.

funcionou como uma comunidade *on-line* descentralizada que, de maneira coordenada, dirigia-se ao entretenimento. A partir de 2008, o coletivo *Anonymus* politizou-se, associando-se ao *hackativismo* colaborativo e internacional, realizando protestos e outras ações orientadas para a promoção da liberdade na *internet* e para vazarem informações retidas pelo controle, bem como criar vacúolos nesse sistema.

Diferentemente das redes sociais, os *imageboards* não exigem cadastro, nem mantêm o histórico das discussões por muito tempo. Sem estar condicionada à identificação, qualquer pessoa pode postar uma imagem e iniciar um tópico de discussão em um determinado canal temático. O *imageboard* também é conhecido como *chan*, abreviatura de *channel*. O formato e a dinâmica desses canais favoreceram o surgimento de vários memes na *internet* e a criação de um movimento de ativistas *hackers Anonymus* que atuam em concerto. Além do anonimato, que abre fissuras para escapar ao controle e à identificação, o *Anonymus* utiliza na imagem da bandeira de seu movimento um traje formal (terno e gravata) encabeçado por um ponto de interrogação, indicando a recusa da representação de por um dirigente. Nas manifestações, seus integrantes trajam ternos e máscaras, reforçando a expressão que indica a circulação de poderes microfísicos e a matéria anônima das linhas moleculares. Muitos *websites* estão vinculados ao *Anonymus* como *4chan*, sua *wiki* associada *Futafa*, *Encyclopedia Dramática* e outros fóruns de discussão. A força desse coletivo vem ganhando expressão, sendo considerado pela CNN o sucessor da *Wikileaks*.

Os ativistas criam suas armas. Elas são variadas. Entre suas modalidades de ação, associam-se a penetração, o acesso e a divulgação de dados retidos e secretados pelo sistema, pelo poder central, fazendo a comunicação proliferar por diferentes canais; o excesso e o esgotamento do sistema que sobrecarregam os acessos, paralisando o funcionamento e a comunicação; o espelhamento como recurso de fuga, convulsionando o centro de controle mantido pelo provedor¹⁷⁸. A *Wikileaks* é uma organização transnacional sem fins lucrativos, sediada na Suécia, que publica em sua página postagens anônimas, documentos, fotografias e informações confidenciais vazadas de governos e de empresas sobre assuntos de interesse mundial¹⁷⁹. A página surgiu em 2006 e, em menos de um ano, já continha 1,2 milhão de documentos. Julian Assange,

¹⁷⁸ Os *hackers* do grupo *Anonymus* atacaram os *sites*, danificando a rede de computadores das empresas Mastercard e Visa como resposta à determinação que bloqueou doações para o *site Wikileaks*, em 8 dezembro 2010.

¹⁷⁹ O termo inglês *leak* quer dizer vazarem.

jornalista e ativista, é seu principal editor¹⁸⁰. A *Wikileaks* divulgou documentos polêmicos, como o vídeo de um ataque aéreo em Bagdá, o manual de instruções para tratamento de prisioneiros na prisão militar norte-americana de Guantánamo, os documentos secretos do exército dos Estados Unidos que registram a morte de milhares de civis na guerra do Afeganistão, uma série de telegramas confidenciais enviados pelas embaixadas dos Estados Unidos, além de documentos indicativos da colaboração do serviço secreto paquistanês e dos talibãs em ataques contra militares da coligação da OTAN no Afeganistão. Em 2010, essa página divulgou um vídeo de uma ação realizada em 2007, em que um helicóptero norte-americano atacou civis desarmados, matando pelo menos 12 pessoas em Bagdá durante a ocupação do Iraque. Esse vídeo ficou conhecido na *internet* como *Collateral Murder*. Sob a forma de divulgação dos fatos secretados pelos aparelhos do Estado, ativam-se ritornos existenciais que produzem novos sentidos aos acontecimentos. Uma polivocidade soa através da eliminação, quando gera desvios pelo retorno.

A versão norte-americana ao episódio *Collateral Murder* foi justificada como um engano. Os jornalistas da agência de notícias Reuters mortos pelos soldados norte-americanos haviam sido confundidos com terroristas por carregarem equipamentos fotográficos que, à distância, pareciam armas. Este vídeo foi cuidadosamente reproduzido em um jogo digital, com as mesmas tomadas de imagens, de sons e com os mesmos diálogos para os jogadores reproduzirem as ações dos soldados. Um jogador, Álvaro, diz: “É incrível. É igual. E dá para a gente se confundir mesmo”. Ele conclui: “É muito bom matar”. A estratégia de sobrecodificação e de subjetivação ao reproduzir o evento, além de incitar a eliminação pelo *exterminar*, busca reverberar a justificativa do governo norte-americano através da experiência digital em que a confusão é vivida pelo jogador e, assim, perfeitamente aceitável.

A simpatia, ligada às paixões, não atua no regime extensivo, nem quantitativo.

¹⁸⁰ O *Wikileaks* foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz em 02 de fevereiro de 2011. O norueguês Snorre Valen, autor da proposta, declarou que essa página é, no século XXI, “uma das contribuições mais importantes para a liberdade de expressão e transparência. Ao divulgar informações sobre corrupção, violações dos direitos humanos e crimes de guerra, o *WikiLeaks* é um candidato natural ao Prêmio Nobel da Paz”. Em junho de 2009, o *Wikileaks* e Julian Assange receberam o prêmio da Anistia Internacional pela publicação do relatório da Comissão Nacional de Direitos Humanos sobre a política de extermínio no Quênia. Este *site* foi apontado, em maio de 2010, como um entre os “*websites* que poderiam mudar completamente o formato atual das notícias”. Informações disponibilizadas nos *sites* http://pt.wikipedia.org/wiki/Fen%C3%B4meno_da_Internet; <http://pt.wikipedia.org/wiki/Meme>; <http://pt.wikipedia.org/wiki/Imageboard>; <http://pt.wikipedia.org/wiki/WikiLeaks> acessados em 18 abril 2012.

Ela é imanente, definindo-se por forças e posições que, a cada vez, a cada conexão, faz os agenciamentos mudarem suas dimensões por aumentos e diminuições. Esta resistência a totalizações provocada por transversalizações de linhas prolifera em focos de vibração, cujos traços políticos tensionam para uma ética que, vinculada ao *seleccionar*, afirma o sentido criador da eliminação. O caso da crise política do Egito traz elementos a serem mapeados, indicando a entrada de forças inusitadas arranjadas às redes sociais no jogo político. O *Dia da Revolta*, ocorrido em 25 de janeiro de 2011, dispara uma onda de protestos civis através do enfrentamento com as Forças de Segurança e as Forças Armadas do país, exigindo a queda do presidente Hosni Mubarak (governante desde 1981), o fim da crise econômica, do desemprego e da corrupção no Egito. A maioria dos manifestantes, formada por jovens nascidos em meados da década de 80, faz uso das redes sociais para articular as ações. O evento, inspirado pela derrubada do presidente da Tunísia, Zine Al-Abidine Ben Ali, articula uma série de protestos coordenados por jovens e políticos opositores, contando com a presença do grupo *Movimento 6 de Abril*, com milhares de estudantes e trabalhadores que comparecem às ruas e com o apoio da Irmandade Muçulmana, além do Nobel da Paz, Mohamed ElBaradei, político exilado na Áustria, manifestando-se contra a ditadura. Após quatro dias de protestos, o presidente informa que pretende renunciar e formar um novo Gabinete. Para desestabilizar o movimento, o seu governo determina o toque de recolher, corta as telecomunicações e a *internet*.

Conforme destaca Rebouças, a *internet* “foi um dos principais veículos de comunicação da juventude egípcia para espalhar pensamentos contra a ditadura e marcar pontos de concentração popular, ato mantido pelos civis apesar da proibição do acesso à rede”¹⁸¹. Dória enfatiza a importância da *internet* e dos meios digitais para a efetuação de uma mobilização que ganha as ruas, enfrenta as forças do Estado e atua como um instrumento de politização de uma geração de jovens (com média de 20 anos de idade). Seu relato, em 06 de fevereiro de 2011, é feito após o bloqueio da rede informatizada: “Foram cinco dias praticamente sem acesso à rede. A falta de *Facebook*, *twitter* e outras redes sociais, no entanto, não impediu a população de ir às ruas [...] nenhum movimento político popular foi tão dependente da *internet* quanto a tentativa de revolução que corre no Egito”. O jornalista descreve a emergência e a consolidação do movimento fazendo uso das máquinas informacionais e comunicacionais que, até então

¹⁸¹ REBOUÇAS, Fernando. Texto disponibilizado no *site*: <http://www.infoescola.com/historia/crise-politica-no-egito>, acessado em 15 abril 2012.

apresentavam um caráter predominantemente de treinamento e de controle.

Segundo Dória, desde 2008, os egípcios vinham ensaiando protestos sem grande repercussão. O tema, que passou a circular no *Facebook*, ganhou expressão pelo debate entre grupos de jovens. “O diplomata Mohamed ElBaradei foi um dos primeiros a descobrir esse movimento incipiente. Gastou tempo para dominar as mídias sociais e ouvir o que seus jovens compatriotas diziam”, comenta Dória. ElBaradei vem sendo apontado como um dos líderes de consenso possíveis para a revolução. Entretanto, na opinião do jornalista, a liderança de fato localiza-se entre os blogueiros: “pessoas como a blogueira Nawara Negm, 37 anos”. Tadora na TV estatal egípcia, Negm encontra-se empenhada com a revolta em curso, visto que seu *blog* é um dos mais lidos no país. O processo desencadeado na *internet* é acompanhado pela jornalista Sawsan Al-Abtah que escreve na imprensa árabe britânica. Ela descreve a maneira com que tudo é articulado na rede.

Dória menciona que eles “traçaram cenários, discutiram mapas e caminhos pelas ruas, debateram abordagens, exigências. [...] A rede os inspirou. Conversando livremente, uma geração que jamais soube o que é liberdade plena criou na *web* um Egito paralelo, virtual. E encantou-se com essa ideia”. Do encontro digital passaram para um novo conjunto de ações que insinua um modo distinto de se compor politicamente. O jornalista sugere esta distinção, ao relatar que “nos primeiros dias da revolta, enquanto políticos e comentaristas debatiam o assunto na TV árabe, a blogueira Negm postou: ‘Eles não estão entendendo a gente’¹⁸²”.

Os movimentos ativados em rede trazem um traço inovador que merece maior atenção. Ao romper com a representação, há também uma diluição da identidade, do eu e do recorte étnico-político. O devir-molecular descaracteriza os protestos como *uma coisa dos egípcios*, quer dizer, como algo geopoliticamente limitado. As ações, por simpatia, encarnam afetos gerados na rede. Em conversa com um ouvinte assíduo da rádio *Al Jazeera*, durante os protestos, Fernando relata que jovens alemães, ingleses e de outras partes do mundo participaram do movimento. O bloqueio da rede não impediu sua comunicação nem a interrupção das ações. Jovens de outras regiões geofísicas, ocupantes do *corpo-composição*, cediam o *roaming* de seus celulares para que os manifestantes pudessem efetuar suas estratégias nas ruas. Os ativistas usam de maneira

¹⁸² DÓRIA, Pedro. “A revolução no Egito depende necessariamente da *internet*”. Reportagem disponibilizada no site: <http://blogs.estadao.com.br/pedro-doria/2011/02/06/a-revolucao-no-egito-depende-necessariamente-da-internet>, acessado em 02 setembro 2011.

revolucionária inúmeros recursos que rompem com o controle. Além dos computadores e da *internet*, arranjam-se celulares, *twitters*, telefones, rádios amadores, *fax*, telégrafos...

Não é a tecnologia em si que produz a linha de fuga, é o modo de usá-la. Um modo que ativa tanto os equipamentos mais sofisticados, quanto aqueles considerados obsoletos. Neste uso minoritário, muitas linhas são traçadas...

As linhas de fuga, disparadas pelas intensidades e fluxos das linhas moleculares, correm o risco de serem absorvidas pela segmentaridade molar. Notícias recentes do Egito analisam os desdobramentos da ação revolucionária de 2011, apontando para um endurecimento em que se realinham os investimentos de interesse aos centros de poder num movimento de atualização do capitalismo¹⁸³. Lideranças moderadas, aliadas aos interesses do empresário e financiador da Irmandade Muçulmana, El-Shater, negociam a sua candidatura à presidência, proferindo discursos em defesa da democracia, do livre mercado e dos direitos das minorias. Em disputas internas, expulsaram da Irmandade Abdul Moneim Abu AL-Futuh que contava com o apoio da ala jovem. As repercussões dessas disputas e seus rebatimentos em um modo de pensar, sentir e agir estão para ser mapeadas.

Deleuze e Guattari (2010, p.370-1) mencionam dois tipos de investimentos que perpassam as multidões: os investimentos em que estruturas molares subordinam as moléculas e os investimentos em que multiplicidades moleculares subordinam fenômenos estruturais de multidão. Para eles, um investimento é coletivo com penetração nos segmentos molares e nas segmentações moleculares. Na direção molar, os investimentos dirigem-se a fenômenos de multidão medidos por índices e dados estatísticos. Na direção molecular, manifestam-se em fluxos, em ondas, em partículas que fazem reverberar a organização e o organismo. As linhas de fuga, no regime intensivo, percorrem singularidades, disparam interações e ligações a distância, atravessam ordens diferentes. Na escala molecular, ondas e corpúsculos, fluxos e expressões parciais apresentam propriedades insubordinadas às leis estatísticas. Imperceptíveis lançam-se para fora dos limites determinados pelas linhas duras num devir-mundo.

Para os autores (1995, p. 20), um devir-mundo “nada reproduz”, ele provoca um

¹⁸³ Conforme SALEH, Tariq. “Egito: perto do poder, Irmandade Muçulmana está dividida”, reportagem de 03 de abril de 2012, disponibilizada no *site* <http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI5697323-EI17615,00-Egito+perto+do+poder+Irmandade+Muculmana+esta+dividida.html>, acessado em 29 abril 2012.

tornar-se mundo, tornar-se imperceptível, a-significante, fazendo ruptura, linhas de fuga. Um processo de politização, permeado pelas máquinas informacionais e comunicacionais, tensiona as linhas de segmentaridade molar que ressoam um poder central, escapando às sobrecodificações e às estratégias de controle com comunicações transversais entre linhas diferenciadas. Simultaneamente, ele é absorvido pelas linhas duras em movimentos de reterritorialização.

Nesse processo, agenciamentos arrastam algo novo, ao tornarem-se componentes de um corpo compósito, mutante, cujas ações e paixões produzem marcas e expressões, que vibram em uma dimensão ético-política, bem como assinalam possibilidades de se constituir uma subjetividade polifônica, isto é, instaurar processos de subjetivação singulares. Um processo de singularização engendra uma construção heterogenética e polifônica, cria relações capazes de afirmar a singularidade, capazes de co-existência, agencia os intoleráveis produzidos pela lógica capitalística, cujas distâncias e disparates desarranjam as equivalências e sobrecodificações, fazendo convergir forças, produzindo afecções, que se transformam em atitudes e posições de uma micropolítica num concerto de diferentes vozes incompatíveis com o regime molar e em direção à afirmação da vida em detrimento do capital.

Deleuze (1992, p. 125) menciona que um modo de vida vem se desenhando na relação com novas forças, assinalando um novo tipo de forma (nem Deus, nem homem). Nessa passagem, o autor interroga: de que maneira, “o homem do século XXI enfrenta a vida e se compõe com ela como força do carbono? Mas quando as forças do homem se compõem com a do silício, o que acontece, e quais novas formas estão em vias de nascer?” Algumas linhas traçadas no encontro de agenciamentos indicam deslocamentos e acontecimentos ligados à eliminação, procurando contribuir para pensar as mudanças de sentido do modo de vida contemporâneo.

Figura 21



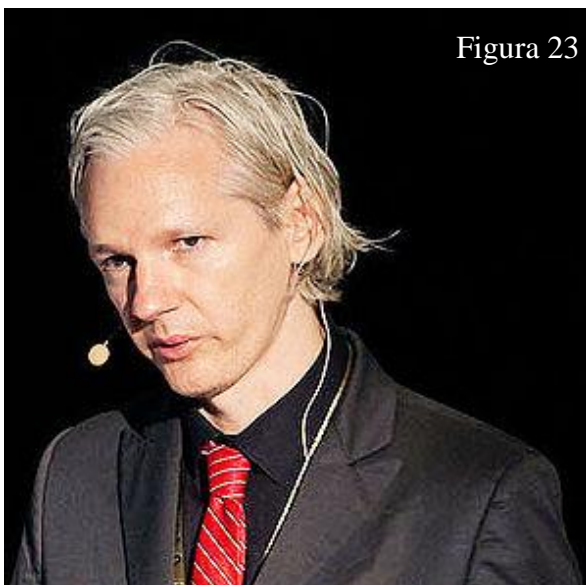
Figura 22



Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Anonymous>

Manifestação de integrantes do coletivo “Anonymus” (E).
Bandeira do movimento “Anonymus” (D).

Figura 23



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Julian_Assange

Figura 24



Fonte: [flickr.com/photos/marcogomes/](https://www.flickr.com/photos/marcogomes/)

Julian Assange, fundador da Wikileaks (E). Estereótipo do Nerd (D).

REFERÊNCIAS

- ABRAMOWAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. *Violências nas escolas*. Brasília: UNESCO Brasil, 2003.
- ALLIEZ, Eric. *Deleuze Filosofia Virtual*. Tradução de Heloísa B. Rocha. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- ARENDT, Hannah. *Sobre a Violência*. Tradução de André Duarte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- BAUDRILLARD, Jean. *Para uma crítica da economia política do signo*. Tradução de Aníbal Alves. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.
- _____. *A Sociedade de Consumo*. Tradução de Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1970.
- _____. Modernité. In: *Biennale de Paris: La modernité ou l'esprit du temps*. Paris: Editions L'Equerre, 1982.
- BENJAMIN, Walter. *Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos*. Tradução de Willi Bolle e outros. São Paulo: Cultrix, 1986.
- CASOY, Ilana. *O Quinto Mandamento*. 7. ed. São Paulo: Ediouro, 2009.
- COELHO, Marcelo Gonzalez. *Estratégia de Integração Vertical no Mercado de Cartões Private Label*. São Paulo: Ibmecc São Paulo, 2007.
- CORRÊA, Elenice Mattos. *Imagens de um CMET: uma estética do silício numa educação de adultos*. Porto Alegre, 2011. Proposta de Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, 29 jun. 2011.
- _____. *Parangolés eletrônicos: expressões audiovisuais de uma estética do silício*. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2008.
- DEFRANCE, Bernard. *La violence à l'école*. Paris: Syros, 1992.
- DELEUZE, Gilles. *A Ilha Deserta e outros textos*. Edição preparada por David Lapoujade. Organização da edição brasileira e revisão técnica de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- _____. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- _____. *Empirismo e Subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2001.
- DELEUZE, Gilles. *A Filosofia de Kant*. Lisboa: Edições 70, 1983.

_____. *Nietzsche e a Filosofia*. Tradução de Antônio M. Magalhães. Porto-Portugal: Rêes-Editora, s/d.

_____. *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. *Bergsonismo*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. *A Lógica do Sentido*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

_____. *Cursos sobre Spinoza (Vincennes, 1978-1981)*. Tradução Emanuel A. da R. Fragosos, Hélio Rebello Cardoso Jr., Jefferson Alves de Aquino, Francisca E. B. de Castro. Fortaleza, Ed. EUCE, 2009.

_____. *Foucault*. Tradução de Claudia Martins. São Paulo: Brasiliense, 1998.

_____. *Diferença e Repetição*. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia P. Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. v. 1.

_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Aurélio G. Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia C. Leão e Sueli Rolnik. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. v. 3.

_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Sueli Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997. v. 4.

_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997a. v. 5.

_____. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução Luiz B.L.Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010.

_____. *O que é a Filosofia?* Tradução Bento Prado Jr. e Alberto A. Muñoz. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Eloisa A. Ribeiro. São Paulo: Ed. Escuta, 1998.

DONZELOT, Jaques. *A polícia das famílias*. Tradução de M.T. da Costa Albuquerque. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

ESPINOSA, Bento de. *Ética*. Tradução de Joaquim de Carvalho. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1992.

FERRAZ, Ma. Cristina Franco. *Homo deletabilis: corpo, percepção, esquecimento do séc. XX ao XXI*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

FERRAZ, Ma. Cristina Franco. Nietzsche: esquecimento como atividade. *Cadernos Nietzsche*, v. 7, p. 27-40, 1999.

FORRESTER, Viviane. *O horror econômico*. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.

FOUCAULT, Michael. Sujeito e Poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Tradução Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-49.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhete. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

_____. *História da Sexualidade: o cuidado e si*. Tradução Maria Thereza DAC. Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

GADELHA, Sylvio. *Biopolítica, governamentalidade e educação: introdução e conexões a partir de Michel Foucault*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2009.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Sueli. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

GUATTARI, Félix. Da produção de subjetividade. In: PARENTE, André (Org.). *Imagem Máquina*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

_____. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. Tradução de Suely B. Rolnik. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

HERBERT, Jacques. *La violence à l'école (guide de prevention techniques d'intervencion)*. Montreal: [s.n.], 1991.

KEIL, Ivete M. Descrença Política e Violência Urbana: existe uma relação? In: HARTMAN, Fernando; ROSA JR., Norton Cezar Dal Follo da (Org.). *Violências e contemporaneidade*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2005. p. 27-38.

LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. Campinas: Papirus, 1986.

LYOTARD, Jean-François. *O Pós-Moderno*. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

MARCONDES, Danilo. *Textos Básicos de Ética – de Platão a Foucault*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MARTINS, Maurício Vieira. Marxismo e Subjetividade: uma leitura dos Manuscritos de 44. In: BAPTISTA, Luis Antônio dos S. (Org.). *Anuário do Laboratório de Subjetividade e Política*. Rio de Janeiro: Departamento de Psicologia da UFF, 1992. Ano 1, v. I.

McMURRY, John. *Organic Chemistry*. 3rd. ed. California: Brooks/Cole Publishing Company, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ORLANDI, Luiz B.L. A respeito de confiança e desconfiança. In: FRANCO, Túlio B; RAMOS, Valéria do C. (Org.). *Semiótica, Afecção e Cuidado em Saúde*. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 17-32.

_____. Corporeidade em minidesfile. In: FONSECA, Tânia M. G.; ENGELMAN, Selda (Org.). *Corpo, Arte e Clínica*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2004. p. 65-8.

SANTIAGO, Homero. Espinosa: Superstição e a ordem moral do mundo. In: MARTINS, André (Org.) *O mais potente dos afetos: Espinosa e Nietzsche*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 171-212.

SANTOS, Jair F. *O que é Pós-Moderno*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. (Org.). *A palavra e o gesto emparedados*. Porto Alegre: PMPA, SMED, 1999.

SOREL, Georges. *Reflexões sobre a violência*. Tradução de Orlando dos Reis. Petrópolis: Ed. Vozes, 1993.

SOUSA, Edson Luiz André de; GOLDMEIER, Paula. Juventude em Tempos de Violência. *Revista Mal-Estar e Subjetividade* (Fortaleza), Fortaleza, v. 8, n. 4, p. 991-1020, 2008.

TOURAINÉ, Alain. *Crítica da Modernidade*. Tradução de Elia Ferreira Edel. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

WIEVIORKA, Michel. *Em que mundo vivemos?* São Paulo: Perspectiva, 2006.

_____. *La violence*. Paris: Hachette Littératures, 2005.